

CARLOS ANTONIO TEIXEIRA

**A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO JORNAL DA PAULISTA (1987-2003):
UMA APROXIMAÇÃO À DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Tese apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina para obtenção do Título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

Co-Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Regina Barros da Silva

SÃO PAULO

2007

Teixeira, Carlos Antonio

A trajetória histórica do jornal da paulista (1987-2003): uma aproximação à divulgação científica/ Carlos Antonio Teixeira. São Paulo, 2007.

xix, 215f.

Tese (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-graduação em: Ensino em Ciências da Saúde.

Título em inglês: The historical track of the *Jornal da Paulista* (1987-2003): an approach to the public communication of science.

1. Jornal universitário. 2. Cultura científica. 3. Divulgação científica. 4. Comunicação pública das ciências da saúde. 5. Jornalismo Científico.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE
MESTRADO ACADÊMICO**

**A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO JORNAL DA PAULISTA (1987-2003):
UMA APROXIMAÇÃO À DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Diretora do CEDESS

Profa. Dra. Maria Cecília Sonzogno

Coordenador do Curso de Pós-Graduação

Prof. Dr. Nildo Alves Batista

CARLOS ANTONIO TEIXEIRA
A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO JORNAL DA PAULISTA (1987-2003):
UMA APROXIMAÇÃO À DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Presidente da Banca: Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Cecília Leite de Moraes _____

Profa. Dra. Maria Cecília Sonzogno _____

Prof. Dr. Paulo Rogério Gallo _____

Aprovada em: 28 de maio de 2007

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a todos aqueles que estiveram envolvidos com o Jornal da Paulista (JP). Àqueles que fizeram parte da equipe de redação e àqueles que passaram pelo jornal e deixaram a sua colaboração ainda que esporádica. Amplio esta minha dedicatória à grande equipe que fez parte do Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM durante a trajetória do JP e que também colaboraram direta ou indiretamente com a produção do jornal. Homens e mulheres de visão que trataram o conhecimento científico produzido na universidade como um bem público. Incluo nesta dedicatória todos os especialistas que possibilitaram a divulgação científica de suas pesquisas pelas páginas do JP.

In memoriam de Dona Laly e Diná, mãe e irmã.

AGRADECIMENTOS

A Deus por Suas misericórdias que se renovam a cada manhã e que oportunizam novas possibilidades de aprendizagem e de vida;

Ao Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde – CEDESS, que me recebeu como mestrando. Espero que este estudo possa unir-se aos trabalhos que bem representam o nome deste Centro;

Ao Professor Doutor Dante Marcello Claramonte Gallian, meu orientador, pelas cobranças sempre necessárias, aprendizado acadêmico, importante referencial de pesquisador e pela liberdade de trabalho;

À Doutora Márcia Regina Barros da Silva, minha co-orientadora, pelas fundamentais sugestões, paciência, pertinentes correções e gentileza em disponibilizar o acervo do JP na Biblioteca do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde (CeHFi);

Aos componentes que integraram meu exame de qualificação, Professor Doutor Dante Marcello Claramonte Gallian, Professora Doutora Maria Cecília Leite de Moraes e a Professora Doutora Márcia Regina Barros da Silva pelas importantes contribuições para elaboração final deste trabalho;

Aos estimados Professores componentes da banca de exame de mestrado, Professor Doutor Dante Marcello Claramonte Gallian, Professora Doutora Maria Cecília Leite de Moraes e a Professora Doutora Maria Cecília Sonzogno e Professor Doutor Paulo Rogério Gallo;

À amiga, Professora Dra. Márcia Débora dos Santos agradeço as sugestões por ocasião da elaboração da proposta do projeto primário de mestrado.

À amiga, Professora Mestre Janne Maria Batista Silva Erickson pela expressão de sua concepção educacional em acreditar que este trabalho poderia ser concluído. Sou grato também pelas horas empreendidas na leitura do texto e pelo desafio da problematização que proporcionou a reflexão e possibilitou o encontro do caminho no momento de fechamento do texto final;

Aos Professores e Professoras do Programa de Pós-Graduação Mestrado Ensino em Ciências da Saúde, pela contribuição na minha formação acadêmica;

Aos colegas de Mestrado, pelo apoio e convívio;

Aos funcionários do CEDESS, especialmente a secretária do programa de Mestrado, Suely Pedroso, pelo apoio, paciência, gentileza e amizade, tão imprescindíveis à finalização deste trabalho;

Ao corpo administrativo e acadêmico Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Aos coordenadores dos cursos, particularmente ao Professor Hélio Carvalho de Araujo, pelo apoio, compreensão e concessões;

À minha família, pela compreensão da minha ausência; especialmente à minha irmã Cida Teixeira, pelos conselhos como jornalista;

Aos Professores Doutores Martin Bauer da London School of Economics, Svein Kyvik da Norwegian Institute for Studies in Research and Education e Bruce V. Lewenstein da Cornell University, pela troca de correspondência e envio de material.

No mundo em que vivemos hoje, a universidade tem não só o dever mas também a responsabilidade social de produzir sua pesquisa, de forma aberta, a toda a sociedade. Não se justifica mais uma produção científica enclausurada em arquivos e prateleiras, com restrito acesso de uma minoria privilegiada. É preciso democratizar a universidade. Um serviço de comunicação é o melhor caminho para a abertura de novos canais de diálogo e a democracia dentro e fora da universidade. Esta é uma missão inadiável da universidade (KUNSCH, 1991).

RESUMO

Este estudo teve como objetivo descrever e analisar a trajetória histórica do Jornal da Paulista (JP), jornal da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/EPM), que circulou entre os anos de 1987 a 2003, de modo a identificá-lo como um instrumento de divulgação científica das ciências da saúde. Para tal, utilizou-se como referencial teórico, dentre outros, a proposição de Eric Landowski de se estudar o jornal como um sujeito semiótico. O estudo do JP contextualizou-se dentro de um panorama global do desenvolvimento da divulgação científica a partir da II Guerra Mundial, bem como dentro do cenário brasileiro a partir do período da década de 1980 que sucedeu à ditadura militar. Também se procurou contextualizar o estudo do JP a partir das implicações sociais, intelectuais e educacionais decorrentes da década de 1980. Considerando que a história do JP foi recente, esta pesquisa fundamentou-se na técnica da História Oral, tendo sido realizadas entrevistas com as principais pessoas que fizeram parte da história do jornal. A trajetória do JP foi dividida em três fases, sendo que na primeira a sua identificação esteve mais próxima à de um jornal que respondia à necessidade de comunicação interna da então Escola Paulista de Medicina e a uma forte vinculação como instrumento de divulgação institucional. Com o início de sua segunda fase, o JP foi se configurando cada vez como um instrumento de divulgação científica, embora essa característica já se encontrasse incipiente em sua primeira fase. Finalmente na sua terceira fase, principalmente com o envolvimento da universidade com um movimento pró-divulgação científica, o JP alcançou a sua identificação plena com a divulgação científica das ciências da saúde. No entanto, no auge de sua veiculação como instrumento de divulgação científica o JP deixou de ser publicado em dezembro de 2003, quando entrava no seu 17º ano de circulação.

Palavras Chaves: Jornal universitário; Cultura científica; Divulgação científica; Comunicação pública das ciências da saúde; Jornalismo Científico.

ABSTRACT

The present study aims at describing and analyzing the historical track performed by the *Jornal da Paulista (JP)*, the newspaper issued by the Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/EPM), which was put forth in the period between 1987 and 2003. The idea is to identify it as a tool for public communication in the health science in the health science area. With this purpose, the theoretical referential assumed was, among others, the proposal by Eric Landowski, suggesting the newspaper to be studied as a semiotic subject. The analysis considered JP in the context of a global panorama of the scientific communication development from World War II on, as well as the Brazilian setting starting at the 80s, the decade following the military dictatorship. The study also intended to place JP in the context of the social, intellectual and educational implications arising from the 80's. Once JP's history is quite recent, the present research was also based on the Oral History technique, with a number of interviews with the most remarkable characters in that history. JP's historical track was divided into three phases, the first one identified more closely to a newspaper meant to fulfill the need of internal communication of the Escola Paulista de Medicina (EPM), as it was known at the time the UNIFESP/EPM, along with a strong institutional approach. Starting at the second phase, JP increasingly became an instrument for public communication of science, although such feature could also be slightly identified in the previous phase. Finally, at the third phase, counting basically on the involvement of the university in a movement in favor of scientific communication toward to the society, JP reached its full identification with public communication in the health science area. Nevertheless, as of December 2003, about to start its 17th year of existence and at its best moment as an instrument of public communication of science, JP editorial project was discontinued.

Key-Words: University newspaper; Scientific Culture; Scientific Divulgarion; Public Communication of Science; Scientific journalism.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AAAS - American Association for the Advancement of Science
ABSW - Association of British Science Writers
ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BIREME - Centro Latinoamericano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
CAPB – Centro Acadêmico Pereira Barreto
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
FDA – Food and Drug Administration
FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos Brasileira
HSP – Hospital São Paulo
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INRA - Institut National de la Recherche Agronomique
ISI - Scientific Information Institute
JCR – Journal Citation Report
LABJOR – Laboratório de Jornalismo Científico – UNICAMP
LILACS - Literatura Latino-americana em Ciências da Saúde
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação e Cultura
NASW - National Association of Science Writers
NAT – Teste de Ácido Nucléico
NJR – Núcleo José Reis de Divulgação Científica – ECA/USP
OMS - Organização Mundial da Saúde
OPAS - Organização Pan-americana da Saúde
PCLA – Pensamento Comunicacional Latino Americano
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SciELO – Scientific Eletronic Library Online
UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - As dez universidades que mais concederam doutorados no Brasil e nos Estados Unidos em 2003.....	54
Quadro 2 - Fases do JP.....	71
Quadro 3 - Edições do JP por número de páginas.....	72
Quadro 4 - Entrevistas Técnica História Oral.....	75
Quadro 5 - Expediente.....	76
Quadro 6 - Síntese dos Editoriais do JP.....	93
Quadro 7 - Colunas JP: Segunda Fase.....	119
Quadro 8 - Divulgação de Pesquisa.....	121
Quadro 9 - Textos de Divulgação Científica Categoria "Pesquisa"	122
Quadro 10 - Coluna Debate.....	132
Quadro 11 - Coluna Entrevistas.....	138
Quadro 12 - Colunas da 2ª Fase que Circularam na 3ª Fase do	154
Quadro 13 - JP 3ª Fase: Novas Colunas.....	155
Quadro 14 - Coluna Comunicação.....	158

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa Conceitual: Divulgação Científica.....	11
Figura 2 - A Hora do Recreio 1.....	112
Figura 3 - A Hora do Recreio 2.....	113
Figura 4 - A Hora do Recreio 3.....	113
Figura 5 - Seção Lavação.....	113
Figura 6 - Cartun 1: Seção Vibrião.....	114
Figura 7 - Cartun 2: Coluna Saudável.....	114
Figura 8 - Dez Dicas para Divulgar Ciência.....	127
Figura 9 - Ciência a golpes de vontade.....	140
Figura 10 - Prós e contras do NAT.....	179

ANEXOS

Anexo 1	
Quadro H.Q. e Cartuns	203
Anexo 2	
Quadro PubMed	205
Anexo 3	
Quadro Coluna Reportagens	208
Anexo 4	
Quadro Colunas / Seções do JP	211
Anexo 5	
Textos de Divulgação Científica (Sintético)	213
Anexo 6	
JP 115, janeiro de 1998, p. 5	214

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	1
1.1 Objeto de Estudo	1
1.2 Justificativa da Pesquisa	3
1.3 Problematização do Estudo	4
1.4 Objetivo	4
1.5 Hipótese	5
1.6 Trajetória do JP	5
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS/METODOLÓGICOS	8
2.1 Referencial Teórico	8
2.2 Cultura Científica	12
2.3 Comunidade Científica	14
2.4 Campo Científico	16
2.5 Comunicação Científica	17
2.6 Difusão, Disseminação e Divulgação Científica	24
2.7 Jornalismo Científico	27
2.8 Delineamento Metodológico da Pesquisa	28
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	32
3.1 A Ciência e a Divulgação Científica Pós-Segunda Guerra Mundial	32
3.2 Implicações da Ditadura Militar Brasileira na Ciência e Divulgação Científica	34
3.3 A Década de 1980 no Brasil	36
3.4 A Legislação do Ensino Superior e o JP	39
3.4.1 A Constituição de 1824	40
3.4.2 A Constituição de 1891	40
3.4.3 A Constituição de 1934	41
3.4.4 A Constituição de 1937	42

3.4.5 A Constituição de 1946	43
3.4.6 A Constituição de 1967	43
3.4.7 A Constituição de 1988	44
3.4.8 A Lei de Diretrizes e Bases de 1961	47
3.4.9 A Lei de Diretrizes e Bases de 1971	48
3.4.10 A Lei de Diretrizes e Bases de 1996	49
3.5 Exemplos da Produção Científica Brasileira: A Contribuição da Universidade e a Divulgação Científica	52
3.6 Discussão Histórica da Divulgação Científica na PubMed	56
3.7 O JP Enquanto Elemento Contributivo para o Empoderamento em Saúde	58
3.8 O JP e os Jornais das Universidades Públicas do Estado de São Paulo	59
3.9 Jornal Universitário, o JUSP e o JP	61
3.10 O Jornal Universitário Discutido por Intelectuais	63
3.11 A Comunicação Pública por Parte de Professores Universitários e as Diferenças entre Cientistas e Jornalistas	65
4. CARACTERÍSTICAS DO JP	70
4.1 Precursores do JP	77
5. DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRIMEIRA FASE DO JP - (NOV/1987 A JUL/AGO/1994)	81
5.1 Escritório Representativo da EPM em Brasília	88
5.2 Evidências Textuais de Divulgação Institucional e de Veículo de Comunicação Interna	92
5.3 Evidências a Partir dos Editoriais da Primeira Fase do JP	92
5.4 Primeiro Editorial	94
5.5 Divulgação Científica na Edição Número Um	97
5.5.1 Prêmio Nobel de Medicina	98
5.5.2 Michel Prize	100
5.5.3 Tudo sobre a Radiação	104

5.6 Informações Adicionais da Primeira Fase do JP	109
5.7 Histórias em Quadrinhos (H.Q.) e Cartuns como exemplos de Divulgação Científica e de Empoderamento	111
6. DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA SEGUNDA FASE DO JP - (SETEMBRO DE 1994 A MAIO DE 1999).....	117
6.1 Coluna Pesquisa	119
6.2 Coluna Debate	129
6.3 Coluna Entrevista	136
6.3.1 Ciência a Golpes de Vontade	139
6.3.2 Divisão de Poder no Consultório	142
7. DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA TERCEIRA FASE DO JP - (JUNHO DE 1999 A NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2003)	150
7.1 Colunas 3ª Fase do JP	153
7.2 Coluna Comunicação	156
7.3 Coluna Reportagens	176
7.4 O Fim do JP	180
7.4.1 Descontinuidade das Ações	180
7.4.2 Possibilidade de Continuidade das Ações: Algumas Reflexões	184
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
9. REFERÊNCIAS.....	196
10. ANEXOS	203
11. APÊNDICE	

CAPÍTULO 1 - APRESENTAÇÃO

No ano de 1999 iniciei minhas atividades como professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), instituição da qual fora aluno do Seminário Latino-Americano de Teologia. As características do bairro do Capão Redondo onde está localizado o Unasp mudou muito desde o ano de 1915 quando a instituição foi ali estabelecida. O bairro do Capão Redondo, juntamente com os bairros do Campo Limpo e Vila Andrade compõem o contingente de 500 mil habitantes (MORATO *et al*, 2005) sob administração da Sub-Prefeitura do Campo Limpo. Foi pensando em como estender a esta população o conhecimento científico que permeia o UNASP, utilizando os jornais de bairro e as rádios comunitárias, que passei a me interessar pela divulgação científica, e isto me levou ao curso de Especialização em Divulgação Científica do Núcleo José Reis (ECA-USP). Como o UNASP tem uma longa tradição na formação de profissionais da saúde, veio daí meu interesse em estudar a divulgação científica no âmbito das ciências da saúde, o que me encaminhou ao programa do mestrado oferecido pelo Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS). Minha passagem como aluno pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP), que se orienta pela doutrina do conhecimento como um bem público também subsidia meu interesse pela democratização do conhecimento.

1.1 OBJETO DE ESTUDO: O JP

Em 1987, na Escola Paulista de Medicina (EPM), foi criado o Departamento de Comunicação, cujo primeiro produto institucional foi um jornal universitário – o *Jornal da Paulista* (JP) – com publicação a partir de novembro do mesmo ano.

O JP circulou em forma impressa até o mês de dezembro de 2003. Durante o período de 16 anos de circulação, sete anos como jornal da EPM e nove anos como jornal da UNIFESP/EPM, foram publicadas 185 edições mensais, compondo um total de 2.554 páginas de material informativo.

Por tratar-se de uma publicação ligada à UNIFESP/EPM, o JP foi o único jornal universitário dedicado à veiculação de informações científicas específicas no campo

das ciências da saúde, caracterizando-o como um meio de divulgação científica deste campo do conhecimento.

Pelas características particulares da UNIFESP/EPM, de ser uma universidade voltada, no período abrangido pela circulação do JP, exclusivamente para a área das ciências da saúde, o JP foi o único jornal universitário dedicado à veiculação de informações e divulgação científica, relacionadas também exclusivamente à área das ciências da saúde, majoritariamente no campo da medicina.

Em 1987 quando foi iniciada a publicação do JP, a EPM oferecia quatro cursos de graduação, a saber, Medicina, Ciências Biológicas – modalidade médica, Enfermagem e Fonoaudiologia. Em 1997, já como universidade, passou também a oferecer o curso de Tecnologia Oftálmica. A universidade oferece atualmente 43 programas de pós-graduação (40 de mestrado, 38 de doutorado e oito de mestrado profissionalizante), que em sua maioria foram credenciados entre 1973 e 1984. A produção científica gerada pelos cursos de graduação, pós-graduação e por pesquisadores docentes era a mais importante fonte de informação para as matérias veiculadas pelo JP.

À semelhança dos jornais convencionais, ou da grande mídia, que apresentam as novidades do dia, circularam pelas páginas do JP informações sobre as últimas novidades na área da medicina e saúde. Os mais recentes tratamentos, novos procedimentos e técnicas, cirurgias inovadoras bem-sucedidas, entre outras, foram objeto de divulgação pelo JP. Divulgação esta, particularmente, mas não necessariamente restrita, do conhecimento científico que era elaborado nas bancadas de pesquisa dentro do campus universitário.

Ao mesmo tempo em que o JP registrava as últimas notícias na área das ciências da saúde, por suas páginas circulavam também informações acerca da memória da instituição.

A trajetória do JP, descrita e analisada sob a perspectiva de se um instrumento de divulgação científica, foi o objetivo que circunscreveu o resgate de sua história. Este resgate permitiu compreender a identidade do jornal e suas características principais, bem como identificar os principais atores envolvidos em sua gênese e trajetória e a contribuição dos mesmos para a constituição do jornal.

1.2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Os jornais universitários têm sido pouco explorados como documentos depositários de informações acerca da produção científica nacional, que majoritariamente é desenvolvida dentro das universidades públicas. Trazer a lume a história do JP representa uma contribuição aos estudos da comunicação científica pelo viés da divulgação científica, sendo que esta, em território nacional apenas em anos recentes tem se tornado mais efetivamente objeto de reflexões e ações regulares visando à democratização do conhecimento e a participação popular.

Durante o período de revisão bibliográfica, foram analisados trabalhos que apresentavam os resultados de pesquisas de mestrado e doutorado e que discutiam a comunicação científica, tendo sido particularmente considerados aqueles que tratavam da comunicação pública de ciência ou divulgação científica. Alguns desses trabalhos analisavam produtos comunicacionais como jornais e revistas. No entanto, só foi localizado um trabalho que discutia especificamente o jornal universitário, no caso, a tese de doutorado de autoria de Laurindo Leal Filho¹, “A Universidade no Jornal”, defendida no ano de 1990, que apresentava o resultado do estudo que tinha como objeto o Jornal da USP. Como a história dos jornais universitários é relativamente recente, isso talvez explique a falta de estudos específicos sobre os mesmos.

A importância de estudar o jornal universitário sob a perspectiva da comunicação pública ou divulgação científica pode ser constada a partir das conclusões de trabalhos como o de Santos (1999), cuja dissertação de mestrado, ao estudar as assessorias de imprensa/comunicação das universidades USP, UNICAMP e UNESP, apontou falhas no processo de comunicação que prejudicavam a divulgação da produção científica daquelas instituições. Mendes (2002) constatou, em sua dissertação de mestrado, que a Faculdade de Ciências Agrárias (FAAG) da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) não possuía uma política de divulgação científica. Carneiro (2004), ao fazer o diagnóstico do processo de comunicação e das ações de divulgação científica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em sua dissertação de mestrado, apontou lacunas no processo comunicacional daquela universidade. Por sua vez, Carvalho (2003) discutiu, em sua tese de doutorado, a

¹ Por sua participação na elaboração do projeto inicial do JP, Leal Filho integra o rol das personalidades que foram entrevistadas para melhor elucidação da história do JP.

adoção de estratégias de marketing da ciência por parte de instituições de pesquisa brasileiras que misturavam propaganda institucional e divulgação científica.

Esses estudos indicam a necessidade da discussão de uma política universitária de comunicação, da qual o jornal universitário é parte integrante.

Como o JP deixou de circular no final de 2003, esta pesquisa tem também a sua relevância não apenas quanto ao resgate da história de sucesso deste jornal, mas oferece ao mesmo tempo um convite para a reflexão sobre a descontinuidade de ações que vinham sendo desenvolvidas dentro da universidade, reveladas nas comunicações feitas nas páginas do jornal, que estavam pioneiramente promovendo aquilo que passa a ser cada vez mais requisitado globalmente nas sociedades do conhecimento: o compartilhamento do conhecimento científico com a sociedade visando a sua participação decisória sobre os rumos da ciência moderna.

Em conformidade com o que será constatado neste trabalho, entre as muitas contribuições do JP, a principal foi, sem dúvida, a de ter-se ocupado com a divulgação do conhecimento científico das ciências da saúde, comunicado numa linguagem acessível ao leitor do jornal, que pertencia à comunidade local bem como à comunidade ampliada. O aval para esta comunicação advinha da UNIFESP/EPM, uma instituição de notório reconhecimento científico e educacional.

1.3 PROBLEMATIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo pretende responder ao seguinte problema: em que medida o JP, em sua gênese e desenvolvimento (trajetória), enquanto veículo de comunicação pública das ciências da saúde constituiu-se como um instrumento de divulgação científica.

1.4 OBJETIVO

Esta pesquisa teve como objetivo descrever e analisar a trajetória histórica do JP enquanto instrumento de divulgação científica, tendo como elementos norteadores para atingir esse objetivo as seguintes questões: qual era a identidade do JP?; quais

eram as suas principais características?; quais foram os principais atores envolvidos na sua trajetória?; como se deu a comunicação pública de ciências da saúde durante a sua trajetória no período de novembro de 1987 a novembro/dezembro de 2003?

1.5 HIPÓTESE

A principal hipótese que norteou este estudo é a de que, embora o JP em sua origem tivesse a característica de um veículo de comunicação interna, com uma substancial ênfase na veiculação de notícias referentes à instituição e com um objetivo de divulgação da própria instituição, desde a sua gênese era um veículo de divulgação científica, cuja identidade de divulgador científico se constituiu e consolidou ao longo de sua trajetória.

1.6 TRAJETÓRIA DO JP

Para melhor compreender a trajetória do JP, este trabalho foi dividido em capítulos, como segue:

No capítulo dois, apresentamos os fundamentos teóricos/metodológicos que nortearam este estudo, a justificativa do estudo e seus objetivos. Incluímos neste capítulo os conceitos, as definições e a revisão bibliográfica.

O capítulo três procura contextualizar o estudo do JP dentro de uma perspectiva histórica, social, política, econômica e educacional.

As características gerais do JP são apresentadas no capítulo quatro. Essas características são discutidas com mais detalhes nos capítulos cinco, seis e sete, nos quais discorreremos acerca das três fases em que dividimos a análise do JP, a saber: gênese e desenvolvimento inicial do jornal; fase intermediária, na qual o JP está intensificando sua identidade como veículo de divulgação científica; e fase final, quando o jornal se consolida como um instrumento de divulgação científica. Na primeira fase – gênese e desenvolvimento inicial do jornal –, discorrida no capítulo cinco, analisamos as características primárias e a identidade inicial do JP. Também identificamos os principais atores envolvidos no processo de criação e desenvolvimento

do jornal. Esta fase abrangeu o período compreendido entre a publicação das edições número 1 à 77 (novembro de 1987 a julho/agosto de 1994). Nesse período, calcado em evidências internas apoiadas por depoimentos orais, entendemos que prevaleceu uma concepção de jornal com ênfase na divulgação institucional e no atendimento às necessidades de comunicação interna. Conquanto ainda que de forma incipiente, pudemos constatar, nessa fase, a perspectiva do jornal como um instrumento de divulgação científica.

A seguir, no capítulo seis descrevemos a trajetória histórica do JP na sua segunda fase, compreendida entre as edições de número 78 à 130 (setembro de 1994 a maio de 1999). Identificamos três episódios pontuais para caracterizar esta fase: a introdução, nas edições 78, 114 e 118 das colunas “Pesquisa”, “Debate” e “Entrevista”, respectivamente. Com estas colunas, o JP passou a se ocupar mais efetivamente da comunicação pública das ciências da saúde. Nesta fase, que consideramos como intermediária, identificamos um jornal que está desvelando sua identidade de instrumento de divulgação científica em ciências da saúde.

O ciclo de caracterização e identificação do JP encerra-se com a apresentação do sétimo capítulo, no qual descrevemos a trajetória histórica do jornal em sua terceira e última fase, cujo início deu-se com a publicação da edição número 131 e foi encerrada com a última edição impressa do JP, a de número 185 (junho de 1999 a novembro/dezembro de 2003). Nessa fase, destacamos a criação do *Jornal da Paulista Informa* (JPInforma ou JPI), que circulou pela primeira vez no mês de junho de 1999, e que tomamos como referência para o início da terceira fase do JP, isto porque o JPInforma, criado para ser um jornal interno (*house-organ*) da Instituição, permitiu que o JP se dedicasse totalmente à comunicação pública de ciências da saúde.

Quando o JP adentrava em sua terceira fase, a equipe de Comunicação da universidade trouxe para dentro da instituição, discussões, *workshops* e pelo menos um curso documentado sobre a divulgação científica de ciências da saúde, eventos esses direcionados para profissionais da saúde e para jornalistas e divulgadores científicos. Nesse capítulo encerramos a discussão da caracterização das fases do JP, tentando comprovar a identidade do jornal como instrumento de divulgação científica de ciências da saúde.

Na conclusão, apresentamos as considerações finais acerca da trajetória do JP, incluindo suas limitações bem como sugestões para novos estudos a partir do que foi possível identificar, constatar e analisar.

Hoje, como nunca aconteceu em toda a história, fala-se em comunicação científica e tecnológica; hoje, como nunca, há governos nacionais ou regionais que apóiam a criação e as atividades no campo da cultura científica e tecnológica; e hoje, como nunca, as próprias instituições científicas e as universidades consideram que a divulgação não é uma desonra, mas faz parte de sua obrigação. Os meios de comunicação de massa já não têm medo de tratar da atualidade das ciências e das tecnologias e recorrem a essas para esclarecer a atualidade em geral. Nunca como neste momento a investigação e o desenvolvimento das ciências e das tecnologias exerceram tão grande influência no nosso modo de vida e de trabalho, nas nossas concepções de espaço e tempo, nas nossas capacidades de intercâmbio e de comunicação em todo o planeta (VOGT, 2006, p. 19).

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTOS TEÓRICOS/METODOLÓGICOS

Neste capítulo são apresentados os fundamentos teóricos/metodológicos que nortearam este estudo, a justificativa do estudo e seus objetivos, começando com sua problematização.

2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Levando em consideração o problema deste estudo e a hipótese estabelecida, a demanda pela busca em conhecer a identidade do JP em sua trajetória e suas características essenciais conduziu a pesquisa para as discussões propostas pelo semiólogo Eric Landowski, em seus estudos com os jornais *Le Monde* e *Libération*, a partir dos quais discorre acerca da identidade de um jornal.

Landowski (1992), ao estudar teoricamente o veículo de comunicação “jornal”, inicia suas proposições questionando a objetividade na fabricação e na difusão da informação por parte das diferentes modalidades do que chama de “grande mídia” na prática da comunicação social, pela constatação da dificuldade primária quanto a uma definição clara de objetividade. Apesar disso, propõe que seja possível avançar na compreensão do que é um jornal, admitindo que o discurso da mídia realmente informa. Restando, contudo, um outro questionamento: aquilo que está escrito pode não ser necessariamente e sempre verdadeiro. Ainda assim, Landowski entende que o discurso da mídia imprime uma forma à maneira como concebemos e vivemos o presente.

Apesar de sofrer a concorrência de outros canais de comunicação, Landowski considera que o jornal preserva sua característica de “in-formar” acerca de tudo e dessa forma “saturar” todas as dimensões da presença humana no mundo. Assim, o jornal caracteriza-se como um poderoso instrumento integrador dos múltiplos universos de referência que toma como objeto.

Conquanto o jornal tenha um discurso plural, prestando-se a uma variada diversidade de abordagens, pode ser recortado por diferentes rubricas pela opção particular de cada leitor. Landowski sugere a identificação do jornal enquanto

totalidade de significação, que está associada à consideração de tempo, espaço e pessoa.

A originalidade de sua proposta está em considerar o jornal como pessoa – “uma verdadeira pessoa, moral” –, que é diferente da personalidade jurídica que todo jornal tem. O jornal constrói uma imagem de marca que está relacionada à episodicidade de sua narrativa e à periodicidade de seu discurso. Esta marca o identifica no plano da comunicação social. Todo jornal recebe um título, sendo que por detrás dele toma corpo “uma entidade figurativamente reconhecível” que se afirma socialmente no que Landowski chama de “sujeito semiótico”.

O jornal, enquanto sujeito semiótico é detentor de estilo, tom e perfil. Estas características o definem e fazem dele uma figura social que pode gerar atração ou repulsa. No entanto, Landowski declara que diferentemente do imperativo social pela variação, a exemplo da indumentária e cardápio, com o jornal ocorre uma compulsão inversa, a do favorecimento do hábito. A eleição de um jornal e a fidelidade a ele corresponde a permanecer fiel a si mesmo.

O jornal, afirma Landowski, tem duas faces complementares – a episodicidade e a periodicidade – associadas, respectivamente, à narrativa e ao discurso. Ao desenvolver uma relação com o seu público, este, enquanto leitor, também se constrói nessa relação. O jornal possui ainda duas dimensões: a de proclamar o que há de novo hoje no mundo e a de ocupar-se com o cotidiano, ao aqui e agora.

Landowski encerra suas considerações questionando “se os jornais, de resto os mais numerosos, que não pertencem nem à imprensa de prestígio nem à de vanguarda, também podem ser tratados com os critérios que propomos” (p. 124). Ele mesmo responde acreditar que sim.

A análise do JP à luz dessas proposições permitiu a anuência com Landowski, como pode ser constatado ao longo deste estudo.

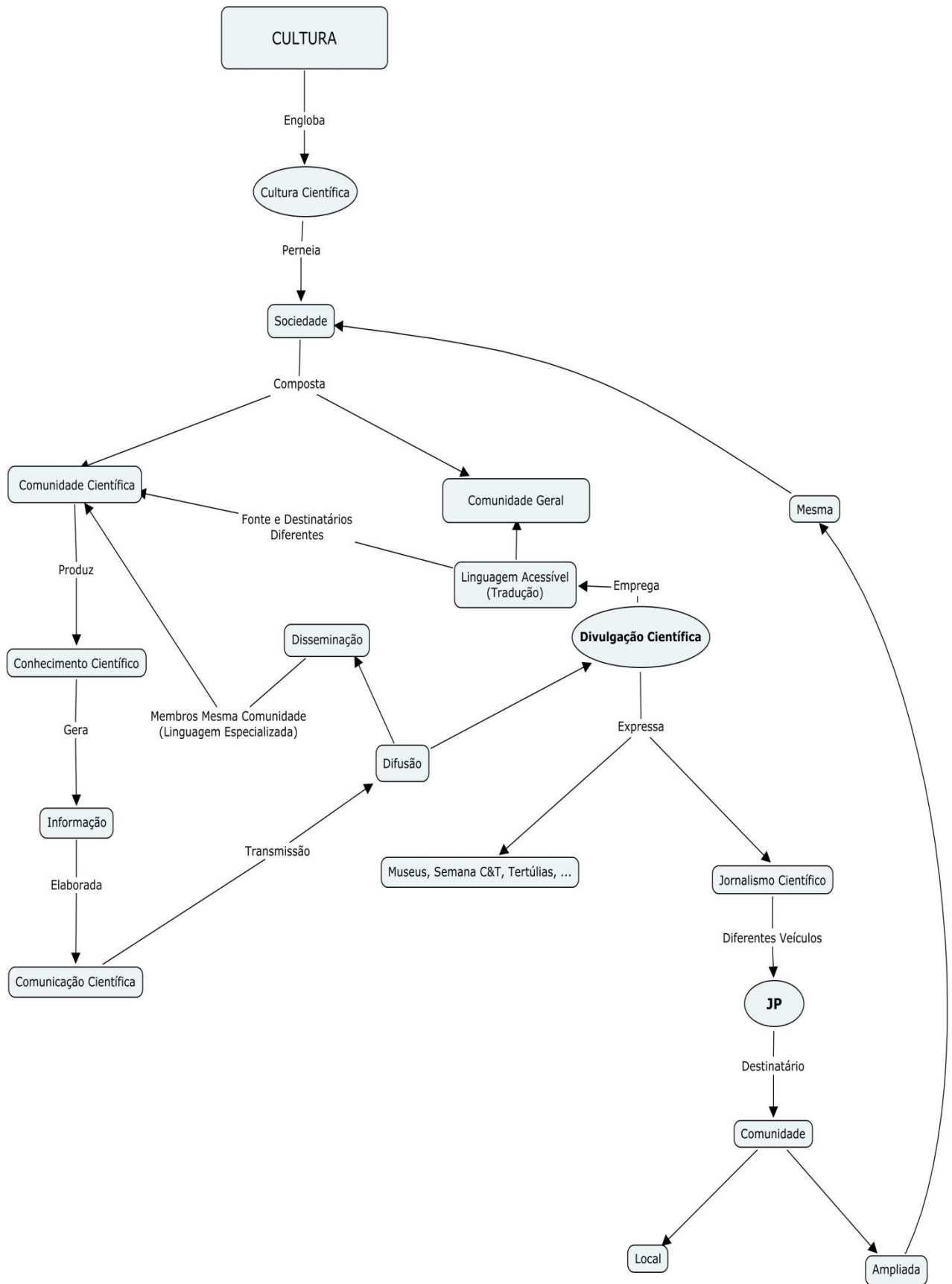
Alguns conceitos e definições de ancoragem que subsidiam a compreensão da comunicação pública das ciências da saúde são apresentados e discutidos na seqüência a partir de um modelo que foi elaborado utilizando o recurso gráfico dos mapas conceituais², que “são representações gráficas semelhantes a diagramas que

² “Mapas conceituais é uma técnica para estabelecer relações entre conceitos e sistematizar conhecimento significativo. Foi desenvolvida pelo Prof. Joseph D. Novak, na Universidade de Cornell, na década de 60. Seu trabalho foi fundamentado a partir da teoria de David Ausubel que destacou a importância da aprendizagem significativa decorrente da assimilação de novos conceitos e proposições através de estruturas cognitivas já existentes. Esta abordagem está embasada também na teoria

indicam relações entre conceitos (palavras) através de setas descritivas. Seu conteúdo parte de uma estrutura que vai desde os conceitos mais abrangentes até os mais específicos. Podem contemplar as diversas áreas do conhecimento. São utilizados para auxiliar a ordenação hierarquizada” (OKADA *et al.*, 2005, p. 79).

construtivista. O sujeito constrói seu conhecimento e significado a partir das relações entre diversos elementos. Tais relações facilitam a sistematização de conceitos novos em conteúdo significativo para o aprendiz (Okada *et al.*, 2005, p. 79).

Figura 1 – Mapa Conceitual Divulgação Científica



Conforme se observa no mapa conceitual, são apresentados os referenciais teóricos e definições que associamos ao contexto da discussão da hipótese deste estudo de que o JP foi, desde o seu início, um instrumento de divulgação científica das ciências da saúde.

Cada um dos conceitos constantes no mapa conceitual, e empregados ao longo deste estudo poderia ser estudado isoladamente como um objeto específico de pesquisa, o que não é, contudo, intencionado neste estudo. O propósito aqui é de deixar o mais claro possível os significados dos mesmos de modo que possibilite compreender como o JP inseria-se no contexto em que os conceitos do mapa referencial são empregados, levando em consideração para isso a contribuição de alguns estudiosos do assunto.

2.2 CULTURA CIENTÍFICA

Este estudo delimita a discussão de cultura ao âmbito da cultura científica. Embora não se tenha objetivado discutir propriamente a cultura, que em seu sentido amplo é aqui compreendida como “um sistema de valores e normas de comportamento que orientam a prática humana” (SETTON, 2005, p. 336), uma aproximação ao contexto de cultura perpassa pela compreensão de que “a cada momento histórico corresponde certa abordagem do conceito de cultura, com repercussões no campo sociopolítico e, em decorrência, educacional” (FISCHMANN, 2000, p. 12). Levando isto em consideração, o “momento presente” no qual se insere a trajetória do JP é o de uma sociedade reconhecida como do conhecimento, na qual a cultura científica desempenha um papel preponderante.

O conceito de cultura científica adotado neste estudo apóia-se na proposição da UNESCO, exemplificada no livro *Cultura científica: um direito de todos* (MACEDO, org. 2003). Embora este livro esteja focado ao caráter formal da educação científica no ensino secundário, compreendida como uma importante contribuição para o estabelecimento de uma cultura científica, Jorge Werthein³ ao prefaciar o volume, amplia o escopo da cultura científica, estendendo-a a todos os membros da sociedade:

³ Representante da UNESCO no Brasil.

Paradoxalmente, em meio às novas tecnologias, ensinar ciências se torna processo desafiador para os educadores. Como então interessar crianças, adolescentes, jovens e adultos num mundo fascinante, porém ainda escondido por trás de uma casca de erudição e estranheza, como se não fosse atinente ao dia de hoje e ao momento de agora? (WERTHEIN *in*: Cultura Científica: um direito de todos, 2003, p. 8).

De maneira particular, o livro objetiva alcançar os países emergentes “caracterizados pela democratização e imersos numa diversidade social e cultural”, ressaltando, neste contexto, uma importante implicação da cultura científica que abrange a concepção de educação científica “como um meio de educar cidadãos conscientes, preocupados com a preservação ambiental e com o desenvolvimento sustentável” (Idem, p. 11), uma necessidade premente desses países.

Em semelhante linha de interesse quanto a uma educação científica, a Organização dos Estados Iberoamericanos para a Ciência e a Cultura (OEI⁴), promove, há cerca de 30 anos, estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS⁵), um campo de estudo que discute a regulação democrática da ciência e da tecnologia, e objetiva, entre outras coisas, a promoção da alfabetização científica⁶ como parte integrante da cultura geral, procurando também diminuir a distância entre a cultura humanística e a cultura científico-tecnológica.

Cultura científica insere-se no contexto da busca por uma equanimidade social e as ações efetivas para seu estabelecimento contribuem para responder ao desafio de Calvo Hernando⁷: “se queremos realmente uma sociedade democrática, é preciso que todos entendam a ciência”. Para este conceituado divulgador de ciência e jornalista científico, a resposta encontra-se naquilo que está abrangido pela cultura científica:

[...] o ponto-chave é a divulgação para todos. Depois, é preciso criar uma consciência pública sobre o valor da ciência. As pessoas sabem muito pouco [...] há uma falta de consciência científica na sociedade [...] A cultura científica deveria fazer parte da cultura popular” (CALVO HERNANDO, 2005, p. 18).

⁴ Entre os dias 14 a 18 de novembro de 2005 participei como bolsista da OEI do “II Seminário de formación: Cultura científica, participación social e desarrollo”, realizado na cidade de Lima, Peru. Na fundamentação deste Seminário estava a preocupação com as dimensões emergentes da ciência e da tecnologia, e, em vista disso, a necessidade de promover uma cultura de ciência socialmente apropriada e de fazê-la acessível aos cidadãos. O seminário objetivava a discussão de cultura científica no âmbito de países iberoamericanos, bem como a busca de uma definição regional para cultura científica.

⁵ O portal da OEI fornece maiores informações sobre os estudos CTS: Disponível em www.oei.es/cts.htm.

⁶ Por alfabetização científica, entendemos “o conjunto de conhecimentos que facilitarão aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem” (CHASSOT, 2000, p. 19).

⁷ Manuel Calvo Hernando. Jornalista espanhol. Atua há cinco décadas como divulgador científico. Representa um dos ícones do jornalismo científico na América Latina.

A discussão acerca do conceito de cultura científica é concluído com a concepção apresentada por Carlos Vogt no seminário “Estratégias para a Divulgação Científica na Sociedade do Conhecimento⁸” e que integra ainda o livro, “Cultura Científica: Desafios”, especialmente preparado para aquele seminário:

Melhor do que alfabetização científica (tradução para *scientific literacy*), popularização/vulgarização da ciência (tradução para *popularization/vulgarization de la science*), percepção/compreensão pública de ciência (tradução para *public understanding/awareness of science*), a expressão cultura científica tem a vantagem de englobar tudo isso e conter ainda, em seu campo de significações, a idéia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda, do ponto de vista de sua divulgação na sociedade, como um todo, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais de seu tempo e de sua história” (VOGT, 2006, p. 25)

Assim, diante do que foi apresentado e do que será ainda exposto acerca do JP, entende-se aqui que esse jornal representou uma importante contribuição em prol do estabelecimento de uma cultura científica pelo viés da comunicação pública de ciências da saúde.

2.3 COMUNIDADE CIENTÍFICA

Um dos conceitos presente no mapa conceitual é o de comunidade científica. Diferente da comunidade geral, composta pelo grande contingente de cidadãos que desempenham papéis sociais diversos, a comunidade científica é constituída pelos cientistas. A comunidade geral e a comunidade dos cientistas conjugam-se na composição da sociedade.

Dados de um estudo comparativo acerca da concepção de Robert Merton e Thomas Kuhn sobre a natureza social da ciência feito por Kropf e Lima (1999), trazem subsídios para melhor compreender o significado de comunidade de cientistas.

Quando Merton e Kuhn discutem o “ethos científico” e o “paradigma/ciência normal”, respectivamente, conferem uma centralidade à noção de comunidade

⁸ O seminário “Estratégias para a Divulgação Científica na Sociedade do Conhecimento” foi realizado entre os dias 19 e 20 de outubro de 2006, na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), com apoio institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Centro Franco-Brasileiro de Divulgação Técnica e Científica (CenDoTec).

científica. Para Kropf e Lima, na análise que Merton e Kuhn fazem da ciência, esta é vista como “prática que se define e processa a partir de um conjunto de crenças, princípios e normas compartilhados por uma determinada coletividade” (KROPF e LIMA, 1999, p. 567).

Esta coletividade de cientistas, ou comunidade científica, segundo as autoras é entendida por Merton da seguinte maneira:

[...] como uma coletividade social dotada de um sistema de valores próprio e relativamente autônoma... que não se define pela concentração geográfica de grupos locais de pesquisa reunidos em torno de alguma especialidade ou tema de pesquisa, mas sim pela adesão a normas e valores comuns. O que une os cientistas numa comunidade é o fato de que, "embora estejam afastados espacialmente, respondem, em grande medida, às mesmas forças sociais e intelectuais que sobre eles incidem". É essa coletividade que fornece os critérios e mecanismos de validação social do trabalho científico, através de um sistema de controle institucionalizado (p. 568).

Quando discutem Kuhn e a sua concepção de comunidade científica, as autoras entendem haver uma proximidade com a concepção de Merton, conforme pode ser constatado:

A comunidade científica, enquanto unidade produtora e legitimadora do conhecimento científico, é a noção que permite conferir operacionalidade tanto ao conceito de paradigma quanto ao de ciência normal... Ser membro da comunidade científica, é ter sido formado e estar inserido numa sólida e estável rede de compromissos compartilhados, compromissos que envolvem tanto aspectos cognitivos quanto valores e crenças sociais... a comunidade científica é o grupo dos indivíduos reunidos por elementos comuns em sua educação e aprendizado e caracterizados pela relativa plenitude de sua comunicação profissional e relativa unanimidade de seu julgamento profissional. Portanto, as comunidades científicas devem ser empiricamente identificadas não pela adesão a certos temas da pesquisa, mas, sobretudo, pelo exame dos padrões de educação e comunicação através dos quais se constrói e se sustenta um sistema de convenções norteador de uma determinada maneira comum de perceber e praticar a ciência (p. 569).

A implicação do conceito de comunidade científica no estudo do JP decorre do produto gerado pela atividade da comunidade científica que é o conhecimento científico e a sua difusão. O conhecimento científico gera uma informação, e esta, por sua vez, é elaborada na forma de uma comunicação científica, cujo conceito é a seguir discutido. Antes, porém, faz-se necessário discorrer acerca do campo científico.

2.4 CAMPO CIENTÍFICO

Este estudo está inserido dentro de um contexto no qual as relações ciência e sociedade, as formas de organização, o investimento em tecnologia de ponta, a delimitação de grupos de especialistas, a produção modular, a informação, a geração de serviços e a produção e transmissão da informação, são características da sociedade que se moderniza a partir da década de 1950 (CARVALHO e KANISKI, 2000, p. 34) e ganha títulos como sociedade pós-moderna, sociedade da informação e sociedade do conhecimento.

Embora a sociedade do conhecimento possa ser caracterizada pela difusão do conhecimento – e aqui o JP insere-se como instrumento de divulgação científica –, a ciência especializa-se cada vez mais em subníveis de áreas do conhecimento, tornando o campo científico cada vez mais restrito e especializado, e convertendo o código de linguagem em algo cada vez mais hermético, cognoscível apenas aos pares pertencentes ao mesmo campo. Como em qualquer outra área de atuação humana, o campo científico também envolve questões de manutenção do controle e do poder, e é compreensível o enfrentamento de dificuldades para a comunicação pública da ciência e tecnologia.

Vasconcellos (2002, p. 82, 83), ao discorrer sobre a obra de Pierre Bourdieu, lembra que foi esse sociólogo que introduziu a noção de campo social, no artigo *Le marché des biens savants* (1971), no qual propunha a análise do campo da produção, distinguindo entre uma produção erudita e restrita de uma produção destinada ao público em geral. Em 1975, no artigo *La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du propre de la raison*, Bourdieu introduziu os conceitos de campo científico e capital científico, mostrando que a mesma lógica de mercado, presente em todo tipo de produção, também se encontra presente no campo científico. No ano de 1980, lembra Vasconcellos, Bourdieu discorreu sobre o campo universitário, o campo do jornalismo e o campo literário, sempre no contexto da noção de campo como um espaço social de dominação e de conflitos, onde cada campo possui certa autonomia e regras próprias de organização e de hierarquia social.

Em 1997, Bordieu proferiu, no *Institut National de la Recherche Agronomique (INRA)*, a conferência intitulada “Os usos sociais da ciência”, na qual retoma os conceitos de campo e campo científico. Destacamos a assertiva que Bourdieu faz, particularmente acerca do grau de autonomia de um campo ou subcampo científico:

O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. Uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de *refratar*, retraduzindo sob uma forma mais específica as pressões ou as demandas externas (BOURDIEU, 2004, p. 21 e 22).

Ao correlacionar essas colocações de Bourdieu com a demanda social pela divulgação científica, consideramos que não foi de pouca relevância o que significou a produção do JP dentro de uma universidade que se dedicava exclusivamente às ciências da saúde, com inúmeros campos científicos e, ainda assim ter conseguido a adesão dos seus diferentes especialistas. Este estudo não objetivou discutir as particularidades dos campos científicos das ciências da saúde, nem tampouco as especificidades da UNIFESP/EPM enquanto campo universitário com os seus vários departamentos e disciplinas, que conforme estabelecido por Bourdieu tem o envolvimento de questões de dominação, poder e lutas. No entanto, a partir do pensamento desse sociólogo, reforçamos a opinião de que as ações do Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM, como reveladas na análise do JP, representaram uma importante conquista, um vez que se desenvolveram num ambiente bastante cooperativo.

2.5 COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A fonte de referência para discutir a comunicação científica é pautada pelos escritos do físico e sociólogo inglês John Ziman.

No livro *A força do conhecimento* (1981), Ziman dedica um capítulo inteiro para discutir a comunicação científica. Ele inicia sua discussão abordando que os cientistas agregam-se não apenas numa comunidade científica, mas formam uma comunidade intelectual independente de uma instituição. Essa comunidade sem instalações cria elos entre seus membros por meio da comunicação de informações e conhecimentos.

Essa comunidade intelectual também é conhecida pelo nome de *Colégio Invisível*, conceito que Derek J. C. Price (1973) reelaborou a partir da expressão *Novos Colégios Invisíveis*, que foi empregada por Robert Boyle, ainda no século 17, para descrever um grupo de pesquisadores, que viriam formar a *Royal Society of London* e

que, embora trabalhassem em diferentes instituições, mantinham contato entre si (MUELLER, 1994, p. 310).

Ziman assevera que a Ciência depende da palavra impressa, essencial tanto para o registro de resultados que serão referências para os membros do Colégio Invisível, quanto necessária por oferecer uma oportunidade à crítica, à refutação e ao aperfeiçoamento do dado científico.

A ciência, de acordo com esse autor, é por natureza um conjunto de conhecimentos públicos no qual o pesquisador acrescenta a sua contribuição pessoal a uma atividade que é coletiva, e que em suas palavras significa “colaboração competitiva com contemporâneos” (ZIMAN, 1981, p. 105).

A comunicação científica – compreendida por Ziman como vital para a própria ciência dada a sua relevância no próprio âmago científico, já que acompanha o avanço científico – foi primeiramente realizada por meio da troca de cartas entre colegas cientistas.

Na página 106 de *A força do conhecimento*, Ziman ilustra esses primeiros exemplos de comunicação científica com a cópia da carta de Isaac Newton – relatando os progressos obtidos com seu telescópio – enviada para Henry Oldenburg, datada de 16 de março de 1671.

Posteriormente, e até a Revolução Científica do século XVII, segundo Ziman, os livros eram a única maneira de tornar públicas as novas idéias científicas, até que, a partir do final do mesmo século, surgiram os periódicos especializados⁹.

Os periódicos especializados possibilitaram uma agilidade no tráfico das idéias, imprescindível para a Ciência moderna, que é ao mesmo tempo altamente cooperativa e competitiva. Ziman entende que os membros do Colégio Invisível são devedores tanto a seus predecessores quanto a seus contemporâneos, e isso devido à circulação da informação científica possibilitada pela utilização de meios ágeis como os periódicos especializados.

Dentro do âmbito da comunicação científica, Ziman aborda ainda dois outros subtemas que tem uma aproximação direta no contexto do estudo do JP. Um destes

⁹ Segundo Población *et al.* (2003, p. 498), as publicações especializadas tiveram início há quatro séculos, quando, em 1655, foi criada a Royal Society of London, que deu início à primeira publicação científica: *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*. Dias (1999, pp. 269-277), no artigo “Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais” faz uma exposição cronológica dos avanços tecnológicos que permearam a história da escrita, do papiro ao hipertexto, possibilitando a comunicação da informação e, conseqüentemente, a comunicação científica.

subtemas é a comunicação informal. O conhecimento científico é comunicado por escrito e pela palavra falada. A comunicação científica é realizada informalmente por meio de seminários, palestras e congêneres. Ziman cita o exemplo das reuniões para a leitura de uma comunicação científica, que acontecem há 300 anos, todas as quintas-feiras, depois do chá das 16h30 na Royal Society of London. Modernamente, a comunicação informal acontece também na forma de intercâmbios. “As idéias se difundem por intermédio das pessoas”, declara Ziman (*ibid*, p. 123).

Finalmente, Ziman discorre sobre a comunicação científica na forma de popularização da ciência, que ele entende como “o problema das comunicações dentro da comunidade científica [...] trazer o conhecimento científico ao grande público” (p. 127).

Possibilitar o alcance do conhecimento científico para o grande público, segundo Ziman, não é tarefa banal, tampouco nova. Não é banal porque a ciência tem uma implicação relevante na sociedade. Não é nova porque os livros de ciência popular já circulavam no final do século XIX. Antes mesmo da ascensão dos livros de ciência popular, o Instituto Real em Londres fundado em 1799, pelo físico Benjamin Thompson, conde de Rumford, apresentava conferências científicas populares (*ibid*, p. 124).

Quase na conclusão do capítulo “Comunicação Científica”, Ziman aborda outra forma de comunicação científica: o jornalismo científico que, embora compartilhe da mesma fonte dos outros meios que constituem a comunicação científica – cartas, livros, periódicos especializados e comunicação informal –, difere quanto ao destinatário, que, ao contrário da intencionalidade primária da comunicação na comunidade científica, pretende atingir o cidadão comum.

O jornalismo científico, para Ziman, é uma decorrência do fato de que os cientistas, particularmente os de “alto prestígio”, encontram-se por demais

[...] absorvidos em seus assuntos específicos, muito envolvidos competitivamente, demasiado ocupados com assuntos referentes a administração, viagens, etc., para se empenharem em interpretar suas descobertas para o grande público (*ibid*, p. 133).

Dessa forma, essa responsabilidade é passada às mãos de “jornalistas científicos, escritores de livros populares e produtores de TV”, aos quais Ziman chama de “grupo de profissionais da comunicação” e “peritos de comunicação”. Quanto a este particular consideramos que a divulgação científica também é realizada por outros profissionais não mencionados por Ziman. A experiência do JP, por exemplo, revela

que além dos jornalistas que se especializaram na divulgação científica, profissionais da saúde da própria UNIFESP/EPM que receberam treinamento para utilizar os meios de comunicação também faziam divulgação científica.

Ziman também discorre acerca de outro tipo de publicação que faz comunicação pública de ciência, mas não necessariamente para toda a sociedade, e que, em nossa opinião, tem uma relação indireta com o JP. Ele se refere às revistas do gênero da *Scientific American* que, embora exponham os “trabalhos científicos mais recentes, numa linguagem não especializada”, são consideradas, por ele, como “periódicos especializados” e, portanto, portadoras de uma “Ciência popular de alto nível [...] algo elevada para o cidadão comum” (*ibid*, p.133).

A pesquisa desenvolvida Tatiana Scalco Silveira (2000), que estudou a *Ciência Hoje* (CH) em sua pesquisa de mestrado, é empregada aqui como um exemplo daquilo que é apontado acima por Ziman. Em seu estudo Silveira se reportou ao caráter “erudito” da divulgação científica, com informações não necessariamente direcionadas à população em geral, contido nas matérias publicas pela CH, revista editada pela Sociedade Brasileira Progresso da Ciência (SBPC).

Silveira observa que a revista CH, durante o período estudado (1982–1998), cumpriu os três objetivos básicos da atividade de popularização da ciência: educacional, informacional e de mobilização popular. Confirmou ainda sua hipótese de utilização do espaço da CH como ferramenta de ação política da comunidade científica, identificou, contudo que a linguagem da revista não era uma linguagem totalmente acessível:

[...] ruídos de comunicação foram fortalecidos e a revista (teve) dificuldades em atingir seu público-alvo. Ao manter uma linguagem ‘difícil’, como disseram alguns entrevistados, a CH contribuiu para manter a imagem clássica, e mítica, da Ciência” (SILVEIRA, 2000 p. 140 e 141).

Tendo por base o que está acima exposto, conjecturamos que a linguagem utilizada para a divulgação científica em revistas do gênero da *Ciência Hoje* e nas páginas de ciência dos grandes jornais não é de todo cognoscível para o público em geral, e sim para uma população mais escolarizada que a média dos cidadãos, ou com interesses mais específicos.

Contudo, ressaltamos aqui um elo entre divulgação e comunidade científica, como representado no mapa conceitual, defendendo a idéia de que a divulgação científica é importante também para a comunidade científica.

A afirmação de Ziman de que a “ciência popular de alto nível é inestimável como leitura de base para o próprio cientista em atividade” (p. 133) permite uma aproximação com o estudo acerca do JP, que era lido por especialistas e pesquisadores da área da saúde, que representavam, por sua vez, um significativo segmento de leitores do jornal.

Ziman fala de uma atividade comum a todo pesquisador que é “a tarefa de manter-se a par da literatura relativa às pesquisas no campo de cada especialidade”, e que esta atividade “vai-se transformando [...] num trabalho de tempo integral” (p.133). A atualização sistemática é algo muito importante para todo pesquisador. Em vista disso, embora o JP não pudesse ser considerado como uma literatura científica popular de alto nível, ainda assim, entendemos que, ao veicular os resultados das mais recentes pesquisas na área das ciências da saúde, como fazia, e ao publicar regularmente uma lista de todas as teses de mestrado e doutorado defendidas na UNIFESP/EPM no mês anterior à da edição vigente, entendemos que ele representou um importante instrumento de consulta mesmo para os especialistas.

Um exemplo de que esse tipo de literatura pode funcionar como uma fonte de divulgação científica vem do próprio JP, edição 165, março de 2002.

Em entrevista¹⁰ concedida ao jornalista Rodrigo Pena Majela, o oncologista Chris Williams¹¹, editor-chefe do Grupo de Oncologia da Colaboração Cochrane – Seção Oxford (Reino Unido), entidade que desenvolve pesquisas sobre a medicina baseada em evidências, deu o seguinte depoimento:

Uma importante fonte de atualização para os médicos pode estar na sala de espera do próprio consultório — pacientes que lêem tudo sobre a doença que possuem (WILLIAMS, 2002, p. 165).

Mais adiante, no artigo em questão, Williams continua:

¹⁰ O objetivo principal da matéria era ressaltar a relevância da Colaboração Cochrane que ao realizar e divulgar revisões sistemáticas de pesquisas médicas de todo o mundo fornece subsídios para uma medicina baseada em evidências.

¹¹ Esta entrevista pode ser lida na íntegra na página da Internet do JP que continua disponível no portal da UNIFESP/EPM. Disponível em <http://www.unifesp.br/comunicacao/jpta/ed165/entrev.htm>

[...] muitos profissionais têm tomado decisões inspiradas apenas na interpretação pessoal de uma ou duas pesquisas. Lêem um artigo numa publicação respeitada e pensam: Saiu nesta revista, deve ser verdade. Vamos ignorar as experiências que apontaram outros resultados (WILLIAMS, 2002, p. 165).

Na linha do raciocínio de Williams abstrai-se a idéia de que a divulgação científica em ciências da saúde, no contexto de uma medicina baseada em evidências, pode ser mais um elemento a contribuir para a conduta mais adequada no atendimento ao paciente.

Como o JP era um jornal publicado sob o patrocínio e o conselho de uma universidade altamente especializada na pesquisa científica na área das ciências da saúde, consideramos que os profissionais da área podiam acessar pelas páginas do jornal informações científicas já revisadas por especialistas. Essas informações, seguindo o ritual da publicação científica levariam um tempo considerável para serem veiculadas em periódicos científicos. Embora tais informações fossem veiculadas como matérias que empregavam uma linguagem mais direcionada ao grande público – e dessa forma o JP cumpria seu papel de divulgador científico – sugerimos que ainda assim, representavam uma importante contribuição para a comunidade especializada dos profissionais da saúde.

Há outra informação trazida das páginas do JP, que mostra uma importante contribuição da equipe de comunicação, que, segundo entendemos, colocava a UNIFESP/EPM como um centro de referência também para a comunicação de “ciência popular de alto nível”. Fazemos referência à informação noticiada na edição 153, de março de 2001, sobre o lançamento da revista *Saúde Paulista*.¹²

Para encerrar a discussão sobre o conceito de comunicação científica, resgatamos o pensamento de Ziman sobre “o problema da comunicação” na popularização da ciência, entendida aqui como divulgação científica e neste estudo particularizada à área das ciências da saúde. Primeiramente pelo fato de que

[...] a linguagem na qual a maior parte das idéias científicas modernas é expressa e explicadas leva anos para ser aprendida, não podendo ser parafraseada com vistas a uma compreensão mais fácil. (*ibid*, p.133)

¹² A revista *Saúde Paulista* produzida pelo Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM, destinava-se a atingir um publicado específico, o dos profissionais da saúde. Esta revista juntava-se aos produtos comunicacionais da universidade, a saber, ao próprio JP, ao *Jornal da Paulista Informa* (JPInforma ou JPI), ao *Manual Corra que a imprensa vem aí*, ao site *Saúde Brasil* (este ficou mais como um projeto do que como uma ação efetiva) e às palestras, workshops e pelo menos um curso que discutiam a divulgação científica em ciências da saúde.

Num outro aspecto a dificuldade está na falta de instrução:

É virtualmente impossível discorrer sobre as novas descobertas mais elementares, para gente que nem sequer possui os rudimentos dos conhecimentos anteriores acerca do assunto (p. 133).

Como solucionar esta grande dificuldade com relação à comunicação pública de Ciência? Propomos que o estudo do JP apresenta uma possível resposta¹³.

Nesse sentido, no decorrer da análise do jornal, o quadro “Coluna Comunicação”¹⁴ criado com informações extraídas de matérias que foram veiculadas na coluna “Comunicação” do JP, publicada da edição 131, de maio de 1999, até a edição 157, de julho de 2002, discutido a seguir, indica como no nosso entender, buscava-se na UNIFESP/EPM a diminuição da distância entre pesquisadores e divulgadores científicos visando uma comunicação mais efetiva entre a universidade produtora do conhecimento científico e a população.

A equipe de comunicação da UNIFESP/EPM, assessorada por especialistas da saúde, passou a promover na universidade, encontros, *workshops* e em pelo menos um curso (documentado) de aperfeiçoamento em saúde, para jornalistas, divulgadores científicos e para os especialistas da área da saúde. Essas ações objetivavam diminuir distâncias, tratadas por Ziman como “incompatibilidade de gênios entre o pesquisador e o jornalista” (p. 134).

Essas ações que nos planos da equipe de comunicação da universidade deveriam perdurar, mas que acabaram ao mesmo tempo em que o JP deixou de circular promoveriam encontros regulares com pesquisadores da saúde e divulgadores científicos, melhorando o diálogo entre ambos, e principalmente fornecendo subsídios científicos para os não-especialistas da área da saúde que se propunham a divulgar a informação científica gerada na universidade, com garantias de que não incorreriam em erros que pudessem prejudicar aqueles que lessem as informações divulgadas.

A assessoria especializada esteve presente também no quadro da equipe direta do JP, como pode ser verificado no Expediente do jornal que trouxe por muitas edições o nome do médico Cláudio Csillag, como editor de texto do jornal.

¹³ Retomamos o assunto ao discutir a terceira fase do JP, no capítulo 7 deste estudo.

¹⁴ Melhor explicação quando, neste estudo, discuto a terceira fase do JP.

O JP pode ser entendido como um veículo de comunicação científica que, pelas informações acima discutidas atendia às prerrogativas de uma divulgação científica feita com acurácia.

Na seqüência é apresentada a discussão sobre os conceitos presentes no mapa conceitual de difusão do conhecimento, disseminação científica e divulgação científica, com vistas a atender à hipótese inicial deste estudo acerca da consideração do JP como um instrumento de divulgação científica.

2.6 DIFUSÃO, DISSEMINAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O JP, em seu sentido amplo de veículo de comunicação, a exemplo de outros jornais, era um instrumento de difusão de informações. Pelo fato de ser um jornal universitário, lidava com a especificidade das informações científicas, e, consoante às características da UNIFESP/EPM no período correspondente à sua trajetória, tais informações circunscreviam-se à área das ciências da saúde. Pelo teor do projeto editorial do jornal, a informação científica veiculada em suas páginas não era publicada com o mesmo código de linguagem utilizado pelos pesquisadores e cientistas em suas comunicações oficiais e sim utilizando a linguagem da divulgação científica.

Quando pesquisadores e cientistas comunicam os resultados de suas pesquisas a seus pares, empregam uma terminologia lingüística exclusiva. Com relação ao JP, contudo, os jornalistas coletavam essas mesmas informações, advindas da comunidade científica e, de volta à editoria do jornal, reelaboravam o material coletado formatando-o em textos jornalísticos – jornalismo de divulgação –, utilizando uma linguagem acessível ao público leigo, constituindo assim as matérias para publicação no jornal. Exemplos desses textos, enquanto produtos dessa elaboração jornalística podem ser verificados nas cópias de páginas do jornal que constam nos anexos e apêndices deste trabalho.

Depois de impresso, o jornal difundia informações que em primeira instância destinavam-se à disseminação para a comunidade científica, e que no formato de textos jornalísticos possibilitavam a apreensão pela comunidade ampliada porque constituíam-se como material de divulgação científica.

Difusão, disseminação e divulgação “são [termos], muitas vezes, utilizados sem rigor conceitual” declara Hernández Cañadas (1987, p. 25). Por isso, para estabelecer

melhor qual conceito cada uma dessas palavras carrega neste trabalho, este estudo apoia-se nas definições propostas por Wilson da Costa Bueno, um dos primeiros teóricos da divulgação científica no Brasil, particularmente do Jornalismo Científico, que referenda muitos dos trabalhos pesquisados durante o processo de estudo do JP, dentre esses o de Massarani (1998), Silveira (2000), Pietri (2003), Carneiro (2004) e Aldifoni (2005).

Bueno, que defendeu sua tese de doutorado, “Jornalismo Científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente”, no ano de 1985, em entrevista concedida à revista Pensamento Comunicacional Latino Americano (PCLA), lembra que “não existia, no Brasil, nenhum especialista em jornalismo científico” que pudesse orientar sua pesquisa, mas que seu orientador aceitou o desafio tornando-se este, posteriormente, também um especialista na área (BALDO, 2002 s/data). Essa entrevista revela o seu pioneirismo na área.

No mesmo ano da defesa de seu doutorado, Bueno escreveu um texto que, entendemos poder ser considerado um clássico, que é utilizado na maioria dos trabalhos consultados por ocasião da revisão bibliográfica deste estudo, e que procuram, por sua vez, definir os termos difusão, disseminação e divulgação. Desse texto em questão são apresentados a seguir os conceitos-chave deste estudo.

- **DIFUSÃO:**

O conceito de difusão tem limites bastante amplos. Na prática, faz referência a todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas. A extensão do conceito permite abranger os periódicos especializados, os bancos de dados, os sistemas de informação acoplados aos institutos e centros de pesquisa, os serviços de alerta das bibliotecas, as reuniões científicas (congressos, simpósios e seminários), as ações especializadas das publicações de caráter geral, as páginas de ciência e tecnologia dos jornais e revistas, os programas de rádio e televisão dedicados à ciência e à tecnologia, o cinema dito científico e até mesmo os chamados colégios invisíveis (BUENO, 1985, p. 1420).

- **DISSEMINAÇÃO:**

O processo de disseminação da ciência e da tecnologia pressupõe a transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados, a um público seletivo, formado por especialistas (BUENO, 1985, p. 1421).

- **DIVULGAÇÃO:**

A divulgação científica pressupõe um processo de recodificação, isto é, a transposição de uma linguagem especializada para uma linguagem não especializada, com objetivo de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência [...] compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral (BUENO, 1985, p. 1422).

Bueno não foi necessariamente original no esclarecimento dos termos em questão porque segundo Massarani baseou-se em Pasquali¹⁵, (MASSARANI, 1998, p. 18).

Pasquali (1978) atribui a seguinte conceituação aos termos:

- **DIFUSÃO:**

É o envio de mensagens elaboradas em códigos ou linguagens universalmente compreensíveis para a totalidade das pessoas.

- **DISSEMINAÇÃO:**

É o envio de mensagens elaboradas em linguagens especializadas, ou seja, transcritas em códigos especializados, a receptores selecionados e restritos, formado por especialistas. Pode ser feita intrapares (especialistas da mesma área) ou extrapares (especialistas de áreas diferentes).

- **DIVULGAÇÃO:**

É o envio de mensagens elaboradas mediante a transcodificação de linguagens, transformando-as em linguagens acessíveis, para a totalidade do universo receptor.

Uma ressalva pessoal enquanto pesquisador, neste estudo do JP, é feita quanto à conceituação de disseminação elaborada por Pasquali, que fala de uma disseminação extrapares, significando a comunicação científica dirigida a especialistas de áreas diferentes da fonte original da informação. No mapa conceitual propomos que este aspecto particular da conceituação de Pasquali pode ser entendida como uma forma de divulgação científica, diferenciada da divulgação científica dirigida para o

¹⁵ O Venezuelano Antonio Pasquali foi pioneiro a partir da década de 1960 na formação do pensamento e estudo latino-americano de comunicação (CARVALHO, 2000. PCLA, vol. 1, n. 2, jan-mar, 2000).

grande público. A revista *Saúde Paulista*, é tomada como exemplo. Ela não era uma revista de disseminação científica, estrito senso, mas sim, segundo seus editores, uma publicação “voltada principalmente para um público interessado por questões da área de saúde: médicos, enfermeiros, além de professores e alunos universitários” (JP, 2001:153, p. 2). Entendemos que a revista *Saúde Paulista* era uma revista de divulgação científica destinada a especialistas, escrita numa linguagem um pouco mais sofisticada que a do JP, mas que não empregava como norma de escrita a linguagem científica oficial.

2.7 JORNALISMO Científico

Concluindo esta sessão de definições dos termos¹⁶ constantes no mapa conceitual preparado para sintetizar a referência ao JP como um instrumento de divulgação científica, cabe ainda conceituar Jornalismo Científico, que é feito a partir do referencial de Marques de Melo, que foi o orientador da tese de doutorado de Bueno. Para Marques de Melo o jornalismo científico:

Deve ser uma atividade principalmente educativa. Deve ser dirigido à grande massa da nossa população e não apenas à sua elite. Deve promover a popularização do conhecimento que está sendo produzido nas nossas universidades e centros de pesquisa, de modo a contribuir para a superação dos muitos problemas que o povo enfrenta. Deve utilizar uma linguagem capaz de permitir o entendimento das informações pelo cidadão comum. Deve gerar o desejo do conhecimento permanente, despertando interesse pelos processos científicos e não pelos fatos isolados e seus personagens. Deve discutir a política científica, conscientizando a população que paga impostos para participar das decisões sobre a alocação de recursos que significam o estabelecimento de prioridades na produção do saber. Deve realizar um trabalho de iniciação dos jovens ao mundo do conhecimento e de educação continuada dos adultos” (MARQUES DE MELO, 1982, p. 21).

¹⁶ Do mapa conceitual foram conceituados apenas os termos que têm uma relação direta ao objeto deste estudo e que fornecem subsídios para responder à hipótese original do JP ter sido um instrumento de comunicação científica em ciências da saúde, difusor de informações articuladas como divulgação científica em ciências da saúde.

2.8 DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta tese foi organizada de modo a responder à questão central acerca da identidade do JP ao longo de sua trajetória. De acordo com o que Rey (1993, p. 21) preconiza como pesquisa, este estudo propôs-se a investigar de forma sistematizada e minuciosa o JP com a finalidade de descobrir e estabelecer fatos e princípios relativos à hipótese central proposta e ao seu objetivo precípua. A busca deste estudo para definir a identidade, as características e o que representou o JP coadunam-se com o que Gil (2002, p. 17) estabelece como intencionalidades da atividade de pesquisa que procura, por meio de procedimentos racionais e sistemáticos, oferecer respostas a problemas previamente propostos.

Devido à sua própria natureza, o objeto de estudo foi analisado sob a perspectiva da pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (1998),

[...] incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais [e] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 21).

Godoy (1995, p. 62) e Serapioni (2000, p. 191), por sua vez, entendem que a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela análise exploratória, descritiva e indutiva.

Este estudo enquanto pesquisa qualitativa, possibilitou desvelar o JP e sua contribuição como veículo democrático de comunicação pública de ciências da saúde, mas, acima de tudo, revelou sua contribuição na divulgação científica da área de saúde.

A pesquisa qualitativa pode apresentar dificuldades maiores do que a pesquisa quantitativa, como ressaltam Falcão¹⁷ (2003) e Oliveira¹⁸ (2004). Isso porque, na pesquisa qualitativa, a organização e a análise do material coletado demandam um determinado tempo para criar uma sistematização de análise dos dados coletados, o que coloca em risco a consecução desta tarefa.

¹⁷ FALCÃO, M.T.C. Pesquisa Qualitativa: Potencialidades e Limites. Trabalho apresentado no Fórum Regional de Pesquisa em Enfermagem: Novas abordagens teórico-metodológicas e respectivos resultados. Escola de Enfermagem - Universidade de São Paulo/ 15 e 16 abril 2003 – (slide 15).

¹⁸ OLIVEIRA, F. A. de. Metodologia Científica em Atenção Primária à Saúde no Brasil. Trabalho apresentado no 6º Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade Rio de Janeiro, RJ - abril de 2004 (slide 19).

Lakatos e Marconi (2001, p. 175) discorrem sobre a possibilidade de diferentes técnicas serem empregadas pela ciência para buscar seus propósitos pré-estabelecidos, e Godoy (1995, p. 21) discute três diferentes abordagens da pesquisa qualitativa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.

Embora esta pesquisa não tenha adotado exclusivamente uma única técnica, sendo a sua ênfase associada à análise histórica da trajetória do JP, ela foi orientada pelos princípios fundamentais da pesquisa documental. Para Gil (2002, p. 45-47), embora haja semelhanças entre pesquisa documental e bibliográfica, na essência a diferença entre ambas está na natureza das fontes,

[...] enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico... (p. 45).

A análise documental do JP representava em si uma grande tarefa, levando em consideração que o jornal circulou durante 16 anos e foram impressas 185 edições mensais, configurando um total de 2.554 páginas de informações a serem analisadas. Devido à sua natureza de divulgação científica inserida tanto no contexto universitário quanto no de democratização do conhecimento e de empoderamento¹⁹ em saúde, o estudo do JP demandou por uma ampliação no escopo de sua pesquisa.

Também pelo fato da trajetória do JP inserir-se num contexto histórico recente, os jornais, enquanto documentos oficiais, foram insuficientes para a totalidade de sua compreensão e análise. Dessa forma, como subsídio à compreensão do JP foram realizadas dez entrevistas, seguindo os pressupostos da história oral. Neste particular, conquanto a história oral seja “uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea” (CPDOC²⁰, 2005). Este estudo utiliza a história oral como técnica e não como metodologia, uma vez que “usar a história oral como técnica equivale a dizer que as entrevistas não se compõem como objetivo central e sim como um recurso a mais” (MEIHY, 2005, p. 51).

Para contextualizar o estudo do JP dentro de um panorama internacional e compreender o que cientistas e pesquisadores das ciências da saúde discutiam acerca

¹⁹ O conceito de empoderamento é apresentado no próximo capítulo, item 3.8.

²⁰ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea Brasileira. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br> – História Oral. Acessado em maio de 2005.

da comunicação pública da pesquisa científica em saúde no período em que circulou o JP, foi realizado um levantamento no banco de dados da PubMed²¹ que resultou no quadro anexo número 2. Essa busca apoiou-se na perspectiva metodológica de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil, “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL 2002, p. 44). O quadro PubMed é calcado em informações recuperadas de periódicos internacionais indexados nesse importante banco de dados da área das ciências da saúde.

Para explicar o JP, sua trajetória foi dividida em três fases, que são discutidas a partir do capítulo cinco neste estudo, bem como foram elaborados 20 quadros²² que representam o que de mais importante circulou pelas páginas do JP durante os 16 anos de sua existência.

No próximo capítulo segue a contextualização histórica, social, política, econômica e educacional do JP.

²¹ A base de dados PubMed, é referência para artigos científicos, publicados em revistas internacionais, abalizadas por significativo fator de impacto.

²² Seis desses quadros são discutidos ao longo deste estudo, quatro que são mencionados no texto principal constam como documentos anexos e dez quadros constam como documentos do apêndice.

El significado que tiene la institución universitaria para el desarrollo y el progreso de la sociedad merece un espacio que vaya más allá de la publicación de mensajes informativos en los medios de comunicación. Si la Universidad tiene obligación de generar y transmitir conocimientos, y ser un referente intelectual y de reflexión frente a la trivialidad y la precipitación de la sociedad mediática, deber tener como aliados a los tradicionales medios de comunicación. Sólo de esta forma podrá ejercer la función de liderazgo que le corresponde. Al mismo tiempo, la sociedad le exige una rentabilidad social a la ciencia y al conocimiento, y explicar los resultados de su actividad (BOTRÁN, 2005, p. 112,113).

CAPÍTULO 3 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Neste capítulo o estudo do JP é contextualizado tendo como referência perspectivas históricas, sociais, políticas, econômicas e educacionais.

3.1 A CIÊNCIA E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Neste trabalho é feita uma delimitação da contextualização histórico-social da comunicação pública de ciência e tecnologia ao período pós-Segunda Guerra Mundial, conquanto um estudo histórico mais abrangente provavelmente deveria voltar no tempo, quando Galileu Galilei escreveu, em 1632, o livro *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo, tolemaico e copernicano*. Escrito propositadamente em Italiano, e não em Latim, a língua erudita da época, esse livro é considerado por Semir²³ como uma obra precursora na história da divulgação científica (2002, editorial – edição online sem página).

Embora o objetivo primário deste estudo seja o de compreender o JP dentro de sua realidade local, uma visão um pouco mais abrangente, insere este estudo dentro de uma perspectiva mais globalizada das discussões em torno da divulgação científica. Para este particular, os estudos de Lewenstein (1992), Hartz e Chappell (1997) e Bauer (1998) forneceram importantes subsídios históricos.

Bauer discute o período em questão inserido num dos quatro ciclos ou ondas de popularização da ciência que ele propõe terem acontecido nos últimos 170 anos, concomitante a ondas de inovação e desenvolvimento econômico, particularmente associadas à Europa e aos Estados Unidos. Bauer chama esses períodos de “janelas”, porque, semelhante às janelas que se abrem e fecham, são grandes ou pequenas,

[...] a quantidade de notícias acerca da ciência varia de tempos em tempos [...] não são constantes. Há períodos de declínio e períodos de aumento [...] É necessário compreender esses ciclos nos contextos internos e externos da ciência (p. 78).

As quatro ondas preconizadas por Bauer são sintetizadas da seguinte maneira:

²³ SEMIR, Valdemir. “Aproximación a la historia de la divulgación científica” (editorial). Quark, Ciência, Medicina, Comunicación y Cultura. Barcelona: [Universitat Pompeu Fabra - Observatorio de la Comunicación Científica](#), n. 26, 2002. Essa edição da revista Quark foi dedicada exclusivamente à história da divulgação científica.

- 1ª) 1840 -1870: Polêmica anti-religiosa e cientificismo.
- 2ª) 1890 -1925/16: Aspirações socialistas e ciência imperial.
- 3ª) 1940 -1962: Consenso, universalismo e guerra fria.
- 4ª) 1974 - presente: anti-ciência e relações públicas.

A terceira onda da divulgação científica, à qual pertence o período pós-Segunda Guerra Mundial corresponde, segundo Bauer, à era do neopositivismo. Paulatinamente, a sociedade passou a assentar-se na ciência que tendia a superar os desentendimentos da guerra fria. Naquele período, a ciência foi submetida ao controle do Estado e em muitos países ela se desenvolveu aliada ao militarismo. Foi nesse período que o desenvolvimento da física possibilitou a construção de bombas atômicas, ao mesmo tempo em que surgiram os debates sobre o poder nuclear e sua aplicação militar e civil - um sinal da popularização da ciência.

Bauer ressalta que os progressos em engenharia e física dominaram as reportagens da mídia naquele momento. A televisão celebrava o poder e o avanço da ciência e da tecnologia com a chegada do homem à lua e a corrida espacial. Uma agenda utilitária da ciência demonstrava as suas aplicações na modernização do pós-guerra na agricultura, horticultura, medicina e na tecnologia aplicada ao dia-a-dia.

Houve, naquele período, uma mobilização para a “*popular science*”²⁴ e uma separação entre política científica – uma atividade dos cientistas – e popularização (divulgação) – uma atividade de jornalistas especializados (jornalismo científico). Naquela ocasião estabeleceram-se as Associações Nacionais e Internacionais de Escritores Científicos²⁵.

Esteves (2000), considerando as contribuições de Bauer e Massarani e Moreira²⁶ apresenta em seu estudo acerca do suplemento de divulgação científica *Ciência para Todos* que circulou entre os anos de 1948-1953, com o diário carioca *A*

²⁴ Quando Bauer utiliza o termo “popular science”, ele se refere à divulgação científica, (MASSARANI, 1998, p. 143).

²⁵ Trata-se, na verdade, de associações criadas nos Estados Unidos, como a National Association of Science Writers – NASW que foi criada em 1934 (LEWENSTEIN, 1992, p. 47); no Reino Unido, como a Association of British Science Writers – ABSW, criada em 1947; e na França, como l'Association des Ecrivains Scientifiques que foi criada em 1950 (BAUER, 1998, p. 83).

²⁶ MASSARANI, Luisa e MOREIRA, Ildeu. Ondas históricas na divulgação científica no Brasil. Congresso Luso-Brasileiro de História da Ciência e da Técnica, I. 2000, Évora, Aveiro (Portugal).

Manhã, a hipótese “de que houve um aumento do interesse pela ciência na sociedade brasileira durante os anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial” (p. 29). É consoante à hipótese de Esteves que inserimos esta informação na discussão do JP, como sendo o período pós-Segunda Guerra Mundial explicativo para o processo histórico que possibilitou a ampliação da participação da imprensa na sociedade brasileira e, por extensão, o início da circulação dos jornais universitários, em meados dos anos 1980.

Os anos pós-guerra foram marcados por avanços na ciência e na técnica, bem como pela mobilização social. Passou-se a discutir os custos e os riscos do desenvolvimento científico e tecnológico. Daniel Greenberg, por exemplo, chocou a grande maioria dos membros da American Association for the Advancement of Science – AAAS²⁷, da qual era membro da diretoria, com sua proposta de que a associação veiculasse uma revista que abordasse de forma mais geral as questões de política científica, porque, em sua concepção, era um erro presumir que os cientistas estavam sempre certos, quer em assuntos públicos quer em assuntos científicos. Sua frase: “A ciência é séria demais para ficar apenas nas mãos dos cientistas”, poderia muito bem caracterizar esse período de efervescência para a popularização científica e tecnológica (LEWENSTEIN, 1992, p. 54 e 55).

3.2 IMPLICAÇÕES DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NA CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Nos países desenvolvidos, os anos correspondentes ao período da ditadura militar brasileira foram marcados por avanços científicos e tecnológicos acompanhados também por um crescimento na divulgação científica, que por sua vez passava a utilizar cada vez mais os diferentes canais da imprensa.

²⁷ A AAAS, criada em 1848, que não era uma instituição conservadora, logo em seus primórdios, mais precisamente no ano de 1951 havia adotado a declaração de Arden House como política institucional que estatua:

A declaração de Arden House demanda que a AAAS não somente reconheça mas desenvolva ações que enfrentem o problema externo da relação da ciência com a sociedade. Parece-me que seja necessário que a AAAS comece a considerar seriamente o propósito que há muito existe nesta instituição: ‘Os objetivos da American Association for the Advancement of Science são [...] aumentar a apreciação e o entendimento público da importância e possibilidades dos métodos da ciência para o progresso humano (LEWENSTEIN, 1992, p. 52).

No Brasil, nesse mesmo período, a ciência teve um desenvolvimento limitado.

Vargas ao discorrer sobre o assunto declara que:

Embora não se possa negar que o regime militar, de 1964 a 1985, tenha sido desfavorável ao desenvolvimento de certas ciências puras, como a Física Teórica e as ciências humanas, o apoio às ciências exatas e à tecnologia, nesse período, foi intenso a partir de 1970 – talvez por causa da ênfase no desenvolvimento econômico, que dominou a mentalidade tecnocrata de então. Mas tanto as ciências exatas e naturais como as humanas muito sofreram com as aposentadorias compulsórias, os expurgos e afastamentos de cientistas tidos como de esquerda (VARGAS, 2001, p. 120)

Outro indício de limitação no desenvolvimento da ciência no período imediatamente anterior ao militar e que perpassou pelos anos da ditadura, tem a ver com a implantação e a expansão dos cursos de pós-graduação no Brasil.

George Basalla²⁸ (1967) criou um modelo explicativo para a introdução da ciência moderna nas nações não-européias a partir de um eixo original de nações da Europa Ocidental durante os séculos XVI e XVII. Segundo esse modelo, a difusão da ciência foi realizada em três fases. Na primeira, os países periféricos, onde não havia ciência moderna, foram visitados por europeus como objeto de investigação científica. Na segunda fase, a ciência dependente era desenvolvida por estrangeiros e nacionais calcados numa cultura científica estrangeira. Já na terceira fase, a ciência independente estabelece-se por definitivo.

O início da expansão da pós-graduação no Brasil é contextualizado, segundo Vargas (1994, p. 173-175), na terceira fase, e corresponde ao desenvolvimento da ciência nacional:

Poder-se-ia [...] defender a tese de que a 3ª fase do desenvolvimento científico teria tido início no Brasil por volta de 1960, com a instituição dos cursos de pós-graduação em nossas universidades. Evidentemente, é possível que a contribuição científica tenha baixado de nível, ao se estabelecer aqui a pesquisa, em nível de mestrado ou doutorado, por alunos, ainda não convenientemente preparados, em substituição a professores preparados e orientados por fontes estrangeiras. Mas, sem dúvida, ganhou-se com isso a característica de independência, necessária para que, mais tarde, se atinja valor, mantendo-se a independência característica da 3ª fase (VARGAS, 1994, p. 285).

Hoje, o país colhe importantes dividendos com a produção científica e tecnológica elaborada por pesquisadores e cientistas egressos de programas de pós-graduação que se consolidaram no país ao longo de anos recentes. A história da pós-

²⁸ BASALLA, George. The spread of western science. *Science*, v. 156, n. 3775, 05 de maio de 1967.

graduação na própria UNIFESP/EPM é também recente, conforme pode ser constatado na página da pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa²⁹, no portal da universidade.

A essas limitações soma-se, ainda, durante o período de governo militar, o cerceamento da liberdade de imprensa, conforme apontado nesta referência de Pieranti:

O Ato Institucional n. 1, de 1964, suspendeu, temporariamente, as garantias constitucionais, situação intensificada por atos e decretos subsequentes e bem ampliada pelo Ato Institucional n. 5, de 1968. O Decreto-Lei 898, de 1969, conhecido como Lei de Segurança Nacional, e a Lei 5.250, de 1967, conhecida como Lei de Imprensa, estabeleceram limitações à manifestação de pensamento e à liberdade de imprensa. Aliadas a outros dispositivos legais, essas regulamentações facilitaram a coerção, por parte de atores ligados ao governo federal, a profissionais de imprensa.

A censura de conteúdo jornalístico, ainda que não decretada oficialmente, passou a ser exercida com constância. Os meios eram variados: proibições eram passadas informalmente a jornalistas e responsáveis pelas redações, edições de publicações impressas eram apreendidas antes ou depois de serem destinadas à venda avulsa, instalações de empresas jornalísticas sofriam ataques. A censura prévia foi lentamente reduzida a partir de 1975, com o fortalecimento da política de distensão do presidente Ernesto Geisel (PIERANTI, 2006, p. 98).

Com o fim da ditadura militar no Brasil o cenário científico nacional com o conseqüente acesso à informação adquire uma nova configuração como será discutido a seguir.

3.3 A DÉCADA DE 1980 NO BRASIL

A década de 1980 foi bastante significativa na história do Brasil, principalmente em decorrência do fim da ditadura militar e da conseqüente jornada nacional rumo à democratização com todas as suas implicações políticas, sociais, econômicas e

²⁹ “Os cursos de pós-graduação da UNIFESP/EPM foram formalmente reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a partir de 1970. O início da pós-graduação, associado à implantação da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) no mesmo campus, induziu o desenvolvimento acelerado da pesquisa na Instituição, fazendo com que logo se projetasse, nacional e internacionalmente, como um centro de excelência para a formação de mestres e doutores. A nossa Instituição, hoje, mantém em funcionamento 43 Programas na sua Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, 40 deles em nível de mestrado, 38 em nível de doutorado e 8 em nível de mestrado profissionalizante. A grande maioria dos Programas foi credenciada entre 1973 e 1984, ou seja, já está em funcionamento há mais de dez anos”. Disponível em <http://www.unifesp.br/propgp/index.htm> - acessado em 10.10.2006.

educacionais. Foi nessa década que surgiram os jornais universitários e, entre estes, o JP.

O primeiro exemplar do JP veio a público no final da década de 1980, mais precisamente no mês de novembro de 1987, cerca de apenas dois anos após o fim da ditadura militar, que se encerrou oficialmente em 1985, com a eleição em janeiro, ainda por um colégio eleitoral, de Tancredo Neves como presidente do Brasil.

A década de 1980 é emblemática porque sinalizou o fim da ditadura militar e, com ele, o fim das restrições de censura, que por sua vez propiciaram às universidades e instituições afins a retomada de seus programas de comunicação. Foi quando, no país inteiro, surgiram muitos dos jornais universitários, dentre eles o JP.

Com o fim da ditadura e o estabelecimento de um governo democrático, após muitos anos de cerceamento do acesso à informação, a população começou a tomar conhecimento sobre os avanços científicos e tecnológicos que já tinham sido conquistados em outros países e que no Brasil começava a despontar. Melhor ainda, os brasileiros puderam, finalmente, discutir abertamente idéias, propostas e conceitos sem medo - uma liberdade essencial para o desenvolvimento da ciência.

Alguns estudiosos consideram, contudo a década de 1980 como “década perdida” no que diz respeito à sua característica econômica, no entanto, autores como Lafer (2000), Cano (2003) e Antunes (2006), ressaltam naquele período, no contexto brasileiro outras características mais positivas. Para Lafer:

[...] a década de 1980, no plano interno, foi politicamente bem-sucedida com a transição do regime militar para a democracia (LAFER, 2000, p. 262).

Segundo Cano, foi na década 1980 que houve o debate sobre a necessidade de integração da América Latina e da implantação de políticas neoliberais com implicações particularmente relevantes para o Brasil. Ainda de acordo com Cano, naquela década houve um comprometimento no desenvolvimento dos países latino-americanos, incluindo o Brasil, principalmente por seu aspecto econômico, por que:

[...] os Estados Unidos elevaram violentamente a taxa de juros, entre 1978 e 1982, o que aumentou fortemente as dívidas dos países subdesenvolvidos (e de muitos países socialistas), quebrando-os. Entre outras, foram ‘memoráveis’ a quebras da Polônia, México, Argentina e Brasil.... (CANO, 2003, p. 296).

Cano discorre ainda sobre a conseqüência do que chama de “farra” do endividamento externo na década de 1970, quando declara que,

[...] os modelos neoliberais³⁰ impostos desde o final da década de 1980 à América Latina resultaram numa considerável piora de nossas condições econômicas, políticas e sociais, já deterioradas na década anterior (CANO, 2003, p. 298).

Já para Antunes, a década de 1980 pode ter sido perdida para o capital, contudo,

[...] para o mundo do trabalho no Brasil foi uma década de florescimento. Basta dizer que em 80 nasce o Partido dos Trabalhadores, em 83 a Central Única dos Trabalhadores, em 84 o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra... Foi um período de vivificação das lutas sociais (ANTUNES, 2006).

Cabe ainda lembrar que o processo de estabelecimento da Nova Constituição Brasileira deu-se na década de 1980, promulgada em 1988, um ano após o lançamento do JP, sendo que esta nova Carta Magna representa uma súpula das conquistas democráticas, quando o país deixou para trás um período histórico marcado pela ditadura militar. Além disso, no âmbito educacional, a vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi promulgada em 1986, um ano antes do lançamento do JP.

O processo de democratização no Brasil foi marcado pelo movimento nacional “Direta Já”, onde nas palavras do senador Pedro Simon, “a nação assistiu à mais espetacular campanha cívica já vivida em sua história” (SIMON, 11/09/2006). Estudantes e intelectuais, em sua qualidade de cidadãos, tiveram uma efetiva participação neste movimento popular.

É neste cenário social da década de 1980 que surgiram os jornais das universidades públicas do Estado de São Paulo, decorrência direta de um momento histórico no qual as universidades nacionais eram reavaliadas conceitualmente.

Buscando entender o momento histórico, em que surgiu o JP, vivenciado no âmbito da educação superior no Brasil apresentamos a seção a seguir.

³⁰ No contexto acima apresentado, Mariluce Moura apresenta uma síntese da década de 1980 da seguinte forma:

[...] encontrava-se então em um momento de pujança o discurso triunfante do neoliberalismo... a ideologia do neoliberalismo disseminava ao mundo seus ‘novos’ valores, exportados como condição *sine qua* do desenvolvimento econômico-social dos países: governo mínimo, abertura ou fim dos controles sobre o comércio e o capital externo nas economias emergentes para sua inserção internacional. No plano econômico, avançava sob esse discurso a possibilidade de uma aceleração sem precedentes na circulação dos capitais e nos fluxos financeiros por todo o planeta, tecnologicamente sustentada pela rede mundial de computadores que começava a funcionar na segunda metade da década de 1980. Era parte do fenômeno da chamada globalização que emergia (MOURA, 2006, p. 141).

3.4 A LEGISLAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E O JP

Entendendo que as universidades são grandes produtoras de conhecimento científico, e considerando que a criação do JP está intrinsecamente ligada a esse cenário de produção do conhecimento, consideramos relevante fazer um pequeno histórico sobre a instituição universidade no Brasil do ponto de vista legislativo.

Assim, nessa seção apresentamos excertos das constituições, bem como das Leis de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB), textos que estabelecem o papel social da universidade e, por extensão, definem a comunicação da universidade com o público externo, papel que o JP cumpria no processo de sua veiculação mensal.

Nossa intenção não é a de discutir a universidade brasileira. Para isto, seria necessário um estudo muito mais aprofundado e com uma especificidade diferente da abordagem tomada aqui. O que fazemos são algumas considerações pontuais sobre a universidade brasileira destacando a sua contribuição em prol do avanço científico em um contexto nacional e internacional com o objetivo de comprovar a consolidação e a maturidade dessa produção científica, e com o propósito de discutir a responsabilidade social que a universidade tem na divulgação dessa ciência produzida dentro de suas instalações, e do papel preponderante ocupado pelo jornal universitário neste cenário.

A história do ensino superior no Brasil é bem recente quando comparada com a história da universidade no continente europeu, por exemplo, que aconteceu ainda no século XII, e mesmo comparada a outros países da América do Sul, como Peru, Chile e Argentina, cujas primeiras universidades datam dos séculos XVI e XVII.

A primeira universidade brasileira foi criada em 1934. A própria EPM foi elevada à condição de universidade apenas em 1994. Considerando que a ciência brasileira desenvolve-se majoritariamente no contexto das universidades públicas, a despeito de sua história recente, o levantamento que fazemos da legislação do ensino superior nas Constituições e nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação nacional é imprescindível para o entendimento do papel social da universidade quanto à comunicação desta com a sociedade na sua proposição de divulgação científica. Ao fazermos esse levantamento, o correlacionamos com este estudo do JP.

Assim, apresentamos, a seguir, uma síntese dos conteúdos das constituições nacionais e das Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no que concerne ao ensino superior e que está vinculado aos propósitos expostos no parágrafo anterior.

3.4.1 A Constituição de 1824

Dois incisos do Artigo 179 da Constituição de 1824 reportavam-se à educação, como pode ser constatado abaixo. Nessa primeira Constituição, há previsão para a oferta do ensino primário e na forma da lei havia previsão para o estabelecimento de universidades no território nacional ainda no período do Brasil Império, o que não foi obviamente efetivado. Não há referência à Ciência e Tecnologia. Apresentamos a seguir dois excertos do Artigo 179 que tratam da educação:

Art. 179. A inviolabilidade dos Direitos Civis, e Politicos dos Cidadãos Brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade, é garantida pela Constituição do Imperio, pela maneira seguinte:

[...]

XXXII. A Instrucção primaria, e gratuita a todos os Cidadãos.

XXXIII. Collegios, e Universidades, aonde serão ensinados os elementos das Sciencias, Bellas Letras, e Artes.

3.4.2 A Constituição de 1891

Na primeira constituição republicana, a educação nacional não é tratada num capítulo específico, mas inserida no Capítulo IV, que discorria acerca das atribuições do Congresso Nacional. Essa constituição reportava-se ao ensino superior, não o fazendo, contudo, no contexto de universidades como pode ser constatado no parágrafo 30 do artigo 34 e no parágrafo 3º do artigo 35:

Art 34 - Compete privativamente ao Congresso Nacional:

[...]

30) legislar sobre a organização municipal do Distrito Federal bem como sobre a polícia, o ensino superior e os demais serviços que na capital forem reservados para o Governo da União;

[...]

Art 35 - Incumbe, outrossim, ao Congresso, mas não privativamente:

[...]

3º) criar instituições de ensino superior e secundário me Estados;

Ainda neste Capítulo IV, no parágrafo 2º, há uma referência à ciência:

Art 35 - Incumbe, outrossim, ao Congresso, mas não privativamente:

2º) animar no País o desenvolvimento das letras, artes e ciências, bem como a imigração, a agricultura, a indústria e o comércio, sem privilégios que tolham a ação dos Governos locais.

3.4.3 A Constituição de 1934

Juridicamente, essa constituição é considerada como a que apresenta dispositivos tipicamente constitucionais e inaugura uma nova fase na história constitucional brasileira. No que diz respeito à educação, é quando, pela primeira vez, aparece a idéia do estabelecimento de diretrizes nacionais:

Art 5º - Compete privativamente à União:

[...]

XIV - traçar as diretrizes da educação nacional

Essa constituição, no Capítulo II, ao tratar da Educação e da Cultura, fazia referência à promoção da Ciência no artigo 148:

Art 148 - Cabe à União, aos Estados e aos Municípios favorecer e animar o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura em geral, proteger os objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do País, bem como prestar assistência ao trabalhador intelectual.

Além disso, o Artigo 150, ainda dentro do capítulo destinado à Educação e Cultura, detalhava a competência da União, do qual destacamos o item a:

Art 150 - Compete à União:

a) fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; e coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o território do País;

O artigo 152, do mesmo Capítulo II, retomava o tema do plano nacional da educação, versando sobre a sua elaboração, que de fato só veio a acontecer em 1961.

Art 152 - Compete precipuamente ao Conselho Nacional de Educação, organizado na forma da lei, elaborar o plano nacional de educação para ser aprovado pelo Poder Legislativo e sugerir ao Governo as medidas que julgar necessárias para a melhor solução dos problemas educativos bem como a distribuição adequada dos fundos especiais.

No ano em que essa Constituição foi promulgada, o Estado de São Paulo implantava a Universidade de São Paulo (USP), a primeira universidade brasileira. Já a Escola Paulista de Medicina iniciava, em 1934, seu segundo ano de existência.

3.4.4 A Constituição de 1937

A Constituição de 1937 retoma nos Artigos 15 e 16 a idéia da organização da educação nacional orientada por diretrizes:

Art 15 - Compete privativamente à União:

[...]

IX - fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, traçando as diretrizes a que deve obedecer a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude.

Art 16 - Compete privativamente à União o poder de legislar sobre as seguintes matérias:

[...]

XXIV - diretrizes de educação nacional;

No capítulo destinado à Educação e Cultura, há uma referência à Ciência, mas não há referência ao ensino superior:

Art 128 - A arte, a ciência e o ensino são livres à iniciativa individual e a de associações ou pessoas coletivas públicas e particulares.

É dever do Estado contribuir, direta e indiretamente, para o estímulo e desenvolvimento de umas e de outro, favorecendo ou fundando instituições artísticas, científicas e de ensino.

3.4.5 A Constituição de 1946

A Constituição de 1946 foi promulgada em um momento de crise mundial das ditaduras direitistas e no fim da Segunda Guerra Mundial.

Destacamos que esta constituição também inseria a previsão para o estabelecimento de diretrizes e bases da educação nacional no Artigo 5º, inciso XV, item d:

Art 5º - Compete à União:

[...]

XV - legislar sobre:

[...]

d) diretrizes e bases da educação nacional

3.4.6 A Constituição de 1967

A Constituição de 1967 foi promulgada no período em que o país era governado pelo regime militar. A exemplo da Constituição de 1946, sucessivos Atos Institucionais marcaram essa Constituição. O Ato Institucional nº 5, por exemplo, limitava as liberdades públicas e individuais, contradizendo todas as constituições anteriores e até mesmo o Artigo 150 dessa mesma constituição que, na letra da Lei, assegurava as liberdades individuais. Durante os seus 21 anos de vigência, essa Constituição foi fragmentada por inúmeras emendas constitucionais.

Quanto à educação, essa Constituição manteve o texto referente à competência da União para o estabelecimento e uma legislação das diretrizes e bases da educação nacional:

Art 8º - Compete à União:

[...]

XIV - estabelecer planos nacionais de educação e de saúde.

[...]

XVII - legislar sobre:

[...]

q) diretrizes e bases da educação nacional; normas gerais sobre desportos.

Nessa Constituição não há uma referência direta ao ensino superior, mas o Artigo 171, em seu parágrafo único, versa sobre a Ciência e Tecnologia:

Art 171 - As ciências, as letras e as artes são livres.

Parágrafo único - O Poder Público incentivará a pesquisa científica e tecnológica.

3.4.7 A Constituição de 1988

Nas Constituições anteriormente apresentadas, localizamos apenas referências ao ensino superior, à Ciência e à Tecnologia. Contudo, foi exclusivamente na Carta Magna promulgada em 1998 e em vigência que pudemos fazer correlações entre a legislação e o JP, no que diz respeito à participação social da universidade, à comunicação da universidade com a sociedade e à cultura científica. Não é sem razão que essa Constituição recebeu a alcunha do senador Ulysses Guimarães, de “Constituição Cidadã”.

A referência à educação começa no Artigo 22, inciso XXIV:

Art. 22. Compete privativamente à União legislar sobre:

[...]

XXIV - diretrizes e bases da educação nacional;

O inciso V do Artigo 23 versa sobre a competência da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência:

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

[...]

V - proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência.

Pela primeira vez na história das Constituições aparece a palavra universidade, como pode ser visto no Artigo 207, no qual a universidade é entendida em seu caráter de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O parágrafo 2º prevê a

possibilidade de recebimento de apoio financeiro para as atividades de pesquisa e extensão:

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

[...]

§ 2º - As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público (Integrante do artigo 213 que dispõe sobre os recursos públicos).

O Artigo 213, ao tratar da aplicação dos recursos públicos, insere no parágrafo 2º as atividades universitárias de pesquisa e extensão:

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

[...]

§ 2º - As atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do Poder Público.

No Artigo 214, que trata do plano nacional de educação, o seu inciso V insere o texto concernente à promoção científica e tecnológica:

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do Poder Público que conduzam à:

[...]

V - promoção humanística, científica e tecnológica do País.

Incluimos também, dessa constituição, a inferência à Cultura Científica a partir da leitura do capítulo que trata da Cultura (Seção II), nos incisos III e V e no parágrafo 3º do Artigo 216:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

[...]

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

[...]

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

[...]

§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

Essa constituição, dentre as constituições nacionais, é a única que dedica um capítulo para legislar sobre a ciência e a tecnologia. O Artigo 218 e seus parágrafos 3º e 5º reportam-se a ações por parte do Estado e do Distrito Federal quanto à promoção, ao incentivo e ao apoio à Ciência e Tecnologia. Também faz referência à destinação do apoio financeiro:

Art. 218. O Estado promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa e a capacitação tecnológicas.

[...]

§ 3º - O Estado apoiará a formação de recursos humanos nas áreas de ciência, pesquisa e tecnologia, e concederá aos que delas se ocupem meios e condições especiais de trabalho.

[...]

§ 5º - É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular parcela de sua receita orçamentária a entidades públicas de fomento ao ensino e à pesquisa científica e tecnológica.

Nesta seção, buscamos registrar inferências a partir dos textos das sete Constituições do Brasil e das três LDB da educação nacional correlacionadas ao contexto deste estudo que discute o JP enquanto jornal universitário de divulgação da ciência produzida pela UNIFESP/EPM.

Ao longo da história de sete constituições, constatamos que os temas ensino superior, ciência e tecnologia foram incluídos nos textos constitucionais, havendo uma certa progressão quanto à abrangência de sua inserção e ao detalhamento da legislação.

A Constituição Imperial de 1824 orientava sobre as universidades que só viriam a se tornar realidade no país 100 anos depois, a partir da fundação da USP em 1934.

A primeira Constituição Republicana, promulgada em 1891, introduziu no texto constituinte o tema Ciência, declarando ser uma incumbência não privativa do Congresso “animar” o desenvolvimento da Ciência.

A Constituição de 1934 introduziu pela primeira vez a concepção de traçar e fixar diretrizes para a educação nacional, e reintroduziu a questão de “animar” o desenvolvimento das Ciências como incumbência da União e dos Estados.

Na Constituição de 1937, é declarado que caberia ao Estado contribuir para o estímulo e desenvolvimento da Ciência, bem como para o favorecimento e a fundação de instituições científicas.

A Constituição de 1946 silencia quanto à Ciência, mas reforça a questão das diretrizes e bases da educação nacional, como o fizera também a constituição anterior.

Sob o Regime Militar, a promulgação da Constituição de 1967 garantia, na letra da lei, a liberdade, que na prática foi cerceada com o estabelecimento de Atos Institucionais, entre eles o AI5, que promulgado em 1968, representou o ápice da radicalização do Regime Militar e foi responsável pela evasão do país ou silenciamento de muitos intelectuais e cientistas brasileiros. Essa Constituição declara que é de competência do poder público o incentivo à pesquisa científica e tecnológica.

Por fim, a Constituição Cidadã de 1988 trouxe como novidade, no âmbito da Ciência, a declaração da competência da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em proporcionar os meios de acesso à Ciência, bem como à Cultura (Cultura Científica inclusa por inferência), e à Educação. Nessa Constituição, é declarada pela primeira vez, o caráter de indissociabilidade do objetivo da universidade – ensino, pesquisa e extensão –, que “poderão receber apoio financeiro do Poder Público”. Essa Constituição introduz um capítulo destinado à Ciência e Tecnologia, no qual declara-se que o Estado “promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa e a capacitação tecnológicas”. As “criações científicas” são entendidas como patrimônio cultural, cujo texto insere-se em capítulo específico à Cultura, donde inferimos, contudo, referir-se também à Cultura Científica.

Quando a Lei considera que as criações científicas e tecnológicas são integrantes culturais, percebemos a possibilidade de fazer uma inferência à cultura científica, bem como ao incentivo para a promoção da divulgação científica.

Concluída esta retrospectiva da história das Constituições brasileiras, a seguir procuramos contextualizar a análise do JP correlacionando-a a uma discussão sobre as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

3.4.8 A Lei de Diretrizes e Bases – 1961

No período entre as Constituições de 1946 e 1967, mais precisamente no ano de 1961, foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). O encaminhamento dessa primeira LDB ao Legislativo data de 1948. Depois de 13 anos de debates, o texto final foi finalmente promulgado pelo presidente João Goulart em 20 de dezembro de 1961, sob número de Lei 4.024/61. Um período de quase 30 anos

separou a previsão da LDB, constante na Constituição de 1934³¹ até a sua real efetivação em 1961.

Os capítulos I, II e III da LDB 4.024/61, tratam respectivamente “Do Ensino Superior”, “Das Universidades” e “Dos Estabelecimentos Isolados de Ensino Superior”. No entanto, com exceção da referência no Artigo 66, que ao tratar do Ensino Superior declarava constar entre os seus objetivos a pesquisa³², não pudemos fazer outra inferência sobre uma possível correlação à responsabilidade social da universidade, ou à comunicação da universidade com a sociedade ou à divulgação científica. O Artigo 66 assim declarava:

Art. 66. O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes, e a formação de profissionais de nível universitário.

No item c do Artigo 69 há uma referência à extensão, circunscrita à ministração de cursos em estabelecimentos de ensino superior, contudo não há nenhuma correlação a uma abrangência maior das ações da universidade junto à sociedade, como o da divulgação científica, objeto deste estudo:

Art. 69. Nos estabelecimentos de ensino superior podem ser ministrados os seguintes cursos:

[...]

c) de especialização, aperfeiçoamento e extensão, ou quaisquer outros, a juízo do respectivo instituto de ensino abertos a candidatos com o preparo e os requisitos que vierem a ser exigidos.

3.4.9 A Lei de Diretrizes e Bases – 1971

A LDB 5.692/71 foi promulgada quando o governo estava sob regime militar e o presidente da República era o General Emílio Garrastazu Médici. Essa LDB tratava especificamente das diretrizes e bases relacionadas ao ensino de 1º e 2º graus, tendo ficado conhecida como Lei da “reforma do ensino médio”. Não há, nessa LDB, nenhuma inferência que pudesse ser correlacionada aos propósitos do estudo do JP.

³¹ Artigo 5º, inciso XIV.

³² Subtende-se aqui que uma pesquisa só pode ser considerada como realmente concluída quando ocorre a comunicação dos seus resultados.

3.4.10 A Lei de Diretrizes e Bases – 1996

Não foi objetivo neste estudo entrar no mérito das inúmeras discussões de que a LDB 9.394/96 tem sido alvo desde a sua promulgação, quanto à sua controversa aprovação, à polêmica quanto à sua interpretação e ao fato de ser uma lei indicativa e não resolutiva das questões que envolvem as lides diárias da educação. Nossa intenção, a exemplo do que foi feito nas apresentações anteriores acerca das Constituições, foi verificar a possibilidade de inferir correlações com a responsabilidade social da universidade em fazer comunicação pública do conhecimento científico nela elaborado, de modo que pudesse melhor compreender o papel do JP enquanto jornal universitário. De fato, é com essa LDB que tais inferências puderam ser feitas de forma mais acentuada.

No Capítulo 4 dessa vigente LDB, insere-se a legislação sobre o ensino superior, entre os Capítulos 43 ao 57, de onde destacaremos os tópicos que são mais relevantes para o estudo do JP.

O Artigo 43 versa sobre as finalidades da educação superior, sendo que no inciso III, o trabalho de pesquisa e investigação científica é abordado visando o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e a criação e difusão da cultura.

A primeira inferência é a de que a cultura científica está inserida dentro dos objetivos da educação superior. De acordo com o segundo capítulo desta tese, onde se discorre acerca dos procedimentos metodológicos deste estudo, o inciso III emprega apropriadamente o termo difusão ao se reportar à difusão da cultura como finalidade da educação superior. A difusão da cultura, incluindo a cultura científica dá-se por disseminação num ambiente acadêmico e científico e por divulgação para um público diversificado, empregando, por exemplo, o jornal universitário como meio. Versa a Lei:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

[...]

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

[...]

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

Uma das finalidades da educação superior é também a promoção da divulgação dos conhecimentos culturais, científicos e técnicos elaborados no âmbito universitário, conforme o texto da Lei, em seu inciso IV (*op. cit.*). Essa divulgação declara o texto, pode ser feita por meio do ensino e de publicações. Quando o texto ressalta “*outras formas de comunicação*”, percebemos uma forte correlação com o estudo acerca do JP.

Dentre as finalidades da educação superior, pela leitura dos incisos VI e VII do mesmo Artigo 43, fazemos inferência quanto à responsabilidade social da universidade porque o texto discorre sobre questões como a prestação de serviços à comunidade e o estabelecimento de uma relação de reciprocidade com esta:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

[...]

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

Fazemos uma correlação entre o inciso VII do Artigo 43 – que versa sobre a promoção da extensão universitária visando a difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição –, com o inciso IV do Artigo 44, que também trata da extensão universitária:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

[...]

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Artigo 44. A educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas:

[...]

IV – de extensão, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.

No âmbito das Leis de Diretrizes e Base da Educação, na primeira delas, a LDB 4.024/61, a presença do tema Ciência é limitado, mas essa LDB insere a questão da extensão universitária, em cujo contexto sugerimos a inserção das ações das universidades em prol da divulgação científica.

O contexto da LDB de número 9.394/96 permite fazer correlações e aplicações às questões relacionadas ao tema deste estudo. Essa LDB insere o papel da difusão da cultura no inciso III do Artigo 43, quando trata da Educação Superior e do incentivo ao trabalho de pesquisa e investigação científica. O texto não é explícito à Cultura Científica, mas implicitamente entendemos que a mesma está inclusa quando o texto fala sobre a difusão da cultura. A difusão da cultura científica como já visto anteriormente dá-se por disseminação entre pares de especialistas e por divulgação quando é dirigida para o grande público.

O inciso VII desse mesmo Artigo 43 trata da extensão à população da criação cultural da pesquisa científica e tecnológica (portanto, cultura científica) que são geradas na instituição de ensino superior. Extensão, no contexto desta Lei tem um sentido mais amplo que o estabelecido na LDB 4.024/61, que limitava a extensão apenas ao oferecimento de cursos. Como a LDB 9.394/96 é uma lei indicativa, acreditamos ser possível inserir, aqui, o cumprimento da responsabilidade social da universidade do ponto de vista da comunicação pública com a sociedade, a molde do que a UNIFESP/EPM fazia com a veiculação do JP.

A LDB 9.394/96, como já discutido acima, faz referência literal à divulgação dos conhecimentos científicos, que entendemos incluir a divulgação científica, como parte integrante das finalidades da Educação Superior. Ao mesmo tempo, essa LDB versa que a divulgação pode dar-se por diferentes formas de comunicação (inciso IV, Artigo 43). Consoante a essa declaração, entendemos como já declarado, inserir-se aqui o projeto editorial do JP.

A conclusão parcial acerca da correlação entre os excertos das Constituições e das LDB acima apresentadas e as ações de divulgação científica desenvolvidas pelo Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM durante o período de circulação do JP, e particularmente com relação ao próprio projeto editorial desse jornal, que havia um respaldo e uma previsão na legislação do Ensino Superior que justificavam tais ações e as inseriam dentro de um contexto que extrapolava a mera divulgação de informações ou divulgação institucional, e que estavam, por princípio, dentro do cumprimento de uma das responsabilidades da universidade.

3.5 EXEMPLOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DA UNIVERSIDADE E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Apresentamos como exemplo da maturidade e da relevância da produção científica brasileira e da contribuição da universidade na sua elaboração, o destaque de capa do periódico científico *Nature*³³ publicado em 13 de fevereiro de 2000, que tratava do mapeamento completo do genoma da *Xylella fastidiosa*, possível apenas com o trabalho conjugado e cooperativo de diferentes pesquisadores, dos quais destacamos a representação significativa daqueles que trabalham nos laboratórios universitários.

O JP reportou-se ao projeto Genoma-*Xylella* em matéria publicada na edição 127, de janeiro de 1999: “Cientistas mapeiam código genético da praga da laranja”. O jornal fazia a divulgação científica da participação da UNIFESP/EPM no projeto com pesquisas realizadas em seus laboratórios de imunoparasitologia e biofísica. A matéria comunicava o encerramento da participação da universidade no projeto, informando ainda que, com o sucesso alcançado com o projeto da *Xylella*, a UNIFESP/EPM abria caminho para participar de um programa muito maior, o Genoma Humano e do projeto genoma-câncer.

Outro indicativo da produção científica nacional que perpassa pelo âmbito das universidades foi apresentado no seminário “Avaliação da Produção Científica”, realizado em São Paulo pelo projeto SciELO³⁴, tendo como referência uma pesquisa realizada em bases de dados internacionais, principalmente a do Scientific Information Institute (ISI). O crescimento da ciência brasileira, segundo levantamento na base de dados do ISI no período de 1981 a 1993, foi de 60%. Já a produção geral da ciência nacional no período entre 1987 a 1998 foi de 65%, superior ao crescimento da produção científica no Chile, na Argentina, na Colômbia e no México (MENEZHINI, 1998, p. 219).

Apresentamos ainda dois outros exemplos pontuais da produção científica da universidade brasileira. Um deles a partir de uma discussão da inserção da Universidade de São Paulo como uma universidade de classe internacional. O outro faz

³³ Dos 36 pesquisadores que assinam o artigo em questão, “The genome sequence of the plant pathogen *Xylella fastidiosa*”, 16 são da USP, quatro são da UNICAMP, quatro da UNESP, dois da UNIFESP/EPM, um pesquisador é da Universidade de Mogi das Cruzes, dois são de instituições do exterior e sete de institutos de pesquisa nacionais.

³⁴ Scientific Electronic Library Online

referência à expansão da produção científica de uma área específica da medicina, fruto de uma análise científicométrica e bibliométrica de artigos publicados em periódicos indexados pelo ISI.

Schwartzman (2006) fez um estudo de caso da Universidade de São Paulo (USP), no qual a contextualiza dentro do programa do ensino superior brasileiro e discute se a mesma poderia ser considerada como uma universidade de pesquisa de classe internacional, segundo padrões preconizados por Phillip Altbach³⁵ (2003).

Acerca da inserção da USP no contexto brasileiro, Schwartzman a destaca como:

[...] a primeira universidade a ser estabelecida no Brasil [...] e permanece a mais importante universidade pública do país [...] *responsável pela educação de uma grande parcela dos doutores do país* e por uma grande parcela da pesquisa acadêmica aqui realizada” (SCHWARTZMAN, 2006, p. 164, 168) - [grifo acrescentado].

Schwartzman apresenta ainda a informação de que, no *ranking* da Survey of Earned Doctorates 2003 – Table 3, a USP ocupa o topo das dez universidades que mais concederam doutorados no Brasil e nos Estados Unidos em 2003, conforme o apresentado no Quadro 1, destacando que:

Nenhuma instituição norte-americana forma mais doutores do que a USP, exceto se juntarmos todos os campi da University of Califórnia (SCHWARTZMAN, 2006, p. 161-162) - [grifo acrescentado].

³⁵ Tendo ALTBACH, P. G. (The costs and benefits of world-class universities. *International Higher Education*. Fall 2003), como referência, Schwartzman reporta-se aos critérios que uma universidade deve preencher para ser considerada de classe internacional: “1. Pesquisa de alta qualidade; 2. Liberdade de pesquisa; 3. Autonomia acadêmica; 4. Infra-estrutura e 5. Recursos”. Além disso, são também incluídos os seguintes critérios: “cosmopolitismo; diversidade; gestão moderna; combinação de professores nativos e estrangeiros e inglês como segunda língua” (SCHWARTZMAN, 2006, p. 179, 181). Consideramos o estudo de Schwartzman como sugestivo de ser aplicado às demais universidades brasileiras, e em particular à UNIFESP/EPM, da qual o JP era um dos veículos de comunicação.

Quadro 1 – As dez universidades que mais concederam doutorados no Brasil e nos Estados Unidos em 2003.

Instituição	Nº de Doutorados Concedidos
Universidade de São Paulo	2.180
University of California (Berkeley)	767
Universidade de Campinas (Unicamp)	747
Nova Southeastern University (Flórida)	675
University of Texas (Austin)	674
Universidade do Estado de São Paulo (Unesp)	663
University of Wisconsin (Madison)	643
Universidade Federal do Rio de Janeiro	653
University of Michigan (Ann Arbor)	618
University of Minnesota (Minneapolis e St. Paul)	565

Fonte para instituições dos Estados Unidos: Survey of Earned Doctorates 2003, Table 3. Os dados sobre instituições brasileiras também são de 2003 (SCHWARTZMAN, 2006, p. 162) .

Ao apresentar a conclusão do estudo de Schwartzman de que o Brasil “necessita de universidades de classe internacional” (p. 185), é nossa intenção reforçar o primeiro parágrafo desta seção acerca da relevante produção científica da universidade brasileira e da necessidade de pensar sobre a sua divulgação científica, tendo o JP como exemplo.

Aquilo que Schwartzman encontrou como a realidade da USP poderia ser estendido às demais universidades brasileiras:

[...] a USP é relativamente desconhecida no âmbito internacional e não está bem colocada em diversos *rankings* internacionais de universidades publicados recentemente. Isso pode ser atribuído, em parte, à ignorância internacional generalizada sobre o Brasil. Neste ensaio, contudo, argumentamos que é também resultado da falta de um esforço explícito da universidade e das autoridades públicas para torná-la uma influente instituição de pesquisa de classe internacional, tal como se entende hoje. Ao

adotarmos essa perspectiva, também conseguiremos entender melhor a difícil situação atual da educação superior brasileira como um todo (SCHWARTZMAN, 2006, p. 162) - [grifo acrescentado].

Outro exemplo que pontuamos diz respeito aos resultados de um levantamento coordenado pelo professor Jair Mari, da UNIFESP/EPM, sobre o crescimento da pesquisa brasileira em psiquiatria, psicobiologia e saúde mental dentro dos nove programas de mestrado e doutorado nas áreas de psiquiatria, neuropsiquiatria, psicobiologia e saúde mental, oferecidos pelas universidades brasileiras.

O levantamento foi feito no período entre 1998 e 2002. Utilizando critérios científicométricos e análise bibliométrica, foi calculado um índice de eficiência acadêmica do programa de pós-graduação, um índice do número de teses por orientador e um índice de produtividade. Na conclusão desse estudo, Mari *et al.* asseveram:

*A despeito de significativas barreiras enfrentadas pela comunidade científica brasileira (principalmente financeiras e dificuldades em escrever), a produção científica brasileira em saúde mental está crescendo. O número de artigos publicados em periódicos indexados pelo ISI dobrou entre 1998 e 2001, sem um significativo aumento no número de pós-graduandos ou teses acadêmicas, sugerindo que os programas de pós-graduação estão mais orientados para a pesquisa, resultando em uma maior qualidade e produtividade científica. Baseado nestes dados, é plausível prever uma tendência em aumento na produção para os próximos anos, embora ainda sejam essenciais. investimentos para manter este crescimento (MARI *et al.*, 2005, p. 649 e 659) [grifo acrescentado].*

Objetivamos, com as informações acima apresentadas, demonstrar o grau de amadurecimento da ciência brasileira produzida pela universidade pública e exemplificar o teor das informações científicas que circulavam pelas páginas do JP, que divulgava os resultados da produção científica da UNIFESP/EPM. Alia-se a esta particularidade as demais ações promovidas pelo Departamento de Comunicação, que objetivavam compartilhar com a sociedade ampliada o conhecimento científico elaborado naquela universidade, ações nas quais entendemos estar subtendida a concepção do conhecimento como representando um bem comum.

Ao considerar algumas das características da universidade brasileira pautadas pelo movimento de reforma, concordamos com Chauí (2003) quando esta assevera que a universidade nacional incorpora os ideais das revoluções sociais do século XX, principalmente quanto à particularidade da democratização do saber. Entendemos que o jornal universitário é uma forma de expressão dessa democratização do saber:

[...] a educação e a cultura passaram a ser concebidas como constitutivas da cidadania e, portanto, como direitos dos cidadãos, fazendo com que, além da vocação republicana, a universidade se tornasse também uma instituição social inseparável da idéia de democracia e de democratização do saber: seja para realizar essa idéia, seja para opor-se a ela, no correr do século XX a instituição universitária não pôde furtar-se à referência à democracia como uma idéia reguladora (CHAUÍ, 2003, p. 5).

Embora não tenha sido pretensão discutir exaustivamente e com a profundidade que outro estudo poderia fazê-lo, este estudo lança um olhar sobre a reforma do ensino superior brasileiro que mobilizou a universidade brasileira, em seu sentido plural, para o cumprimento pleno de sua missão. A universidade privilegiava o ensino e a pesquisa e passou, a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, até por força da legislação, a inserir programas sociais de extensão universitária. Sendo assim, sugerimos pelo que abstraímos da análise da legislação do ensino superior, que o JP e as outras ações pró-divulgação científica promovidas na UNIFESP/EPM durante a trajetória do jornal poderiam ser entendidas como projetos de extensão universitária.

3.6 DISCUSSÃO HISTÓRICA DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA PUBMED

Enquanto analisávamos os textos documentais do JP, cursamos a disciplina Pesquisa Bibliográfica e Metodologia do Trabalho Científico, oferecida pela Biblioteca Central da UNIFESP/EPM. Nessa disciplina os pós-graduandos são auxiliados pelas bibliotecárias no estabelecimento de estratégias para o resgate de informações publicadas nos periódicos científicos, indexados nas mais importantes bases de dados das ciências da saúde. Este é um subsídio muito importante para quem faz pesquisa na área das ciências da saúde, e as bibliotecárias detentoras de um treinamento bastante especializado respondem com sucesso às necessidades dos pesquisadores.

A pesquisa do JP com seu componente histórico, interessada em discutir a divulgação científica das ciências da saúde num primeiro momento foi particularmente “estranha” às bibliotecárias acostumadas a lidarem com questões mais específicas das ciências da saúde. Felizmente a competência das mesmas possibilitou a configuração de um quadro que é discutido nesta seção.

Nosso propósito ao freqüentar a disciplina em questão, era resgatar informações que abordassem a temática da divulgação científica das ciências da saúde

que tivessem sido publicadas em periódicos científicos, de preferência com considerável nível de fator de impacto. Pressupomos que a presença do tema divulgação científica nos periódicos científicos indicaria o interesse da comunidade científica com a comunicação pública e que, portanto, o JP, enquanto veículo de comunicação de uma universidade estava na direção certa ao fazer a divulgação científica das ciências da saúde.

O quadro anexo PubMed (número 2) mostra que nosso empreendimento foi bem-sucedido. E a exemplo da comemoração nacional por ocasião da publicação na *Nature* dos resultados do mapeamento completo do genoma da *Xylella fastidiosa*, quanto à divulgação científica também pudemos expressar o nosso contentamento: “Deu na *Lancet*!” O prestigioso periódico científico *The Lancet*, fator de impacto JCR³⁶ 2005 correspondente a 23.407, publicou na edição de 7 de fevereiro de 2004 (volume 363, número 9407, pág. 491), a carta de três médicas do Breast Cancer Action Group, Austrália que discorria sobre a comunicação científica em linguagem acessível, ou seja, sobre a divulgação científica:

Dado o interesse público despertado pelas pesquisas científicas, nós acreditamos que os periódicos médicos deveriam ser um canal entre o cientista, o clínico e público... provendo informações acuradas para a comunidade em geral... As informações científicas resumidas fornecem informações para leitores com algum conhecimento específico... mas essa informação freqüentemente é tão especializada e esotérica para outros membros da comunidade, incluindo jornalistas e muitos membros da própria profissão médica... Acreditamos que a publicação de resumos informativos destinados à sociedade devem ser adicionados às publicações médicas... devendo incluir informações sobre background do estudo, o que já se sabe acerca da droga ou doença, porque o estudo foi realizado, como foi feito, quem foram os participantes, como eles foram recrutados, de onde vieram, quais os riscos envolvidos, a interpretação dos resultados, a implicação dos resultados para o paciente ou para a comunidade e a possível necessidade de estudos posteriores para subsidiar os resultados... Nossa visão para o periódico *The Lancet* e outros periódicos médicos é que informações destinadas à sociedade tornem-se integrantes das publicações médicas (CROSSING, LOCKWOOD e MANASZEWICZ, 2004, pág. 491-492).

Subsidiados por esta informação, bem como pelas outras discutidas anteriormente neste estudo e pelas demais constantes no quadro PubMed, confirmamos a pressuposição de que os periódicos científicos indexados nas principais bases de dados das ciências da saúde estavam discutindo a divulgação científica das ciências da saúde. Portanto, a UNIFESP/EPM tinha o respaldo da comunidade científica internacional para a publicação do JP e para o desenvolvimento de todas as

³⁶ Journal Citation Report

ações em prol da divulgação científica que mais acentuadamente na terceira fase do JP começavam a se intensificar na universidade.

3.7 O JP ENQUANTO ELEMENTO CONTRIBUTIVO PARA O EMPODERAMENTO EM SAÚDE

O estudo do JP está ainda contextualizado dentro de um período em que, a partir da década de 1990, começou-se a discutir o fenômeno do empoderamento social, que é melhor entendido neste trabalho com a discussão que apresentamos a seguir. Esta pesquisa sugere que o JP tenha contribuído, durante sua trajetória, para o processo de empoderamento em saúde, conforme proposição da Organização Pan-americana da Saúde (OPAS)³⁷.

O empoderamento social passou a ter uma importante repercussão a partir de 1995, ocasião em que o cientista indiano Amartya Sen ganhou o Prêmio de Ciências Económicas, patrocinado pelo Banco Central da Suécia, estabelecido em memória de Alfred Nobel. Sen preconizava em seus estudos que a qualidade de vida deveria ser medida pelo grau de liberdade, resultado de um empoderamento social, e não pelo grau de riqueza. O educador brasileiro Paulo Freire, em sua obra publicada no Brasil em 1970, *Pedagogia do Oprimido*, bem como nas demais obras que se seguiram, empregava o termo libertação no mesmo sentido que empoderamento. Volnei Garrafa (2005), ao discutir o fenômeno, levando em consideração a proposição de Paulo Freire, declara que o termo empoderamento tornou-se dominante pela relação ao aspecto econômico, tendo sido incorporado ao léxico sanitário com uma utilização bastante aceita.

A proposta feita neste trabalho é que o JP representou uma contribuição no processo de empoderamento em saúde, embora compreendamos que empoderamento tem uma implicação muito mais profunda do que simplesmente a divulgação de informação.

³⁷ A OPAS define empoderamento como: Mecanismo pelo qual pessoas, organizações e comunidades adquirem força e experiência na administração de seus assuntos – conforme <http://www.opas.org.br/ambiente/risco/tutorial6/p/glossa.html>. Acesso em 23 de fevereiro de 2006.

³⁷ Disponível em <http://www.opas.org.br/coletiva/temas.cfm?id=17&Area=Conceito>. Acesso em 23 de fevereiro de 2006. Estratégias de "empoderamento" da comunidade supõem, entre outras iniciativas, a educação para a cidadania, a socialização de informações, o envolvimento na tomada de decisões dentro de um processo de diagnóstico, o planejamento e a execução de projetos e ou iniciativas sociais – conforme <http://www.opas.org.br/coletiva/temas.cfm?id=17&Area=Conceito>. Acesso em 23 de fevereiro de 2006.

A partir do que a OPAS conceitua como empoderamento, destacamos dois aspectos nos quais percebemos uma correlação com o JP. Integram o conceito de empoderamento “*um total e contínuo acesso à informação*” e “*a educação para a cidadania, a socialização de informações*”³⁸. É consoante a esta particularidade que entendemos a contribuição do JP durante os 16 anos de sua circulação, com seu conteúdo de informação em saúde transmitida a cada nova edição mensal.

Destacamos o fato de o JP ter sido desenvolvido dentro de uma universidade que, na época de sua circulação, dedicava-se exclusivamente à área das ciências da saúde, e que o seu projeto editorial antecipou-se às discussões que surgiram *a posteriori* acerca do empoderamento em saúde.

Como acima apresentado, consideramos o JP como um instrumento contributivo para o empoderamento de seus leitores. Entre estes incluímos os próprios especialistas em saúde. Entendemos que, a despeito de sua formação especializada, estes também obtinham do JP uma contribuição para o seu próprio empoderamento. Lefrève e Lefrève (2004), ao discorrerem sobre a comunicação social em saúde sob os pontos de vistas produtivo, técnico e dos indivíduos, entendem que o próprio profissional da saúde necessita ser também “empoderado”, porque, ao comunicar sua mensagem na assistência ao cidadão comum, não se tem como garantia definitiva de que a sua mensagem seja atendida e adotada (LEFRÉVE e LEFRÉVE, 2004, p. 32-38).

Feitas essas considerações acerca da intersecção entre o empoderamento em saúde e o JP passaremos a discutir a correlação entre os jornais universitários, mais especificamente o Jornal da USP e o JP.

3.8 O JP E OS JORNAIS DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

O jornal universitário, embora conserve semelhanças com os jornais publicados pelas demais empresas jornalísticas, detem características particulares que tornam o seu estudo um objeto diferenciado. O jornal universitário é produzido em um contexto acadêmico, onde ocorre a efervescência da produção científica nacional. Essa proximidade com o centro gerador da informação possibilita um fluxo interno de

³⁸ Disponível em <http://www.opas.org.br/coletiva/temas.cfm?id=17&Area=Conceito>. Acesso em 23 de fevereiro de 2006.

informação privilegiada que, conseqüentemente, pode ser melhor canalizada no formato de divulgação pelas páginas do jornal universitário.

O JP, que tem seu nascedouro no ano de 1987, pode ser analisado dentro do contexto do início do surgimento dos jornais universitários. A relação do JP com os jornais universitários é feita no limite de um sucinto relato do surgimento dos jornais das universidades públicas do Estado de São Paulo. Não se objetiva aqui discutir os jornais universitários, embora isso representasse uma importante contribuição ao cenário das discussões acerca do estabelecimento de políticas de comunicação universitária. Na revisão bibliográfica para a elaboração deste trabalho deparamo-nos com pouco material discutindo especificamente esse assunto.

Dentre os jornais das universidades públicas do Estado de São Paulo, o *Jornal da USP* foi o primeiro a ser criado, no ano de 1985. Em 1986, surgiram os jornais da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em 1987, foi lançado o *Jornal da Paulista*, como o jornal da Escola Paulista de Medicina (EPM) e, em 1991, o *Jornal da Federal*, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), foi o último jornal a ser lançado entre as universidades públicas paulistas.

O *Jornal da USP* foi o primeiro a se tornar semanário. O da UNICAMP circulou mensalmente até o mês de abril de 2002, sendo que a partir do mês de maio daquele ano passou a circular semanalmente. O *Jornal da UNESP* mantém-se como uma publicação mensal desde a sua criação.

Dessas iniciativas, o *Jornal da Federal* e o *Jornal da Paulista*, coincidentemente jornais de universidades federais, não são mais publicados.

Uma nota veiculada com a matéria “Como ampliar o acesso à universidade pública”, no Boletim Informativo da Reitoria da UFSCar, o *Informando*, edição de 17 a 23 de março de 2003, comunicava que aquela matéria havia sido originalmente preparada para o *Jornal da Federal*. No entanto, segundo a nota, o jornal encontrava-se “suspenso por questões financeiras” (*Informando*, 2003, 17-23/3, p. 3).

Quanto ao *Jornal da Paulista*, pelo depoimento colhido junto à sua última diretora, Eliana Oliveira, em entrevista realizada em 22 de dezembro de 2005, infere-se que o motivo para a suspensão de sua publicação possa também ter sido circunstanciado por questões financeiras. No entanto, não foi localizada nenhuma comunicação oficial, quer nas páginas do JP ou em outro documento, informando o que realmente motivou o encerramento da publicação. Da mesma forma como não foram

localizados registros explicativos sobre a descontinuidade dos demais produtos e das iniciativas que o Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM promovia até o ano de 2003.

3.9 JORNAL UNIVERSITÁRIO, O JUSP E O JP

Antes de iniciar a descrição e análise propriamente dita do *Jornal da Paulista* (JP), apresentamos algumas informações que serviram de subsídio para o estudo do mesmo. Como o gênero jornal universitário pertence a uma categoria específica de jornal, que em princípio difere do gênero jornais da grande mídia, nosso objetivo, nesta seção, é discutir o conceito de jornal universitário de forma a servir de referencial para o estudo do JP. Assim, utilizamos como referência para entender o jornal universitário uma tese de doutorado que discorre sobre o tema, bem como opiniões de intelectuais sobre o Jornal da USP, e por inferência sobre o gênero jornal universitário, coletadas de uma análise no próprio Jornal da USP e no Boletim da Agência USP de Notícias.

Como já notificado, a única referência bibliográfica localizada discutindo o jornal universitário foi a tese de doutorado “A universidade no papel”, de Laurindo Leal Filho, defendida em 1990. Embora essa tese tivesse o *Jornal da USP* (JUSP) como estudo de caso, Leal Filho calcado em sua experiência³⁹ conceitualiza o jornal universitário da seguinte forma:

No meu objetivo específico foi possível conceitualizar o jornal universitário como um elemento difusor das realizações da administração, como socializador dos trabalhos desenvolvidos na instituição, como integrador da comunidade através das informações ou ainda como uma combinação deles todos (LEAL FILHO, 1990, p. 9).

Conquanto a divulgação científica não ocupe o eixo principal da pesquisa de Leal Filho como corresponde à nossa análise do JP, o JUSP e o JP detêm características semelhantes por serem veículos de divulgação da ciência elaborada na Universidade. A experiência de especialista de Leal Filho permitiu-lhe fazer uma

³⁹ Laurindo Leal Filho, na abertura de sua tese de doutorado, apresenta três experiências que lhe permitiram formular conceitos básicos sobre o jornal universitário. Estas experiências foram: 1. Oito anos de vida profissional no telejornalismo da TV Cultura de São Paulo - tema de sua dissertação de mestrado; 2. Cinco anos de experiência com jornal universitário, que envolveram: a) reformulação, em 1985, do *Poranduba*, jornal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e b) Transformação do *Jornal da USP* em semanário em 1987; e 3) Implantação, em 1989, do Jornal da Universidade Federal de São Carlos – o *Jornal da Federal*.

análise crítica e política do JUSP, o que não é o caso de nossa análise do JP, com a qual procuramos entender a contribuição do mesmo como veículo de divulgação científica.

O eixo norteador do estudo de Leal Filho acerca do JUSP partiu da formulação da hipótese de que:

O jornal universitário reflete o estágio de democratização vivido pela instituição, marcada profundamente por situações de conflito, sejam acadêmicos (inerentes à própria ciência), sejam funcionais (LEAL FILHO, 1990, p. 10).

Do capítulo em que Leal Filho apresenta as conclusões de sua pesquisa, inferimos uma referência ao gênero jornal universitária e ao JP em particular, quando ao discorrer sobre o caso da USP declara que em sua história a

... necessidade de existência de meios de comunicação jornalísticos na Universidade [é uma] decorrência da alta produção noticiosa originária da instituição, [e que] os meios de comunicação que surgiram ao longo do tempo não são frutos de idéias desvinculadas do real, mas ao contrário, são decorrência da necessidade constatada na prática cotidiana (p. 133).

A título de comparação entre o JUSP e o JP, fazemos menção à edição comemorativa do exemplar número 500 do JUSP, edição de 21 a 27 de fevereiro de 2000. A Agência USP de Notícias, no Boletim número 512, de 18 de fevereiro, dava o seguinte destaque àquela edição comemorativa:

Fundado em junho de 1985, o *Jornal da USP* é um dos poucos jornais universitários que têm edições semanais. A maioria das universidades públicas faz edições mensais de seus jornais universitários, que geralmente enfocam a produção acadêmica (com destaque para a pesquisa) e eventos das universidades. "Os demais jornais universitários se restringem muito à universidade", diz Rollemberg. "O *Jornal da USP* tem uma visão mais aberta, mais crítica. Há a preocupação em dar uma visão mais ampla e não olhar tanto para o nosso umbigo". Na opinião do diretor, o diferencial do jornal é "o pluralismo da discussão, uma preocupação humanista de discutir a realidade do país sob a ótica uspiana" (Agência USP de Notícias, Boletim 512, 18 de fevereiro de 2000).

Essa nota é elucidativa por duas razões, a primeira delas por apontar o aspecto mais crítico e político desenvolvido pela linha editorial do JUSP em comparação com a linha editorial do JP. E em segundo lugar, porque, de fato, o JP enfocava mais a divulgação da produção científica da universidade. A despeito disto, bem como a despeito dos editores do JP, na ocasião em que esta nota da Agência USP de Notícias foi escrita, e que corresponde ao início da terceira fase do JP, ainda destacarem a

contribuição do jornal para a divulgação da instituição, ainda assim, não entendemos o JP como um jornal voltado para o “umbigo” da universidade. A especificidade da UNIFESP/EPM, uma realidade bem diferente da realidade da USP, permitia ao JP dar a sua parcela de contribuição à sociedade na divulgação científica das ciências da saúde, independente de não ter a abordagem política que o JUSP tinha. O JP não se restringia à universidade, o Jornal da Paulista Informa, a partir de junho de 1999, passara a desincumbir exclusivamente dessa função. O JP direcionava-se à sociedade a partir de informações geradas na universidade, e nas colunas que foram introduzidas na segunda e terceira fases também polemizavam os temas específicos da saúde, adentrando assim, de certa forma no campo político.

Apresentamos a seguir uma síntese das opiniões que os intelectuais emitiram acerca do JUSP e a partir das mesmas fazemos inferências sobre o gênero jornal universitário, particularizando para o caso do JP. Utilizamos esses depoimentos como uma aproximação a um referencial do que deveria ser um jornal universitário, na ausência de um referencial teórico propriamente dito.

3.10 O JORNAL UNIVERSITÁRIO DISCUTIDO POR INTELLECTUAIS

Como já apresentado anteriormente, com exceção da tese de doutorado de Laurindo Leal Filho, não foram localizados estudos que têm como objeto de pesquisa o jornal universitário. Dessa forma como referência na identificação dessa modalidade jornalística e que auxiliou a melhor compreender a identidade do JP, utilizamos os depoimentos de um grupo de intelectuais⁴⁰ da USP que ao fazerem observações sobre o Jornal da USP (JUSP), possibilitaram, por extensão, uma melhor compreensão sobre a identidade do jornal universitário e conseqüentemente sobre a identidade do próprio JP.

As opiniões foram resgatadas a partir da edição comemorativa de número 500 do JUSP (fevereiro de 2000), publicadas na matéria “O jornal sob a crítica dos leitores”, sendo assim sintetizadas:

⁴⁰ Antonio Carlos Massola, Myriam Krasilchik, José Jairo de Sales, Ernest Hamburger, Eliseu Martins, Júlio Marcondes Filho, Wanderley Messias da Costa, Murilo Marx e Hernan Chaimovich.

1. O jornal universitário é um importante documento daquilo que a Universidade faz no seu dia-a-dia.
2. O jornal universitário desempenha um papel significativo na divulgação de informações, devendo dar ênfase à difusão das pesquisas realizadas por pós-graduandos de todas as unidades da Universidade.
3. O jornal universitário deve trazer reportagens sobre temas polêmicos, bem como entrevistas e depoimentos de especialistas.
4. O jornal universitário ao evitar a publicação de matérias longas deve veicular textos curtos que englobem todas as informações necessárias ao bom conteúdo.
5. O jornal universitário não deve limitar sua circulação apenas à comunidade acadêmica e sim ampliar o seu acesso à comunidade extra-muros.
6. O jornal universitário deve ter cuidado com a escolha das pautas e com a cobertura adequada das matérias que veicula.
7. O jornal universitário representa uma importante experiência de comunicação na área do jornalismo científico.
8. O jornal universitário deve estabelecer uma efetiva intercomunicação entre os vários órgãos que compõem o universo da Universidade.
9. O jornal universitário deve manter regularidade em sua publicação de modo a lhe conferir credibilidade.

Uma vez estabelecida esta caracterização do jornal universitário, discorreremos a seguir acerca de uma experiência de comunicação científica realizada por professores universitários utilizando os meios de comunicação de massa, bem como sobre empecilhos de uma comunicação efetiva, tendo em vista a compreensão da possibilidade de expressão que os jornais universitários oferecem aos docentes e pesquisadores que têm sua base de atuação nas universidades, e particularmente com relação ao JP.

3.11 A COMUNICAÇÃO PÚBLICA POR PARTE DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS E AS DIFERENÇAS ENTRE CIENTISTAS E JORNALISTAS

Conforme verificamos na análise do JP, este jornal era também utilizado pelos docentes da UNIFESP/EPM como canal para a comunicação pública de suas pesquisas. Esta associação encontra correspondência na pesquisa realizada por Boni (1992) com professores da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e na pesquisa de Kyvik⁴¹ (2005) realizada com professores das universidades da Noruega.

Boni procurou verificar o grau de difusão de Ciência e Tecnologia da UEL em publicações não-especializadas e Kyvik objetivou examinar a extensão na qual professores universitários dos vários campos do saber publicam para o público leigo.

Dos 73 professores entrevistados por Boni, 45 (61,64%) já haviam procurado algum veículo de comunicação de massa para divulgar seus trabalhos, sendo que as revistas foram os veículos mais utilizados (por 39 professores), seguido dos jornais (14 professores), TV (7 professores) e Rádio (5 professores).

Os professores entrevistados por Boni apontaram, no entanto, aspectos negativos com relação à divulgação de seus trabalhos nos meios de comunicação de massa. Ao responderem a que atribuíam esses resultados negativos, mencionaram: “Falta de jornalistas especializados em Ciência e Tecnologia no mercado de trabalho” e; “Os jornalistas não conseguem transmitir informações científicas corretamente”.

O estudo de Boni tem uma particular implicação com uma das ações promovidas pelo Setor de Imprensa da UNIFESP/EPM constatada durante o processo de análise do JP, como será melhor discutido durante a apresentação da terceira fase do jornal, e que é aqui sucintamente mencionada. A informação científica veiculada no JP, sob a perspectiva de divulgação científica, era elaborada por jornalistas que se especializaram na área da saúde e que trabalhavam em sintonia com os especialistas científicos, fato este que eliminava os “ruídos” de comunicação que tanto atrapalham as relações cientistas - jornalistas.

Com relação à crítica dirigida aos jornalistas que trabalham com a divulgação científica, Garcia e Barrichello (2003, p. 107), com dados obtidos em um estudo acerca da percepção sobre a divulgação científica, realizada com pesquisadores científicos, apontam que:

⁴¹ Svein Kyvik publicou em 2005 os resultados da pesquisa realizada em duas etapas a primeira em 1992 e a segunda em 2001.

- 47% dos pesquisadores consultados já tiveram algum tipo de problema na divulgação de suas pesquisas na mídia, sendo estes os principais problemas detectados:
 - Mudança no sentido da informação (30,4%).
 - Imprecisão de linguagem (25%).
 - Troca de informação (14%).
 - Superficialidade (8,5%).
 - Falta de contextualização (7%).
 - Imprecisões numéricas (6,2%).
 - Sensacionalismo (5,4%).

Em estudo semelhante, porém com um grau de aprofundamento significativamente maior, Chappell e Hartz, publicaram no ano de 1997 uma pesquisa acerca das relações entre jornalistas e cientistas, cujos resultados, com respostas colhidas junto a cerca de 1.400 cientistas e jornalistas, resultaram no documento *Worlds Apart*, publicado em janeiro de 1998. O documento foi produzido com o objetivo de servir de parâmetro para ambas as categorias: aos jornalistas que trabalham com a divulgação de ciência - como um incentivo ao empreendimento na área, e aos cientistas que querem que o público desenvolva um entendimento mais profundo acerca do trabalho que desenvolvem.

Uma síntese das suas proposições para diminuir a distância entre cientistas e jornalistas e, o que possibilitaria ao conhecimento científico tornar-se efetivamente um bem comum é a seguir apresentada, e por sua vez, é correlacionada aos esforços dos membros do Setor de Imprensa da UNIFESP/EPM em aproximar jornalistas, divulgadores científicos e pesquisadores da universidade, conforme pode ser constado na discussão do capítulo sete deste estudo:

- Os cientistas e jornalistas devem buscar o caminho do diálogo:
 - Cientistas devem receber treinamento com jornalistas e jornalistas devem receber treinamento com cientistas.
- A comunidade científica deve treinar comunicadores para falarem para disciplinas científicas diferentes.

- Jornalistas devem aumentar seu entendimento de, e treinamento nas ciências.
- Editores de artigos científicos devem exigir que os autores incluam resumos de seus resultados escritos em linguagem simples.
- Jornalistas devem utilizar artigos científicos revisados por pares para orientar seus textos de divulgação científica.
- Todas as disciplinas científicas devem utilizar os recursos da Internet e desenvolver páginas eletrônicas de comunicação, da mesma forma assim o fazendo os meios de comunicação.

Com relação à pesquisa de Kyvik (2005, pp. 288-311), ressaltamos duas de suas conclusões, que apresentam uma implicação direta com a veiculação pública de informações da área da saúde, especificamente no campo da medicina:

1. Uma proporção substancial dos membros das universidades norueguesas publica artigos científicos populares e contribuem para o debate público. Cientistas prolíficos na publicação de artigos científicos são mais ativos neste particular que seus colegas menos produtivos, contando-se um pequeno número dos membros das universidades com um número desproporcional de artigos destinados ao público leigo. Aqueles oriundos das ciências humanas e sociais são mais ativos em seus papéis de intelectuais públicos e popularizadores do que seus colegas das ciências naturais, médicas e da tecnologia.
2. O fato de que membros das universidades abaixo dos quarenta anos da medicina e tecnologia publicam agora artigos científicos populares na mesma proporção que as gerações mais jovens pertencentes às ciências humanas e sociais pode ser atribuído a um novo senso de valor e de atitudes adotadas por aqueles em ascensão profissional relacionada ao reconhecimento da importância do público em geral.

As informações apresentadas nesta seção indicam que professores universitários, ainda que não a maioria, utilizam-se dos veículos de comunicação de massa, para uma comunicação com o público não acadêmico, e que embora

constatada a existência de diferenças entre cientistas e divulgadores científicos, há, contudo, também um empenho na promoção de ações que procuram minimizar essas diferenças.

A partir do próximo capítulo adentramos especificamente na descrição e análise do JP.

... la situación de las universidades ante los medios de comunicación, se nos ofrece un panorama en el que vende mejor el “producto” informativo de fácil comprensión y elaboración en forma de noticia que el complejo, venden más las actividades académicas y de extensión cultural que las de relacionadas con la investigación. La consecuencia de ello es que, salvo excepciones, los medios de comunicación demandan el tipo de información que los gabinetes de prensa pueden ofrecer con menor dificultad, y viceversa. De esta forma, la universidad no contribuye a divulgar su saber científico, con las consecuencias sociales que ello supone: “los saberes no son socializados, (...) no hasta el punto de elevar el nivel del debate público” (RUIZ Y VALVERDE, 2005, p.268, 269).

CAPÍTULO 4 - CARACTERÍSTICAS DO JP

O objetivo deste capítulo é descrever e analisar as características do *Jornal da Paulista* (JP) em seus aspectos gerais de forma e conteúdo, atentando para a apresentação e análise dos dados levantados nas suas diferentes fases.

O JP foi um jornal universitário que iniciou sua circulação como veículo de comunicação da Escola Paulista de Medicina (EPM) e com a elevação desta à condição de universidade no final de 1994, continuou sua veiculação como o jornal da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/EPM). Criado em 1987, o JP começou a circular a partir do mês de novembro daquele ano. O último exemplar impresso foi publicado em edição dupla, novembro/dezembro de 2003, sob o número de edição 185. A partir da edição 113, publicada em novembro de 1997, o jornal passou a ser disponibilizado também numa versão eletrônica, via portal da UNIFESP/EPM. Após a veiculação do último exemplar impresso, o jornal subsistiu por apenas mais cinco edições na versão eletrônica, exemplar número 190, publicado em maio de 2004, quando seu projeto editorial foi definitivamente abandonado.

Como recorte epistemológico e temporal foram consideradas efetivamente para análise as 185 edições impressas do jornal, que circularam em edições mensais durante o período de 16 anos.

Segue abaixo um quadro síntese que representa graficamente as três fases do JP e auxilia na visualização geral das mesmas.

Na primeira coluna tem-se o número de cada uma das fases. As colunas dois a cinco correspondem ao início de cada fase, sendo que a segunda coluna corresponde ao número de edição do JP que dá início à fase, a terceira coluna apresenta o ano de edição do JP, a quarta coluna indica o mês em que a edição que dá início à fase foi publicada e a quinta coluna apresenta o ano de circulação do jornal. As colunas seis à nove correspondem ao fim de cada uma das fases, seguindo o mesmo critério das colunas dois à cinco, mas referem-se ao último exemplar de cada fase. A décima coluna indica quantos jornais correspondem a cada uma das fases, e a última coluna apresenta a quantidade de jornais em porcentagem.

Quadro 2 – Fases do JP

FASES DO JP										
Fase	Início				Fim				Nº de	%
	Edição	Ano JP	Mês	Ano	Edição	Ano JP	Mês	Ano	Edições	
1ª	1	1	nov	1987	77	7	jul/ago	1994	77	42%
2ª	78	7	set	1994	130	12	mai	1999	54	29%
3ª	131	12	jun	1999	185	17	nov/dez	2003	54	29%
TOTAL =									185	100%

Este estudo toma como referencial os 16 anos de publicação impressa do JP, sendo que a rigor ele circulou por 16 anos e meio. O último exemplar impresso do jornal foi a edição 185 de novembro/dezembro de 2003. Lembrando que o JP iniciou sua publicação no mês de novembro de 1987, o último exemplar impresso corresponde ao início do 17º ano de veiculação e edição do jornal. Como foram veiculados mais cinco exemplares do jornal na versão *on-line*, têm-se então os 16 anos e meio de circulação do jornal. No entanto, como este estudo ateu-se à análise das edições impressas do JP, a delimitação cronológica estabelece-se, portanto, em 16 anos de circulação do jornal.

Para caracterizar cada uma das fases, o primeiro procedimento adotado foi a análise minuciosa de todas as edições do JP, o que correspondeu a uma leitura de 2.554 páginas. As 185 edições impressas do JP circularam com um número que variou de um mínimo de oito a um máximo de 24 páginas.

O quadro “Edições do JP por Número de Páginas” relaciona, na primeira coluna, a quantidade de páginas do JP que durante sua circulação impressa variou de oito a 24. A segunda coluna apresenta a quantidade de edições que trouxeram o número de páginas correspondente à primeira coluna. A terceira coluna apresenta a porcentagem correspondente à relação entre o número de edições da segunda coluna, que o JP circulou com o número de páginas constantes na primeira coluna, e o número total de edições (185). A quarta coluna corresponde, em número de páginas, ao

resultado da multiplicação do número de edições da coluna dois pela quantidade de páginas da primeira coluna. E finalmente, a quinta coluna apresenta o valor percentual correspondente à relação entre a quantidade de páginas da quarta coluna e o número total de 2.554 do JP correspondente às suas 185 edições impressas.

Quadro 3: Edições do JP por número de páginas

EDIÇÕES DO JP POR NÚMERO DE PÁGINAS				
Nº Páginas	Qtde de Edições	% / Total de Edições	Qtde de Páginas	% / Total de Páginas
8	54	29,2	432	17,0
10	2	1,1	20	1,0
12	6	3,2	72	3,0
16	111	60	1.776	69
20	11	6	220	9
24	1	0,5	24	1
Total	185	100	2.554	100

A descrição e análise do JP foram realizadas referendadas pela hipótese de que o jornal, desde o seu início, pode ser identificado como um veículo de comunicação pública de ciências da saúde que se constituiu em um instrumento de divulgação científica ao longo de sua trajetória. No entanto, a primeira fase é

caracterizada por uma ênfase na comunicação voltada para a comunidade interna, e direcionada para a comunidade externa orientada por uma estratégia de marketing institucional. Este período teve início com a publicação do exemplar número 1, veiculado em novembro de 1987, durando até a publicação da edição número 77, de julho/agosto de 1994. Esta fase compreende a 42% do total das 185 edições impressas.

A segunda fase, “intermediária” é caracterizada pelo processo de mudança de identidade do jornal. Nesse período, o jornal foi se configurando como uma publicação voltada também para o público externo. O período abrangido por esta segunda fase teve seu início com a edição 78, de setembro de 1994, e terminou com a publicação da edição 131, de maio de 1999. Nesta fase foram publicadas 54 edições do JP, correspondendo a 29% do total das 185 edições. O marco inicial para esta segunda fase é a inserção, no jornal, da coluna denominada “Pesquisa”, que passou a ser publicada em todas as edições do JP a partir da edição 78.

A terceira fase, “anos de amadurecimento”, é caracterizada pela consolidação do JP como instrumento de divulgação científica em ciências da saúde. O marco que determina o início da terceira fase é o lançamento, pelo Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM, do *Jornal da Paulista Informa* (JP Informa ou apenas JPI). Como abordado anteriormente, esse informativo possibilitou que o JP destinasse mais espaço para a divulgação científica.

A terceira fase iniciou-se com a publicação da edição 132, em junho de 1999, e terminou com o último exemplar impresso, edição 185, de novembro/dezembro de 2003. Nesta fase foram publicadas 54 edições do JP, correspondendo a 29% do total de edições.

Com relação às mudanças de fase, cabe ressaltar que as mesmas não foram marcadas por episódios necessariamente extraordinários. O início de uma nova fase não foi caracterizado por uma transformação radical na linha editorial do jornal. Cada mudança deve ser entendida mais como um processo de transformação de avanço na abordagem da comunicação pública dos temas das ciências da saúde e no aumento da inserção de textos de divulgação científica.

Para subsidiar a análise e compreensão do JP, entre novembro de 2005 a novembro de 2006 foram realizadas dez entrevistas com personagens que estiveram envolvidos com a trajetória desse jornal. Essas entrevistas foram realizadas seguindo a orientação da coleta de informações empregando a História Oral, enquanto técnica e

não como metodologia, como explicado na apresentação - o que implica a consideração das entrevistas em recurso adicional na análise do JP, permitindo obter informações que não foram registradas nos documentos escritos analisados.

No quadro a seguir, constam os nomes dos dez entrevistados, bem como a função que desempenharam no projeto editorial do JP e a data em que a entrevista foi realizada. As entrevistas originais e os textos transcritos estão arquivadas segundo os critérios da História Oral.

Analisando os Expedientes⁴² publicados em todas as edições do JP, foi possível elaborar outro quadro que expande o número de colaboradores do jornal para um total de 48 pessoas, que estiveram relacionadas com a produção e a trajetória do JP. No entanto, a delimitação do número de entrevistas a dez indivíduos deu-se, por um lado, por causa da participação mais efetiva dos mesmos no desenvolvimento do jornal e, por outro, pela dificuldade na localização das demais personalidades, bem como pela limitação de tempo disponível para a finalização da pesquisa.

⁴² **Expediente** – Quadro com os dados gerais da publicação. Consta obrigatoriamente a relação de diretores e editores-chefes e endereços. Como o Departamento de Comunicação não tem nenhum documento relacionado ao JP, o Expediente foi a única fonte que possibilitou a obtenção de tais dados.

Quadro 4 – Entrevistas – Técnica: História Oral

QUADRO ENTREVISTAS - TÉCNICA: HISTÓRIA ORAL			
	Entrevistado	Função	Data da Entrevista
1	Sidnei Abdalla	Dir. Adm e Dir. Comunic. e Rel. Humanas	24/08/2005
2	Heliana Nogueira	Colaboração/Fotos Repórter Jornalista Resp.	07/11/2005
3	Renato Conte	Colaboração Fotos Assess. de Impr.	09/11/2005
4	Miriam Elena Baceto	Colaboração Coord. de Comunic.	22/11/2005
5	Regina Celes de Rosa Stella	Diretora Comunic.	10/11/2005
6	Nader Wafae	Diretor EPM	05/12/2005
7	Izilda Alves	Implantação Assess. Imprensa na EPM	29/12/2005
8	Eliane Oliveira	Editora Executiva	20/12/2005
9	Cláudio Csillag	Editor de Texto	09/02/2006
10	Laurindo Leal Filho	Projeto do jornal e Assessor Editorial	14/11/2006

Como informação complementar ao número de pessoas envolvidas com o projeto editorial do JP ao longo de sua trajetória, a partir de dados constantes nos Expedientes do jornal, elaboramos o quadro, que segue, contendo as seguintes informações: nome, função desempenhada, número da edição do JP em que o nome aparece pela primeira vez, na última coluna foram incluídas algumas observações consideradas significativas.

Quadro 5 – Expediente

EXPEDIENTE				
	Nome	Função	JP	Observações
1	Nader Wafae	Diretor EPM	1	
2	Fernando José de Nóbrega	Vice-Diretor EPM	1	
3	Sidnei Abdalla	Diretor Administrativo	1	Dir. Dept. Com. e Rel. Humanas (Ed.86)
4	Sandra Manfredini	Jornalista Responsável	2	
5	Elzio Carlos Pedroso	Fotógrafo	2	
6	Miriam Helena Cabral	Colaboração	2	Coordenadora de Comunicação (Ed. 164)
7	Lucio Leal	Planejamento visual	2	
8	Laurindo Leal Filho	Projeto e Ass. Editorial	2	
9	Silvia Cristina Borragini	Colaboração	3	
10	Sônia Regina	Colaboração	3	
11	Heliana Nogueira	Colaboração/fotos	5	Ed. 47: Jornalista respons., Report e fotos
12	Hélio Egydio Nogueira	Dir Superint. H.S.P	7; 42	Reitor (Ed. 86 - Jul/1995)
13	Luisa Alcalde	Colaboração/fotos	15	Jornalista Resp. pelo JP (Ed. 43 à 46/46)
14	Sthar-Mar de Vasconcelos	Ilustrador	21	
15	Milton Miszputen	Colaboração	29	
16	Júlio Takayama	Colaboração	30	
17	João Sorima	Colaboração	30	
18	Vito Hugo Ficca	CAPE - Lab. Fotográf.	35	
19	Manoel Lopes dos Santos	Diretor EPM	41	Reitor Pró-Tempore (Ed. 80 - 85)
20	Renato Conte	Colaboração/fotos	44	
21	Álvaro Correa	Publicidade Externa	44	
22	Dulce Dias	Fotos	47	
23	Valdecir A. Barbosa	Diagr. e Montagem	54	
24	João Roberto Oliveira	Reportagem e Fotos	55	
25	Vandir dos Santos	Reportagem e Fotos	55	Ed. 90/91: Reportagem
26	Francisco F. de Almeida	Publicidade Externa	55	
27	Vera e Keith Mayrink Smith	Composição	56	
28	Cecília Dionizio	Jornalista Responsável	57	Ed. 100: Repórter
29	Víctor Cairolí	Diagram. e montagem	58	
30	Sueli Marques	Publicidade Externa	58	
31	Jorge L. Moreira	Fotos	59	
32	Josiane Gregorio Santos	Publicidade Externa	61	Ed. 62: Colaboração; Ed. 90/91: Reportagem
33	Maria Helena Diniz	Secretária redação	69	Ed. 71: Fotografia
34	Cláudia Bredarioli	Jornalista Responsável	100	
35	Glauco Soares.	Editoração eletrônica	100	
36	Carlos Botelho	Diagramação e arte	100	
37	Cláudio Scillag	Edição de texto	107	
38	Eliane Oliveira	Jornalista Responsável	110	
39	Stela Murgel	Fotografia	128	
40	Marcia Kecek	Colaboração	135	
41	Ricardo Zorzetto	Pauta	160	
42	Bolívar Ramos Filho	Arte	160	
43	Andrea Melo	Diagramação	160	
44	Beto Gomes	Pauta	163	
45	Luiz Ferando Vitral	Sub-editor	164	
46	Lia Regina Abbud	Sub-editora	170	
47	Regina Celes de Rosa Stella	Dir. de Comunicação	164	Fevereiro de 2002
48	Ulysses Fagundes Neto	Reitor	181	Julho de 2003

4.1 PRECURSORES DO JP

Os depoimentos de Nader Wafae, Sidnei Abdalla e Miriam Baceto revelaram que, antes do surgimento do JP, circulavam pelo campus da EPM dois informes gerados a partir do Departamento de Administração.

Sidney Abdalla fala acerca de boletins que eram preparados com o auxílio de duas assistentes, no Departamento de Administração, do qual era diretor. Os boletins eram impressos na gráfica da EPM e afixados em murais, em lugares estratégicos do campus universitário:

Pensou-se em fazer a divulgação interna através de boletins impressos afixados em murais, porque naquela época não existia ainda a internet... A gente queria divulgar internamente as teses que seriam defendidas, os eventos que aconteceriam em determinado dia, mas havia a dificuldade do campus ser muito espalhado em vários prédios. Então iniciamos a divulgação pelo uso dos murais em pontos estratégicos do campus, inicialmente colocando um quadro de cortiça ao lado da porta do elevador, num local onde todo mundo podia ver. Com o tempo, esse mural acabou poluído por uma série de propagandas dos alunos, de medicamentos e outras coisas. Então, nós pensamos em evoluir para um jornal que seria impresso e distribuído manualmente para que as pessoas pudessem pegar e ler.

Os boletins eram feitos por mim e pela Miriam Helena Cabral, que foi diretora de comunicação, e pela Lúcia, que era a secretária. Essa foi também a equipe inicial do *Jornal da Paulista*.

Basicamente eu levantava as informações, redigia um texto simples, elas corrigiam o texto e faziam a diagramação em máquinas IBMs. Naquela época tínhamos aquelas Composer IBM. O boletins eram impressos na gráfica da Escola em tamanho A3, porque a máquina da gráfica só trabalhava com aquele formato. Era quase um mimeógrafo, mas já era uma impressora.

Trabalhamos durante um tempo com esse boletim, talvez um ano, ou um pouquinho mais... (ABDALLA, 24/08/2005).

Miriam Baceto trabalhava com Sidnei Abdalla no Departamento de Administração e transferiu-se com ele para o Departamento de Comunicação. Segundo o Expediente do JP, ela ocupou a posição de colaboradora (edição 2) e Coordenadora de Comunicação da universidade (a partir da edição 164 até o último número do jornal). Em seu depoimento, Baceto falou sobre a origem do JP como decorrência de um boletim informativo preparado por Sidnei Abdalla, por ela e que contava também com a colaboração de Sonia Abdalla:

Eu acho que a origem do *Jornal da Paulista* foi uma decorrência do *Boletim Informativo*, que saía exatamente da nossa sala. O Sidnei Abdalla era uma pessoa que tinha muitos contatos. As notícias chegavam até ele com muita frequência, então nós resolvemos

colocá-las num papel e passar para frente. No início, o boletim era 'super' artesanal. A nossa formação não é Jornalismo, a nossa formação é em Relações Públicas. A Sônia também não é jornalista, mas nós tínhamos um português bem escrito... O boletim era uma coisa interna, todas as notícias que chegavam até nós, a gente montava num boletim e distribuía. E aí deu origem ao jornal (BACETO, 22/11/05).

O JP foi também antecedido pela publicação de um anuário da produção científica da EPM, com dados coletados junto a Disciplinas e Departamentos. Nader Wafae declarou em seu depoimento que, em sua gestão, iniciada em março de 1987, essa prática de reunir as informações sobre a produção científica da Escola foi mantida, sendo que com a criação do Departamento de Comunicação e com o início da publicação do JP, a divulgação da produção científica seria feita com maior agilidade, tanto internamente, quanto extramuros, com uma freqüência maior, passando de uma edição anual para uma publicação de regularidade mensal:

Durante o período de um ano eram feitos levantamentos junto a Departamentos e Disciplinas das publicações científicas realizadas pelos respectivos Departamentos.

Esse levantamento anual era feito pelos Departamentos, mas nós achamos que havia necessidade de estendermos essa comunicação das nossas realizações também para fora dos muros da Escola Paulista, foi então que nós criamos o Departamento de Comunicações, nomeamos um diretor para ocupar esse cargo, e esse Departamento responsabilizou-se por uma série de incumbências.

Primeiro nós criamos o chamado *Jornal da Paulista*, por meio do qual nós não esperávamos a publicação do relatório anual, mas possibilitávamos a Departamentos e Disciplinas que mensalmente comunicassem aos demais Departamentos aquilo que estavam realizando. Então, o *Jornal da Paulista* tinha essa incumbência de ir a Departamentos e Disciplinas fazer o levantamento daquilo que eles achavam interessante divulgar... (WAF AE, 05/12/2005).

Essas publicações, aqui mencionadas, não foram as únicas na história da comunicação da UNIFESP/EPM que antecederam o JP. Fazem parte dessa história outros veículos de comunicação que não foram incluídos neste estudo e que poderiam ser objeto de outros estudos, como por exemplo, os jornais elaborados pelos alunos.

O processo de concepção do JP foi uma experiência semelhante ao que Leal Filho discute em seu estudo:

O jornalismo na Universidade é sucessor dos panfletos estudantis, dos boletins das entidades de professores e funcionários e das notas oficiais da administração. A passagem daquelas formas mais simples de comunicação impressa para as mais sofisticadas é um processo ainda em curso na Universidade brasileira (LEAL FILHO, 1990, p. 31).

O JP pode ser entendido como o clímax de um processo de aprimoramento da dinâmica da comunicação imprensa da UNIFESP/EPM. O JP correspondeu ao que Leal Filho assevera acerca do jornal universitário:

Ele se caracteriza pelo seu formato, em sua grande maioria tablóide, pela sua periodicidade regular e pela utilização das técnicas de diagramação e texto consagradas na grande imprensa (*idem*).

Uma vez tendo sido concluída esta caracterização mais generalizada do JP, nos próximos três capítulos discutiremos a descrição e a caracterização das três fases que identificamos ter passado o jornal ao longo de sua trajetória.

La actitud pública frente a la ciencia es ambivalente: por una parte hay interés y admiración, y por otra temor y hostilidad. Se considera que la ciencia es materialista y deshumanizante, arrogante y peligrosa. Sus practicantes son técnicos fríos y sin sentimientos que detentan un gran poder y muestran muy poca responsabilidad. El reduccionismo científico es sospechoso e incómodo y está quitando todo el misterio y el encanto a la vida. Sus aplicaciones en contra del ser humano, bélicas o genéticas, son innegables (MORA, 2000, p. 66).

CAPÍTULO 5 - DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA PRIMEIRA FASE DO JP - (nov/1987 a jul/ago/1994)

A primeira fase do JP é mais acentuadamente marcada pela intenção com que foi criado o jornal: como suporte para a divulgação da instituição, associado a uma estratégia de marketing institucional e para servir como veículo de comunicação interna da então Escola Paulista de Medicina (EPM).

A despeito desta caracterização primária, a hipótese de que o JP, desde o seu princípio, embora de forma incipiente, era um veículo de divulgação científica em ciências da saúde pode ser constatado já na edição número um pela publicação de três matérias, entre outras, que comunicavam informações dentro do contexto das ciências da saúde.

Essas matérias foram as seguintes: “Geneticista japonês ganha Prêmio Nobel”, “Esper traz o Michel Prize para o Brasil” e “Radiação: seus efeitos e sua utilização”. Elas foram veiculadas, respectivamente, nas páginas três, cinco e sete, da primeira edição do jornal. As duas últimas matérias foram destaque de capa.

Como foi possível constatar, e como Sidnei Abdalla ressaltou em seu depoimento, o objetivo primário da implantação do Departamento de Comunicação, na então EPM, visava o marketing externo da instituição, e em segundo plano, responder às necessidades internas de comunicação:

O Departamento de Comunicações foi pensado inicialmente para trabalhar numa visão de marketing. Pensou-se em fazer a divulgação interna através de boletins impressos afixados em murais, porque naquela época não existia ainda a internet, e a comunicação externa deveria ser feita por um setor de assessoria de imprensa. Como subproduto a gente queria divulgar internamente. (Abdalla, 24/08/2005).

O serviço de Assessoria de Imprensa (AI) na EPM surgiu concomitante à criação do JP (e este concomitante à criação do próprio Departamento de Comunicação). A análise dos depoimentos de Sidnei Abdalla e do assessor de imprensa Renato Conte, indicam a estratégia da AI de utilizar o JP como recurso para a divulgação da instituição. A despeito deste objetivo precípua, nossa proposição é a de que ainda assim o JP fazia divulgação científica. A comunicação científica empregando uma linguagem pública, jornalística, como o JP fazia, pode ser percebida sob dois aspectos diferentes, um deles sob a perspectiva do interesse, em primeira instância, de

divulgação da instituição, sua promoção, a fixação de seu bom nome e a vindicação de sua eficiência; o outro, sob a ótica da divulgação científica como princípio de democratização do conhecimento.

Quando se faz divulgação científica encontra-se implícito na comunicação pública da informação não apenas a difusão do conhecimento científico em linguagem acessível, mas também, e implicitamente, a divulgação da própria instituição patrocinadora e dos pesquisadores envolvidos no processo.

Em nossas considerações acerca da primeira fase do JP entendemos que subjazia uma estratégia na distribuição de seus exemplares que era pautada primariamente por interesses vinculados ao marketing institucional, que se explicam também pelas características, na época, da EPM ser uma instituição de ensino superior federalizada, com uma significativa contribuição em ensino, pesquisa e serviço na área da saúde, cujo aporte financeiro público, correspondente ao de uma escola isolada, não era adequado ao grau de dinamismo alcançado pela instituição e para atender às suas reais necessidades.

Propomos ainda, neste trabalho, que embora o JP tenha iniciado a divulgação científica em ciências da saúde sob esta ótica de divulgação institucional e de comunicação interna, já em sua primeira fase, o jornal apresentava elementos de divulgação científica, que estavam mesclados com as características de um veículo de comunicação interna e de divulgação institucional. Contudo, a partir de sua terceira fase, em decorrência de um processo de amadurecimento do jornal que se configurou mais acentuadamente a partir da segunda fase, ele definitivamente se constituiu num instrumento integral de divulgação científica ao mesmo tempo em que fazia divulgação institucional, não como proposição primária, mas como decorrência implícita da divulgação científica.

Sidnei Abdalla foi bastante claro em seu depoimento, quanto ao emprego do JP como uma estratégia de marketing, ao declarar:

[...] eu nunca descuidei desse lado do marketing. É o meu forte. Isso era algo que eu entendia mais [...]. (ABDALLA, 24/08/2005).

O emprego do JP como estratégia de marketing institucional explica-se pela particularidade de um de seus principais articuladores trabalhar diretamente nessa área e também pelo que é discutido a seguir.

Abdalla informa em seu depoimento que buscou a assessoria do professor Laurindo Leal Filho para a elaboração do jornal da EPM. Leal Filho dirigia naquela ocasião, 1987, o *Jornal da USP* e também estava envolvido com a produção do boletim *Pré-Pauta*, que era um veículo de divulgação científica mantido pela Coordenadoria de Comunicação da USP. O *Pré-Pauta* foi para Abdalla, a inspiração para o JP, como pode ser constatado em sua fala:

Quem me ajudou a fazer o projeto editorial do JP foi o Lalo [Laurindo Leal Dias], professor da ECA-USP.

Na época, eu fui procurá-lo porque a USP tinha, além do *Jornal da USP*, um boletim chamado *Pré-Pauta*. Esse boletim era coordenado pelo Lalo e pelo Torquato (Gaudêncio Torquato do Rego). O Lalo trabalhava no setor de Comunicação, que era dirigido pelo Torquato.

O *Pré-Pauta* fazia uma síntese de 10, 12 linhas das principais atividades de pesquisa da Universidade e era distribuído para um grupo seletivo de jornalistas, exatamente como uma pré-pauta para matérias. Se o jornalista se interessasse pela matéria, ele então procurava pela informação.

A idéia era ótima, mas havia uma desvantagem: como ele era um boletim impresso, quando o jornalista o pegava e estava propenso a produzir alguma matéria sobre aquele assunto, na associação de interesses ele procurava mais informações na universidade. Mas quando o jornalista não tinha tempo, ou já tinha outras pautas, ele jogava no lixo ou arquivava aquela informação.

Aqueles que arquivavam, quando precisavam de mais informações sobre um determinado assunto que se lembravam terem visto no *Pré-Pauta*, resgatavam-no do arquivo. Então ele tinha pouco efeito prático para divulgação na grande mídia. Por isso é que, nós aqui, corrigindo essa deficiência, fizemos a assessoria de imprensa. Nós fizemos o que poderíamos chamar de um banco de fontes interno, nós procurávamos saber quais as linhas de pesquisa e o trabalho que cada setor, cada especialidade, cada pesquisador da universidade fazia. A gente registrava isso por ordem alfabética, empregando uma série de técnicas, mas contando basicamente com a memória das pessoas envolvidas no setor de comunicação e, quando alguém da imprensa precisava de uma determinada informação e ligava para a assessoria de imprensa da EPM, nós íamos procurar a pessoa adequada para conceder a entrevista.

Isso começou a funcionar muito bem, e o volume de publicação de espaço na mídia que a Escola Paulista passou a ter foi fantástico, foi flagrantemente maior e tornou, durante bons anos, a Escola com maior espaço em divulgação científica na mídia brasileira (ABDALLA, 24/08/2005).

Com relação ao depoimento acima apresentado, cabem algumas observações. Em primeiro lugar, Leal Filho, em seu estudo sobre o *Jornal da USP* (JUSP), faz uma distinção entre esse jornal e o boletim *Pré-Pauta*. O JUSP adequava-se ao conceito que Leal Filho atribui ao jornal universitário:

[...] um elemento difusor das realizações da administração, como socializador dos trabalhos desenvolvidos na instituição, como integrador da comunidade através das informações ou ainda como uma combinação deles todos (LEAL FILHO, 1990, p. 9).

Já o *Pré-Pauta*, segundo esse mesmo pesquisador:

[...] tratou-se de um significativo avanço sobre os *press-releases* (*ibid.* p. 75).

Segundo o *Glossário de Jornalismo*, por *press-release* entende-se a informação preparada pela assessoria de imprensa e encaminhada aos veículos de comunicação.

Abdalla conferiu ao jornal que se estava instituindo na EPM uma fusão de características que, a rigor, são diferentes. O JP, em sua origem, foi utilizado com a estratégia que a assessoria de imprensa da USP dispensava ao *Pré-Pauta*. Leal Filho, ao se referir ao *Pré-Pauta*, entendê-o como um avanço na dinâmica da prestação de serviço de uma assessoria de imprensa à medida que:

[...] não mais se oferecia para a imprensa um texto final pronto, mas em seu lugar se sugeria, com todas as indicações necessárias, a possibilidade da elaboração de uma pauta sobre um assunto no qual a universidade tinha o seu especialista (*Ibid.*).

A despeito de Abdalla considerar que a estratégia do *Pré-Pauta* não fosse a mais adequada para as necessidades da EPM, Leal Filho constatou quanto ao mesmo que:

[...] os resultados auferidos foram inestimáveis, gerando a partir de notas de 20 linhas matérias de página inteira nos grandes jornais do Rio e de São Paulo (*Ibid.*).

No que diz respeito à pauta jornalística, de acordo com Tavares em seu estudo publicado em 1989, esta é considerada como um instrumento auxiliar da atividade jornalística e atribui à assessoria de imprensa, enquanto atividade que fica “do outro lado das redações”, a responsabilidade de empregá-la com o objetivo de despertar o interesse do pauteiro⁴³. Ao discutir a história do emprego da pauta na mídia brasileira, esse estudioso insere no contexto o boletim *Pré-Pauta* como referência no assunto, apresentando-o da seguinte maneira:

⁴³ "O pauteiro é o 'pensador' por excelência, aquele que na imensidão dos acontecimentos capta o que pode ser transformado em reportagem". BARBEIRO, H. & RODOLFO DE LIMA, P. *Manual de Radiojornalismo*. Rio de Janeiro, Campus, 2001. p. 59. Disponível em http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/forum_d.htm (acessado em 20/05/2006).

- O *Pré-Pauta* é um boletim que contém sugestões de pautas, muitas das quais redigidas de tal maneira que podem ser aproveitadas como texto jornalístico.

No tráfego do *Pré-pauta* no sentido dos destinatários, a Codac [Coordenadora de Atividades Culturais] obedece a certas posturas:

- Jamais solicitar dos jornalistas usuários a divulgação ou aproveitamento de qualquer matéria proposta pelo *Pré-pauta*;
- Fazer a intermediação entre as redações e as fontes somente a pedido dos jornalistas, quando tal procedimento for de seu interesse;
- Atender prontamente, e sem cobranças de aproveitamento, as solicitações da imprensa.

Aplicando o que apreendera do *Pré-Pauta*, Abdalla fez algumas adaptações, adotando outro tipo de postura quanto à aplicação de seu princípio ao JP.

Eliana Oliveira, em seu depoimento, confirmou a concepção de Abdalla ao afirmar que:

O jornal foi tomando muito pé... principalmente, também, quando a gente começou a insistir muito com os jornalistas, mandar jornais para eles... (OLIVEIRA, 20/12/2005).

A relação entre a AI e o JP pode ser melhor compreendida pela declaração de Oliveira, quando em seu depoimento ele se reportou ao *mailing list*:

Começamos a enviar o JP só pela cidade de São Paulo. A gente sentiu que a recepção e a repercussão do jornal era muito boa. Os jornalistas passaram a ligar para nós solicitando informações das matérias do jornal com dois, três dias antes da data do jornal sair, pedindo: 'qual é a sua notícia, qual é a sua notícia...'. Teve um caso muito engraçado da TV Globo, Jornal Nacional, ter-me ligado: 'Eliane, eu quero a sua manchete, mas antes de você'. Imagine, se o *Jornal da Paulista* que tinha uma tiragem de cinco ou sete mil exemplares, poderia concorrer com o Jornal Nacional... Parece até brincadeira.

Aí, nós fomos crescendo esse *mailing*, passamos para o interior. Depois de São Paulo, capital, o interior de São Paulo. Nós tivemos que reformular o *mailing* também, porque até então o jornalista da AI mandava material aleatoriamente para os jornais e não para a pessoa certa no jornal. Todo jornal é subdividido também em especialidades. Tem quem cobre a área de saúde, esportes, etc. Então, nós limpamos todo o *mailing*, fizemos outro, muito bom, para poder enviar o material para um jornalista específico, e então o JP começou a realmente a chegar na mão de quem deveria chegar. E depois de atingirmos o interior de São Paulo, fomos para as grandes capitais do Brasil.

Renato Conte explicitou com mais detalhes, em seu depoimento, o serviço da assessoria de imprensa e como a mesma empregava o JP como um de seus recursos na estratégia de difusão do conhecimento científico produzido pela UNIFESP/EPM. Ao resgatar sua memória acerca do JP, relatou que sua relação com o jornal começou logo no início da publicação do mesmo, como estagiário, quando ainda era estudante

de Jornalismo e trabalhava no setor administrativo da EPM - (seu nome apareceu pela primeira vez no Expediente do JP, na edição 44, publicada em junho de 1991).

Algumas informações fornecidas por Conte estão diretamente relacionadas ao contexto da discussão acima. Ele relatou que logo no início da implantação na EPM do serviço de AI, esta atuava no “levantamento de notícias para compor o jornal”. Ele relatou ainda, que “a assessoria de imprensa não produzia *release*”, sendo que esta atuava mais no “atendimento de pedidos externos” (CONTE, 09/11/05).

Conte forneceu ainda, numa referência associada ao nome de Luisa Acalde⁴⁴, que trabalhava para o Departamento de Comunicação e que também foi estagiária no JP, a informação de que, quando Acalde “ficou sozinha no *Jornal da Paulista*”, este “era ‘vendido’ como assessoria de imprensa” (*Ibid.*).

A associação do depoimento de Sidnei Abdalla ao de Renato Conte, permite concluir que o próprio JP era enviado aos veículos de comunicação como uma espécie de *press-release*.

Laurindo Leal Filho, entrevistado no dia 14 de novembro de 2006, confirmou que o *Pré-Pauta*, assim como escrevera em sua tese de doutorado a respeito do JUSP, sucedeu o *Noticiário para a Imprensa* na USP, e que, diferente deste, não era enviado para os meios de comunicação contendo um texto pronto, mas apenas uma sugestão de pauta, com informações suficientes para que, caso houvesse interesse por parte do jornalista que recebesse o *Pré-pauta*, ele buscasse a complementação das informações junto aos responsáveis pela pesquisa.

O JP, logo no início de sua veiculação era enviado aos meios de comunicação com textos publicados como matérias completas, justamente o que o boletim *Pré-Pauta* deixou de fazer ao substituir o *Noticiário para a Imprensa*. No entanto, a estratégia adotada por Abdalla associava a concepção do *press-release Pré-Pauta* a uma eficiente atuação do serviço de Assessoria de Imprensa, tendo o JP como instrumento para divulgar o nome da instituição.

A distribuição do JP para os meios de comunicação não aconteceu imediatamente à sua criação. Pelo depoimento de Renato Conte pode-se perceber pelo menos três momentos distintos dessa experiência na trajetória do jornal. Num primeiro

⁴⁴ O nome de Luisa Acalde apareceu pela primeira no Expediente da edição 15. Nesta edição, seu nome está arrolado sob as funções: Colaboração e Fotos. Já em Expedientes das edições 43 à edição dupla 45/46, o seu nome está arrolado como Jornalista Responsável pelo JP. Neste momento em que Acalde ficou como jornalista responsável pelo JP, Conte se reporta a um momento, logo após a saída de Nader Wafae da direção da EPM, no qual o jornal “corria o risco de sumir” (CONTE, 09/11/05).

momento, o jornal circulava quase que exclusivamente dentro do perímetro da universidade, atendendo uma demanda de comunicação tanto administrativa quanto interdepartamental. Em um segundo momento, ele passou a ter um perfil mais profissional, e o jornal começou a ser enviado às redações da imprensa em geral. Finalmente, num terceiro momento, quando o serviço da Assessoria de Imprensa estruturou-se melhor e teve assegurado o seu espaço na universidade, a redação do JP passou a elaborar *releases*, das matérias a serem publicadas, que por sua vez começaram a ser enviados antecipadamente aos meios de comunicação, seguido pelo envio do JP:

O nosso jornal era uma coisa mais interna, em que muita notícia séria, no mesmo veículo de 8 páginas, dividia espaço com informações, do tipo orientações, por exemplo, como repor um vidro numa janela, e comunicação das teses defendidas na Escola. Era uma coisa interna, não era distribuído para as redações.

Com o tempo isso mudou, criou-se uma postura mais profissional, e o jornal passou a ser enviado para todas as redações. Isso gerava uma procura maciça pela Universidade Federal de São Paulo. Nossas matérias eram veiculadas citando como fonte o *Jornal da Paulista*. O jornal dedicava à área de saúde oito páginas!

Em 1997 foi criado um novo perfil do *Jornal da Paulista*, bem jornalístico, a equipe de jornalistas apurava o material, levantava as teses na BIREME⁴⁵, entrevistava o orientador, o autor da tese, fechava aquele pacote, traduzia aquela tese para a linguagem jornalística e mandava para fora, para todas as redações. E a assessoria de imprensa trabalhava com as pautas antes do fechamento do jornal.

A assessoria de imprensa 'vendia' as pautas para todo o Brasil. Então, nós atendíamos de Norte a Sul, disso eu sei porque eu fazia o relatório mensal. Nós tínhamos toda a abrangência do país inteiro, por porcentagem, o que apareceu acerca da UNIFESP no Brasil inteiro nos jornais de grande circulação (CONTE, 09/11/05).

Ainda consoante à primeira fase do JP, levantamos outro uso do mesmo, além daqueles acima descritos. Tendo como fonte os depoimentos de Sidnei Abdalla e de Nader Wafae, levantamos a informação acerca do estabelecimento de um escritório representativo da EPM em Brasília, criado pouco tempo depois ter sido estabelecido o Departamento de Comunicação na instituição e sob coordenação do mesmo. Há uma correlação quanto a este dado e o uso do JP, conforme discutido a seguir.

⁴⁵ BIREME – Centro Latinoamericano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde

5.1 ESCRITÓRIO REPRESENTATIVO DA EPM EM BRASÍLIA

Segundo o depoimento de Nader Wafae, coletado em 05 de dezembro de 2005, o escritório em Brasília objetivava servir de intermediário “entre a EPM e os Ministérios”, bem como “junto à CAPES, ao CNPq e à FINEP”. O escritório facilitaria a articulação da EPM – seus respectivos Departamentos, Disciplinas e pesquisadores – com os órgãos de fomento à pesquisa e ao ensino superior.

O escritório em Brasília objetivava divulgar a produção científica da EPM e os seus serviços em prol da saúde pública. Como decorrência dessa divulgação poderia possibilitar a captação de recursos financeiros para melhorar o ensino, incentivar as pesquisas e aumentar a quantidade, bem como melhorar a qualidade dos serviços prestados à população.

Sidnei Abdalla, figura chave na idealização e criação do JP associou em seu depoimento, coletado em 24 de agosto de 2005, dois objetivos que explicavam a criação do JP, um principal e outro secundário. O principal tem uma conotação com o estabelecimento do escritório em Brasília.

O JP, ao qual se associaram concomitante à sua trajetória outros produtos comunicacionais como o *Jornal da Paulista Informa*, a revista *Saúde Paulista* e o site *Saúde Brasil*, Manual Corra que a imprensa vem aí, além de seminários, workshops e cursos, tinha como objetivo principal, segundo Abdalla, “influenciar através da mídia as pessoas que tinham poder de decisão que pudesse beneficiar a EPM”.

O objetivo secundário, ou “como subproduto”, segundo Abdalla e em concordância com o depoimento de Wafae, era o de organizar a comunicação interna de uma instituição cujo *campus* se espalhava por vários prédios, e que necessitava de um elemento aglutinador, que permitiria “divulgar internamente” as informações de interesse comum, como defesa de teses, eventos e informes administrativos, o que já era feito de forma limitada por meio dos boletins que eram afixados nos murais da instituição e do anuário da produção científica.

Em seu depoimento, Abdalla relatou que, na distribuição das verbas orçamentárias governamentais para as instituições públicas de ensino superior, era destinado, às escolas isoladas, como era o caso da EPM na época, um aporte financeiro menor do que aquele destinado às universidades, que não supria as suas reais necessidades das instituições, tampouco permitindo seus planos de expansão. Dessa forma, segundo relatado por Abdalla, o escritório que representava a EPM em

Brasília foi estabelecido para trabalhar a possibilidade de captação de recursos financeiros adicionais. Neste particular, era importante tornar público a relevante contribuição da instituição em termos de ensino, pesquisa e, sobretudo, em serviços prestados junto ao hospital universitário. O JP divulgaria, como de fato o fez, pelo seu conteúdo informativo, os feitos da EPM e do Hospital São Paulo.

Este posicionamento de Abdalla parece coadunar com as observações feitas por Silva em seu estudo sobre o estabelecimento da Escola Paulista de Medicina. A EPM foi fundada em 1933 como uma sociedade civil sem fins lucrativos embora de caráter particular com cobrança de mensalidades (SILVA, 1998, pp. 63, 65). No entanto, declara Silva:

[...] mesmo tendo sido iniciada como uma instituição de ensino particular, os responsáveis pela criação da EPM sempre tentaram deixar claro que a Escola direcionava seu trabalho para as atividades públicas, colocadas como princípio e condição da realização da ciência desinteressada, um bem comum da sociedade” (*Ibid.* p. 150).

Silva ressalta ainda que a EPM passou por diversas fases na sua constituição (*Ibid.* pp. 159 e 160), culminando com sua federalização em 1956, transformando a Escola em estabelecimento público. Segundo essa pesquisadora, esse processo envolveu o trilhar de “caminhos diversos para permitir sua legitimação” (*Ibid.* p. 160), e que a construção da imagem

[...] de uma instituição preocupada unicamente com as atividades científicas e educacionais, não somente do curso de medicina, mas de outros cursos vistos como suplementares ao trabalho médico, foi sendo erguida aos poucos, relacionada às mesmas bases apontadas anteriormente, ou seja, estratégias de convencimento, propagandas, alianças (*Ibid.* p. 160).

A legitimação da instituição e a divulgação dessa imagem construída ao longo do tempo, a nosso ver, são retomadas por Abdalla, quando este emprega o JP, em sua primeira fase, para, em Brasília, alcançar políticos e autoridades que decidiam sobre a distribuição de verba às Instituições Federais de Ensino Superior. Abdalla acreditava que a distribuição pública do JP faria com que as informações de seu conteúdo, salientando a produção científica e assistencial da instituição, possibilitaria um retorno financeiro.

O envolvimento do Departamento de Comunicação da EPM com o estabelecimento de um escritório de representação em Brasília, e a necessidade de trabalhar a imagem da instituição utilizando os recursos do marketing institucional e dos

serviços da assessoria de imprensa, conseqüentemente com um uso pragmático do JP, pode ser melhor compreendido ao contextualizar as circunstâncias que envolviam, na época, o financiamento das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

Considerando os objetivos das reformas universitárias que tiveram lugar no Brasil a partir da década de 1970, percebe-se que o modelo de universidade objetivada apoia-se no tripé: ensino, pesquisa e extensão. Fazer pesquisa, uma característica marcadamente das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, que são as que majoritariamente se envolvem com essa atividade (FAVA e FAVA-DE-MORAES, 2000), demanda grande aporte financeiro para montar laboratórios, supri-los com equipamento, mantê-los em atividade, e para subsidiar o pessoal especializado que trabalha nos mesmos.

Quando o JP estava em seu primeiro ano de circulação foi promulgada a vigente Constituição brasileira, estatuidando que a organização do sistema federal de ensino e o financiamento das instituições de ensino públicas federais, “são de competência da União” (CF, Art. 210 § 1º, 1988). No que diz respeito ao financiamento da educação a lei declara:

A União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino (CF, Art 212, 1988).

Como a prática não segue necessariamente o que está prescrito na lei, Schwartzman, estudioso do financiamento das Instituições de Ensino Superior no Brasil, aponta a necessidade de constatar, na comparação entre os gastos com a educação com outras despesas da União, se de fato o governo federal gasta com a educação aquilo que está previsto em lei (SCHWARTZMAN, 2005).

Schwartzman revela que, ao longo da história, ocorre na realidade uma diminuição dos gastos totais da União com a educação, o que implica o questionamento se os gastos com as IFES são suficientes para determinar uma boa qualidade de ensino e possibilitar, ao mesmo tempo, algum crescimento.

Esse autor observa que a alocação de recursos do MEC para as IFES até o início da década de 1990 obedecia a critérios históricos, o que significava que o orçamento de um ano tendia a repetir o do ano anterior, “*salvo interferências de ordem política que podiam favorecer esta ou aquela instituição em determinado momento*” (*Ibid.* p. 252) – [grifo acrescentado].

No nosso entendimento, muito embora uma afirmação conclusiva demandasse um estudo mais aprofundado sobre o financiamento das IFES, as informações trazidas para este estudo a partir do que acima foi exposto, ajudam a contextualizar as circunstâncias que envolviam o financiamento do ensino superior no Brasil no momento marcado pelos anos iniciais do JP, bem como a melhor compreender as iniciativas do Departamento de Comunicação com o estabelecimento do escritório de representação em Brasília e o uso do jornal como estratégia de marketing institucional da EPM.

Essas informações apontam, em nosso entender, para o fato que tanto Abdalla quanto o diretor da EPM acreditavam que a veiculação do JP junto ao público, e conseqüentemente a divulgação de informações sobre a EPM, no tocante ao ensino, pesquisa e prestação de serviços, para a comunidade em geral, além de colocar em evidência a instituição, alcançaria também um público-alvo específico, aquele composto por “pessoas que tinham poder de decisão para poder beneficiar a EPM” (ABDALLA, 24/08/2005).

Há uma evidência interna na primeira edição do JP que circunstancia a questão do financiamento das instituições públicas de ensino superior. A página quatro trazia uma matéria de página inteira com o título “Como usar as verbas públicas”.

Uma pequena apresentação da matéria informava que a mesma havia sido publicada originalmente no *Jornal do Brasil* utilizando a lei da imprensa para responder a uma matéria publicada no mesmo jornal que utilizava a EPM como exemplo do argumento quanto ao elevado preço pago pela sociedade para formar um aluno no curso superior.

A resposta elaborada pelo Conselho Departamental da EPM e reproduzida no JP apresentava dados do ensino, das pesquisas e dos serviços prestado na e pela EPM, que relacionamos ao teor do argumento de Sidnei Abdalla em seu depoimento sobre as necessidades financeiras da Escola e que, em seu entendimento, justificavam o uso do JP como um instrumento de divulgação da instituição que poderia contribuir para a arrecadação de verbas.

Na matéria em questão, o Conselho Departamental argumentava que, embora concordasse com a crítica do articulista de que o ensino superior controlado pelo governo federal necessitasse de “mudanças profundas”, ele não havia mencionado

[...] as dificuldades de nossos pesquisadores para importar reagentes e equipamentos, dificuldades para a manutenção de material permanente, a burocracia asfixiante, a falta

de estímulo de todo o tipo para docentes e pesquisadores e para os nossos mais promissores talentos.... (JP N1, 1987 p. 4).

As informações sobre o estabelecimento do escritório representativo da EPM em Brasília fazem parte da história do JP, bem como é parte de sua história o seu emprego com um propósito associado à divulgação institucional e à comunicação interna, como é discutido a seguir.

5.2 EVIDÊNCIAS TEXTUAIS DE DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL E DE VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO INTERNA

Evidências textuais no próprio JP indicam tanto uma estratégia de usar o jornal com o propósito de divulgação da instituição quanto para servir como canal para a comunidade interna. Tais evidências não se limitam apenas à primeira fase do jornal, embora, com a criação do *Jornal da Paulista Informa*, o JP definitivamente deixou de veicular informações que atendiam exclusivamente a interesses internos.

Entre estas evidências, estão os editoriais do JP, discutidos a seguir.

5.3 EVIDÊNCIAS A PARTIR DOS EDITORIAIS DA PRIMEIRA FASE DO JP

Na trajetória do JP, apenas 17 edições foram publicadas com editoriais. Isso significa que aproximadamente a cada 11 edições do jornal, apenas uma vinha acompanhada de um editorial.

Em termos de porcentagem esses 17 editoriais estiveram presentes em apenas 9% do número total das 185 edições impressas do JP. Isto evidencia que não era prática da equipe de redação do JP comunicar-se com o seu público leitor por meio do recurso de um editorial. A razão desta decisão não foi aventada neste estudo.

A seguir segue um quadro contendo informações gerais sobre os editoriais veiculados no JP em cada uma das suas três fases. Consta neste quadro informações quanto ao número da edição em que foi veículo um editorial, o ano dessa edição, mês e ano de circulação do jornal, bem como se o texto trouxe a assinatura do autor do editorial e uma síntese do conteúdo do mesmo.

Quadro 6 – Síntese dos Editoriais do JP

QUADRO SÍNTESE DOS EDITORIAIS DO JP						
Edit.	Ano	Ediç	Mês	Ano	Assinatura	Conteúdo
Primeira Fase (Edições 1 a 77):						
1	1	1	Nov	1987	não consta	Lançamento do JP
2	1	2	Dez	1987	não consta	A questão da segurança na EPM
3	1	3	Jan	1987	não consta	O papel da assessoria de imprensa na EPM
4	1	10	Ago	1988	Dr. Nader Wafae	Diretor da Escola presta contas
5	1	12	Out	1988	Sandra Manfredini	Um ano de JP: apoio irrestrito
6	2	19	Mai	1989	Dr. Nader Wafae Sandra manfredini	Melhorias para os alume da EPM
7	2	20	Jun	1989	Luisa Alcalde Heliana Nogueira	Comemoração 20ª Edição: Um jornal da EPM para a EPM
8	3	25	Nov	1989	Sandra manfredini Luisa Alcalde Heliana Nogueira	O JP entra no terceiro ano: apoio irrestrito da comunidade; trabalhando para o bem da comunidade; dignificar o nome da Escola e Hosp.
9	4	42	Abr	1991	Luisa Alcalde Sandra manfredini	Mudanças no JP: estimular leitura e participação da comunidade. Criação de novas colunas
10	4	43	Mai	1991	Prof. Manoel Lopes	Oportunidade perdida pela EPM: responder à sociedade - Universidade voltada para si mesma
11	4	47	Set	1991	Heliana Nogueira	JP: um jornal aberto... Divulgar tudo o que for de interesse da comunidade e da EPM e do HSP
2ª Fase (Edições 78 à 130):						
12	8	87	Ago	1995	Dr. Helio Egydio Nogueira	Sua Opinião: A Universidade Brasileira-Autonomia Artigo Jornal: Folha da Tarde (11/08/1995)
13	9	102	Dez	1996	Dr. José R. Ferraro Dir. Sup. HSP	Crise perene da saúde e o Hospital Universitário
14	10	103	Jan	1997	Dr. José Pestana Dir. Clínico HSP	HSP: Dificuldades e projetos
3ª Fase (Edições 131 à 185):						
15	16	183	Set	2003	Dr. Ulysses Fagundes Neto	A Unifesp e a fome no Brasil (Fome Zero)
16	16	184	Out	2003	Dr. Ulysses Fagundes Neto	Novos Tempos na Universidade: Renovação por consulta Dir. Enf.; Bibl. Central; Novos Docentes
17	17	185	Nov/ Dez	2003	Dr. Ulysses Fagundes Neto	Novo regimento agiliza Unifesp

Levando em consideração as propostas deste estudo, consideramos suficiente entender que o editorial é um gênero jornalístico que expressa a opinião oficial do órgão da imprensa diante de fatos de representatividade significativa para o momento em que foi escrito (MELO, 1994). Apresenta também peculiaridades de discurso correlacionadas com os objetivos de opinar circunstanciados a interesses coletivos (KRIEGER, 1990). Em vista disso, a análise dos editoriais publicados no JP contribuiu para compor a compreensão mais abrangente do jornal.

Durante a primeira fase do JP foram publicados 11 dos 17 editoriais, significando, em termos percentuais, 65% do número total de editoriais. Na segunda e terceira fases, ambas com apenas três editoriais cada uma, o percentual em relação ao número total de editoriais é de 17,5%.

Oito dos 11 editoriais publicados na primeira fase do JP foram importantes, pelo conteúdo de informações que trouxeram, no processo de análise do jornal a melhor compreender a primeira fase do JP. Destacamos a seguir, uma discussão mais detalhada acerca do primeiro editorial que apresentou o JP ao público leitor.

5.4 PRIMEIRO EDITORIAL

O conteúdo do primeiro editorial publicado na primeira edição do JP é aqui empregado como uma evidência textual explícita do objetivo do jornal servir à comunidade interna e como uma evidência textual implícita da preocupação com a divulgação da instituição ou marketing institucional.

O primeiro parágrafo desse editorial apresentava o lançamento do JP, de onde se depreende o objetivo primário do jornal de servir como veículo de comunicação interna para a comunidade da EPM. Além disso, esse primeiro parágrafo fazia referência ao boletim que antecedeu o JP.

Estamos lançando à partir desse mês o primeiro número do *Jornal da Paulista*. Um novo órgão de comunicação da Escola Paulista de Medicina, em substituição ao antigo *Boletim Informativo*, só que mais elaborado e profissional. A nossa intenção é divulgar de maneira clara e objetiva, todas as notícias de interesse geral da comunidade, fazer do *Jornal da Paulista*, uma idéia do diretor Nader Wafae, um veículo de informação da escola, atingindo docentes, alunos e funcionários (JP N1, 1987, p. 2).

O tratamento profissional a que se reporta o primeiro editorial refere-se à contratação, das duas primeiras jornalistas, Izilda Alves e Sandra Manfredini, que trabalhariam, respectivamente, como responsáveis pela Assessoria de Imprensa e pela redação do JP. Com o passar do tempo outros profissionais da área da comunicação foram incorporados ao Departamento de Comunicação, a grande maioria em caráter contratual e não como funcionários públicos concursados.

O primeiro editorial reportava-se à intencionalidade de divulgar, em primeira instância, as informações de interesse da comunidade interna, que, entende-se aqui, compreender em primeira instância docentes, alunos e funcionários, mas que incluía por extensão à própria comunidade composta de pacientes e acompanhantes que buscavam os recursos assistenciais da instituição e de seu hospital universitário.

No terceiro parágrafo deste primeiro editorial consideramos informações que se relacionam ao marketing institucional:

A aproximação de médicos, estudantes e funcionários, através do envio de correspondências, críticas e sugestões, é imprescindível para a vida do nosso jornal. Qualquer atitude, colaboração e ajuda será bem-vinda, porque o *Jornal da Paulista* é um veículo aberto a todos e que, de várias maneiras pertence a todos aqueles que, de uma forma ou de outra ajudam a *eleva o nome da escola diariamente* [grifo acrescentado].

A referência do parágrafo acima quanto ao jornal ser um veículo aberto a todos, poderia ser entendido naquele primeiro momento como uma referência exclusiva aos membros internos da comunidade EPM, porém como já exposto acima, não se pode prescindir aqui a comunidade externa que circulava pelas dependências da instituição.

O quarto parágrafo torna notória a característica da EPM de ser uma instituição “grande, complexa e heterogênea”, característica ampliada posteriormente com a elevação da Escola ao *status* de Universidade. É compreensível a necessidade do estabelecimento de uma estratégia de intercomunicação eficiente que possibilitasse uma acessibilidade às muitas informações geradas pelos diferentes núcleos alocados nos diferentes prédios: as chamadas “casinhas”, da Vila Clementino, sede do *campus* universitário:

Já é sabido que em uma comunidade grande, complexa e heterogênea como a nossa, existe uma considerável dificuldade na divulgação dos fatos e ocorrências, e também uma enorme necessidade de que isso aconteça de forma precisa. No *Jornal da Paulista*, haverá espaço para a publicação de todos os eventos, concursos, defesas de teses, dados gerais sobre a Instituição, e a respeito de tudo que nos interessa mais

diretamente. Por isso a participação das Associações de Docentes, de Funcionários, dos Médicos Residentes, dos Pós Graduandos e do Centro Acadêmico, se torna imprescindível.

Esse espaço foi ocupado pelas informações descritas no primeiro editorial, bem como por informações de atos oficiais, progressões funcionais, entre outras, que foram constatadas no estudo do JP e que responderam ao objetivo do jornal em atender às necessidades de comunicação interna.

A configuração desse espaço mudaria com o tempo. No mês de junho de 1999, o Departamento de Comunicação, por meio de seu Setor de Imprensa, passou a publicar um novo veículo de comunicação, o *Jornal da Paulista Informa* (JPI). O JPI, concebido como projeto editorial dedicado exclusivamente a atender a necessidade de comunicação interna da UNIFESP/EPM, é o marco que apontamos para o início da terceira fase do JP, que a partir da edição número 131, passou a ocupar o espaço anteriormente reservado para as informações de interesse interno, a uma maior divulgação de informações científicas em ciências da saúde.

Não obstante o último parágrafo, do primeiro editorial, em discussão, ser ainda uma referência ao uso local do JP, nossa leitura, tendo em vista o jornal como um todo, é de que, embora o JP tenha iniciado sob uma intencionalidade de servir à comunidade interna, o conteúdo informacional que publicou ao longo de sua trajetória e analisado neste estudo, tornou seu alcance maior do que aquele que se pensara para ele em seu nascedouro:

Assim pretende ser o Jornal da Paulista: diversificado, dinâmico e informativo, abordando assuntos atuais ou históricos. A nossa intenção é estar ao lado dos acontecimentos que ocorrem na Instituição, é permanecer alerta aos interesses da comunidade. O alcance dessa meta depende da colaboração de todos, esse é o fator único para que o Jornal da Paulista cresça, se amplie e cumpra o papel para o qual foi criado.

Até a edição 130, publicada em maio de 1999, o JP manteve-se “alerta aos interesses da comunidade”, no caso, interna, quando a partir de então o JPI passou a se ocupar exclusivamente desses interesses. Um olhar mais atento ao penúltimo parágrafo do primeiro editorial, à luz da análise do conteúdo da primeira edição do jornal, alude à proposição deste estudo, de que o JP foi um instrumento de divulgação científica, trazendo incipiente esta característica desde o seu primeiro exemplar, constituída mais efetivamente ao longo de sua trajetória.

Nesse primeiro número você encontrará reportagens de assuntos atuais, como a radiação, mas também tomará conhecimento de uma parte do passado da Paulista, com uma matéria contando o início da construção dos primeiros laboratórios. Além disso, o leitor saberá sobre as atividades do NASF [Núcleo de Assistência à Saúde do Funcionário], do Departamento Pessoal, do setor de Engenharia e também sobre o importante prêmio internacional outorgado ao Dr. Esper Cavalheiro, docente da Escola Paulista de Medicina.

O JP, já em seu primeiro exemplar, continha informações que atendiam às necessidades de uma comunidade que se estendia para além dos muros institucionais. Essa comunidade mais ampla não foi alcançada imediatamente, mas sim paulatinamente com o aprimoramento na organização do Departamento de Comunicação, com as estratégias estabelecidas pelo serviço de Assessoria de Imprensa da universidade e com uma distribuição mais extensiva do jornal. Contudo, como será constatado a seguir, o JP desde a sua primeira edição já fazia divulgação científica.

5.5 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA EDIÇÃO NÚMERO UM

O primeiro exemplar do JP veiculou três matérias, que classificamos como de divulgação científica. Duas delas foram mencionadas no primeiro editorial e mereceram destaque de capa na primeira edição do jornal. São elas, “Esper traz o Michel Prize para o Brasil” e “Radiação: seus efeitos e sua utilização”. A terceira informação com cunho de divulgação científica foi publicada na página três, da mesma edição, sob o título “Geneticista japonês ganhou Prêmio Nobel”.

Entre várias possibilidades de definição de divulgação científica, fazemos referência ao introduzir esta discussão a uma concepção mais geral do conceito, apresentada no Colóquio de Estrasburgo⁴⁶ de 1966, promovido pela UNESCO, de que “a divulgação científica é a arte de explicar qualquer coisa de modo claro, lógico e simples” (MARQUES DE MELO, 1992, p. 67).

O JP também trouxe uma concepção de divulgação científica. Ao dedicar duas páginas da edição 131, de maio de 1999, para discorrer sobre informações trazidas pela jornalista Heliana Nogueira, que havia participado do I Congresso sobre

⁴⁶ Colóquio Internacional sobre o papel dos meios de comunicação na divulgação da ciência (Centro Internacional de Ensino Superior de Jornalismo – Estrasburgo, 1966).

Comunicação Social da Ciência, realizado em Granada (Espanha),⁴⁷ o jornal passou a veicular matérias sobre o papel e a relevância da divulgação científica.

Divulgação científica conforme expressado pelo próprio jornal é a “comunicação (de ciência) dirigida à sociedade” (JP, 131, p. 4). Nessa mesma edição e página seguia ainda duas informações associadas ao contexto da divulgação científica. A concepção de que “divulgar é dever dos cientistas”, e a outra, fazendo uma ponte à contribuição sugerida neste estudo de que o JP contribuiu para o processo de empoderamento em saúde, a informação que: “não podemos [...] renunciar ao potencial educativo que oferecem os meios de comunicação” (JP, 131, p. 4), principalmente quando estes transmitem informações científicas numa linguagem acessível.

5.5.1 Prêmio Nobel de Medicina

A matéria informando a atribuição do Prêmio Nobel de Medicina ao geneticista japonês Susumu Tonegawa foi apresentada na página três da edição número um do JP, numa caixa de texto em duas colunas de 16 e 17 linhas cada uma.

Embora se tratasse de uma pequena nota e não uma longa matéria carregava um significado relevante para este estudo no sentido de apresentar a própria fala do pesquisador, utilizando ao mesmo tempo uma característica da divulgação científica, que é a tradução da linguagem técnica para uma linguagem acessível. Como divulgação científica a linguagem do cientista passa por um processo de transformação e para ser publicada como matéria num jornal, por exemplo, é reelaborada, “traduzindo” conceitos para torná-los acessíveis ao público leitor.

Tonegawa referia-se aos seus estudos como uma pesquisa “muito básica... a questão que me propus a resolver é como o corpo se defende contra tantos organismos patogênicos”. Assim o JP expunha a narrativa do próprio cientista. Já o jornal expressava essa idéia explicando que o cientista pesquisa “sobre a origem genética dos anticorpos do sistema imunológico”. Para ser mais expressiva, no entanto, a matéria poderia ter ampliado as explicações e ocupado um pouco mais de espaço para melhor explicar mais detalhadamente tanto a pesquisa como o seu significado e implicações.

⁴⁷ I Congresso sobre Comunicação Social da Ciência, realizado em Granada (Espanha) entre os dias 25 e 27 de março de 1987. Tema: “Comunicar a ciência no século XXI”.

Apesar de limitada, a nota acerca do prêmio atribuído ao geneticista Susumu Tonegawa é relevante ainda pelo fato de relatar que o pesquisador de 48 anos, laureado pelo Instituto Real Médico-Cirúrgico Karolinska com o Prêmio Nobel de Medicina de 1987, receberia a quantia de US\$ 330 mil. Entendemos que a contribuição desta informação está no fato da indicação de que a prática da ciência pode também trazer dividendos econômicos para o pesquisador. Esta informação poderia ser utilizada nas escolas como um tema gerador de discussão acerca da carreira científica. Embora o JP não tenha adentrado nestes meandros, esta informação poderia ser utilizada por um professor como um incentivo à carreira científica, atingindo assim um dos significados e objetivos da divulgação científica.

Conquanto a apresentação da informação acerca do prêmio Nobel de Medicina de 1987 fosse feita em apenas 33 linhas, utilizava uma linguagem que poderia ser compreendida pelo público leigo em geral - a linguagem da divulgação científica (FRANCISCO, 2005).

Por inferência, entendemos que naquela nota envolvia a possibilidade de se discutir a carreira científica. Localizamos na análise do JP uma referência à percepção pública do que é ser um cientista – que também está relacionada ao contexto da divulgação científica.

O JP fez referência, sem, contudo se aprofundar, à temática da percepção pública do que é ser um cientista na edição número 41. Publicado no mês de março de 1991, esse exemplar do jornal trazia à página cinco, uma pequena nota sob o título: “Imagem de um cientista no Brasil”. Nela eram apresentadas a concepção que uma funcionária assistente administrativa do setor de Protocolo e um aluno do sexto ano de medicina tinham de um cientista. Respectivamente os entrevistados declararam: “uma pessoa bem louca, de avental e cabelão” e “um profissional extremamente dedicado”.

Não nos propusemos a discutir neste trabalho as questões da percepção pública de ciência, mas consideramos que estas declarações incluem-se no contexto das discussões acerca da divulgação científica pelo fato de poderem suscitar, a partir delas, uma discussão mais aprofundada acerca da carreira científica.

5.5.2 Michel Prize

A segunda matéria da primeira edição do JP que em nossa análise do jornal caracterizamos como divulgação científica foi veiculada na página cinco, sob o título: “Esper traz o Michel Prize para o Brasil”.

A concessão do Prêmio Michel Prize⁴⁸ para o pesquisador da EPM Esper Abrão Cavalheiro deve-se pelo que os estudos e atuação desse cientista representava para a pesquisa científica sobre a epilepsia em termos mundiais e particularmente em termos de realidade brasileira. Além disso, percebe-se pela análise da matéria publicada no JP que havia ainda uma implicação quanto à divulgação tanto da instituição na qual Cavalheiro trabalhava, no caso a EPM como do próprio pesquisador.

O primeiro parágrafo da matéria, o *lead*⁴⁹, respondia às questões tradicionais de uma matéria jornalística: quem, quando, onde, por que e de que maneira:

Durante o 17º Epilepsy International Congress, realizado em setembro no Hotel Hilton de Jerusalém, o Professor Doutor Esper Abrão Cavalheiro, de 37 anos, chefe do Laboratório de Neurologia Experimental da EPM, recebeu o Michel Prize 85/86, reconhecido como o mais importante prêmio internacional no campo da investigação em Epileptologia. Deixando de lado a modéstia, esse prêmio, concedido anualmente pela Michael Foundation, poderia ser considerado como o Nobel no ramo da Epilepsia.

Logo no primeiro parágrafo, o JP empregava a analogia de comparar o Michel Prize ao prêmio Nobel, ao mesmo tempo em que traduzia o termo científico Epileptologia para a linguagem comum Epilepsia. Iniciativas consoantes às orientações para a elaboração uma eficaz matéria de divulgação científica (VIEIRA, 1999, p. 21 e 22).

Permeando todo o conteúdo da matéria, o JP deu voz ao pesquisador, utilizando suas próprias palavras para expor, de forma sucinta, a pesquisa, suas

⁴⁸ Durante o processo de análise do JP elaboramos o quadro “Prêmios”, que se encontra no apêndice 15. Nesse quadro consta o registro de 162 prêmios outorgados a pesquisadores da UNIFESP/EPM (docentes e discentes de graduação e pós-graduação), durante o período em estudo do jornal, de 1987 a 2003. As matérias comunicando as premiações trazem informações tanto no âmbito da divulgação científica como da divulgação do nome da instituição, como evidência de sua importante contribuição para o progresso das ciências da saúde.

⁴⁹ **Lead ou Lide** – Abertura de matéria tradicional. Precisa responder às seguintes perguntas: quem, quando, onde, por que e de que maneira (Glossário de Jornalismo).

implicações e também para chamar atenção acerca do descaso público com relação a uma doença que afetava de 1% a 2% da população brasileira.

Com relação à pesquisa, Cavalheiro explicava que a mesma tivera início em 1982 e lidava com um modelo experimental de epilepsia, “que se aproxima bastante da epilepsia do lobo temporal humano, desde aspectos comportamentais até a patologia cerebral”, servindo de modelo básico para outros estudos e que a mesma tinha um reconhecimento mundial.

A explicação apresentada por Cavalheiro, justificando seu interesse pelo estudo da epilepsia foi feita de maneira simples e clara:

Estudamos porque é um dos instrumentos para entender o sistema nervoso. Estudamos desde a biologia molecular até o enfoque social, desde como o neurônio se torna epilético até como a pessoa epilética enfrenta os problemas sociais. A epilepsia é uma janela para tentar entender o sistema nervoso.

No que diz respeito à vindicação da intervenção das autoridades para atentar ao descaso em termos de saúde coletiva quanto à doença epilepsia, segundo Cavalheiro, o fato do prêmio, em sua 25ª edição, ter sido outorgado pela primeira vez “para uma pessoa do terceiro mundo”, serviria para chamar “a atenção de nossas autoridades. A epilepsia ainda é completamente colocada em segundo plano, não existe um programa do Ministério da Saúde para esse mal. Eu gostaria que esse prêmio funcionasse como uma alerta”.

Nessa matéria, a exemplo de outras que se seguiram ao longo da trajetória do JP, o jornal praticava um tema discutido no I Congresso sobre Comunicação Social da Ciência, realizado em Granada, que foi objeto de uma extensiva matéria publicada em maio de 1999, na edição 131 do JP (páginas 4 e 5):

Os cientistas não têm somente a possibilidade, mas também o dever de falar em voz alta e chamar a atenção para os males de que padecemos, apontando suas possíveis soluções.

O penúltimo parágrafo da matéria sobre o Michel Prize, fazia alusão a uma consequência do prêmio concedido a Cavalheiro, que no nosso entender é uma decorrência natural da divulgação científica. Trata-se da divulgação institucional e da valorização pessoal do pesquisador – ambas consideradas como uma consequência natural da divulgação científica, contrapondo com o objetivo primário estabelecido ao JP – associado a uma necessidade de se fazer a divulgação institucional:

Desde que voltou, e que a notícia se espalhou, o doutor Esper Cavalheiro tem recebido vários convites para visitar outros estados e mostrar sua experiência... Comunicar o trabalho e ser reconhecido é importante. Não só para difundir o nome da EPM, como para difundir o nome do Brasil.

A conclusão da matéria feita pelo jornalista do JP retomava a fala de Cavalheiro, reforçando a relevância do estudo e reivindicando a intervenção das autoridades no incentivo à pesquisa científica:

Como a epilepsia é considerada a janela para o estudo do sistema nervoso, esse prêmio, de alta importância, poderia servir também de janela para que o governo dispensasse um pouco mais de atenção, e recursos, para esse campo da medicina.

Este último parágrafo usava mais uma vez o recurso da analogia ao explicar que estudar a epilepsia seria como abrir uma janela para o conhecimento do sistema nervoso.

O tema epilepsia viria ocupar outros espaços nas páginas do JP ao longo de sua trajetória. No total, incluindo esta primeira edição em análise, foram 13 o número total de exemplares do JP que trouxeram matérias tendo como temática a epilepsia. Cinco vezes na primeira fase do jornal, quatro vezes na segunda fase e três vezes na terceira fase.

As edições de número 9 e 18 abordavam a questão do preconceito social relacionado à epilepsia e os esforços da Associação Brasileira de Epilepsia em combatê-lo, sendo que na edição 18 era ainda comunicado que um curso para “jovens e adultos” sobre o assunto seria realizado na EPM.

Duas inserções do tema epilepsia reportavam-se também a premiações. Na edição de número 52, ano 5, de fevereiro de 1992, o JP comunicava que o prof. Luiz Eugênio A. M. Mello, do Departamento de Fisiologia da Disciplina de Neurofisiologia, recebera, no Texas, o American Epilepsy Society Young Investigator Travel Award. E na edição de número 67, ano 6 de julho de 1993, era comunicado que uma aluna do terceiro ano de medicina ganhara uma bolsa de US\$ 1 mil para apresentar, na Noruega, seu trabalho de pesquisa sobre um modelo crônico de epilepsia.

A análise do JP resultou também na constatação da veiculação em suas páginas de invenções criadas por pesquisadores da Instituição. Uma delas está relacionada à epilepsia. A edição de número 88, de setembro de 1995, comunicava que o professor Carlos José Reis de Campos, do Setor de Investigação e Tratamento das

Epilepsias, havia criado um equipamento que foi patenteado como EEG 2008, e produzido em escala comercial pela empresa Mectron Engenharia, com a finalidade de detectar crises de epilepsia. A descrição do aparelho e sua aplicação ao tratamento da epilepsia, realizadas numa linguagem acessível, possibilitou incluir esta matéria no rol daquelas consideradas como divulgação científica.

Na edição de número 104 do JP, a UNIFESP/EPM era apresentada como um centro de referência e de aplicação de novas drogas para tratar a epilepsia, e na edição 166, o JP anunciava a inauguração da Unidade de Pesquisa e Tratamento das Epilepsias (Unipete).

Quatro matérias do JP apresentavam a temática da epilepsia associada a pesquisas desenvolvidas na Instituição, sendo que duas eram resultados de pesquisas de programas de pós-graduação da universidade, (edições 111, 123, 134 e 182), e estão incorporadas no total das 4.035 teses defendidas durante os 16 anos de circulação do JP, catalogadas no jornal em sua Seção Teses. Muitas dessas teses, como as duas que trataram da epilepsia, tiveram seu conteúdo apresentado no formato de matérias de divulgação científica, publicadas no JP ao longo de sua trajetória.

A edição do JP número 182 trazia a matéria: “Tirar estigma social da epilepsia é meta da Organização Mundial da Saúde (OMS)”. Essa matéria foi incluída no quadro “Reportagens”, no anexo número 3, correspondendo à coletânea de 14 matérias que passaram a ser veiculadas no JP, a partir da edição número 166, na coluna “Reportagens⁵⁰”. A análise de cada uma dessas reportagens possibilitou a identificação das mesmas como matérias de divulgação científica.

Para concluir a discussão acerca das razões que nos levaram a concluir que a matéria sobre a premiação de Esper Abrão Cavalheiro, outorgado pela contribuição de seus estudos sobre epilepsia, era uma matéria de divulgação científica, fazemos uma associação a um estudo em especial, sobre a comunicação pública de temas de saúde.

Cavalheiro considerava que talvez o fato de sua premiação virar notícia, “serviria para chamar a atenção de nossas autoridades”, sendo que o texto jornalístico informava que não havia, na época, um programa oficial do Ministério da Saúde brasileiro para combater a epilepsia.

⁵⁰ **Reportagem** – Matéria com grande centimetragem, cobrindo integralmente determinado assunto (Glossário de Jornalismo). Existe uma sutil diferença entre Matéria e Reportagem, com relação ao tamanho do texto. No entanto são usados como sinônimos.

A discussão acerca de informações de saúde comunicadas pela mídia tem sido objeto de estudos. Alguns deles abordam a preocupação com a qualidade do conteúdo dessas matérias, uma vez que a transmissão de temas de saúde pela mídia exerce uma importante influência sobre o público leitor. Harrabim, Coote e Allen (1993), por exemplo, apontam para um tipo especial de leitor que é influenciado pelas informações divulgadas pela mídia.

Esses autores salientam que a apropriação das informações de saúde transmitidas pela mídia, além de ser feita pelo público em geral, também o é por políticos e por pessoas que têm sob sua responsabilidade a elaboração de políticas públicas. Observam ainda que muitos políticos orientam suas decisões na elaboração de leis sobre assuntos pertinentes à ciência, naquilo que é divulgado pelos meios de comunicação de massa.

Associando a divulgação da premiação de Cavalheiro ao contexto dos estudos de Harrabim, Coote e Allen, essa divulgação poderia servir para chamar a atenção das autoridades, que muito provavelmente não leriam os trabalhos científicos de Cavalheiro apresentados na linguagem científica tradicional, restrita e hermética, direcionada aos pares de cientistas, e o fariam em matérias de divulgação científica veiculadas pelos meios de comunicação, como asseveram Harrabim, Coote e Allen. Percebemos neste particular a relevância que ocupam os jornais universitários como porta-vozes plenamente confiáveis do conhecimento científico que é produzido nas universidades.

Na seqüência discorreremos acerca da terceira matéria de divulgação científica que foi veiculada já na primeira edição do JP.

5.5.3 Tudo sobre a Radiação

A página sete da primeira edição do JP foi inteiramente ocupada com a matéria: “Radiação: seus efeitos e sua utilização”. Essa matéria não foi escrita por um jornalista e sim por um especialista médico, no caso Camillo Segreto que, na ocasião, novembro de 1987, era Professor Adjunto e Chefe do Setor de Radiobiologia e de Radioterapia da EPM. Sugerimos, a partir da assinatura de autoria dessa matéria, que seria uma contribuição bastante significativa para a sociedade caso os pesquisadores tivessem condições de serem eles próprios os divulgadores de suas pesquisas.

A divulgação científica é uma atividade que pode ser desempenhada por diversos articuladores, entre eles o próprio cientista.

Rey reporta-se à responsabilidade social do pesquisador de contribuir para a “difusão da cultura, facilitando, desse modo, que o conhecimento científico se estenda às mais amplas camadas da população” (REY, 1993, p. 23).

Escrever numa linguagem acessível é um exercício, que exige um esforço considerável, particularmente para os pesquisadores que foram treinados para utilizarem a linguagem estritamente científica em suas comunicações. Segundo o químico francês, Paul Caro⁵¹, que se dedica à divulgação científica,

[...] a linguagem da ciência é bastante diferente da comum. A linguagem da ciência é construída por palavras difíceis, símbolos, fórmulas, imagens e números, muito diferentes das coisas normais (CARO, 2003).

A divulgação científica não pode ser entendida apenas como fonte de informação apenas para um público aparentemente “desqualificado” e leigo no sentido de “sem nenhuma formação”. Esse público está incluso na proposta da divulgação científica, mas, Caro lembra ainda que “mesmo para os cientistas, é difícil compreender as palavras de outros colegas longe da sua especialidade” (*Ibid.* p. 98).

Salomon (2001) declara que compete ao cientista ou ao pesquisador comunicar os resultados de seus estudos, pois esta é uma das maneiras de socializar o conhecimento. Esse autor declara, no entanto, que nem sempre o especialista tem condições de divulgar constantemente, e que a obrigatoriedade de comunicar-se cientificamente com a sua comunidade restrita de pares pode representar para ele, por si só, um pesado fardo. Dessa forma, muitas vezes ele outorga a divulgação científica a terceiros.

O professor Segreto, na qualidade de especialista, foi convidado para discorrer sobre a radiação na edição do JP do mês de novembro de 1987, momento aquele em que, repercutiam, e não só no Brasil, as consequências do acidente radioativo com o Césio 137, que havia acontecido em setembro do mesmo ano, na cidade de Goiânia. O assunto suscitava debates nacionais e gerava muita informação na mídia em geral.

O acidente radioativo ocorrido em Goiânia, além da grande exposição e repercussão na mídia, utilizando a opinião de especialistas como fonte, foi também

⁵¹ Entrevista concedida a Teresa Firmino para o jornal “Público” (Portugal). “Os bons artigos de divulgação científica são peças literárias” (03 de abril de 2003).

objeto de trabalhos científicos⁵² que resultaram na produção de artigos em publicações especializadas.

O *lead* introdutório da matéria assinada por Segreto, respondendo às questões jornalísticas básicas, visando despertar o interesse do leitor, continha as seguintes informações acerca da matéria sobre radiação:

Diante de acidentes com radiação, como o ocorrido em Goiânia com o Césio-137, várias perguntas surgem na cabeça dos brasileiros, principalmente no que diz respeito ao manuseio dos materiais radioativos. Os culpados pelo acidente, a justiça deverá decidir, mas os esclarecimentos à população devem partir de pessoas que conhecem o assunto e que lidam, diariamente, com esses materiais. Para falar sobre o assunto radiação, os seus efeitos e utilização, pedimos a colaboração do professor Doutor Camillo Segreto, chefe do setor de radiobiologia da disciplina de Histologia do Departamento de Morfologia da Escola Paulista de Medicina. Através dessa matéria, você poderá saber o que o setor de radiobiologia vem fazendo, e armazenar uma grande quantidade de informações importantes.

No verbete, "Fisque o leitor", do Pequeno Manual de Divulgação Científica, Vieira (1999, pp. 15 e 16) recomenda que:

A introdução ou o primeiro parágrafo de um artigo de divulgação científica são cruciais para "fisgar" a atenção do leitor e motivá-lo a chegar até o fim do texto. Romances e contos, em geral, guardam o melhor para o final. Mas, no caso de um artigo de divulgação científica, é preferível que se comece com uma imagem de impacto, com uma passagem marcante. Enfim, algo que surpreenda o leitor.

Após procurar "fisgar" o leitor do JP com o parágrafo introdutório, Segreto transmitiu, numa linguagem acessível, uma série de informações sobre o tema radiação.

Nessa matéria, o professor Segreto informava como a energia ionizante (raios X e materiais radiativos) estava sendo utilizada com segurança na EPM desde o estabelecimento do Setor de Radiobiologia no ano de 1968. Apresentava ainda as regras básicas de utilização de equipamentos, informava sobre estudos de dosimetria que determinavam o grau de contaminação em caso de exposição e comunicava que:

[...] acidentes de exposição excessiva em pessoal especializado no manuseio de substância radioativa, geralmente são relacionados a doses baixas de exposição [e que] em acidentes com pessoal não especializado, geralmente as doses de exposição são altas, por não ter conhecimento da maneira adequada em seu manuseio.

O professor Segreto apontava ainda que:

⁵² Uma busca simples na PubMed, realizada no mês de maio de 2006, utilizando os termos "radiological accident brazil", resultou em 17 artigos publicados em revistas especializadas internacionais.

[...] as condições de trabalho com fontes de radiações ionizantes são seguras se respeitadas as regras estipuladas para seu manuseio, de forma rígida. Qualquer inobservância destas regras ocorrerão danos irreparáveis, não só para o manipulador bem como para um número de pessoas impossível de prever.

Na parte final da matéria, o professor Segreto declarava que: “somente uma sociedade responsável e com determinado grau de cultura se beneficiará com este tipo de energia”. A matéria concluía com a seguinte declaração do autor:

A sociedade que, no momento, não utilizar esta forma de energia, não usufruirá de suas vantagens, não ficando livre, porém, de danos se outras estarão fazendo uso dela inadequadamente. A ciência pura e a aplicada tecnologia está a serviço da sociedade e só poderá ser bem utilizada se esta estiver bem informada para que daquela faça o melhor uso.

O tema radiação voltou a ocupar destaque no JP nas edições de número 37, 49 e 52.

O JP na edição 37, de janeiro de 1990, veiculou na página três a matéria “Radioterapia em fase de conclusão”, na qual se noticiava a fase de implantação dos equipamentos Acelerador Linear e Telecobalto que comporiam o novo Setor de Radioterapia da EPM. Naquela ocasião, o engenheiro civil, Marcelo Comite, responsável pela construção da planta física que abrigaria os novos equipamentos, relatou as medidas que garantiam a segurança dos procedimentos técnicos:

[...] para se realizar essa obra foram utilizados 650 metros cúbicos de concreto, construídas casamatas com paredes de concreto de 1,20 metros de espessura com proteção de chumbo de 5 centímetros onde estarão instalados os equipamentos. Toda essa proteção foi feita para não existir o risco de evasão de partículas radioativas.

Na edição 49, de novembro de 1991, ano 5, na matéria “Avanços em radioterapia e em radiobiologia”, o JP voltou a tratar do assunto, desta vez com informações de pesquisas científicas que passaram a ser desenvolvidas na EPM, com a instalação do laboratório de Radiobiologia. Nesse laboratório, informava a matéria, foram treinados médicos para prestarem assistência aos “funcionários que trabalham no Reator Nuclear em Angra dos Reis”. A matéria informava ainda que as atividades daquele laboratório “motivaram a visita em 1973, do então Presidente da República, Gal. Ernesto Geisel”. Informava também que até aquele momento, a partir daquele laboratório, haviam sido produzidos 16 trabalhos científicos publicados no Brasil e no exterior, e 21 colaborações em teses de mestrado e doutorado.

O tema radiação apareceu mais uma vez na edição 52, publicada em fevereiro de 1992, numa carta endereçada à redação do jornal pela professora Regina Bitelli Medeiros, responsável pela Coordenadoria de Física e Higiene das Radiações.

As informações daquela carta interessavam em primeira instância à comunidade interna. Mas se lembrarmos que a comunidade interna da EPM naquela ocasião, 1992, era composta por quase 5 mil pessoas, sendo o maior contingente o de servidores não especialistas em saúde, este dado por si indica a relevância da contribuição do JP na transmissão de informações técnicas numa linguagem acessível.

A carta em questão, além de informar que o uso responsável da energia nuclear “veio sem dúvida propiciar grandes benefícios para a humanidade, principalmente na área da saúde”, destacava o trabalho dos responsáveis pela “Proteção Radiológica”, que recomendavam aos usuários de material radioativo na pesquisa ou na assistência que seguissem um plano de regras para que fossem garantidas as condições de segurança. Em dezembro de 1991, a Coordenadoria de Física e Higiene das Radiações havia distribuído o folheto informativo: “Dosimetria Pessoal” e comunicava que outros estavam sendo preparados.

Pelas razões acima apresentadas, concluímos que a matéria sobre radiação, assim como as matérias sobre o prêmio Nobel de medicina e sobre o Michel Prize, são indicativos do perfil do JP como um veículo de divulgação científica, ainda que incipiente em sua primeira fase.

Trabalhando um pouco em termos quantitativos, as três matérias acima estudadas ocuparam um espaço equivalente a duas páginas e meia do jornal. Levando em consideração que a primeira edição do JP era composta de oito páginas, as matérias de divulgação científica ocupavam 31,25% do total de espaço gráfico da primeira edição do jornal. Em termos estatísticos, este percentual pode ser considerado como significativo. Se levarmos em conta a correlação das matérias de divulgação científica com o montante numérico de informações veiculadas na primeira edição do JP, o percentual é de exatamente 15%, uma vez que as informações textuais eram em número de 20.

5.6 INFORMAÇÕES ADICIONAIS DA PRIMEIRA FASE DO JP

O exemplar número um é tomado como exemplo do tipo de informações que eram veiculadas na primeira fase do JP, que correspondiam tanto aos interesses da comunidade da EPM como de promoção institucional, conformando-se com o objetivo primário da criação do jornal. Constatamos no entanto, que desde o primeiro exemplar o JP já fazia divulgação científica das ciências da saúde.

O padrão de veiculação de informações no formato de matérias, pequenas notas, caixas de texto, inclusão de fotos e a partir da edição 39 a inserção de publicidade, foi seguido com algumas alterações não significativas durante toda a primeira fase do jornal. O padrão de cor, preto e branco, também foi mantido.

Na primeira fase do JP informações de interesse interno apareceram de forma recorrente em seções que receberam nomes como Atos do Diretor, Atos da Diretoria e Oficial. Além disso, informações sobre concursos e congressos passaram a constar com certa regularidade a partir da primeira edição do JP. Esse tipo de informação passou a integrar algumas das seções ou colunas do JP, que se tornaram regulares ao longo da primeira, e que perduraram até a segunda fase do jornal.

Outro tipo de comunicação relevante iniciada na primeira fase do JP foi a veiculação de informações sobre as teses defendidas na instituição. A coluna que se constituiu com o título “Teses” foi veiculada ao longo da trajetória do JP, particularmente marcante durante a primeira e a segunda fase. Essa coluna trazia informações sobre os candidatos, títulos das teses, áreas de concentrações e programas, bem como as datas e horários das apresentações das defesas. Muitas dessas teses se transformaram em matérias de divulgação científica e foram publicadas no JP.

No rodapé direito da página dois da primeira edição do JP, uma pequena caixa de texto com o título “Cartas”, comunicava a disposição e interesse da redação do JP de receber cartas de seus leitores. No entanto, a publicação de cartas de leitores não foi muito comum durante a trajetória do JP. Como decorrência deste estudo, as cartas enviadas ao jornal foram organizadas num quadro e agrupadas em 13 categorias diferentes.

A capa e contracapa da primeira edição do JP traziam informações sobre a memória da EPM, do HSP e da BIREME. O resgate histórico da Instituição perpassou as páginas do JP ao longo de toda sua trajetória, não sendo exclusivo apenas à sua

primeira fase. O quadro “Memória”, que se encontra como documento apêndice, foi especialmente elaborado com a finalidade de demonstrar que, a partir deste primeiro exemplar do JP até a última edição impressa do jornal, foram publicadas diversas inserções, de pequenas notas a matérias completas sobre a história da instituição.

A primeira edição do JP, em matéria com chamada de capa, por exemplo, lembrava que em 1937, há exatos 50 anos da publicação dessa primeira edição do jornal, havia sido inaugurado o Pavilhão Maria Thereza, onde foram instalados os primeiros 100 leitos do Hospital São Paulo, que, demolido, deu lugar ao prédio da sede administrativa. A última edição impressa do JP, exemplar número 185, novembro/dezembro de 2003, trazia a última parte de uma seção, publicada numa série de cinco edições, abordando as últimas notícias sobre as comemorações dos 70 anos da Instituição, cujo início como Escola Paulista de Medicina se deu no ano de 1933.

Entre o primeiro e o último exemplar foram realizadas 175 inserções reportando-se à história da instituição⁵³.



Das muitas informações históricas registradas nas edições do JP, merece destaque a que foi feita ao emblema⁵⁴ da universidade, por seu significado e sua relação com o contexto da criação e trajetória inicial do JP quanto à valorização da Instituição. De acordo com a memória de Wladimir da Prússia Gomes Ferraz⁵⁵, que dá nome ao Museu Histórico da universidade:

O simbolismo da nossa Escola seria o seguinte: instituição de crescimento reto, altaneiro, projetando-se de maneira significativa, bem plantada com suas fortes raízes (FERRAZ, In JP, n. 1, novembro de 1997, p. 2).

⁵³ O quadro Memória, elaborado com os dados levantados na análise do JP, pode ser consultado no apêndice 13.

⁵⁴ Uma vez iniciado, em 2003, o processo de expansão da universidade para outras áreas do conhecimento, além das ciências da saúde, o emblema da universidade está em processo de mudança. O símbolo da universidade, atualmente, é composto por um escudo de fundo verde, com bordas em branco contendo as palavras “Escola”, “Paulista”, “Medicina”, e desde 1995, encimadas com a palavra “UNIFESP”. No vértice inferior do escudo consta o ano de fundação da instituição, 1933. O centro do escudo é ocupado por um jequitibá, árvore-símbolo do Estado de São Paulo, com seis ramos que simbolizam os seis anos do curso médico, o único oferecido na instituição na época da escolha do emblema, que é envolvido por uma serpente, um dos símbolos da medicina.

⁵⁵ Ferraz nas edições do JP números 9, 58 e 113 discorreu acerca do emblema da universidade, lembrando que em 1938, por iniciativa de Álvaro Lemos Torres, diretor da EPM, foi instituído um concurso para escolha do emblema da Escola, vencido por Delfino de Oliveira Viana, Presidente do Centro Acadêmico Pereira Barreto (CAPB) e aluno, na ocasião do sexto ano de medicina.

Na conclusão da descrição e caracterização da primeira fase do JP, inserimos ainda uma discussão acerca da divulgação científica em saúde por meio de Histórias em Quadrinhos e Cartuns que foram veiculadas em algumas edições do JP, majoritariamente em sua primeira fase.

5.7 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (H.Q.) E CARTUNS COMO EXEMPLO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E DE EMPODERAMENTO

Há um aspecto particular do JP que relacionamos como contribuição ao empoderamento em saúde que passa pelo aspecto lúdico do humor. A partir da edição 22, publicada em agosto de 1989, o jornal introduziu uma série de histórias em quadrinhos (HQ), cartuns e ilustrações do desenhista Sthar-Mar Vasconcelos que perdurou até a segunda fase do jornal, edição 138, publicada em dezembro de 1999.

Na edição 56, a coluna “Artistas da Casa” (Apêndice 14) comunicava uma exposição artística de Sthar-Mar na instituição. Nessa coluna, o artista era entrevistado e informava aos leitores do JP que as histórias em quadrinhos “são um importante instrumento de comunicação. A mensagem é passada de maneira mais completa, através da literatura da imagem”.

As HQ que estão incluídas nos núcleos de pesquisa da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom⁵⁶) têm uma função educativa prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e são discutidas na forma de livro (VERGUEIRO et al, 2004). Destacamos aqui sua função enquanto instrumento de divulgação científica e, conseqüentemente, como contributiva do empoderamento, particularizado neste estudo ao empoderamento em saúde.

O curso de Especialização em Divulgação Científica oferecido pelo Núcleo José Reis, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (NJR/ECA/USP), oferece a disciplina “Mídias e linguagens: histórias em quadrinhos e divulgação científica”. Essa disciplina tem como professor o jornalista científico e cartunista João Garcia e como coordenador o professor Waldomiro Vergueiro, este último por sua vez é também responsável pelo Núcleo de Pesquisa de História em

⁵⁶ A Intercom é uma associação científica sem fins lucrativos, fundada em São Paulo, a 12 de dezembro de 1977. Informações disponíveis em <http://www.intercom.org.br> – acesso em 10/02/2006.

Quadrinho (NPHQ) da ECA-USP. Nesse núcleo, as HQ são objeto de estudo de mestrado e doutorado.

Embora se discuta a utilização das HQ e Cartuns como um formato de divulgação científica, ainda não foi elaborado um estudo sobre o uso dessa comunicação especificamente na divulgação científica das ciências da saúde. Portanto, pode-se dizer que o JP, e conseqüentemente a própria UNIFESP/EPM, foram pioneiros nesse emprego das HQ e Cartuns. Entendemos também que implícito nessa forma de divulgação científica havia uma contribuição ao empoderamento em saúde que perpassava pelo caráter lúdico e humorístico das HQ e Cartuns.

Elaboramos o quadro HQ (Anexo 1) no qual sintetizamos a inserção das HQ, Cartuns e ilustrações na trajetória do JP. Não é possível apresentar aqui a série completa das mesmas. Inserimos neste estudo quatro “tirinhas” HQs e duas ilustrações. Nos apêndices deste estudo foram incluídos outros exemplos.

Pensamos que as HQ e Cartuns podem ser entendidos como uma forma de comunicação em saúde e, conseqüentemente, como um aspecto da contribuição para o empoderamento em saúde, conquanto entendemos também que uma afirmação conclusiva dependeria de um maior aprofundamento e estudo particularizado, que não foi objetivado aqui.

Apresentamos alguns exemplos de HQs e Cartuns que foram publicados no JP:

Figura 2: A Hora do Recreio 1



(JP, número 22, agosto de 1989, p. 6)

Figura 3: A Hora do Recreio 2



(JP, número 24, outubro de 1989, p. 6)

Figura 4: A Hora do Recreio 3



(JP, número 29, março de 1990, p. 2)

Figura 5: Seção Lavação



(JP, número 48, outubro de 1991, p. 2)

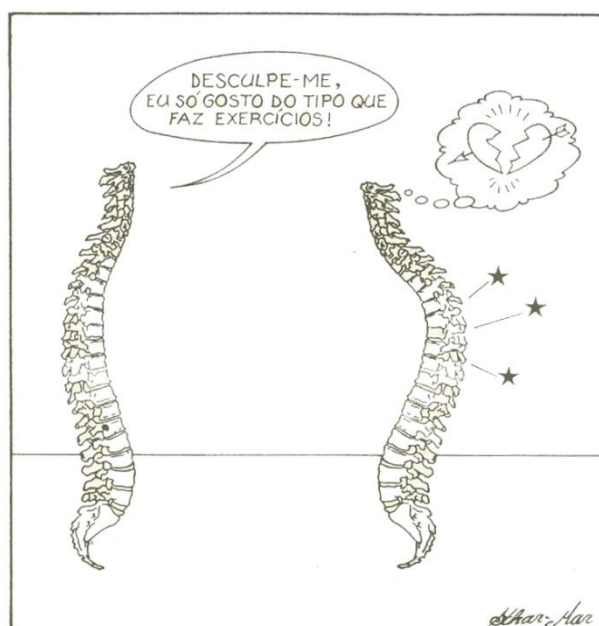
Figura 6: Cartun 1 – Seção Vibrião



(JP, número 43, maio de 1991, p. 6)

Figura 7: Cartun 2 – Coluna Saudável

**Coluna:
para ser saudável
precisa de exercícios**



(JP, número 73, fevereiro/março de 1994, p. 6)

Concluída a descrição, apresentação e caracterização da primeira fase do JP, o capítulo seguinte discutirá a segunda fase do jornal.

O princípio basilar da ciência acadêmica é que os resultados da pesquisa devem ser públicos. Qualquer coisa que os cientistas pensem ou digam como indivíduos, suas descobertas não podem ser consideradas como pertencentes ao conhecimento científico se não forem relatadas e gravadas de forma permanente. A instituição fundamental da ciência é, então, o sistema de comunicação (ZIMAN, 1987, p. 80).

CAPÍTULO 6 - DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA SEGUNDA FASE DO JP - (setembro de 1994 a maio de 1999)

Na descrição e caracterização da primeira fase do JP, constatamos que o jornal, em sua origem, respondia a uma necessidade de comunicação interunidades da Escola Paulista de Medicina, cujo *campus* universitário ocupava diferentes imóveis da vila residencial em que estava instalado. Uma estratégia de utilizar o jornal como instrumento de divulgação da instituição também marca a sua origem. Estas duas características acompanharam toda a trajetória da primeira fase do jornal, que durou sete anos, abrangendo as edições de número 1, novembro de 1987 à edição número 77, de julho/agosto de 1994. Ainda com relação à análise da primeira fase do JP, também pudemos constatar e confirmar nossa hipótese de que o jornal fazia divulgação científica das ciências da saúde.

A segunda fase do JP iniciou-se com a edição de número 78, publicada em setembro de 1994, quando o jornal estava finalizando o seu sétimo ano de circulação. Consideramos como episódio que determina o início desta fase a introdução da coluna “Pesquisa” no jornal. Justificamos a seguir a relevância dessa informação para o contexto desse estudo e seu significado para a compreensão do JP como instrumento de divulgação científica em ciências da saúde. O estabelecimento de episódios que determinam a transição de fases do JP devem ser melhor compreendidos como parte integrante de um contexto de processo de mudança.

São consideradas como características da segunda fase do JP, além da coluna “Pesquisa”, também as colunas “Debate” e “Entrevista”, que foram introduzidas respectivamente nas edições 114 e 118. Outro referencial para a segunda fase do JP está relacionado com o início da utilização do recurso da internet como meio de disponibilização do jornal. A partir da edição 113, o JP passou a ser publicado, na íntegra, também numa versão *on-line*.

A versão eletrônica dos números passados do JP ainda se encontra disponível para acesso por meio do portal da universidade na internet⁵⁷. Dados estatísticos de acesso, mantidos pelo Centro de Avaliação e Integração de Dados Institucionais da

⁵⁷ www.unifesp.br

universidade (Caidi), indicam que as edições do jornal disponibilizadas na internet continuam sendo acessadas, mesmo depois de encerrada a publicação do jornal.

As colunas “Pesquisa”, “Debate” e “Entrevista”, são objeto de destaque neste capítulo, principalmente pela significância da informação textual contida nas matérias publicadas nas mesmas. A análise dessas matérias possibilitou apontar para um processo de mudança gradual pelo qual passava o jornal que se configurava como um jornal voltado marcadamente para a comunicação pública de temas das ciências da saúde.

Outras colunas, listadas no quadro a seguir, dão uma idéia geral da composição do JP em sua segunda fase. Algumas dessas colunas integraram também a primeira fase do jornal, algumas constavam regularmente em todas as edições da segunda fase, e outras foram retiradas ou surgiram nessa fase:

Quadro 7 – Colunas JP: Segunda Fase

Quadro Colunas JP: Segunda Fase		
	Edição	Coluna
1	78	Painel
2	78	Notícia
3	78	Especial
4	78	Saúde
5	78	Geral
6	78	Variedade
7	78	Eventos
8	78	<i>Pesquisa</i>
9	78	Memória
10	78	EPM
11	78	Atos e Anuênios
12	78	Progressões
13	78	Classificados
14	114	Ensino
15	114	Serviço
16	114	<i>Debate</i>
17	114	Comunidade
18	114	Pós-graduação
19	114	Oficial
20	118	Assistência
21	118	Hospital São Paulo
22	118	<i>Entrevista</i>

6.1 COLUNA PESQUISA

A divulgação das pesquisas desenvolvidas na UNIFESP/EPM não começou a ser feita apenas quando a coluna “Pesquisa” foi introduzida no jornal. Desde o primeiro

exemplar do JP, como já apresentado no capítulo anterior, essa divulgação era realizada.

Constatamos que aumento do volume de matérias que passaram a ser publicadas no jornal divulgando pesquisas propiciou o estabelecimento de uma coluna específica para a veiculação desse tipo de informação.

A coluna “Pesquisa”, a partir de sua primeira inserção na edição 78, foi veiculada regularmente até o último exemplar do JP, constando em 109 edições do jornal. Este é um dado significativo, levando em consideração que, ao longo dos 16 anos de circulação do JP, colunas foram introduzidas e retiradas sem que fosse oferecido aos leitores qualquer tipo de notificação⁵⁸.

Apontamos um grau de relevância diferenciado à coluna Pesquisa em relação às demais colunas que fizeram parte do JP ao longo de sua trajetória em razão de que nela a divulgação científica encontrava maior expressão, respondendo dessa forma à questão inicial deste estudo. Duas outras colunas, “Debate” e “Entrevista”, que também veiculavam matérias de divulgação científica e que passaram a ser publicadas na segunda fase do JP estão incluídas na discussão deste capítulo.

O quadro abaixo apresenta a evolução da publicação de matérias que faziam divulgação científica das pesquisas desenvolvidas na universidade. As informações foram tiradas do quadro “Textos de Divulgação Científica”, elaborado com informações das 1.015 matérias que foram veiculadas ao longo da trajetória do JP como matérias de divulgação científica. Deste montante, 435 entradas referem-se a matérias de divulgação de pesquisa, representando um percentual de 43% do total geral:

⁵⁸ A única exceção deu-se na edição 42, ainda na primeira fase do jornal, quando um dos raros textos editoriais informou aos leitores do jornal que as colunas “Fórum”, “Gente”, “Classificados”, “Pé na Estrada” e “Jardinagem”, a partir daquela edição passariam a integrar o jornal e se juntariam às já existentes colunas “Perfil” e “Caro Colega”, que seriam mantidas. O editorial era assinado pelas jornalistas Sandra Manfredini e Luisa Alcalde.

Quadro 8 – Divulgação de Pesquisa

DIVULGAÇÃO DE PESQUISA		
Evolução da Publicação de Matérias		
Coluna Pesquisa		
Fase do JP	Qtde de Matérias	%
Primeira	30	6,9%
Segunda	82	18,9%
Terceira	323	74,2%
Total	435	100%

A coluna “Pesquisa” chegou a ocupar, entre a segunda e a terceira fases, até 25% do espaço total do JP. Durante essas duas fases, o JP circulou, geralmente, com edições de 16 páginas, sendo comum as matérias de divulgação de pesquisa ocuparem até quatro páginas de cada edição. Por duas vezes essa coluna trouxe, numa mesma edição, o número expressivo de sete matérias divulgando pesquisas. Isso aconteceu nas edições números 110 e 129, pertencentes, na trajetória do JP, à sua segunda fase.

A evolução da veiculação de matérias de divulgação das pesquisas realizadas na universidade pode ser constada também pela média de matérias publicadas por edição em cada uma das fases do JP, conforme pode ser constatado no seguinte quadro:

Quadro 9 – Textos de Divulgação Científica Categoria “Pesquisa”

Textos de Divulgação Científica Categoria "Pesquisa"			
Média: Matéria/Edição			
Fase	Nº Matérias	NªEdições	Média
Fase 1	31	77	1 matéria a cerca de 2,5 edições
Fase 2	81	54	média de 1,5 matérias a cada edição
Fase 3	323	54	média de 6 matérias a cada edição
Total	435	185	média de 2,3 matérias a cada edição

A coluna “Pesquisa” consolidou-se ao longo da periodicidade e regularidade de sua publicação como uma das mais importantes seções do JP, e efetivamente fazia divulgação científica em seu sentido estrito.

A maior parte das matérias dessa coluna divulgava as pesquisas desenvolvidas dentro dos programas de pós-graduação, por pesquisadores discentes orientados por docentes da instituição. Pesquisas desenvolvidas por docentes e dentro dos laboratórios de Disciplinas e Departamentos também mereceram espaço nessa coluna, embora tivessem uma representatividade menor em termos quantitativos.

Consideramos esta característica bastante significativa em termos da relevante contribuição do JP para a comunicação científica das pesquisas realizadas por pós-graduandos. Acreditamos que o JP foi bastante inovador neste procedimento e, se não houvesse sido interrompida abruptamente a sua veiculação no final de 2003, esse jornal e conseqüentemente a sua mantenedora, a própria UNIFESP/EPM poderiam ser considerados paradigmas para a difusão da produção científica dos programas da pós-graduação num formato de comunicação científica pública, bem condizente com as prerrogativas da sociedade do conhecimento que preconiza a democratização do acesso a esse conhecimento, contribuindo dessa forma para o estabelecimento de uma cultura científica em território brasileiro.

Apresentamos a seguir alguns exemplos do tipo de matéria veiculada na coluna “Pesquisa”, com a discussão acerca de seu respectivo conteúdo, condizente com os propósitos da divulgação científica.

Marcando o início da segunda fase do JP, a coluna “Pesquisa”, publicada pela primeira vez na edição 78, trazia na página 11 duas matérias de divulgação de

pesquisas e uma comunicação sobre os serviços da BIREME, com destaque para a informação de que, pela BIREME, era possível acessar a base de dados LILACS (Literatura Latino-americana em Ciências da Saúde), que fazia a difusão da produção científica da universidade no formato de comunicação científica destinada a especialistas ou a estudantes em formação científica.

Já a comunicação científica pública de pesquisa destinada ao público em geral, ou divulgação científica, foi feita por meio das matérias: “Estudo exige cuidado para administrar agentes quimioterápicos” e “UTI pediátrica inova e utiliza molécula de Óxido Nítrico no tratamento de hipertensão pulmonar”.

A primeira dessas matérias apresentava os resultados de um estudo realizado por enfermeiras do Núcleo de Enfermagem em Oncologia (NEO), integrante do Programa de Integração Docente-Assistencial da EPM e HSP e que teve como objetivo:

[...] estimar a quantidade de drogas antineoplásicas usadas nas unidades de internação do HSP, auditar as perdas desses medicamentos e avaliar os custos com estas perdas (JP, 78, p. 11).

Segundo a matéria, a contribuição e a relevância desse estudo seriam constatadas na economia anual de aproximadamente US\$ 15.400 para o complexo EPM/HSP, em decorrência da implantação de uma central de Quimioterapia como proposto pelas autoras do estudo.

Esse estudo, transformado no trabalho “Necessidade de Centralização no Preparo dos Agentes Antineoplásicos”, foi apresentado na 8ª Conferência Internacional em Enfermagem Oncológica realizada em Vancouver, Canadá, no mês de agosto de 1994, evidenciando a qualidade de uma pesquisa desenvolvida por especialistas brasileiros.

A outra matéria da estréia da coluna “Pesquisa” trazia informações acerca de uma linha de pesquisa desenvolvida na UTI Pediátrica do Hospital São Paulo. Havia nessa matéria, em nossa análise, um interesse subjacente à divulgação científica propriamente dita. Cabe lembrar que consideramos a segunda fase do JP como uma fase de transição, na qual o caráter de instrumento de divulgação científica estava se consolidando cada vez mais, e que se estabeleceria por completo na terceira fase do jornal.

A matéria, que tinha como título: “UTI pediátrica inova e utiliza molécula de Óxido Nítrico no tratamento de hipertensão pulmonar”, trazia informações ao leitor do JP sobre o óxido nítrico, comunicando que o mesmo estava sendo utilizado no “1º caso pediátrico do hospital”, no caso o hospital universitário (HSP).

A matéria explicava que o uso do óxido nítrico na UTI pediátrica fazia parte de “uma importante linha de pesquisa” desenvolvida na UTI Pediátrica do HSP e que esta vinha “também se destacando pela produção acadêmica e científica”. A matéria explicava, ainda, as razões pelas quais aquele estudo iria “revolucionar e avançar ainda mais o atendimento e tratamento das crianças...”.

Havia outra implicação nessa divulgação quanto ao avanço da ciência e da conduta terapêutica em decorrência da pesquisa realizada com o “revolucionário” uso do óxido nítrico. Subjazia, naquela divulgação, em nosso entender, um uso político da mesma. Divulgar as atividades científicas da UTI Pediátrica implicava também em reforçar publicamente o “grande sonho e objetivo final” de transformar a UTI Pediátrica “em disciplina, com pós-graduação em Terapia Intensiva”.

A divulgação científica tem um objetivo bastante relevante que é o de possibilitar o acesso ao conhecimento científico, um bem público, que comunicado numa linguagem coloquial torna acessível esse conhecimento ao público em geral. A divulgação científica não fornece apenas o acesso a uma determinada informação, mas, sobretudo, seu desdobramento possibilita que a própria sociedade interaja no processo decisório dos rumos que a ciência deve tomar.

Consideramos ainda que a divulgação científica carrega implícita a imagem tanto pessoal, do pesquisador ou pesquisadores, quanto institucional. Na matéria exposta acima, a divulgação das atividades científicas desenvolvidas pela UTI Pediátrica prestava-se ainda para propalar a legitimidade daquela unidade hospitalar em objetivar a sua transformação em Disciplina com um programa próprio de pós-graduação.

Para justificar tal pretensão, além da prestação de um serviço relevante à sociedade, era apontada outra razão, o fato de ser um centro de intensa produção científica, como pode ser constatado a seguir, pela declaração:

[...] já que esta [a UTI Pediatria do HSP], considerada a melhor unidade de terapia intensiva do país [...] produziu, em poucos anos de atividade, várias teses de mestrado e doutorado, tanto na área médica como de enfermagem.

Essa matéria, na qual a divulgação de uma pesquisa desenvolvida pela UTI Pediátrica trazia implícito os objetivos tanto de informar quanto de reforçar determinada

legitimidade, dá margem à possibilidade de realizar um estudo mais aprofundado que apenas é apontado nesta pesquisa, sobre a representação da ciência como neutra, desprovida de interesse e de ideologia (SILVEIRA, 2003, p. 235), ao mesmo tempo em que poderia conduzir a um estudo sobre o marketing científico cujos interesses em divulgar ciência por parte de cientistas e institutos de pesquisas “muitas vezes excedem os objetivos da atividade, enquanto agente da sociedade ao promover interesses privados...” (CARVALHO⁵⁹, 2003, pp. 127 e 128).

Embora esta última constatação apresentada por Carvalho não se aplique em todo o seu sentido à matéria em discussão, sua declaração aponta para a existência de uma relação, às vezes não tão transparente entre a divulgação e o marketing da ciência, que implica na utilização da divulgação da informação científica como uma forma de legitimar a ciência e a tecnologia e, conseqüentemente, os pesquisadores, bem como os laboratórios ou os institutos responsáveis pela pesquisa.

A divulgação científica, a exemplo da própria ciência, não é uma atividade inerentemente neutra. Ainda que fosse completamente isenta de outros interesses explícitos que não o de exclusivamente compartilhar o conhecimento científico com a sociedade, ainda assim, com a divulgação da informação científica, direta ou indiretamente, implícita ou explicitamente, divulga-se ao mesmo tempo o cientista, o laboratório ou a instituição que produziu o conhecimento.

A maioria das matérias que passaram a integrar a coluna “Pesquisa”, a partir da sua inserção na edição 78, fazia a divulgação da produção científica da pós-graduação da própria instituição. Entendemos que neste particular poderia ser feita uma leitura da exposição pública da produtividade dos programas de pós-graduação, o que seria um indicativo da contribuição científica e social dos mesmos. Não se tratava de uma vinculação estrita ao marketing institucional, mas de certa forma este se encontrava implícito.

A matéria sobre a UTI Pediátrica pertence à fase em que o JP está intensificando a divulgação científica propriamente dita, e pode ser ainda utilizada para exemplificar a necessidade de uma orientação especializada para a elaboração da comunicação científica pública. As informações sobre o uso do óxido nítrico foram apresentadas empregando uma terminologia técnica, mais próxima aos profissionais da área da saúde, mais do que seria desejável para uma matéria também dirigida para um

⁵⁹ Carvalho reporta-se a interesses privados de empresas que visam o lucro.

público leitor mais generalizado. Essa matéria teria um valor ainda maior como divulgação científica caso tivesse sido elaborada como recomenda o jornalista científico Maurício Tuffani, para quem:

[...] as reportagens sobre temas científicos precisam ser devidamente contextualizadas com infográficos, matérias explicativas, cronologias e até mesmo com glossários (TUFFANI, 2003, 10/07/2003).

Ressaltamos, contudo, que a segunda fase do JP, que se iniciou com a edição do exemplar número 78, ao trazer matérias veiculadas na coluna “Pesquisa”, cujas primeiras matérias foram as apresentadas acima, sobre a UTI Pediátrica e sobre a administração de agentes quimioterápicos, representou uma evolução no jornal, no sentido de intensificação da veiculação de matérias de divulgação científica. Consideramos essa fase como de transição, porque o JP estava se constituindo como um instrumento de divulgação científica em ciências da saúde ao mesmo tempo em que os jornalistas da equipe de redação do jornal iam também se constituindo como jornalistas científicos especializando-se na divulgação científica das ciências da saúde. Com o passar do tempo, as matérias foram se coadunando cada vez mais com o formato correspondente ao jornalismo científico e à divulgação científica.

Consideramos uma evidência desse amadurecimento na elaboração dos textos de divulgação científica, e do próprio jornalista do JP, a inserção de uma caixa de texto, aqui reproduzida e que foi publicada na edição 131 (primeira edição da terceira fase do JP), que acompanhava a matéria: “População tem sede de ciência”, que discorria exatamente sobre questões relacionadas à divulgação científica. A informação dessa caixa de texto, “Dez dicas para divulgar ciência”, em nosso entender, é uma indicação de que a equipe de redação do JP estava ciente acerca dos critérios recomendados para a elaboração de textos de divulgação da ciência. Pela análise das matérias publicadas no JP, principalmente a partir de sua segunda fase, pudemos constatar que esses critérios eram seguidos na elaboração dos textos jornalísticos.

Figura 8 – Dez dicas para divulgar ciências

Dez dicas para divulgar ciência

1. A simplicidade da linguagem não é incompatível com a riqueza de conteúdo.
2. É fundamental adequar forma e linguagem a seu público.
3. Tente agarrar o leitor já no primeiro parágrafo.
4. Os textos de divulgação científica devem distinguir as especulações dos resultados já comprovados. Atenção com os resultados de pesquisas médicas. Não dê falsas esperanças aos leitores.
5. Cuidado com o excesso de didática. Não trate o seu leitor como um "descerebrado". Não ofenda sua capacidade de entedimento.
6. Tenha sempre em mente um leitor padrão. Ponha-se no papel dele. Pergunte ao editor qual é o público para o qual você está escrevendo. Não escreva para seus acadêmicos.
7. A popularização da ciência não é incompatível com a precisão científica.
8. Artigos de divulgação científica devem ser agradáveis de ler, proporcionar um momento de descontração. Ninguém quer ler um texto com um dicionário de ciências na mão.
9. Evite jargões, fórmulas matemáticas e abreviaturas. Sempre sugira ou envie ilustrações. Elas são essenciais em um texto de divulgação científica.
10. Tente saber antecipadamente o tamanho de seu texto

FONTE: *Manual de Divulgação Científica - Dicas para cientistas e divulgadores de ciência.* Cássio Leite Vieira.

JP, Ano 12, n. 131, p. 5, maio de 1999

Há outro dado que aponta para a contribuição e o papel do JP na divulgação da produção científica de pesquisas desenvolvidas pela UNIFESP/EPM, conforme poderá ser constatado com a descrição a seguir.

No estudo, com dados de 1999, sobre a participação de periódicos científicos brasileiros na base de dados do Institute for Scientific Information (ISI), Targino e Garcia (2000) afirmam que:

[...] o periódico impresso ainda é um dos canais mais utilizados para a comunicação dos resultados de pesquisa, preservando os traços fundamentais do seu formato e de suas funções (p. 103).

As autoras localizaram, dentre os 4.580 títulos de periódicos publicados até aquela ocasião no Brasil, apenas 17 indexados na base de dados do ISI, representando um percentual de apenas 0,21% quanto à contribuição brasileira em relação ao universo das cerca de 16 mil publicações constantes naquela base de dados. Contudo, as autoras sugerem que essa representatividade e a projeção futura:

[...] seja realmente um indicador da maturidade da comunidade científica local e mais do que uma representação simbólica e 'ornamental' da ciência brasileira (p. 116).

Fazemos uma correlação desse estudo com este estudo do JP. Nessa correlação reforçamos nossa concepção inicial da maturidade da produção científica brasileira que passa pelas bancadas das universidades, como resultado de pesquisas. Levando em consideração, na realidade brasileira, as dificuldades para a manutenção de um periódico científico e o número relativamente limitado dos periódicos brasileiros no cenário editorial nacional e, sobretudo internacional, pensamos que a contribuição do JP para a difusão da produção científica da UNIFESP/EPM, ainda que no sentido de divulgação científica, não poderia ser desprezada. Indagamos o que representaria em termos de difusão do conhecimento científico se toda universidade brasileira tivesse um veículo de comunicação pública de ciência como foi o JP.

A própria UNIFESP/EPM pode ser tomada como exemplo de experiências editoriais que não tiveram fôlego de prosseguimento pelas dificuldades inerentes ao processo, vinculadas aos custos de produção e manutenção, bem como por falta de artigos, uma vez que os pesquisadores preferiam publicar os resultados de suas pesquisas em periódicos já consagrados. Essas experiências foram a *Revista do Hospital São Paulo/EPM*⁶⁰ e a *Folha Médica*⁶¹.

A seguir, apresentamos uma discussão acerca da coluna "Debate".

⁶⁰ O editorial publicado em março de 1989, informava que a *Revista do Hospital São Paulo/EPM* objetivava "...divulgar a ciência que os nossos pesquisadores produzem". Os textos deveriam ser escritos em inglês porque "... a língua portuguesa, apesar de rica e bonita, não é adequada para a divulgação de seus trabalhos no meio científico internacional".

⁶¹ Sobre a *Folha Médica*, há uma referência no JP, edição número 118, publicada em abril de 1998. Tratava-se de uma notificação de relançamento da revista, que comunicava: "A partir deste mês a revista *Folha Médica*, publicada por Cidade Editora Científica, divulga os resultados obtidos em pesquisas e trabalhos clínicos realizados na Unifesp".

6.2 COLUNA DEBATE

A coluna “Debate”, introduzida no JP a partir da edição 114 (novembro de 1997), circulou por 32 edições, conquanto não regularmente. Ultrapassando os limites da segunda fase, fez-se presente ainda no último exemplar impresso do JP, edição número 185 (novembro/dezembro de 2003). Doze edições da coluna “Debate” pertenceram à segunda fase do jornal (37,5%) e 20 à terceira fase (62,5%).

No capítulo 3, quando discorremos sobre as características de um jornal universitário enquanto gênero jornalístico, objetivando melhor compreender o JP, fizemos referência a Sales (2000), que qualificava o *Jornal da USP* (JUSP), por sua característica de veicular reportagens que levantavam temas polêmicos. Ele também valorizava a veiculação de entrevistas e depoimentos de especialistas. Os temas polêmicos adentraram o JP, particularmente com as matérias publicadas na coluna “Debate”, e traziam opiniões de diferentes especialistas sobre determinados tópicos da área da saúde que não eram ainda objeto de consenso.

Utilizando a base de dados PubMed como referência, constatamos que o debate é um gênero de literatura que aparece nas publicações científicas. Embora o termo debate não esteja indexado na lista dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), utilizando a palavra *débâcle* como termo de busca⁶², localizamos 88 entradas de artigos, que estavam diretamente relacionados com o gênero debate, destes, 58 traziam a palavra *débâcle* no título do artigo.

A definição que o dicionário traz de debate é elucidativa do tipo de material textual que circulou pelas páginas do JP na coluna de mesmo nome:

1. Discussão em que se alegam razões pró ou contra; disputa, questão. 2. Contestação; contradição; dúvida. 3. Altercação, contenda, porfia [...] (FERREIRA, 1975 – Verbetes Debate).

Procurando detalhar um pouco mais a abrangência do significado do termo debate, como forma de ressaltar a implicação da sua inserção no JP como fator de contribuição para a constituição do jornal como instrumento de divulgação científica em ciências da saúde, trazemos para esta discussão a definição dada ao termo a partir da referência de um dicionário de pedagogia e de um dicionário jurídico. Apresentamos

⁶² Busca realizada no dia 17 de maio de 2006. O quadro *Débâcle* encontra-se entre os documentos anexos.

ainda para a sua melhor compreensão, a contribuição de um estudo dinamarquês feito sobre um debate mediado em horário nobre na mídia televisiva.

Como poderá ser constatado abaixo, o debate tem uma função didática, que destacamos pelo fato da mesma coadunar-se com a função pedagógica do jornal, particularmente o universitário:

DEBATE. É, tal como o diálogo, uma forma característica da comunicação humana, como confrontação de opiniões e dialéctica. Pode distinguir-se do diálogo pela presença de várias pessoas que nele tomam parte activa e de várias pessoas que a ele assistem, isto é, por carácter de publicidade mais acentuado.

Forma típica do debate é a forense, na qual a exposição das razões pró e contra é regulada por um procedimento meticoloso...

O debate é utilíssimo, do ponto de vista didáctico, e foi sempre tido em grande apreço, desde as ficções forenses dos antigos às disputas académicas dos escolásticos e dos humanistas (LAENG, 1973, p. 112).

O texto reporta-se à forma forense como tipificadora de um debate. Constatamos como verificado a seguir, que o termo debate faz parte do vocabulário jurídico. Pensamos que é particularmente neste vocabulário que o termo se revela mais objetivamente como articulador de uma discussão que envolve argumentações diferentes sobre uma determinada questão e que por sua vez corresponde ao material que encontramos na coluna “Debate” do JP:

DEBATES. Derivado do verbo italiano *batuere* (combater, apertar, comprimir), designa toda discussão ou disputa, que se trava em torno de uma questão, na qual contendores apresentam suas razões ou argumentos, com os quais querem demonstrar a procedência de suas afirmativas (SILVA, 1993, p. 8).

Trazendo a concepção do debate para o âmbito midiático, fazemos referência a Chouliarak (2005), que estudou dentro de uma perspectiva de análise crítica do discurso um debate público mediado e apresentado em horário nobre na televisão dinamarquesa, sobre o direito à privacidade das personalidades publicas. Compreendendo que a mídia televisiva e a mídia jornalística reservam particularidades que as diferenciam, parece-nos, contudo, que algumas observações da pesquisadora podem ser aplicadas ao debate enquanto texto jornalístico, particularizadas neste estudo ao JP.

Chouliarak entende que “uma política de verdade” está associada ao debate quando se “delimita o que deve ser dito e conhecido, e que autoriza como verdade certos significados e conhecimentos”. Declara também que o “debate legaliza o diálogo

público”, e que “ele é ancorado sobre particulares para evocar e estabelecer universais”. Segundo a autora, um debate dá visibilidade à tomada de posicionamentos diferentes no campo dos significados. Cada um oferecendo distintas normas de verdade, e que:

[...] embora compartilhem de uma epistemologia objetiva no apelo à realidade externa, diferem nos procedimentos de validação da verdade, da mesma forma que na representação ética de cada procedimento de validação (CHOULIARAK, 2005, pp. 46, 51 e 62).

Apresentamos, nesta seção, à luz do que foi acima exposto, a análise e a discussão de uma publicada na coluna Debate. Antes, porém, fazemos referência ao quadro “Coluna Debate”, que criamos para listar as 32 ocorrências dos debates veiculados pelo JP. Algumas considerações esclarecedoras acerca de informações constantes desse quadro são apresentadas a seguir.

Os debates, enquanto matérias jornalísticas foram escritos por 14 jornalistas diferentes. Desses jornalistas, apenas três tiveram seus nomes arrolados diretamente no Expediente do JP, o que significa que efetivamente fizeram parte regular da equipe de redação do jornal. Essa informação, correlacionada com informações colhidas dos depoimentos dos jornalistas Renato Conte (09/11/2005) e Eliane Oliveira (20/12/2005), possibilita esclarecer que estiveram envolvidos com a produção editorial do JP três categorias diferentes de colaboradores: funcionários públicos concursados, funcionários contratados e jornalistas temporários, conhecidos como *freelancers*.

O fato de que muitos jornalistas colaboraram no JP como *freelancers* é, a nosso ver, uma indicação de que o jornal era conhecido no meio e despertava o interesse de profissionais que escreviam sobre ciências da saúde. Ao mesmo tempo, apontamos para o fato da Redação do JP ter representado uma escola para jornalistas se aprimorarem na modalidade do jornalismo científico, especificamente na divulgação científica em ciências da saúde.

O quadro a seguir apresenta uma síntese das matérias que foram veiculadas na coluna “Debate”.

Quadro 10 – Coluna Debate

Quadro Coluna Debate				
	Edição	Mês/Ano	Título ou Tema	Jornalista
1	114	dez/97	Especialistas investem na relação médico-paciente	Josiane Gregório
2	115	jan/98	O feto e o paciente terminal	Araci Queiroz
3	116	fev/98	Agulhas, plantas e diluições (medicina alternativa)	Araci Queiroz
4	117	mar/98	Vem cá, calouro	Mariana Góes Carvalho
5	118	abr/98	Fonercer seringas dá certo (usários drogas injetáveis)	Mariana Góes Carvalho
6	119	mai/98	O fim do mestrado?	Mariana Góes Carvalho e Sueli Zola
7	120	jun/98	Quem ganha c/ a nova leis planos de saúde	Jussara Mangini
8	121	jul/98	Bom de bola, mal de pernas	Mariana Góes Carvalho
9	122	ago/98	Managed care (assist. médica gerenciada)	Simone Paulino
10	123	set/98	As verdades e os mitos da última avaliação dos curso de pós-graduação	Simone Paulino
11	125	nov/98	Quem escolhe o tipo de parto?	Denise Lisboa Niz
12	129	mar/99	Equilíbrio para a saúde mental	Ricardo Zorzetto
13	134	ago/99	Vaga reservada	Ricardo Zorzetto
14	142	abr/00	A ética da saúde em debate	Ricardo Zorzetto
15	157	jul/01	Universidade discute bioética e violência	Tatiana Ferreira
16	158	ago/01	Proj. italiano reacende polêmica s/ clonagem humana	Beto Gomes
17	159	set/01	Mercado de genérico cresce, mas não resolve problema de acesso a remédio	Ricardo Zorzetto
18	160	out/01	Mortalidade materna reflete falhas da assist. no Brasil	Tatiana Ferreira
19	164	fev/02	Lei de Inovação gera polêmica entre univers. e governo	Alessandra Pereira
20	165	mar/02	Médicos avaliam concessão de títulos de especialistas	Alessandra Pereira e Rodrigo Pena Majela
21	166	abr/02	Médicos se mobilizam contra medicina “fast food”	Rodrigo Pena Majella
22	167	mai/02	Propriedade industrial avança na pesquisa médica	Rodrigo Pena Majella
23	169	jul/02	Assoc. médicas querem proibir propaganda de álcool	Beto Gomes
24	171	set/02	Presidenciáveis expõem propostas p/ saúde e educação	sem crédito
25	172	out/02	Negociações de educação e saúde na OMC preocupam entidades	Alessandra Pereira e Rodrigo Majela
26	173	nov/02	Terceira idade vai ao MEC	Bia Reis
27	174	dez/02	Decisão de descriminalizar uso da maconha deve ser multidisciplinar	Rodrigo Pena Majela
28	179	mai/03	Sistemas de saúde em discussão	Alessandra Pereira
29	180	jun/03	Debate / cotas para negros esclarece pontos polêmicos	Melissa Diniz
30	183	set/03	Novas bolsas estimulam entrada de pesquisadores nas empresas	Bia Reis
31	184	out/03	Cliente de convênio pode migrar para a rede pública	sem crédito
32	185	nov-dez/03	Resolução do CFM causa protestos de entidades de classe do jornalismo	Alessandra Pereira

Com relação ao conteúdo dos debates, nem todos pertenciam à categoria da discussão de temas de saúde estrito senso. As exceções foram um debate que discutia a reserva de vagas nas universidades públicas para alunos que estudaram o ensino médio em escolas públicas, um debate sobre as cotas nas universidades

públicas para negros e índios, um debate que discutia a necessidade ou não do mestrado na área médica *versus* a entrada direta no programa de doutorado, um debate sobre o exercício de especialidades somente a portadores de títulos de especialistas e um debate sobre o trote aos calouros do curso de medicina.

Para exemplificar o teor do conteúdo das matérias constantes na coluna “Debate”, apresentamos, a seguir, considerações sobre o debate veiculado na edição 115 (janeiro de 1998). Esse debate, elaborado na forma da matéria jornalística “O feto e o paciente terminal”, teve como desdobramento a participação de uma leitora do jornal que se manifestou por meio de uma carta publicada na edição do jornal número 118. Com essa manifestação, entendemos que o mesmo apresentou um ciclo completo de um debate, a despeito das limitações da sua inserção dentro de uma abordagem jornalística escrita.

O ponto de partida para o debate foi estabelecido pela jornalista Araci Queiroz, que desempenhando o papel de mediadora, fez a seguinte proposição, a partir da qual os especialistas deram as suas opiniões indicando seus posicionamentos:

Por um lado, a lei protege a concepção, proibindo o aborto exceto em casos de violência sexual ou de risco de vida para a mãe; por outro, nada diz a respeito de pacientes terminais, a não ser que os médicos são os únicos que podem constatar sua morte.

Logo abaixo do texto introdutório da discussão, seguia a apresentação dos especialistas, a saber:

Pedro Paulo Monteleone, professor aposentado pela Obstetrícia e presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo; José Osmar Medina, diretor clínico do Hospital São Paulo; e Marcos de Almeida, professor da Medicina Legal e Bioética.

Os pontos de vista de cada um dos especialistas foram apresentados em três blocos de textos. Em cada um dos blocos havia uma foto do especialista, acompanhada de uma legenda, que antecipava ao leitor a opinião dos mesmos. Sob a foto de Monteleone, lia-se: “Pedro Paulo: a questão de autonomia individual”. Sob a de Medina: “Medina: definição depende da sociedade”. E sob a de Almeida, “Marcos: leis omissas no fim da vida protegem concepção”.

Na introdução do texto referente à opinião de cada um dos especialistas, era atribuído a cada especialista um codinome de acordo com a sua atuação profissional,

e numa linha abaixo, em negrito, uma frase entre aspas simples sintetizava a opinião de cada um deles.

A frase que sintetizava a posição de Monteleone, “a autoridade”, era a seguinte: **'O paciente tem direito de escolher a morte'**. Medina, “o diretor clínico”, tinha a seguinte frase como síntese de seu pensamento: **'Faltam limites no uso de aparelhos de suporte'**. E quanto a Almeida, “o acadêmico”: **'Não há diferença entre abreviar a vida com sedativos e deixar o paciente morrer'**.

Finalmente, os blocos apresentavam ao leitor, na forma de textos que tinham de três a cinco parágrafos, as principais idéias dos debatedores sobre o assunto. A íntegra do posicionamento de cada um dos debatedores pode ser lida na cópia da página 11 da edição 115 do JP, apresentada no anexo 6.

A carta que apresentamos a seguir foi publicada na edição do JP número 118, e expressa a reação de uma leitora do jornal diante do que foi abordado no debate, em discussão. Apesar de ter sido escrita por uma especialista médica, lembrando que a participação social nos debates científicos, ainda hoje no Brasil, no início do século XXI, está por se consolidar, representava um avanço e indicativo de um diálogo que estava por se iniciar entre cientistas e sociedade.

Espaço do Leitor

Morte debatida

Em "Debate" no **Jornal da Paulista** do mês de janeiro, professores da instituição envolvidos com a legislação sobre "O feto e o paciente terminal" apresentaram suas idéias e dúvidas de forma muito bem conduzida pela jornalista Araci Queiroz.

Em função de minha especialidade, acompanho pessoas em situações limítrofes, não de risco de vida, mas de vida em risco, em que, além da situação menos digna do ser paciente e não agente, são muitas vezes vítima social do seu próprio estigma. Alguns deles descobrem com espanto, pela imprensa, que tiveram a vida em risco pouco tempo depois de serem concebidos, como recentemente aconteceu com algumas portadoras da síndrome de Turner.

Embora neste campo, vida, pessoa humana e dignidade interajam com reciprocidade, resultando em situações que ultrapassam as fronteiras da medicina, será sempre o médico o agente da vida ou da morte, portanto a ele, mais do que a ninguém, toca o dever de consciência do ato.

O custo de manutenção dos aparelhos de suporte à vida, ou seja, o peso econômico do paciente terminal pode até ser abatido diante da desumanidade do ato de prolongar a vida por meios artificiais. Mas se por um lado, na Holanda (citada como modelo em "Debate") os pacientes de hospitais públicos "optam pela própria morte", o temor pela morte economicamente induzida tem afastado idosos da internação, conforme já tem sido amplamente divulgado em jornais europeus. No Reino Unido, foi rejeitada a proposta que pretendia legalizar a cooperação médica ao suicídio de pacientes terminais. Por outro lado, naquele país é muito utilizado o chamado testamento vital ("living will"), onde o signatário declara sua vontade de suspensão dos meios artificiais para mantê-lo em vida, caso vá morrer por doença incurável ou caso perca suas faculdades mentais. Esse testamento não é eutanásia, porque para esta faz-se necessário a intervenção de uma terceira pessoa da equipe sanitária, além de paciente e médico. A medida governamental inglesa pretende tirar do pessoal sanitário a responsabilidade sobre a decisão da interrupção de tais tratamentos.

E eu perguntaria: Como ficariam essas medidas uma vez adotadas em nosso país, diante de nossos costumes populares e legislação sanitária vigentes?

Ieda T. N. Verreschi
Setor de Gônadas e Desenvolvimento
Disciplina de Endocrinologia

JP, n. 118, abril de 1999

Destacamos ainda desse debate em discussão, pelo fato de ter uma implicação à participação pública nas decisões científicas, um trecho da fala de Monteleone que, ao se reportar sobre outro tópico polêmico da pesquisa científica na área das ciências da saúde, no caso sobre a manipulação de embriões, comparava as

semelhanças de dificuldade em se fechar definitivamente a questão adotando uma linha exclusiva de conduta. Monteleone apontava para uma discussão que naquela época, no Brasil, final dos anos 1990, começava a aparecer, à qual aos poucos uma parcela importante da comunidade científica foi aderindo, e que por sinal é o grande propósito da divulgação científica, a ampla participação da sociedade nas decisões quanto aos rumos que a ciência deve tomar:

O único caminho para definição dessas questões é a discussão entre todos os setores da sociedade. Acredito que esse debate está se ampliando. Estive recentemente num simpósio sobre manipulação do embrião pré-implante em que, além dos médicos e pesquisadores da área, estiveram também um teólogo, um advogado e um antropólogo, entre outros profissionais de diferentes setores.

Na seqüência da descrição e caracterização da segunda fase do JP, apresentamos as considerações sobre a coluna “Entrevista”.

6.3 COLUNA ENTREVISTA

Por definição, entrevista:

[...] constitui uma das principais fontes de informação de um jornal e está presente, direta ou veladamente, na maioria das notícias que ele publica. Ela pode ser tanto a própria reportagem como apenas parte dela” (*Manual de Redação, O Estado de São Paulo*, 1990, p. 31).

Uma vez estabelecida essa definição do gênero jornalístico entrevista, discorreremos a seguir acerca da coluna de mesmo nome que passou a ser publicada no JP a partir da edição 118 (abril de 1998). Todas as 55 entrevistas que foram veiculadas nessa coluna constituíram-se nas próprias reportagens, ou mais especificamente, nas matérias, para não confundir com o textos da coluna “Reportagem” que passou a circular no JP quando este estava em sua terceira fase e que é objeto de discussão deste estudo no capítulo 7.

A coluna “Entrevista” foi veiculada no JP por 55 edições, com uma regularidade de circulação maior que a da coluna “Debate”, mas também aparecendo de forma intermitente. Essa coluna também fazia parte da composição da última edição impressa do JP, tendo, portanto sobrepujado a segunda fase e circulado também durante a terceira fase do jornal. Conquanto tenham sido publicadas apenas

dez entrevistas durante a segunda fase do JP, apresentamos aqui o quadro “Coluna Entrevista” no qual constam informações sintéticas sobre as 55 entrevistas veiculadas nessa coluna, pelo fato de sua circulação ter iniciado nessa fase.

Fazemos aqui, mais uma vez referência aos jornalistas que assinavam as matérias publicadas no JP e em particular agora que assinavam as matérias da coluna “Entrevista”. As 38 matérias publicadas ao longo da veiculação da coluna “Entrevista” foram assinadas por 22 diferentes jornalistas. Uma delas, contudo, foi assinada por Cláudio Csillag que, embora não sendo jornalista por formação e sim médico, atuou por vários anos junto ao JP, como pode ser constatado no Expediente do próprio jornal.

A principal função de Csillag no JP foi a de Editor de Texto, passando a fazer parte da equipe de Redação do JP durante a segunda fase do jornal, fase considerada como de transição para uma configuração mais efetiva da divulgação científica das ciências da saúde no JP. O nome de Csillag foi arrolado pela primeira vez no Expediente da edição do JP número 108, publicada em junho de 1997. Sua atuação no jornal e no contexto da divulgação científica será novamente referenciada na discussão da terceira fase do jornal. No momento, ressaltamos que a atuação direta de um especialista médico na equipe de redação do jornal, em nosso entender, minimizava os questionamentos que partiam não necessariamente de membros da UNIFESP/EPM, mas de uma preocupação por parte de muitos cientistas quanto aos riscos de alterações da informação científica por ocasião da “tradução” da mesma para uma linguagem jornalística.

Desses 22 jornalistas, 11 deles assinaram também matérias publicadas na coluna “Debate”. Doze jornalistas não tiveram seus nomes arrolados no Expediente do JP, o que é uma evidência de que não faziam parte do quadro direto da equipe de redação jornal. A equipe do Departamento de Comunicação incluía como já mencionado, profissionais concursados e estabilizados como funcionários públicos, mas em número significativamente menor quando comparado com o quadro de todos aqueles que prestavam serviços para a Assessoria de Imprensa e o JP, que em sua grande maioria atuavam sob o regime de contratados ou como *freelancers*.

Antes de discutir duas entrevistas tomadas como exemplo das matérias que fizeram parte da coluna em discussão, apresentamos o quadro intitulado “Coluna Entrevista”, no qual sintetizamos informações gerais acerca das entrevistas, lembrando que apenas as dez primeiras fizeram parte da segunda fase do JP.

Quadro 11 – Coluna Entrevista

Quadro Coluna Entrevista					
	Ediç.	Mês/Ano	Título ou Tema	Entrevistador	Entrevistado(a)
1	118	abr/98	ADPM rejeita programa de incentivos	Rachel Cardoso	Rosemarie Andreazza
2	119	mai/98	Ciência e golpes de vontade	Mariana G.Carvalho	Esper Abrão Cavalheiro
3	120	jun/98	É hora de viagra?	Jussara Mangini	Urol. Miguel Srougi
4	121	jul/98	Dias contados para a enxaqueca	Jussara Mangini	Deusvenir S. Carvalho
5	122	ago/98	Que remédio	Jussara Mangini	Elisaldo Carlini
6	126	dez/98	Investimentos na luta contra Aids crescem apesar de cortes no orçamento	André Siqueira	Pedro Chequer
7	127	jan/99	Ministério da Educação, do Desporto da Ciência, da Tecnologia...	Ricardo Zorzetto	Sérgio H. Ferreira Pres. SBPC
8	128	fev/99	Estudo investiga novos usos p/ o Xenical	André Siqueira	Maria Teresa Zanella
9	129	mar/99	Divisão de poder no consultório	Claudio Csillag	David Sobel
10	130	abr/199	O pai do Xingu	André Siqueira	Orlando Villas Bôas
11	131	mai/99	Imagem melhorada	Simone Paulino	Alexandre B. F. Santos
12	133	jul/99	O fim do pronto-socorro?	André Siqueira	José O. Medina Pestana
13	133	jul/99	Enfermagem - 60 anos	André Siqueira	
14	135	set/99	Menos médicos, mais qualidade	Ricardo Zorzetto	José Luiz G. do Amaral
15	137	nov/99	Um toque de humanismo na medicina	André Siqueira	Moacyr Scliar
16	138	dez/99	Esper assume secretaria no ministério	Ricardo Zorzetto	Esper Cavalheiro
17	138	dez/99	Pró-reitor de Pós-grad. e Pesq. quer melhorar relação entre cientistas	Ricardo Zorzetto Simone Paulino	Rui Maciel
18	139	jan/00	Chefe da Dipa assessora a Capes em projeto com universidades alemãs	Simone Paulino	Reinaldo Salomão
19	145	jul/00	Rumos do ensino superior	Ricardo Zorzetto	Antônio MacDowe
20	146	ago/00	Remédio para a saúde	Ricardo Zorzetto	Gonzalo Vecina Neto
21	147	set/00	Novo pró-reitor deseja pós-grad. + racional	Ricardo Zorzetto	Nestor Schor
22	148	out/00	Ciência na rede	Ricardo Zorzetto	Coimbra Sirica
23	150	dez/00	Novo secret.Saúde quer Consorcio Metrop.	Francisco Bicudo Ricardo Zorzetto	Eduardo Jorge
24	152	fev/01	Mulheres: maioria entre pesquis. jovens	Francisco Bicudo	Reinaldo Guimarães
25	153	mar/01	Profissionais da universidade implantam saúde da família	Ricardo Zorzetto	Ana Cristina Brêtas e Ana Lúcia Pereira
26	154	abr/01	Falta treinamento a relatores dos Comitês de Ética em Pesquisa no país	Isabel Adélia Castro	Greyce Lousana
27	156	jun/01	Brasil quer remédio + barato c/tra a Aids	Francisco Bicudo	Antonio Fonseca
28	157	jul/01	Estudo internacional avalia combinação entre álcool e acidentes	Alessandra Pereira	Cheryl Cherpitel
29	158	ago/01	Especialista norte-americano defende currículo mais flexível	Ricardo Zorzetto	Stewart Mennin
30	159	set/01	Medicina deve mergulhar nas ciências humanas, diz historiador	Tatiana Ferreira	Dante Marcello Gallian
31	160	out/01	Pastoral trabalha p/resgatar cidad. das cças	Francisco Bicudo	Zilda Arns
32	161	nov/01	Orçamento das federais cai 15% na era FH	Ricardo Zorzetto	Nelson Cardoso Amaral
33	162	dez/01	Brasil terá de conviver com o mosquito Aedes aegypti	Francisco Bicudo	Marcelo Nascimento Burattini
34	163	jan/01	Célula-tronco adulta revoluciona medicina	Wagner Faneco	Antonio Carlos Campos
35	164	fev/01	Opas ainda busca seu desafio inicial	Beto Gomes	Jacobo Finkelman
36	165	mar/02	Atualização médica na sala de espera	Rodrigo Pena Majella	Chris Williams
37	166	abr/02	Brasil na rota pandemia mundial de gripe	José G. Neto	João Toniolo Neto
38	168	jun/02	Em busca de autonomia	Beto Gomes	Mozart Neves Ramos

Diferentemente das matérias publicadas na coluna “Debate”, para a composição das matérias da coluna “Entrevista”, colhia-se o depoimento de um único entrevistado, que respondia a perguntas sobre um tema específico. As matérias consistiam em textos que geralmente ocupavam uma página inteira do jornal. Não foi seguido exatamente o mesmo padrão de apresentação para todas as entrevistas, mas em todas eram inseridas uma foto do entrevistado acompanhada de uma legenda elucidativa. Cada entrevista recebia um título destacado pelo tamanho das letras, maiores que as do corpo do texto e negritadas. Esse título era geralmente acompanhado, mas não obrigatoriamente em todas as matérias, por um subtítulo introdutório. Geralmente as matérias eram assinadas pelo jornalista que fazia tanto a da entrevista como escrevia o seu texto. Em todas as entrevistas o texto seguia um mesmo padrão estético de apresentação do texto: perguntas dirigidas ao entrevistado, destacadas em negrito acompanhadas da resposta do entrevistado. Essas matérias eram sempre fechadas reservando aos entrevistados o depoimento final.

Apresentamos a seguir dois exemplos de entrevistas que circularam na coluna “Entrevista”.

6.3.1 CIÊNCIA A GOLPES DE VONTADE

A edição 119, publicada no mês de maio de 1998, trouxe a segunda entrevista que foi veiculada na coluna em discussão. A jornalista Maria Góes Carvalho entrevistou Esper Abrão Cavalheiro que, na época, era o pró-reitor de graduação e pesquisa da UNFESP/EPM.

No final de março daquele mesmo ano, José Galizia Tundisi, presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), estivera na UNIFESP/EPM para discutir com pesquisadores e pró-reitores de todo o Brasil as perspectivas para a pesquisa científica no ano em vigência.

No parágrafo introdutório da matéria, Tundisi apresentava um resumo da entrevista com as principais informações sobre a mesma. Destacamos as seguintes frases que indicam o teor do conteúdo tratado na entrevista:

Cortes generalizados determinados pelo governo federal obrigaram as agências de fomento a alterar bruscamente o seu planejamento [...] O número de bolsas de pós-graduação caiu, pegando de surpresa as instituições de ensino e deixando a

comunidade científica em clima de desespero [...] Na Unifesp, o número de bolsas do CNPq e da Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) sofreu uma redução de cerca de 20%.

No final desse parágrafo introdutório o texto informava ainda que na entrevista:

Esper fala ao **Jornal da Paulista** sobre os principais problemas da pesquisa brasileira e as possíveis alternativas para um maior crescimento da produção científica nacional.

O título da matéria, “Ciência a golpes de vontade”, e o seu subtítulo, “Pro-reitor de pós-graduação e pesquisa critica falta de planejamento científico no país”, é um exemplo que, conquanto circunscrito ao âmbito universitário, o JP inseria em suas páginas a abordagem de temas que envolviam a discussão do estabelecimento de políticas públicas. Um jornal universitário, no nosso entender, é um dos importantes veículos para se discutir a política científica nacional.

Apresentamos a seguir a íntegra do texto da entrevista:

Figura 9 – Ciência a golpes de vontade

Ciência a golpes de vontade

Pró-reitor de pós-graduação e pesquisa critica falta de planejamento científico no país

JP - Há algum planejamento estratégico para a pesquisa no Brasil?

Esper - Não existe nenhuma política. É tudo feito a golpes de vontade. Não há um interesse específico em identificar, por exemplo, em que áreas o Brasil realmente necessita de investimentos. Não podemos esquecer que a sociedade financia a pesquisa e que, portanto, ela deve estar direcionada às necessidades daquela sociedade. Por outro lado, não é porque um país precisa, por exemplo, de astrofísicos, que uma pessoa que pesquisa vírus não tenha direito de ter seu financiamento. É preciso deixar uma parte reservada às criatividade e genialidades que aparecem. Quando foi descoberto o raio laser, o pesquisador disse que se tratava de uma resposta para uma pergunta que ainda não havia surgido. Hoje o raio laser é amplamente utilizado.

JP - Apesar dessa falta de planejamento, a pesquisa no país vai bem?

Esper - O Brasil está produzindo mais ciência hoje do que jamais produziu. Podemos dizer que nos últimos 20 anos houve uma duplicação do número de publicações brasileiras nas revistas indexadas, de bom nível internacional. Esse crescimento se deve à melhoria da pós-graduação, já que são poucas as pesquisas científicas feitas fora desses programas.

Apesar desse desenvolvimento, a crise em ciência e tecnologia não é de agora. É uma situação permanente no Brasil, onde o investimento nessa área sempre esteve abaixo das necessidades do país. Houve no entanto uma evolução mais acentuada no Estado de São Paulo desde a instituição da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

JP - A Fapesp trabalha com uma verba equivalente a 1% da arrecadação do ICMS do Estado, um sistema que parece estar dando certo. Por que outras agências de fomento não funcionam assim?

Esper - Há instituições semelhantes à Fapesp em quase todos os estados brasileiros. Cada uma das constituições estaduais prevê exatamente o mesmo tipo de repasse, que não acontece em função de interesse político. Há estados que destinam até 3% da arrecadação que, em teoria, é muito bonito. É difícil encontrar uma instituição de amparo à pesquisa que não esteja subjugada a interesses políticos. No caso do CNPq, é um organismo que faz parte do Ministério da Ciência e Tecnologia e, portanto, conta com recursos que são discutidos anualmente na distribuição do orçamento da união.

Esper - Há instituições semelhantes à Fapesp em quase todos os estados brasileiros. Cada uma das constituições estaduais prevê exatamente o mesmo tipo de repasse, que não acontece em função de interesse político. Há estados que destinam até 3% da arrecadação que, em teoria, é muito bonito. É difícil encontrar uma instituição de amparo à pesquisa que não esteja subjugada a interesses políticos. No caso do CNPq, é um organismo que faz parte do Ministério da Ciência e Tecnologia e, portanto, conta com recursos que são discutidos anualmente na distribuição do orçamento da União.

JP - A criação de universidades privadas é um caminho para o desenvolvimento da pesquisa?

Esper - O fato de se criar uma faculdade não vem atrelado à responsabilidade de um grupo de docentes que já tenha qualificação para a pesquisa. Nos anos 70 e 80, o crescimento de faculdades no Brasil foi brutal. Até hoje permanece significativa a taxa de credenciamento de instituições de ensino. Mas quando o governo dá permissão para a existência de um curso, está mais preocupado com interesses políticos e não verifica a qualificação do corpo docente. O crescimento é quantitativo e não qualitativo, dando a impressão de que o sistema está estancado, o que não é verdade. O problema é que o crescimento das instituições foi muito mais rápido que a formação de pessoas. Não é um ato presidencial ou ministerial que determina a formação de pessoas, que hoje eu posso ter 100 doutores e amanhã, 200. A capacitação de um indivíduo é um processo muito mais lento.

JP - Um fator desestimulante à formação do pesquisador é o valor da bolsa, em torno de R\$ 1.000, que o obriga a ter outras fontes de recebimento. Como isso é proibido pelo CNPq, que exige dedicação exclusiva, qual a saída para esse impasse?

Esper - Aumentar o valor da bolsa ou desvinculá-la. Temos um defeito no Brasil, que é acreditar que o número de horas dedicadas é que faz a pessoa produzir. Acho que a dedicação não está nas horas cumpridas. Deve ser mensurada não pela hora que você trabalha na instituição, mas pelo seu produto final. É bobagem imaginar que alguém é incompetente porque trabalha 20 horas e competente porque trabalha 40. É preciso acreditar que o orientador tem condições de julgar se aquele aluno, recebendo uma bolsa de R\$ 1.000, pode ou não ter um outro emprego e produzir da mesma forma. Ele pode estar aqui, num outro hospital, e tudo isso ancora sua formação como pesquisador.

JP - De que forma a falta de incentivo ao pesquisador prejudica a pesquisa?

Esper - Quando você traz o indivíduo do Norte, Nordeste ou Centro-oeste para se formar aqui, ele vivencia um ambiente rico, estimulante, com equipamentos. Quando volta à sua cidade natal ele se torna docente de uma universidade local, onde o salário é indigno e o ambiente de pesquisa não existe. Não há qualquer tipo de apoio ao "pesquisador emergente". É uma incoerência, porque o governo apostou em sua formação, dando bolsa e passagem para que ele viesse estudar no Sudeste, mas não lhe oferece recursos necessários para que ele dê continuidade ao seu trabalho em sua cidade de origem. Não existe uma política de reassentamento do pesquisador que, com sua formação diferenciada, acaba virando reitor ou assumindo outros cargos, sem conseguir replicar o que ele aprendeu aqui.

JP - Quais as estratégias para amenizar as discrepâncias regionais?

Esper - Atualmente tanto a Capes como o CNPq têm uma política de programas regionais que alocam verbas específicas para regiões carentes.

Os convênios interinstitucionais também funcionam muito bem. A Unifesp tem convênios, por exemplo, com instituições no Amazonas, Pará e Rio Grande do Norte através dos quais não só trazemos pessoas de lá para serem formadas aqui, como vamos até lá para ajudar na estruturação de centros de pesquisa e formar várias bases locais de conhecimento.

JP - A Unifesp está preparada para as áreas de pesquisa científica que devem explodir na virada do milênio?

Esper - A Unifesp é uma das líderes nacionais em biologia molecular, campo de conhecimento que deve explodir nos próximos anos. Temos profissionais da biologia molecular em quase todos os departamentos da universidade, o que me credencia a comprar esta briga para o próximo milênio.

JP número 119, maio de 1998

Outra entrevista que destacamos a seguir, ao tratar da relação médico-paciente, relatava uma experiência norte-americana de educação ao paciente. Como o próprio paciente é protagonista no processo de educação, percebemos aqui uma possibilidade de relacionar a educação ao paciente com a divulgação científica. O jornal representaria nesse processo um dos meios para a obtenção de informações por parte de pacientes. Pacientes que procurávamos serviços da UNIFESP/EPM e seus acompanhantes representavam um dos componentes do público leitor do JP.

6.3.2 DIVISÃO DE PODER NO CONSULTÓRIO

Essa entrevista foi publicada na edição do JP número 129 (março de 1999). Consideramos sua discussão como relevante para o contexto da divulgação científica em seu propósito de contribuição tanto para o debate acerca do empoderamento em saúde como para a questão da educação popular

Cláudio Csillag, médico que atuava na equipe de redação do JP, foi o entrevistador de David Sobel, diretor do Departamento de Educação em Saúde da

Kaiser Permanente⁶³. A síntese da entrevista encontrava-se logo no primeiro parágrafo:

O papel do médico na assistência à saúde é menor do que muitos pensam, e a tendência é diminuir ainda mais. De acordo com David Sobel, [...] outros profissionais e o próprio paciente devem assumir importância cada vez maior na relação médico-paciente ou, como Sobel define, 'sistema de saúde-paciente'.

Diante da primeira pergunta sobre o médico ser o centro do sistema de saúde, Sobel respondeu que:

Muitos pensam que a assistência básica à saúde é proporcionada pelo médico. Na verdade, por menos aparente que seja, a assistência é proporcionada por um sistema de saúde, que, entre muitos outros fatores, inclui o médico.

Cerca de 80% a 90% das pessoas que apresentam algum sintoma tomam decisões sobre sua saúde sozinhas, sem recorrer ao sistema de saúde. São essas decisões que formam o grosso de um sistema de assistência básica à saúde

Ao ser indagado por Csillag acerca da adequação das decisões de saúde que as pessoas tomam sozinhas, Sobel declarou que:

Você quer dizer: os pacientes estão se cuidando direito? Nem sempre. A assistência primária à saúde tem que ser baseada nas melhores informações, e para isso é necessário um esforço educacional. Parte desse esforço é proporcionar um acesso facilitado à informação, através da educação ao paciente.

Acerca da possibilidade da interpretação por parte do paciente das informações sobre a saúde ser afetada por existir uma condição médica que o aflige, Sobel declarou que:

Sim, afeta. Mas a ausência de informação também afeta a capacidade de decisão do paciente! Infelizmente nem sempre o paciente quer receber informações sobre sua doença. Em vez de querer desenvolver a capacidade de tomar decisões junto com o médico, quer que o médico resolva o problema deles.

Questionado por Csillag se a educação ao paciente poderia não surtir efeito, Sobel, toca num ponto controvertido sobre um estágio de tratamento em que existem informações polêmicas ou pouco definidas:

Não, e isso não depende apenas do paciente. O impacto da educação também depende da situação. Quando uma informação sobre um tratamento é bem estabelecida, como um antibiótico para uma infecção, é fácil tomar a decisão de adotar esse tratamento.

⁶³ Principal plano de saúde dos Estados Unidos.

Mas as informações também podem ser polêmicas, ou pouco definidas, que não facilitam muito a tomada de decisão, como em alguns tratamentos para câncer. Nessas horas, o rumo do tratamento tem de ser baseado em valores e preferências do paciente

Ao falar sobre a divisão de poder do médico com o paciente, apontado por Csillag como perda do papel paternalista por parte do médico, e questionando “os médicos gostam disso?”, Sobel respondeu:

Nem sempre. Mas é uma ilusão e um fardo querer assumir uma postura divina sobre a vida dos outros. Dividir o poder na relação com o paciente é libertador para o médico. Por exemplo, 30% das medicações prescritas não são tomadas pelos pacientes, o que é frustrante para muitos profissionais. Temos dados que provam que o paciente segue mais adequadamente a orientação médica se as decisões são feitas em conjunto.

A parte final da entrevista foi destinada para a apresentação da atuação dos educadores em saúde que Sobel diz estarem tornando-se cada vez atuantes, prevendo o meso que “os médicos vão perder campo de atuação e vão ter que aprender a trabalhar em equipe”, e que isto se justifica levando em conta os custos que se têm quanto à exclusividade dos “médicos para cuidar de tantos aspectos da assistência”.

No último questionamento de Csillag sobre dados do impacto da educação ao paciente, Sobel apresentou as seguintes informações:

Estudos mostram que pacientes que sofreram infarto e tiveram um acompanhamento por telefone com enfermeiras apresentaram menos colesterol e menor índice de tabagismo do que pacientes que só receberam atendimento no consultório, com o médico.

Uma forma de educação com resultados surpreendentes é a fornecida por grupos de pacientes que já possuem alguma doença crônica. Voluntários treinados ensinam novos pacientes a lidar com alguma incapacidade ou com algum sintoma, por exemplo. Esse tipo de abordagem chega até a reduzir o tempo de internação hospitalar.

Ou seja, a educação ao paciente tem um impacto sobre a utilização do sistema e sobre os custos com saúde. O propósito não é reduzir a utilização dos recursos de saúde, mas aumentar o uso adequado deles.

Pacientes com problemas complexos muitas vezes precisam esperar por uma consulta ou procedimento, e ao mesmo tempo existem pacientes que ocupam o tempo do médico apenas para buscar informações sobre dúvidas simples, que poderiam ser resolvidas com material apropriado.

Isso aumenta o acesso aos serviços de saúde por quem mais precisa e aumenta o grau de satisfação de todos os pacientes, inclusive os que deixaram de ir ao médico porque conseguiram resolver sozinhos seus problemas.

Destacamos desta última fala de Sobel o papel que pacientes treinados podem exercer na propagação de informações para outros pacientes. Consideramos que aqui também está circunstanciada a divulgação científica. Sugerimos que a divulgação científica a exemplo da sua promoção pelo JP, poderia ser um dos recursos contributivos para o processo de educação ao paciente.

Entendemos que a atividade da divulgação científica exerce um papel educativo, embora estejamos cientes de seus limites e da existência de críticos como Baudoïn Jurdant que, ao declarar que é impossível tornar-se um especialista apenas com o conhecimento de palavras científicas⁶⁴, propõe que se retire a idéia de função didática da vulgarização científica.

Contudo, pensamos que o JP, com seu conteúdo informativo calcado nas ciências da saúde, expresso em linguagem acessível, representava um elemento constitutivo daquilo a que Sobel se referia em sua entrevista como “sistema de saúde-paciente”.

Para exemplificar essa consideração da divulgação científica representando um papel educativo, particularmente na área das ciências da saúde e considerando a realidade brasileira, apontamos para dados tomados do IBGE, do *Anuário Estatístico de Saúde do Brasil* e do PNAD.

O censo demográfico de 2005 mostrava que o Brasil tinha, naquela ocasião, uma população de 183 milhões de habitantes (IBGE 2005). Desse contingente, cada mil habitantes contavam, em 2001, segundo o *Anuário Estatístico de Saúde do Brasil*, com a assistência de 1,9 médicos, sendo que, em alguns Estados das regiões Norte e Nordeste, esse índice caía para até um médico por mil habitantes. Em 2003, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) revelaram que 62,8% da população brasileira passou por uma consulta médica entre os 12 meses que antecederam à coleta dos dados, e que, na média, cada brasileiro consultou um médico aproximadamente 2,4 vezes por ano.

Dada a grandeza continental e populacional do Brasil e a despeito dos dados estatísticos mostrarem pela média que todos os brasileiros receberam assistência

⁶⁴ Baudoïn Jurdant, em palestra proferida no dia 19 de outubro de 2006, no “Seminário Estratégias para a divulgação científica na sociedade do conhecimento” realizado nos dias 19 e 20 de outubro de 2006, na Faculdade de Medicina Veterinária da USP, criticou a pretensão didática da divulgação científica declarando, entre outras coisas, que “não se forma um físico lendo revistas de vulgarização científica progressivamente até chegar às revistas científicas de física”. Jurdant declarou ainda que autodatas representam uma minoria ínfima da sociedade e que mesmo assim “não se aprende ciência através da vulgarização científica”.

médica em um consultório, sabemos que a realidade é diferente. Quase 40% da população na verdade não passou por uma única consulta médica em 2003, o que, estatisticamente é um número bastante significativo. Apesar de todos os esforços governamentais e institucionais na procura de prover atendimento médico de qualidade a todos os brasileiros, ainda assim a assistência à saúde encontra muitas dificuldades para realmente estender a todos os brasileiros esse atendimento. Daí a educação ao paciente que, entendemos, está implícito no princípio do SUS, desempenhar uma importante ferramenta nessa conjuntura.

Pensamos que a divulgação científica, utilizando o recurso da mídia, particularizada neste estudo à mídia impressa da qual o JP foi um exemplo como jornal universitário, desempenhe um importante papel informativo-educativo neste contexto. Encontramos apoio para este posicionamento numa pesquisa cujos resultados foram apresentados no periódico científico *Canadian Medical Association Journal* (CMAJ). Bubela e Caulfield⁶⁵ (2004) fizeram um estudo para responder se a mídia impressa cometia exageros na divulgação de informações acerca das pesquisas genéticas. Eles assumiram como ponto de partida para a pesquisa o fato de que “a maioria das pessoas toma conhecimento de assuntos relacionados à pesquisa genética por intermédio da mídia” (p. 1.399).

Condit (2004, p. 1.415) tem o mesmo posicionamento que Bubela e Caulfield quanto à contribuição da mídia. Não se restringindo apenas à pesquisa genética, estende essa contribuição à saúde em geral:

As pessoas leigas obtêm da mídia uma quantidade substancial de informação acerca da saúde e de tópicos relacionados.

Harrabin, Coote e Allen (2003) apresentam, no entanto, ressalvas quanto à comunicação de saúde pela mídia. Esses pesquisadores analisaram, na Inglaterra entre os anos 2000 a 2002, a cobertura jornalística de temas de saúde e de riscos à saúde em três programas da rede BBC – TV (BBC News at Ten O’Clock, News-night e BBC Radio 5 Live) e em três jornais de grande circulação (Daily Mirror, Daily Mail e

⁶⁵ Este estudo foi discutido com mais detalhes no artigo “Divulgação científica e confiabilidade” (TEIXEIRA, 2004) no qual o autor se reportava ainda à pesquisa promovida pela Rede Ibero-americana de Indicadores de Ciência e Tecnologia (RYCYT/CYTED) e a Organização de Estados Ibero-americanos (OEI) sobre percepção pública de ciência na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai (2002/2003), e à pesquisa realizada na Inglaterra promovida pelo King’s Fund e rede BBC de comunicação (2000-2002), sobre a cobertura jornalística em assuntos de saúde e em assuntos de riscos à saúde.

The Guardian). Embora asseverarem que não acusavam a mídia de cometer exageros ou más interpretações, concordavam com especialistas em saúde pública que criticavam a mídia pelo fato desta, no afã de apresentarem sempre novas notícias, interessavam-se em divulgar temas acerca de riscos não tão comuns, como por exemplo a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), em detrimento de temas de riscos mais comuns, tais como fumo, álcool e obesidade.

Esses autores discorrem também que, além de exercerem influência sobre a população em geral, as informações de saúde que circulam pela mídia atingem um grupo especial de leitores – os gestores de políticas públicas da saúde:

Reportagens sobre temas de saúde podem exercer grande influência nas prioridades e decisões dos gestores de políticas públicas por aquilo que vêem na televisão, ouvem no rádio e lêem na mídia geral e especializada. Membros da sociedade podem também alterar seu comportamento de maneira a afetar sua saúde, como resultado, ao menos parcial, da informação e conselho que obtém da mídia (HARRABIN, COOTE e ALLEN, 2003, pág. 7 – tradução livre).

Não se pode, contudo, pressupor a influência da mídia como uma espécie de cumprimento da teoria da Tábula Rasa (John Locke, 1632-1704). Figueredo (2000), por exemplo, opõe-se à idéia de uma “teoria conspiratória” com relação à influência da mídia, reportando-se a estudos que demonstram uma certa limitação dessa influência e que reconhecem a capacidade do público em filtrar as informações da mídia. As mensagens da mídia, segundo Figueredo, são seletivamente processadas e confrontadas com outras fontes.

Ainda com relação à pesquisa realizada por Bubela e Caulfield, a conclusão a que chegaram da análise de jornais do Canadá, dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da Austrália, é que:

Nossos dados sugerem que a maioria dos artigos de jornal apresenta os resultados convenientemente e refletem os argumentos postulados nos artigos publicados nos periódicos científicos. Nosso estudo também destaca uma ênfase nos benefícios e uma sub-representação dos riscos, tanto nos artigos científicos como nos artigos da mídia impressa (BUBELA e CUALFIELD, 2004, pp. 1.399, 1.403).

Bubela e Caulfield basearam sua análise em jornais da grande mídia, e encontraram uma tendência, para a qual julgam a necessidade de mais pesquisas para sua confirmação, de que os jornalistas são cúmplices dos cientistas e induzidos por estes quanto ao exagero de algumas matérias jornalísticas publicadas na grande mídia na área da pesquisa genética.

Com estas últimas considerações concluímos a discussão e análise da segunda fase do JP.

A segunda fase do JP foi marcada pela configuração do JP como um jornal que paulatinamente aumentava a inserção de matérias de divulgação científica em suas páginas, a ponto de chegar o momento em que a demanda por mais espaço para a publicação dessas matérias propiciou o lançamento de um novo veículo de comunicação da universidade – o JPInforma, que passando este, como um *house organ* a se ocupar com a comunicação interna, liberou o JP para assumir definitivamente seu papel de comunicação pública das ciências da saúde, como poderá ser constatado no capítulo que segue, no qual discutimos a terceira e última fase do JP.

A divulgação da ciência na atualidade assume um papel político de maior abrangência, pois somente a partir da conscientização da sociedade será possível pensar em outros modelos que não estejam pautados nas idéias de progresso e de desenvolvimento na forma como eles têm sido pensados. O maior conhecimento que a ciência pode trazer, se devidamente socializado, contribuirá para uma nova visão de mundo em que o futuro é decorrência de ações do presente. Muitas ações possíveis no presente poderão ter implicações desastrosas no futuro e não deverão ser realizadas, mesmo que tragam aparentes vantagens e lucros imediatos (BARROS, 2005, p. 117).

CAPÍTULO 7 - DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA TERCEIRA FASE DO JP - (junho de 1999 a novembro/dezembro de 2003)

A terceira e última fase do JP iniciou-se com a publicação em junho de 1999 da edição do jornal número 131. Na ocasião o JP já vinha circulando mensalmente por 12 anos. São episódios referenciais da terceira fase a veiculação no jornal das colunas “Comunicação” e “Reportagens”, que passaram a ser editadas a partir das edições 131 e 166, respectivamente. O lançamento do *Jornal da Paulista Informa*, o JPInforma, cujo lançamento foi anunciado na edição do JP número 134 (agosto de 1999), e o texto que consideramos ser a “Declaração de Missão do JP”, publicado pela primeira vez na edição 152 (fevereiro de 2001), são outros dois marcos referenciais da terceira fase do jornal. Essa fase encerrou-se com o fim da publicação impressa do jornal com a edição 185, edição de novembro/dezembro de 2003.

Cabem duas observações no início desta discussão acerca da terceira fase do JP. A primeira delas consiste da constatação de que, devido ao crescimento da UNIFESP/EPM, houve um aumento na demanda pela publicação de informações de interesse restrito à comunidade interna, sendo que o JP não dispunha de espaço suficiente para veicular essas informações. Como resposta a essa demanda, foi então criado o JPInforma que funcionou como o *house organ* da instituição:

O JPInforma - ou apenas **JPI** - que começa hoje, tem uma proposta diferente: mostrar as pessoas e atividades da Unifesp para a Unifesp. Isto porque, com o crescimento de todos os setores da universidade, falta espaço no **JP** (JPInforma, número 1, junho de 1999).

Essa necessidade por um espaço maior para a notificação das informações de interesse restrito à comunidade interna, explica apenas parcialmente o lançamento do JPInforma. A análise do JP permite-nos aventar outra explicação paralela para o surgimento do novo jornal - o considerável aumento da demanda de espaço no próprio JP para a publicação de matérias de divulgação científica.

Na matéria “Imprensa amplia serviços”, publicada na coluna Comunicação da edição do JP número 134 (agosto de 1999), a editora-executiva das publicações e da Assessoria de Imprensa da UNIFESP/EPM, Eliane Oliveira, relatava ainda acerca de

implementações na política do Departamento de Comunicação da universidade, que incluíam o JPInforma, bem como “a elaboração de novas publicações, cursos de comunicação para profissionais de saúde e cursos sobre saúde para jornalistas”, que serão melhor discutidos ao longo deste capítulo.

Cabe ainda observar que no início da terceira fase do JP, a despeito de uma intensificação na veiculação de matérias de divulgação científica, subjazia ainda naquele momento a necessidade de se divulgar o nome da instituição. Isto é perceptível nesse mesmo texto em que Oliveira discorria acerca das implementações no Departamento de Comunicação da universidade:

Com mais espaço, temos condições de oferecer mais produtos e ampliar os serviços de comunicação. Queremos que o **JP** cumpra também o papel de divulgar a universidade para o público externo. Além da distribuição interna enviamos o **JP** para os principais veículos de comunicação, outras instituições de ensino e saúde e órgãos do governo. Os repórteres de outros veículos se interessam pelo assunto e produzem reportagens sobre temas publicados no **JP**, reforçando o trabalho da assessoria de imprensa. Essa repercussão é resultado da adoção de critérios estritamente jornalísticos na escolha dos assuntos tratados (OLIVEIRA, JP n. 134, agosto de 1999).

A terceira fase está ainda associada ao período no qual sob promoção do Departamento de Comunicação, a universidade começou a articular as idéias de um movimento que se consolidava internacionalmente e que no Brasil também ia se constituindo, um pouco mais tardiamente que nos países desenvolvidos, a saber, o debate em torno da comunicação pública de ciência e tecnologia, o movimento da divulgação científica⁶⁶.

Com a criação do JPInforma, as páginas que no JP eram dedicadas à comunicação de informações circunscritas aos interesses puramente institucionais passaram a integrar aquele novo jornal, o que propiciou um aumento de espaço no JP para a publicação de matérias de divulgação científica. A divulgação dessas matérias que já vinha sendo realizada durante a segunda fase do jornal, principalmente nas colunas “Pesquisa”, “Debate” e “Entrevista”, ganhou mais espaço durante a terceira fase, com a veiculação da nova coluna “Reportagens”.

Outra coluna que teve início na terceira fase, “Notas”, que posteriormente mudou o nome para “Curtas”, embora trouxesse como o nome sugere pequenas notas

⁶⁶ Neste estudo apoiado em dados referenciais já anteriormente apresentados, atribuímos ao período pós-Segunda Guerra Mundial um movimento mais atuante nos países desenvolvidos em prol da divulgação científica, que no Brasil ocorre um pouco mais tarde.

abrangendo um grande espectro de informações da área da saúde, veiculou um número significativo de informações de divulgação científica.

Algumas colunas que foram veiculadas durante a segunda fase do JP continuaram a ser publicadas na terceira fase do jornal. Com o início da veiculação do JPInforma, muitas colunas que correspondiam à divulgação de material informativo de interesse exclusivo da comunidade UNIFESP/EPM, passaram a integrar o novo jornal.

Durante a evolução de sua terceira fase, o JP consolidou sua identidade como instrumento de divulgação científica das ciências da saúde. Resgatando a concepção da constituição de um jornal como um “sujeito semiótico”, que constrói sua imagem de marca ao longo de sua periodicidade, exposta no referencial teórico deste estudo a partir da contribuição do semiólogo Landowiski, consideramos a terceira fase do JP aquela na qual o jornal alcançou o estágio de maturidade como veículo de comunicação científica pública, voltando-se mais plenamente para a comunicação pública das ciências da saúde.

Ponderamos que uma indicação desse estágio de maturidade pode ser visto na ocasião em que o próprio jornal assume como compromisso voltar-se para a sociedade, tendo como principal característica a divulgação das atividades científicas desenvolvidas pela universidade.

Essa declaração foi publicada na edição 152, de fevereiro de 2001, sendo veiculada a partir de então nas versões eletrônicas do jornal, sob o título: “O Jornal da Paulista”. Interpretamos esse texto como a declaração de missão⁶⁷ do jornal que antecede ao próprio Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e se contrapõe à caracterização do JP no início de sua primeira fase, quando o jornal assumia-se, naquele período, como um “Jornal da EPM para a EPM”.

O JP, embora não se assumindo necessariamente como um instrumento de divulgação científica, fazia inferência à divulgação científica como pode ser constatado na leitura do texto “O Jornal da Paulista”:

⁶⁷ Pensamos que o JP, com a publicação daquilo que entendemos como sua declaração de missão, antecipou-se ao próprio Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) que foi criado em dezembro de 2004, como uma decorrência do estabelecimento do Sistema Nacional de Avaliação das Instituições de Ensino Superior – SINAES (Lei nº 10.861 – abril de 2004). No documento produzido pela Secretaria da Educação Superior do MEC para a identificação do perfil institucional passava-se a exigir, entre outros, a declaração de sua missão. Conseqüentemente a esta exigência, e a partir de então a declaração de missão permeia todo o organismo universitário, sendo que os departamentos, órgãos e outros setores das IES começaram também a estabelecer suas próprias declarações de missão.

O *Jornal da Paulista* tem como característica principal a publicação das atividades científicas desenvolvidas pela universidade. Além das seções *Pesquisa, Assistência e Ensino*, o JP, como é conhecido, procura levar à sociedade entrevistas e debates sobre assuntos atuais e polêmicos. Ele traz ainda a opinião de autoridades e especialistas sobre o funcionamento do sistema de saúde e discute os diversos aspectos que envolvem o mercado de trabalho na área médica.

É uma publicação mensal – sai sempre no dia 15 de cada mês – e tem tiragem de cinco mil exemplares. Foi criado em 1987 e passou por várias reformulações para adaptar-se ao crescimento da universidade (JP, número 152, fevereiro de 2001).

Além dessa declaração, percebemos na análise da terceira fase do JP outras indicações de que o jornal voltava-se, naquele momento, mais plenamente para a comunicação pública das ciências da saúde, satisfazendo assim a hipótese inicial deste estudo.

Antes de discutir as duas colunas principais dessa terceira fase, “Comunicação” e “Reportagens”, que estão mais diretamente relacionadas ao contexto da divulgação científica e que ajudam a compreender o estágio de maturidade ao qual nos reportamos ter o jornal alcançado nessa terceira e última fase de sua trajetória, apresentamos abaixo dois quadros que trazem informações sobre as colunas que integravam o JP em sua terceira fase.

Durante a terceira fase, que abrangeu a publicação de 54 edições, foram veiculadas, no JP, 17 diferentes colunas. Desse total, dez foram veiculadas também na segunda fase e sete foram introduzidas especificamente durante a terceira fase.

7.1 COLUNAS 3^A FASE DO JP

No primeiro quadro que segue abaixo estão listadas as colunas que foram introduzidas na segunda fase do JP e que continuaram a ser veiculadas na terceira fase do jornal:

Quadro 12 – Colunas da 2ª Fase que Circularam na 3ª Fase do JP

COLUNAS DA 2ª FASE QUE CIRCULARAM NA 3ª FASE DO JP		
N	Nome da Coluna	Duração na 3ª Fase
1	Painel	Três edições. Até a edição número 133.
2	Comunidade	Quatro edições. Interrupção nas edições 133 e 134. Até edição número 136.
3	Ensino	Quarenta e quatro edições. Deixou de ser publicada com a edição número 161.
4	Pesquisa	Foi mantida com periodicidade, com exceção da edição número 185.
5	Entrevista	Foi mantida até a edição número 185, mas veiculada com interrupções.
6	Assistência	Circulou com regularidade até a edição número 154.
7	Debate	Foi mantida até a edição número 185, com irregularidade de veiculação.
8	Hospital São Paulo	Foi veiculada nas edições número 133,135, 137 e 145.
9	Especial	Foi veiculada em nove edições.
10	Teses Aprovadas	Circulou com periodicidade em todas as edições.

A seguir são apresentadas as sete novas colunas que foram introduzidas no JP durante a sua terceira fase. Dessas, por estarem diretamente relacionadas ao contexto

do eixo norteador deste estudo, as colunas “Comunicação” e “Reportagens” são discutidas na seqüência.

Quadro 13 – JP 3ª Fase: Novas Colunas

JP 3ª FASE: NOVAS COLUNAS		
N	Nome da Coluna	Inserção na 3ª Fase/Duração
1	Comunicação	Edição número 131. Circulou por 12 edições de forma intermitentes.
2	Oficial	Circulou apenas nas edições números 131 e 132.
3	Notas / Curtas	Iniciou como Notas na edição 133, mudou o nome para Curtas a partir da edição 154. Da edição número 146 até a edição número 162 circulou periodicamente.
4	Mercado Mercado de Trabalho	Iniciou como Mercado (edição número 137). Passou a ser Mercado de Trabalho a partir da edição 141, sendo veiculada por mais sete edições.
5	Reportagens	Circulação não regular em 12 edições a partir da edição número 166 - até a edição número 184.
6	UNIFESP 70 a	Circulou em cinco edições a partir da edição número 181.
7	Palavra do Reitor	Circulou nas edições número 183, 184 e 185.

7.2 COLUNA COMUNICAÇÃO

O episódio que dá início à terceira fase do JP foi o lançamento da coluna “Comunicação”, veiculada pela primeira vez na edição 131, publicada em maio de 1999, quando o jornal estava em seu 12º ano de circulação.

Os textos dessa coluna, como poderá ser constatado no quadro que apresentamos abaixo, traziam informações sobre a comunicação pública das ciências da saúde, sobre a divulgação científica, sobre o jornalismo científico e sobre promoções de eventos na UNIFESP/EPM – *workshops*, encontros e cursos – que visavam a aproximação da universidade com a sociedade por meio da comunicação científica pública.

Quadro 14 – Coluna Comunicação

Quadro: Coluna Comunicação	
(1) JP: Ano 12 - Nº 131 - Maio de 1999 - págs 4 e 5:	
Matérias	
1	Título: População tem sede de ciência
	Síntese: Congresso internacional realizado na Espanha (Granada) enfatiza importância da divulgação científica. Tema: "Comunicar a ciência no século XXI".
2	Título: Divulgar é dever dos cientistas
	Síntese: "Os cientistas não têm somente a possibilidade, mas também o dever de falar em voz alta e chamar a atenção para os males de que padecemos ..."
3	Título: Veículos de comunicação intimidam pesquisadores
	Síntese: Um dos maiores obstáculos à divulgação científica é o receio dos pesquisadores de que os resultados de seus trabalhos sejam divulgados com sensacionalismo e até alarmismo.
4	dez dicas para divulgar ciência.
(2) JP: Ano 12 - Nº 134 - Agosto de 1999 - págs 8 e 9:	
Matérias	
5	Título: Jornalismo com saúde
	Síntese: O segundo semestre de 1999 traz muitas inovações para o Departamento de Comunicação da universidade.
6	Título: Imprensa amplia serviços
	Síntese: Publicações e cursos inéditos promovem a aproximação entre a universidade e o público.
7	Cursos "quebram gelo" entre médicos e jornalistas
(3) JP: Ano 13 - Nº 137 - Novembro de 1999 - págs :	
Matérias	
8	Título: Notícias saudáveis
	Síntese: Médicos e jornalistas participam de curso para melhorar a qualidade da informação
	De 18 a 20 de outubro cerca de 50 jornalistas participaram do Curso de Saúde e Jornalismo, organizado com o apoio da Pró-reitoria de Extensão
	No dia 27 docentes da universidade assistiram palestras de especialistas em comunicação da saúde
	Estabelecido plano de curso de aperfeiçoamento em saúde para jornalistas
(4) JP: Ano 13 - Nº 141 - Março de 2000 - pág. 16:	
Matérias	
9	Título: Unifesp promove curso de aperfeiçoamento para jornalistas
	Síntese: Para ajudar a melhorar a qualidade das informações sobre saúde na mídia, a Unifesp ministrará o primeiro Curso de Comunicação em Saúde para profissionais de imprensa.
(5) JP: Ano 13 - Nº 142 - Abril de 2000 - pág. :	
Matérias	
10	Título: Programação da TV Unifesp

Quadro: Coluna Comunicação	
(6) JP: Ano 13 - Nº 143 - Maio de 2000 - págs 10 e 11:	
Matérias	
11	Título: Imprensa deve valorizar produção científica nacional
	Síntese: Estudo apresentado no 6º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico constatou aumento de espaço para a ciência em jornais europeus
12	Título: Ciência de peso
	Síntese: "Brasileira é editora da revista Nature, um dos periódicos científicos mais importantes do mundo.
(7) JP: Ano 13 - Nº 146 - Agosto de 2000 - pág. :	
Matérias	
13	Título: Programação da TV Unifesp
JP: Ano 13 - Nº 147 - Setembro de 2000 - pág. 2:	
Matérias	
14	Título: Workshop ensina como divulgar ciência
	Síntese: Nos dias 9 e 10 de outubro, a Unifesp estará promovendo o II Workshop de Comunicação em Saúde. O curso, gratuito, mostrará como ocorre a divulgação científica e como a mídia recebe e trata a informação, além de discutir como as revistas científicas, as bases indexadoras e as agências de fomento à pesquisa avaliam os trabalhos dos cientistas e das instituições
(8) JP: Ano 13 - Nº 148 - Outubro de 2000 - pág. 14:	
Matérias	
15	Título: Workshop reitera papel da Internet na divulgação científica
	Síntese: O 2º Workshop de Comunicação em Saúde da Unifesp mostrou que a divulgação de informações científicas não pode mais acontecer sem a Internet. Durante os dias 9 e 10 de outubro, quatro palestrantes abordaram algumas das principais questões relativas à comunicação científica, com especial ênfase nos meios eletrônicos.
16	Título: EurekaAlert! É exemplo que deu certo
	Síntese: Atividades de divulgação científica da AAAS
17	Título: Informações devem ser contextualizadas
18	Título: Publicação eletrônica dá visibilidade à pesquisa nacional
	Síntese: Depoimento do médico e divulgador científico Julio Abramczyk
(9) JP: Ano 13 - Nº 149 - Novembro de 2000 - pág. :	
Matérias	
19	Título: Lançamento livro Fraturas e Programação da TV Unifesp
(10) JP: Ano 14 - Nº 150 - Dezembro de 2000 - pág. 2:	
Matérias	
20	Título: Trabalho sobre falhas da mídia ganha 1º Prêmio JP
	Síntese: Com o aumento da veiculação de informações sobre saúde, os meios de comunicação parecem ter aberto mão da qualidade em favor da quantidade. Muitas das reportagens sobre descobertas científicas não contextualizam sobre o método de investigação usado.

Quadro: Coluna Comunicação	
(11) JP: Ano 14 - Nº 153 - Março de 2001 - pág. :	
Matérias	
21	Título: Revista mostra atividade do complexo Unifesp/SPDM
	Síntese: Comunicação do lançamento da revista "Saúde Paulista" (Setor de Imprensa do Departamento de Comunicação - Divulgação científica para especialistas
(12) JP: Ano 14 - Nº 157 - Julho de 2001 - pág. 12:	
Matérias	
22	Título: Projetos incentivam jornalismo científico no Brasil
	Síntese: Duas iniciativas ambiciosas pretendem dar novo fôlego e impulsionar a discussão sobre a divulgação da ciência e o jornalismo científico no Brasil.
OBS: A informação que segue abaixo foi publicada na coluna Curtas	
JP: Ano 16 - Nº 180 - Junho de 2003 - pág. :	
Título: Ciência e comunicação da América Latina em foco	
Síntese: Em maio de 2003 foi realizado na UNIFESP/EPM o workshop: Ciência, Comunicação e Sociedade: a Experiência da América Latina	

A documentação que indica a introdução do tema da divulgação científica na UNIFESP/EPM está relacionada à introdução da coluna “Comunicação” no JP, com a publicação da sua edição número 131 (Maio de 1999). A jornalista Heliana Nogueira escreveu as três primeiras matérias que fizeram parte dessa coluna, a partir de informações coletadas no Congresso Internacional de Divulgação Científica do qual havia participado no mês de março de 1999, ocorrido em Granada, Espanha, sob o tema "Comunicar a ciência no século XXI".

A coluna “Comunicação” foi veiculada em 12 números do JP, tendo sido publicadas um total de 22 matérias sobre o tema “divulgação científica”, na forma de matérias completas ou de pequenas notas informativas.

As matérias de Heliana Nogueira, ocuparam as páginas 4 e 5 da edição do JP número 131. A primeira delas recebeu o título: “População tem sede de ciência”. Destacamos algumas informações contidas nessa matéria. Segundo dados apresentados no congresso pelo Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC) da Espanha:

Uma grande maioria da população espanhola (73%) se considera mal informada sobre os avanços da ciência e da tecnologia. Boa parte (80%) está interessada em adquirir maiores conhecimentos em medicina; 78%, sobre meio ambiente; e 63%, sobre descobrimentos científicos em outras áreas.

Esses índices não são muito diferentes dos relatados por Vogt e Polino (2003) que discutiram a percepção pública de ciência a partir dos resultados obtidos numa pesquisa realizada na Argentina, no Brasil, na Espanha e no Uruguai entre o final de 2002 e começo de 2003.

Nogueira reportou-se, em seu texto, ao pensamento do coordenador do congresso e diretor do Parque de Ciências de Granada (espécie de laboratório interativo aberto ao público, mantido pelo governo), Ernesto Paramo Sureda, sobre o interesse social na informação científica:

Parte deste interesse social pela ciência pode estar relacionado à magnitude e à velocidade das mudanças sociais, estimuladas em grande parte pelos descobrimentos científicos. A ciência pode mudar nosso destino como ser humano. E a informação é uma ajuda indispensável para o debate ético, que não pode ficar confinado em um grupo de especialistas científicos.

A partir dessa referência ao interesse social pela ciência, Nogueira escreveu a segunda matéria, “Divulgar é dever dos cientistas”. Ao discorrer sobre esse tema, a jornalista citou Federico Mayor Zaragoza, diretor geral da UNESCO, que se pronunciou, na ocasião do congresso em Granada, da seguinte maneira:

Os cientistas não têm somente a possibilidade, mas também o dever de falar em voz alta e chamar a atenção para os males de que padecemos, apontando suas possíveis soluções.

A proposição de Zaragoza não é isolada, outro exemplo que discorre sobre a responsabilidade social do cientista pode ser constatado em MacDowell (1988), o qual tem a seguinte opinião:

Em virtude da ligação cada vez maior entre progresso científico e desenvolvimento social, cabe aos cientistas indagar com mais frequência e de modo mais crítico e sistemático sobre a utilização da ciência e dos resultados de suas pesquisas (MACDOWELL, 1988, pág. 70).

Os meios de comunicação de massa possibilitam essa intervenção social do cientista que, ao divulgar o conhecimento científico que produz pode ao mesmo tempo fazer expressar publicamente a sua própria voz. Embora a divulgação científica não seja uma experiência nova em nosso território, apenas em anos recentes ela vem se intensificando. Nesse sentido, não foi pequena a contribuição da UNIFESP/EPM, por meio de seu Departamento de Comunicação, para a divulgação científica das ciências

da saúde particularmente quanto ao incentivo aos pesquisadores e cientistas da universidade de se manifestarem em comunicações públicas, notadamente por meio da publicação do *Jornal da Paulista*.

A história recente da intensificação da produção científica nacional pode ser constatada em estudos acerca das raízes históricas da institucionalização da ciência no Brasil realizados por Alfonso-Goldfarb e Ferraz (2002), que incluem a divulgação da ciência junto com o ensino, a pesquisa e a aplicação do conhecimento, nos quatro componentes fundamentais para a institucionalização do conhecimento. Essas autoras atribuem ao estabelecimento, embora tardio, dos prelos⁶⁸ no Brasil, o início de nosso desenvolvimento científico. Reconhecem, ainda, que a divulgação é um dos aspectos fundamentais para que o “binômio ensino/investigação estenda-se e frutifique na sociedade” e ao combinar-se com a aplicação do conhecimento, configuram um novo binômio que viabiliza a atividade produtiva:

Na verdade, embora não seja tão evidente como o binômio ensino/investigação, a divulgação do conhecimento por meio da imprensa também forma um binômio com a aplicação do conhecimento. Uma vez que será justamente pela divulgação das pesquisas e da ampliação do ensino que se torna possível desenvolver uma atividade produtiva própria a um país (ALFONSO-GOLDFARB e FERRAZ, 2003, p. 5).

A segunda matéria de Nogueira foi fechada com as palavras de Manuel Chaves Gonzalez, chefe do governo regional de Andaluzia, ressaltando o papel educativo dos meios de comunicação:

É complexa e também apaixonante a tarefa de transmitir à sociedade os avanços da ciência. Devemos tornar fácil o complexo e transparente o opaco; suscitar perguntas; transmitir conhecimento, curiosidade e entusiasmo. A divulgação científica é compatível com o crescente domínio da imagem da comunicação superficial e da informação acelerada? Sem dúvida, devemos fazer com que assim seja. O que não podemos é renunciar ao potencial educativo que oferecem os meios de comunicação.

Complementando o discurso de Gonzales, um exemplo do papel educativo dos meios de comunicação aplicado à saúde pode ser constatado quando, dirigindo-se a colegas médicos, Robertson e Currey (2004) discorreram acerca da utilidade dos meios de comunicação como complemento às próprias consultas:

⁶⁸ A instalação da Imprensa Régia no Brasil deu-se em 1808 com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, fugitiva do avanço das tropas de Napoleão. Já na América Espanhola a imprensa havia se instalado desde o século XVI (ALFONSO-GOLDFARB e FERRAS, 2003, pág. 6).

Pelo uso da mídia como ferramenta educacional, nós podemos comunicar de maneira eficaz aspectos práticos de conceitos de saúde que extrapolam nossa própria prática.

Embora reconhecendo que haja uma saturação de informações de saúde nos meios de comunicação que vão desde informações úteis até o espectro de informações impraticáveis e perigosas, esses especialistas sugerem que um melhor uso dos meios de comunicação poderia ser feito pelos médicos seguindo cinco princípios básicos, apresentados a seguir. Princípios esses que estão também presentes tanto nas orientações do *Pequeno Manual de Divulgação Científica*, quanto nas do *Manual Corra que a Imprensa vem aí*⁶⁹:

Torne o tópico médico interessante; a linguagem que você usa deve ser compreensível para o público leigo; limite-se a poucos pontos-chaves; use recursos de metáforas ou visuais; siga as orientações do repórter (ROBERTSON e CURREY, 2004, págs. 40 e 41)

Finalmente, na última matéria publicada na primeira coluna “Comunicação” do JP, ao discorrer sobre o tema: “Veículos de comunicação intimidam pesquisadores”, Nogueira abordou a questão da desconfiança dos cientistas com relação à comunicação pública da ciência. Essa preocupação expressava-se nas palavras de Jose Gabriel Diaz Berbel, prefeito de Granada, por ocasião de seu pronunciamento no Congresso Internacional de Divulgação Científica:

Há um perigo constante de que os espaços reservados à divulgação científica sejam transformados em uma porta aberta ao sensacionalismo ou ao alarmismo, oferecendo informações que não sejam rigorosamente científicas ou não aceitas pela comunidade científica, o que gera confusão na população. É preciso que os meios de comunicação estabeleçam os controles necessários para evitar esse tipo de coisa, encarregando essas seções a jornalistas com a devida especialização.

Para responder aos desafios da divulgação científica quanto à fidelidade das informações transmitidas apontando formas de tornar a ciência acessível à sociedade, Nogueira fechava o último bloco de sua matéria com o texto do documento elaborado pelos participantes do Congresso Internacional de Divulgação Científica, do qual também fizera parte como representante da UNIFESP/EPM, reproduzido abaixo, a partir da sua publicação na edição 131 do JP, sob o subtítulo de “Plano de divulgação”:

⁶⁹ O *Pequeno Manual de Divulgação Científica* já mereceu referência neste estudo. O manual *Corra que a Imprensa vem aí* foi lançado pelo Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM em 1997, segundo noticiado pelo JP edição número 110, publicada em agosto de 1997, página 16.

Está começando a figurar-se um novo compromisso social com a ciência e que afeta todos: cientistas, cidadãos, governo, educadores, instituições públicas, empresas, meios de comunicação [...] O apoio à ciência por parte da sociedade deverá ir se manifestando nos próximos anos, não só em maior provisão de fundos para a investigação, mas na criação de novos instrumentos de participação social: comitês de ética, organizações de encontros e debates, canais específicos de informação. Parece oportuno recomendar a elaboração, por parte do melhor grupo de especialistas possível, de um plano de divulgação científica que seja assumido e financiado pelos governos e pelas instituições públicas e privadas. É urgente, portanto, incrementar a cultura científica da população. A informação científica é uma semente fecundíssima para o desenvolvimento social, econômico e político dos povos.

Acompanhando o fim da matéria, uma caixa de texto apresentava dez dicas para divulgar ciência, extraídas do *Pequeno Manual de Divulgação Científica: Dicas para cientistas e divulgadores de ciência*, de Cássio Leite Vieira, manual sobre o qual já nos reportamos neste estudo quando discorreremos acerca da coluna “Pesquisa”, na análise da segunda fase do JP. Entendemos que as informações constantes naquela caixa de texto prenunciavam algumas ações que passariam a ser desenvolvidas na UNIFESP/EPM, originadas no Departamento de Comunicação em prol da divulgação científica na área das ciências da saúde.

Avaliamos essas três primeiras matérias da coluna “Comunicação” como norteadora para as ações que se seguiram na universidade. Na análise que fizemos da terceira fase do JP, entendemos que a própria elaboração dos textos dessas três matérias, em questão, é indicativa do movimento da equipe de comunicação da universidade em direção à divulgação científica, e que isto norteou uma espécie de reestruturação do projeto editorial do JP em sua terceira fase.

Nos textos acima apresentados, constatam-se algumas certezas que envolvem a sociedade e a ciência. Primeiramente registrou-se o interesse que a população tem pela ciência. Isto foi seguido pela abordagem sobre a necessidade do cientista em comprometer-se socialmente com a divulgação da ciência. Na seqüência, constatou-se a existência de uma desconfiança e, ao mesmo tempo, da dificuldade que envolve as ações de divulgação científica para, finalmente, ser apresentada a sugestão da necessidade de se estabelecer um plano de divulgação científica que viesse dirimir essa desconfiança.

A caixa de texto, apresentando uma informação complementar àquelas três matérias, indicava que, no caso da UNIFESP/EPM, já se propunham caminhos para uma divulgação científica planejada com a publicação de um manual produzido pelo Departamento de Comunicação, que orientava os produtores do conhecimento

científico da universidade que se dispusessem a adentrar nos aparentes meandros da comunicação com o público.

As matérias que se seguiram a essas três primeiras veiculadas na coluna “Comunicação” relatavam as efetivas ações que se tornavam realidade na UNIFESP/EPM em prol da divulgação científica das ciências da saúde, que envolviam ao mesmo tempo, tanto médicos e pesquisadores quanto jornalistas como divulgadores científicos.

A coluna “Comunicação” da edição 134, publicada em agosto de 1999, por exemplo, anunciava o início da publicação do JP Informa, que pelo fato de passar a ocupar-se exclusivamente com as informações de interesse interno à comunidade universitária, liberava dessa forma um expressivo número de páginas no JP, que passaram a ser ocupadas com um maior número de inserções de matérias de divulgação científica. Além disso, naquela mesma edição 134, a coluna “Comunicação” anunciava também que, em outubro daquele ano de 1999, o Setor de Imprensa e a Pró-reitoria de Extensão ofereceriam um curso sobre saúde destinado a jornalistas que desejassem se aperfeiçoar na área de comunicação em saúde.

Nascia, naquele momento, em nossa opinião, um promissor projeto de comunicação pública das ciências da saúde que envolveria várias frentes na universidade. No entanto, em dezembro de 2003, o JP, simplesmente deixou de ser publicado, sem que o seu público leitor fosse notificado antecipadamente de que isso ocorreria, ou preparado para o fato. Da mesma forma, sem qualquer notificação pública, também foram canceladas todas as demais ações e propostas de divulgação científica, incluindo outras versões pretendidas do curso de comunicação em saúde.

As efetivas ações propostas pelo Departamento de Comunicação para o avanço da divulgação científica na UNIFESP/EPM podem ser constatadas em textos que foram publicados nas várias edições da coluna “Comunicação”. Por exemplo, da matéria “Cursos ‘quebram o gelo’ entre médicos e jornalistas” publicada na edição 134, destacamos as seguintes informações (itálico acrescentado):

Comunicação e saúde vão se combinar de várias maneiras na Unifesp nos próximos meses. Em outubro, a universidade promove um *curso sobre saúde para jornalistas* que desejem se aperfeiçoar na área.

No curso, feito em parceria entre o Setor de Imprensa e a Pró-reitoria de Extensão, médicos estarão apresentando conceitos e novidades nas áreas de maior evidência da saúde. O curso também deverá contar com a presença de profissionais da imprensa para falar sobre o mercado de trabalho e as dificuldades na cobertura jornalística no

setor de saúde. "A meta é melhorar a qualidade da informação sobre saúde na imprensa", diz a editora Eliane Oliveira.

Neste semestre, ainda haverá um *fórum, para chefias da instituição, sobre como lidar com a mídia em situações de crise*.

Também está em fase de *elaboração mais um manual com dicas sobre como divulgar melhor trabalhos científicos na imprensa*, dando continuidade ao "Corra que a imprensa vem aí" que passou por várias reformulações para adaptar-se ao crescimento da universidade (JP, número 134, agosto de 1999).

Na coluna "Comunicação" publicada na edição 137, de novembro de 1999, sob o título "Notícias Saudáveis", o JP, por sua vez, transmitia informações acerca do evento que vinha sendo anunciado nas edições anteriores do JP e que ocorrera na universidade no mês de outubro daquele mesmo ano. A matéria tinha o seguinte subtítulo: "Médicos e jornalistas participam de curso para melhorar qualidade da informação". A introdução a matéria ressaltava que:

O Setor de Imprensa da Unifesp deu os primeiros passos em sua proposta para melhorar a qualidade das informações de saúde divulgadas pela mídia e facilitar a relação entre profissionais de saúde e jornalistas.

A matéria informava que 50 jornalistas haviam participado do Curso de Saúde e Jornalismo realizado entre os dias 18 e 20 de outubro de 1999, e que, no dia 27 do mesmo mês, docentes da universidade assistiram a palestras proferidas por especialistas em comunicação da saúde⁷⁰.

Com relação ao curso para jornalistas, um dado que julgamos significativo consiste no fato de que os participantes foram convidados a fazer uma avaliação do evento. Uma das críticas acerca do curso foi com relação ao pouco tempo de duração das palestras. Contudo, salientamos que, segundo o jornalista André Siqueira, um dos alunos do curso, "*um dos pontos positivos destacados foi o ineditismo da iniciativa*" [grifo acrescentado]. Essa nota publicada no JP corrobora com a pressuposição de que as iniciativas da UNIFESP/EPM relacionadas com a divulgação científica, unindo-se às poucas experiências que ocorriam em outros espaços universitários, representavam um avanço nas discussões acerca do tema, num momento quando o movimento em torno da divulgação científica começava a tomar vulto no Brasil.

⁷⁰ Os especialistas em comunicação da saúde eram Thomas Bauer, ex-diretor do Instituto de Comunicação da Universidade de Viena, na Áustria, e Norval Baitello, diretor da Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Já na coluna “Comunicação” da edição do JP número 141, publicada em março de 2000, anunciava outro curso de aperfeiçoamento destinado para profissionais da imprensa, “Comunicação em Saúde”, que seria oferecido na universidade. Essa matéria informava que o curso em questão, que seria ministrado entre os meses de maio a outubro de 2000, seria de 180 horas de duração e que por ter sido credenciado pela Pró-reitoria de Extensão da universidade e ofereceria um certificado de conclusão reconhecido pelo MEC.

Apresentamos a seguir alguns depoimentos sobre esse evento. Um dos organizadores do curso, Cláudio Csillag, médico e editor de texto do JP, pronunciou-se a respeito do mesmo da seguinte forma:

Nosso objetivo é dar maior capacitação aos jornalistas e assim contribuir para melhorar a qualidade da informação em saúde que a sociedade recebe pela mídia. O objetivo pedagógico é prático: fornecer aos alunos subsídios para uma abordagem organizada de diversos assuntos da área, como ética, prática cirúrgica, epidemiologia, saúde pública, e pesquisa, entre outros.

A coordenação do curso estava sob a responsabilidade de Nestor Schor, chefe da Nefrologia da universidade, e Jair Mari, presidente do Centro de Estudo em Psiquiatria. Schor reportou-se sobre o curso da seguinte forma:

É uma iniciativa original, que favorecerá a comunicação entre médicos e jornalistas.

Na mesma edição do JP e coluna em questão, Eliana Oliveira, chefe da Assessoria de Imprensa da universidade e editora-executiva do JP e do JPI, também deixou registrado o seu depoimento sobre o curso, dizendo que:

O curso faz parte de um extenso projeto do Setor de Imprensa da Unifesp que visa fornecer ferramentas para o jornalista discernir a qualidade da informação que recebe de suas fontes.

Os profissionais da universidade que atuariam no curso foram apresentados na matéria:

Participarão, entre outros profissionais da instituição, o reitor Hélio Egydio Nogueira, o psiquiatra Ronaldo Laranjeira (chefe da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas), o oftalmologista Rubens Belfort Jr. (do Departamento de Oftalmologia), o fisiologista Turíbio Leite de Barros Neto (coordenador do Centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte) e o infectologista Aduino Castelo Filho, especializado em Aids e epidemiologia clínica.

A matéria apresentava ainda a lista dos temas que seriam abrangidos pelo curso:

Alguns temas do curso

- Pesquisa básica/genética
- Câncer
- Abuso de drogas
- Medicina alternativa
- Cirurgia plástica
- Doenças crônicas
- Relação médico/paciente
- Sistemas de saúde
- Sono e memória
- Marketing e legislação
- Novas tecnologias
- Aids e doenças sexualmente transmissíveis

Por fim, a matéria anunciava que o curso seria seguido, após a sua conclusão, por um *workshop* internacional que contaria com a participação de especialistas estrangeiros e brasileiros.

Esse evento internacional, o 2º Workshop Comunicação em Saúde foi objeto de matérias nas edições do JP números 147 e 148, publicadas respectivamente em setembro e outubro de 2000. Na edição 147, à página dois, a matéria “Workshop ensina como divulgar ciência” anunciava o evento que ocorreria na universidade e que contaria com a presença, entre outros, dos especialistas:

Nan Broadbent, diretora do Setor de Comunicação da American Association for the Advancement of Science (AAAS). Julio Abramczyk, médico e jornalista da Folha de S.Paulo. Abel Packer, diretor da BIREME e Rogerio Meneghini, diretor associado do Laboratório Nacional de Luz Síncrotron.

Na edição 148, o JP trazia dados sobre o *workshop* realizado, destacando a participação de Coimbra Sirica, que trouxera informações sobre a estratégia de comunicação da AAAS (Associação Americana para o Avanço da Ciência).

A correlação comunicação e saúde registradas nas matérias publicadas na coluna “Comunicação”, levou-nos à pesquisa complementar que realizamos na base de dados PubMed com a finalidade de verificar se, e como o tema da divulgação científica perpassava pelas publicações científicas internacionais, especificamente na área da saúde. Essa pesquisa possibilitou resgatar, entre outras informações, duas que estão

diretamente relacionadas ao contexto das informações apresentadas acima, acerca de cursos de comunicação científica.

Uma das informações resgatadas da Pubmed possibilitou o acesso a material que trazia uma discussão acerca de estratégias comunicacionais no âmbito da saúde pública, e a outra apresentava o relato de uma experiência de programas acadêmicos na área da divulgação científica das ciências da saúde, realizadas na Universidade de Milão, Itália.

Uma importante contribuição para a conceituação de comunicação em saúde foi publicada no editorial do periódico *American Journal of Public Health (AJPH)*⁷¹, de dezembro de 2004, no qual Freimuth e Quinn discutiam propostas da comunicação para eliminar desigualdades em saúde. Nesse texto as autoras traziam a informação de que a comunicação em saúde tornou-se um sub-campo da comunicação em 1975, ocasião em que se estabeleceu a Divisão de Comunicação em Saúde dentro da Associação Internacional de Comunicação (ICA)⁷². Essas autoras lembravam que por definição, comunicação em saúde significa: “O estudo e uso de métodos para informar e influenciar decisões individuais e coletivas que promovam a saúde.”

Justificando a necessidade de estabelecer programas de comunicação em saúde, as autoras destacavam que:

A comunidade de profissionais da saúde pública parece ter um conhecimento limitado do que a comunicação em saúde pode oferecer para a eliminação de desigualdades em saúde.

Nesse mesmo texto editorial, Freimuth e Quinn apresentavam uma lista de dez contribuições da comunicação em saúde a partir de proposição original feita pelo National Cancer Institute, que apresentamos a seguir:

A comunicação em saúde pode:

1. Aumentar o conhecimento da audiência que se quer alcançar e conscientizar acerca de um tema em saúde, problema ou solução;
2. Influenciar percepções, crenças e atitudes que podem modificar padrões sociais;
3. Motivar ação;
4. Demonstrar ou ilustrar habilidades em saúde;
5. Reforçar conhecimento, atitudes ou comportamento;
6. Mostrar o benefício de mudança de comportamento;
7. Advogar um posicionamento em temas ou políticas de saúde;

⁷¹ Fator de Impacto 3.566 (JRC 2005).

⁷² International Communication Association. Informações disponível em <http://www.icahdq.org> – acessado em 09/04/2006.

8. Incrementar a demanda ou apoiar serviços de saúde;
9. Recusar mitos e julgamentos falsos e
10. Fortalecer relacionamentos organizacionais.

Na argumentação final desse editorial, as autoras propunham que os profissionais da saúde deviam expandir o uso das estratégias de comunicação empregadas em intervenções que objetivassem afetar indivíduos, comunidade e políticas (FREIMUTH e QUINN p. 2053 - 2055).

Fazendo uma correlação dessas proposições com o JP, entendemos que o JP trazia informações sobre estratégias de comunicação em saúde que estavam sendo desenvolvidas na UNIFESP/EPM, sendo ele próprio uma delas, que pelo tempo que estiveram em operação, em nossa opinião, correspondiam às proposições que Freimuth e Quinn discutiam no editorial do AJPH sobre a comunicação em saúde.

A outra informação recuperada da base de dados PubMed está diretamente relacionada ao programa de estudos em comunicação e saúde que o Departamento de Comunicação planejava estabelecer na UNIFESP/EPM, tendo como modelo a experiência bem sucedida registrada na coluna “Comunicação” da edição do JP número 141.

Bruno e Vercellesi relataram no periódico científico *Pharmacological Research*⁷³ a experiência desenvolvida na Scuola di Comunicazione Scientifica⁷⁴, ligada ao Departamento de Ciências Farmacológicas da Escola de Farmácia, na Universidade de Milão, Itália.

As autoras iniciavam sua apresentação argumentando que o público leigo tem interesse pela informação científica, particularmente no que diz respeito ao bem-estar e à saúde. Também reforçavam a idéia de que a mídia tem uma influência importante na transmissão da informação científica, entendendo que “para a maioria das pessoas, ciência é aquilo que aprendem da mídia”. Daí haver a necessidade de um “bom jornalismo científico, para estender uma ponte entre os ‘passos lentos’ do desenvolvimento da ciência e a natureza ágil e concisa de uma comunicação de massa bem-sucedida”. Com esses dados, as articulistas justificam a existência do programa de pós-graduação em comunicação científica desenvolvido pela Scuola di Comunicazione Scientifica, que, ainda em funcionamento, tem como objetivo “ensinar

⁷³ Fator de Impacto 2.096 (JCR 2005).

⁷⁴ Informações acerca da Scuola di Comunicazione Scientifica podem ser obtidas no seguinte endereço eletrônico: <http://users.unimi.it/~spharm/comscient/index.htm> - acessado em 09/04/2006.

um método de selecionar, analisar, entender, mediar e difundir informação científica a leigos” (BRUNO e VERCELLESI, 2002, p. 51).

Segundo as autoras, na década de 1970, o conceito elaborado por Gramsci de “desnutrição científica”, aplicado à realidade italiana, gerou um movimento para ampliar o conhecimento científico no país. Esse movimento apoiava-se também no argumento de Merton⁷⁵ de que o conhecimento científico deve ser compreendido como conhecimento público. A partir daquele período, inciou-se na Itália, um movimento em prol da socialização da ciência.

A justificativa de um programa de pós-graduação em comunicação científica, segundo as autoras sustenta-se em dois pontos. O primeiro deles diz respeito à crescente demanda pública por informação científica em consequência do progresso científico a partir dos anos 1980. O outro ponto repousa sobre a conhecida dificuldade da relação entre cientistas e mídia.

Dentro do Departamento de Farmacologia da Escola de Farmácia da Universidade de Milão iniciou-se um movimento em prol da comunicação pública de ciência, e depois de dois anos, em 1994, estabeleceu-se um projeto piloto: o curso de pós-graduação em comunicação científica com o objetivo de “treinar graduados em ciências biomédicas e ciências da vida a se tornarem familiarizados com as linguagens da mídia para que pudessem comunicar ‘fielmente’ a informação científica à sociedade”.

O projeto, cujo propósito inicial era instrumentalizar especialistas das ciências biomédicas e ciências da vida para a comunicação científica pública, ganhou vulto e transformou-se no programa, que hoje se encontra aberto a graduados de todas as áreas científicas e que tem como objetivo duas propostas principais:

1. Educar especialistas em comunicação científica para que possam ocupar posições em empreendimentos leigos, midiáticos e de publicações especializadas; especialistas em relações externas para unidades de comunicação de agências públicas ou privadas; em situações em que o jargão científico necessite de ‘tradução’ e paráfrase de forma que possa ser prontamente entendido pelo público em geral.
2. Ensinar métodos para tratar de forma ética, bem como para expressar e disseminar informações oportunas, corretas, claras, facilmente compreensíveis para os cidadãos e prover informações em campos sensíveis da saúde, particularmente em relação a tratamentos medicamentosos.

⁷⁵ MERTON, A. *The normative structure of science*. J. Leg. Political Sociology, 1942: 1:115.

As autoras informavam ainda que desde o início do programa, instituições públicas e privadas, como hospitais, museus, empresas de comunicação e marketing, passaram a absorver alunos formandos, como estagiários, empregados de tempo integral ou como assessores (BRUNO e VERCELLESI, 2002, p. 51-55).

Atualmente, o programa da Scuola di Comunicazione Scientifica oferece os seguintes cursos:

1. Aperfeiçoamento em divulgação científica (duração: 50 horas).
2. Aproximação metodológica à comunicação científica. Curso de aperfeiçoamento (duração: 60 horas).
3. Comunicação científica (duração: 200 horas).
4. Aperfeiçoamento *E-learning* e divulgação científica na Internet. Composto de 150 horas teóricas e 100 horas de estágio obrigatório.
5. Mestrado em Comunicação Científica “Farmácia, Saúde e Sociedade”.
6. Mestrado em Método e Técnica da Comunicação na Área de Saúde: da Informação à Formação - financiado pelo Fundo Social Europeu.

Considerando que a experiência, bem consolidada, da Scuola di Comunicazione Scientifica era desenvolvida dentro do ambiente da Universidade de Milão, acreditamos ser este um indicativo de que as atividades educacionais inovadoras, direcionadas para a divulgação científica das ciências da saúde que o Departamento de Comunicação pretendia estabelecer na UNIFESP/EPM a partir das primeiras experiências bem sucedidas, segundo reportado na coluna “Comunicação”, com perspectiva de utilização do JP como recurso educacional/comunicacional, acompanhava o movimento internacional de mobilização em prol da divulgação científica e tinha possibilidades, sob nosso ponto de vista, de estabelecer um marco modelar para ações semelhantes no cenário da divulgação científica nacional dentro de um contexto universitário.

A coluna “Comunicação” trouxe ainda, outras informações, que consideramos significativas para a discussão acerca da divulgação científica. Na edição do JP número 143, publicada em maio de 2000, o jornalista Ricardo Zorzetto assinou uma matéria discorrendo acerca do 6º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico, que ocorreria no mês de maio daquele ano em Florianópolis.

Um aspecto relevante dessa informação consiste no fato de fornecer subsídio para a constatação de que o movimento mais significativo do jornalismo científico no Brasil é um episódio relativamente recente. O 1º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico aconteceu no ano de 1982⁷⁶, sendo que a cobertura jornalística de ciência como especialidade temática e de editoria iniciou-se por volta da década de 1970 no Brasil, e a Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) foi criada no ano de 1977.

Zorzetto destacou em sua matéria, numa caixa de texto, um trecho da fala do então presidente da ABJC, José Hamílton Ribeiro, proferida no 6º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico: “Jornalistas devem estudar mais e trabalhar mais, para melhorar a qualidade do jornalismo científico” (JP, 143, 2000, p. 11).

O curso de comunicação em saúde que a UNIFESP/EPM estava implantando atendia àquilo que Ribeiro apontava como uma necessidade. O JP poderia, nesse contexto, ser empregado como um jornal laboratório para que os alunos do curso de comunicação em saúde escrevessem artigos de divulgação científica, a exemplo do que acontece com as revistas eletrônicas, *ComCiência* e *Vox Scientiae*⁷⁷, produzidas respectivamente pelo Laboratório de Jornalismo Científico (LABJOR-UNICAMP) e Núcleo José Reis de Divulgação Científica (NJR-ECA-USP).

Zorzetto assinava também a matéria publicada na coluna “Comunicação” da edição do JP número 150, de dezembro de 2000. Essa matéria discorria acerca da conclusão do 1º Curso de Jornalismo em Saúde (aquele com credenciamento da Pró-reitoria de Extensão da universidade e com certificado de conclusão reconhecido pelo MEC), promovido pelo Setor de Imprensa da UNIFESP/EPM. Destacamos dessa matéria a informação que, para a obtenção da certificação naquele curso, os participantes tiveram que escrever uma monografia. Consideramos também significativa a informação de que foi outorgada uma premiação, o “1º Prêmio Jornal da

⁷⁶ Associação Brasileira de Jornalismo Científico. Memória do 4º Congresso Iberoamericano de Periodismo Científico e 1º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico. São Paulo, 1984.

⁷⁷ Como aluno do curso de Especialização em Divulgação Científica do NJR escrevemos dois artigos que foram publicados na *Vox Scientiae*:

1.) Uma breve aproximação das teorias de Vygotsky e Feuerstein aplicadas à divulgação científica - (<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/voxscientiae/carlostex17.html> - nov/dez de 2003) e
2.) Divulgação científica e confiabilidade - (<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/voxscientiae/carlostex21.html> - jul/ago de 2004).

Paulista”, para a melhor monografia apresentada. A vencedora do concurso foi a jornalista Eliane Contreras, que escreveu sobre “A imprensa e as falhas na saúde”.

Uma frase da matéria de Zorzetto, comentando a premiação concedida a Contreras, aqui destacada, apontava mais uma vez para a relevância da contribuição da UNIFESP/EPM no curso de formação em divulgação científica das ciências da saúde:

Eliane destaca um ponto positivo: os jornalistas que cobrem saúde estão percebendo a necessidade de aprofundar seus conhecimentos na área (JP, n. 150, 2000, p. 2).

A coluna “Comunicação” trouxe ainda outras informações relacionadas à divulgação científica. Dentre as ações desenvolvidas pelo Setor de Imprensa do Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM, a matéria publicada na coluna da edição 153, de março de 2001, informava o lançamento da revista *Saúde Paulista*.

Conquanto essa revista fosse destinada a um público segmentado, ainda assim a consideramos como um veículo de divulgação científica. A matéria “Revista mostra atividades do Complexo Unifesp/SPDM”, veiculada na edição do JP acima citada, revelava quem era o público-alvo da revista recém lançada:

A revista, que tem tiragem inicial de 6 mil exemplares, é voltada principalmente para um público interessado por questões da área de saúde – médicos, enfermeiros, além de professores e alunos universitários.

Essa informação foi complementada, na mesma matéria, pelo então reitor da UNIFESP/EPM que assim se expressou acerca da revista:

A *Saúde Paulista* é uma feliz iniciativa dos docentes e das pessoas ligadas ao Complexo. Ela proporcionará elementos de inegável utilidade para a formação dos docentes, alunos e profissionais das ciências da saúde, comenta o reitor da Unifesp, Hélio Egydio Nogueira.

No capítulo em que discorreremos acerca dos referenciais teóricos/metodológicos no estudo do JP, no mapa conceitual sobre divulgação científica, criamos um elo entre a informação científica e o especialista que perpassa pela divulgação científica. Consideramos a revista *Saúde Paulista* como um exemplo desse modelo de comunicação. Ela empregava uma linguagem mais sofisticada do que aquela utilizada na redação do JP, mas não chegava à sofisticação de uma linguagem estritamente técnica como a operante nos periódicos científicos.

O projeto editorial da *Saúde Paulista*, no nosso ponto de vista, é uma indicação do comprometimento que a UNIFESP/EPM estava consolidando com a divulgação científica das ciências da saúde.

Nos depoimentos colhidos na complementação das informações relacionadas ao JP, Sidney Abdalla, Regina Stella, Eliane Oliveira e Renato Conte relataram suas lembranças acerca da publicação da *Saúde Paulista*.

Abdalla relembra que, entre os produtos gerados pela equipe de comunicação, “fez-se também a revista *Saúde Paulista* para divulgar as atividades da universidade”, reforçando sua concepção e estratégia da divulgação institucional. Regina Stella, diretora do Departamento de Comunicação da universidade disse que a concepção de se produzir a revista, “foi uma idéia que o vice-reitor Ulysses Fagundes Neto teve”. Complementando seu depoimento, Regina Stella lembra que:

O JP era um veículo onde o tratamento do conhecimento era feito para um público bastante leigo, totalmente leigo. Nós sentimos a necessidade de termos alguma coisa intermediária.

A revista *Saúde Paulista*, à semelhança da revista *Pesquisa FAPESP*, tinha como objetivo traduzir o conhecimento científico numa linguagem que é um meio termo entre a bem hermética e científica e uma que é pública. Então, foi assim que eu acho que caminhou para a necessidade da revista.

O projeto editorial da revista *Saúde Paulista* estava associado ao complexo UNIFESP/SPDM. A revista respondia ainda à outra necessidade: ela não foi criada apenas para relatar a produção do conhecimento científico senso estrito, mas sim para comunicar um conhecimento aplicado – aquele elaborado pelos hospitais que faziam parte do SPDM [...] A revista foi criada com o objetivo de ser um veículo para divulgar tecnologias que se aplicavam nos hospitais e as coisas de ponta que nós fazíamos mas que não estavam tendo um veículo apropriado para a transmissão dessa informação. Então a revista serviria para essas duas coisas (REGINA STELLA, 10/11/2005).

Eliane Oliveira, diretora do Setor de Imprensa da universidade, declarou sobre a revista *Saúde Paulista*, o seguinte:

A revista foi criada para informar um pouco mais da parte de prevenção e da assistência médica, e o jornal passou a ser dedicado mais à publicação das pesquisas realmente. A parte de prevenção você tem que ter muito mais espaço para explicar, para dar exemplos, para apresentar mais fontes de informação. E uma pesquisa você conseguia concentrar em duas páginas do jornal. Um assunto de prevenção exige muito mais espaço, exige muito mais ilustração para você explicar passo a passo a prevenção (Eliane Oliveira, 20/12/2005).

Renato Conte narrou a coincidência de ter recebido, no dia em que gravávamos seu depoimento, nove de dezembro de 2005, o telefonema de uma instituição de ensino solicitando a revista *Saúde Paulista*, o que nos parece uma

indicação de que a revista era uma publicação reconhecida e que, de fato, destinava-se a um público mais acadêmico. Relatou Conte:

Hoje mesmo atendi uma ligação de uma Instituição de Ensino do Ceará pedindo doação da Revista Saúde Paulista, que foi *a única coisa impressa que sobrou*, para a biblioteca deles (CONTE, 09/11/2005) – [grifo acrescentado].

A declaração de Conte sobre a revista *Saúde Paulista* como “a única coisa impressa que sobrou”, refere-se às modificações no Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM que tiveram lugar após Ulysses Fagundes Neto ter assumido o cargo de reitor da universidade em julho de 2003. A revista *Saúde Paulista*, o único produto de divulgação científica que sobrou, conquanto tivesse sido criada para ser uma publicação bimensal, após a re-estruturação do Departamento de Comunicação foi publicada apenas uma vez em 2004, em 2005 foram publicados dois exemplares e em 2006 a revista teve novamente apenas uma única edição.

A coluna “Comunicação” deixou de ser veiculada com a edição do JP de número 157. Não se encerram aí, contudo, a veiculação de matérias que abordavam especificamente a divulgação científica.

Uma última informação acerca do envolvimento da UNIFESP/EPM com a divulgação científica, envolvimento iniciado marcadamente em maio de 1999, quando começou a terceira fase do JP, foi veiculada na coluna “Curtas”. Não fizemos um detalhamento minucioso dessa coluna, embora tenhamos nos reportado a ela no começo deste capítulo, quando declaramos que muitas das informações veiculadas na mesma tinham conteúdo de divulgação científica.

Na edição do JP número 181, publicada em junho de 2003, a matéria “Workshop Ciência e comunicação da América Latina em foco” foi publicada na coluna “Curtas”, na penúltima vez em que esta coluna era veiculada. Tratava-se de uma comunicação escrita em dois parágrafos de seis linhas cada um. A informação relevante era, que, no mês de maio daquele ano, 2003, havia acontecido na UNIFESP/EPM, o *workshop* “Ciência, Comunicação e Sociedade: a Experiência da América Latina”. Esse foi o último evento tendo a divulgação científica como temática que foi realizado na universidade.

Para concluir a discussão sobre a terceira fase do JP apresentaremos a seguir dados da coluna “Reportagens”, relacionados ao contexto da divulgação científica.

7.3 COLUNA REPORTAGENS

Na conclusão da descrição e caracterização da terceira e última frase do JP, discorreremos agora acerca da coluna “Reportagens”.

Consideramos a inserção dessa coluna no JP a partir da edição número 166, publicada em abril de 2002, como o auge da caracterização da terceira fase do JP e da identificação do jornal como veículo de divulgação científica em ciências da saúde. Essa coluna foi veiculada, a partir de sua primeira inserção, em 14 edições do JP, perfazendo um total de 36 reportagens publicadas, representando uma média de 2,6 reportagens por edição. Nas colunas “Reportagens” foram veiculadas entre um mínimo de uma a um máximo de quatro reportagens por edição.

Tendo em vista a definição atribuída à reportagem pelo *Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de São Paulo*⁷⁸ e respaldado pela análise que fizemos das reportagens publicadas no JP, pensamos que as informações que circularam nessa coluna respondiam a um dos objetivos da divulgação científica quanto à socialização do conhecimento elaborado pelas ciências da saúde num sentido mais amplo do que aquele circunscrito apenas à divulgação de uma “novidade científica”, como uma pesquisa recém-concluída, ou a adoção de uma nova técnica ou conduta, ou apresentação de uma nova tecnologia. Entendemos que o teor do conteúdo dessas reportagens está de acordo com o que Melo chama de partilha do saber, que tem uma função social e não apenas informativa:

A partilha do saber inclui-se, sem dúvida, entre as funções sociais mais importantes a serem desenvolvidas pelos centros geradores de ciência e tecnologia (universidades, institutos e centros de pesquisa e empresas, dentre outros) (BUENO, 2002, pág. 229).

As reportagens publicadas no JP tinham um diferencial com relação às matérias de divulgação das pesquisas. Essas últimas tinham como referência e fonte de informação a produção científica elaborada exclusivamente na UNIFESP/EPM. Já as reportagens ampliavam o espectro informacional e buscavam na elaboração do

⁷⁸ A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma seqüência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. Abre o debate sobre o acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes e divide-o, quando se justifica, em retrancas diferentes que poderão ser agrupadas em uma ou mais páginas. A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo (*Manual de Redação e Estilo*, 1990, p. 67).

texto uma maior articulação da informação com diferentes fontes consultadas, aproximando-se, neste aspecto, das matérias publicadas nas colunas “Debate” e “Entrevista”, que também utilizavam o recurso de trazer para o texto de divulgação científica opiniões e contribuições de especialistas que não pertenciam exclusivamente à comunidade UNIFESP/EPM.

Pensamos que as reportagens, pela contribuição social das informações constantes nas mesmas, entram na categoria de definição de divulgação científica elaborada por José Reis:

Durante muito tempo, a divulgação se limitou a contar ao público os encantos e os aspectos interessantes e revolucionários da ciência. Aos poucos, passou a refletir também a intensidade dos problemas sociais implícitos nessa atividade (JOSÉ REIS, 2002, pág. 76).

No quadro anexo três apresentamos uma síntese de cada uma das 36 reportagens que foram publicadas na coluna de mesmo nome, durante as 14 edições em que foi veiculada, entre os números 166 e 184 do JP. As reportagens eram canais de expressão para a discussão de temas das ciências da saúde que chamavam os leitores para a reflexão social que José Reis atribui como uma das contribuições da divulgação científica.

Quando a coluna “Reportagens” circulou pela primeira vez foram veiculadas duas reportagens, que apresentamos a seguir como exemplos para a caracterização dessa coluna. Ambas discutiam temas que tinham implicações sociais e de saúde pública. Uma delas era sobre o cigarro e a outra, sobre hemocentros.

A matéria “A lei na guerra ao tabaco”, acompanhada do subtítulo “Relatório da OMS propõe transformar as ações judiciais contra os fabricantes de cigarro em instrumento de política de saúde pública”, discorria acerca da decisão da OMS em promover e incentivar ações judiciais nas quais as companhias de cigarro fossem responsabilizadas legalmente pela pandemia decorrente da adicção tabágica. Essa proposição havia sido tomada por ocasião da convenção internacional de controle do tabaco que se realizara em março de 2002, em Genebra. A matéria discutia a idéia de que as ações judiciais fossem transformadas em mais um dos instrumentos de política de saúde pública.

A outra reportagem tinha como título “Hemocentros terão novo teste de sangue”, sendo que o seu subtítulo informava que “Técnica para triagem de amostras reduz o tempo de detecção dos vírus da Aids e da hepatite C”. Essa reportagem

discutia acerca do novo teste de sangue que estava sendo adotado pelos hemocentros brasileiros, conhecido como NAT (sigla em inglês para Teste de Ácido Nucléico). Esse exame reduziria a janela imunológica para detecção dos vírus da Aids e da hepatite C. Com o NAT, o período de detecção do HIV cairia de 22 dias após a doação de sangue para 11 dias, e para a hepatite C a nova técnica reduziria o intervalo de 70 para 20 dias.

A reportagem mostrava que a implantação por determinação do Ministério da Saúde, embora seguisse uma tendência que começava a ser adotada nos países desenvolvidos – nos Estados Unidos, por exemplo, o teste tinha sido aprovado no final de fevereiro de 2002⁷⁹ pelo Food and Drug Administration (FDA), recebia críticas por parte de cientistas brasileiros, entre eles pesquisadores da UNIFESP/EPM, principalmente pelos altos custos envolvidos. No entanto, a gerente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), Beatriz MacDowell, entendia as críticas como naturais, argumentando que isso também ocorrera por ocasião da implantação do teste Elisa, que estava em vigência.

Uma caixa de texto complementava a discussão acerca da implantação do NAT, fornecendo subsídios comparativos de sua adoção, como pode ser visto na reprodução a seguir:

⁷⁹ As primeiras reportagens em discussão foram veiculadas na edição do JP número 166, publicada em abril de 2002

Figura 10:

Prós e contras do NAT

O NAT reduz o período em que o HIV não pode ser detectado de 22 dias após a doação para 11 dias. No caso do vírus da hepatite C, o tempo cai de 70 para 20 dias

O custo do NAT é de US\$ 25 por bolsa de sangue; hoje os exames consomem US\$ 1 por amostra

Estudo realizado na Inglaterra mostramosu que o NAT é capaz de detectar um caso falso-negativo em cada 150 mil amostras testadas pelo Elisa

Estima-se que uma bolsa contaminada pode infectar cerca de 2 pessoas

JP, Ano 15, n. 166, p. 5, abril de 2002

Concluimos a descrição e a caracterização da terceira fase do JP confirmando a proposição inicial de que o JP constituiria-se um jornal de divulgação científica ao longo de sua trajetória. Conquanto menos na primeira fase do que na segunda, contudo em ambas pudemos identificar o jornal como um veículo de divulgação científica na área das ciências da saúde, conforme já discutido nos dois capítulos anteriores. Porém, é na terceira e última fase que o JP, levando em consideração os dados acima apresentados e discutidos, incorporou definitivamente as características de um veículo de divulgação científica.

O JP nunca exprimiu, na forma de um texto oficial, seu papel como um jornal de divulgação científica das ciências da saúde, nem mesmo quando apresentou, na edição 152, o texto que entendemos como a sua declaração de missão. No entanto, retomamos a contribuição de Landowski exposta na discussão do referencial teórico

de que a imagem de um jornal é construída pela episodicidade de sua narrativa e pela periodicidade de seu discurso.

O JP manteve uma regularidade de publicação mensal o que garantia o atributo de periodicidade de seu discurso de divulgação científica das ciências da saúde. Mensalmente, em suas diferentes colunas, o JP trazia episódios na forma dos textos que compunham as colunas que consolidavam a narrativa de divulgação científica das ciências da saúde. Ele fez isso ao longo de sua trajetória. De forma incipiente na sua primeira fase, mais intensamente na sua segunda fase, e com o início da publicação do JPI, que marcou a inserção do JP em sua terceira fase essa divulgação foi feita de forma mais incisiva.

7.4 O FIM DO JP

7.4.1 Descontinuidade das Ações

A ausência de uma versão oficial para o encerramento da publicação do JP permite-nos algumas conjecturas que fazemos a partir do depoimento da atual Diretora do Departamento de Comunicação da universidade, Regina Stella e de conclusões a que chegaram Leal Filho (1990) e Carneiro (2004) em seus respectivos estudos de doutorado e mestrado, além de inferências tiradas a partir das entrevistas que foram realizadas para apoio a este estudo.

Em seu depoimento, Regina Stella falou acerca dos altos custos para a manutenção da comunicação na universidade, tocando dessa forma no aspecto nevrálgico da própria manutenção da universidade e das decisões sobre o que é prioridade nas decisões administrativas.

Um segundo aspecto da narrativa de Regina Stella é a constatação de que o Departamento de Comunicação é um departamento administrativo, estando ligado à Pró-reitoria de Administração. Neste particular reside a fragilidade dos Departamentos de Comunicação e dos Setores de Imprensa das universidades em geral. Isso foi apontado nos estudos de Leal Filho e Carneiro, o primeiro ao estudar o *Jornal da USP* (JUSP), e a segunda ao estudar a política de comunicação e divulgação científica na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Para discorrer acerca do JUSP, Leal Filho estudou os movimentos pró-estabelecimento de uma política de comunicação universitária nas universidades Federal de Minas Gerais (UFMG) e Estadual de Londrina (UEL), cujos professores que articulavam os movimentos entediam a importância e necessidade de um órgão de comunicação da universidade, mas, ao mesmo tempo, temiam que em momentos de crise tais veículos fossem utilizados na defesa do poder tecnocrático, burocrático, administrativo que se considera como liderança inquestionável (p. 42).

Uma crise assim nunca foi enfrentada pelo JP, mas para exemplificar a ingerência do poder decisório nas mãos do reitor, fazemos referência ao que Leal Filho discorreu em seu estudo acerca de um ato do então reitor da USP, José Goldemberg, que mandou recolher uma determinada edição do JUSP e que, premido pela repercussão do caso, autorizou novamente a sua distribuição e, em seguida, demitiu o responsável pelo órgão a que estava vinculado o jornal. O JUSP tinha uma comissão de professores que o supervisionava. Essa comissão, pelo fato de não ter sido ouvida sobre o caso, demitiu-se explicitando numa carta pública seu posicionamento:

... as publicações da USP, incluindo o seu Jornal, distinguem-se de comunicados e boletins internos porque pertencem à Universidade como um todo. Como prestadores de serviços à comunidade acadêmica e à sociedade mais ampla, são órgãos da USP e não da Reitoria da USP (LEAL FILHO, 1990, pp. 41-42).

Na resposta do reitor, Leal Filho aponta a confusão em se distinguir entre um *house-organ* e um jornal universitário:

Gostaria de lembrar que a Reitoria da USP não é simplesmente uma Unidade da Universidade, nem se confunde com a pessoa do Reitor. É órgão responsável pela direção da USP, sendo constituída através de um processo de escolha que envolve toda a Universidade. À Reitoria cumpre uma função de direção e representação que não pode ser menosprezada. Se o que está em jogo é a linha editorial do jornal, a Reitoria tem mais legitimidade para representar a Universidade como um todo do que um pequeno grupo de profissionais contratados para produzir o jornal, ou mesmo uma comissão, na qual os membros detêm posições de confiança (LEAL FILHO, 1990, pág. 42).

O JP, em nenhum momento de toda a sua trajetória, foi objeto de alguma intervenção por parte da Diretoria da EPM ou da Reitoria da UNIFESP/EPM, salvo o episódio de encerramento de sua publicação. Os depoimentos orais e evidências textuais do próprio JP, pelo contrário, indicam um apoio irrestrito tanto ao Jornal quanto às ações desenvolvidas pelo Departamento de Comunicação, particularmente pelo

Setor de Imprensa. No entanto, foi um ato do reitor da UNIFESP/EPM que decretou o fim do JP e das demais ações de divulgação científica promovidas pelo Departamento de Comunicação. Fragilidades como esta a que estão sujeitos os departamentos de comunicação das universidades têm levado pesquisadores a sugerirem a independência dos órgãos de comunicação das universidades da Reitoria.

Os estudos de Carneiro apontam, por sua vez, para a importância do estabelecimento de uma política de comunicação universitária sistematizada, conforme pode ser constatado a seguir:

Com base na nossa experiência de quase uma década de atuação na área de Comunicação da UFU (1994 até o momento), constato a existência de uma produção científica significativa e, ao mesmo tempo, a inexistência de uma política sistematizada e articulada de divulgação científica. A nosso ver, a responsabilidade da Universidade não termina com a apresentação dos resultados das pesquisas em espaços acadêmicos, como congressos, simpósios, seminários, e nem com a publicação dos trabalhos em espaços específicos, como revistas especializadas, o que normalmente ocorre. Esse novo conhecimento deve ser estendido até o público em geral, por meio da mídia, para que haja uma contribuição efetiva na solução de problemas sociais (CARNEIRO, 2004, p 13).

Calcada em sua experiência e na de outros pesquisadores que pensam a política de comunicação universitária, Carneiro também concluiu que:

O sucesso de uma política global de Comunicação tem relação direta com o entendimento e a importância principalmente que o reitor dá à área (p. 149).

Essa pesquisadora reporta-se a Wilson da Costa Bueno⁸⁰ e José Roberto Ferreira,⁸¹ que, durante a 3ª Conferência Mundial de Jornalistas Científicos, realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), em novembro de 2002, em São José dos Campos-SP, declararam:

Falta autonomia do pessoal de comunicação que atua em Institutos de Pesquisa e Universidades, [que] muitas vezes direcionam seus trabalhos para o atendimento aos dirigentes em vez de divulgar a produção gerada em seus laboratórios (Bueno).

É comum na troca de gestores haver uma troca da equipe... com isso, há interrupções de projetos que vinham sendo desenvolvidos (Ferreira).

⁸⁰ Pesquisador pioneiro da divulgação científica e jornalismo científico no Brasil, professor da ECA-USP e da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

⁸¹ Na época Vice-presidente da Associação Brasileira de Jornalistas Científicos – ABJC.

Carneiro valeu-se ainda das considerações de Margarida M. Krohling Kunsch⁸² que, ao discorrer sobre as reestruturações em organizações públicas ocorridas em decorrência de troca da cúpula diretiva, insere, nesse contexto, a política universitária de comunicação:

...a cada mudança da cúpula, se trocam também as chefias de primeiro e segundo escalões, que desfazem tudo e introduzem seus próprios conceitos, num incessante começar-e-recomeçar... Ora, os projetos de comunicação de uma universidade têm de ser vistos como opções institucionais conscientes e não como iniciativas individuais, que facilmente caem por terra. O que deve prevalecer é o interesse público (KUNSCH, 1992, p. 110).

Diante do acima exposto, embora não tenham sido encontradas evidências de quaisquer indisponibilidades entre o Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM, ou mais precisamente entre o seu Setor de Imprensa e a Reitoria durante todo o período da trajetória do JP, e com indícios de que a decisão de reestruturação do Departamento de Comunicação envolvia um aspecto orçamentário, este estudo nos leva a pensar na fragilidade do Departamento de Comunicação da universidade, particularmente no que diz respeito ao movimento pró-divulgação científica que, no cenário internacional e nacional, mostra-se cada vez mais prioritária para o estabelecimento de uma sociedade do conhecimento, com todas as suas implicações no que diz respeito à compreensão do conhecimento com um bem público. No nosso entender, essa fragilidade revelou-se quando, por decisão pessoal, o novo Reitor da UNIFESP/EPM, ao assumir a função em julho de 2003, no estabelecimento de suas prioridades de gestão, decidiu re-estruturar o Departamento de Comunicação terceirizando parte do mesmo, encerrando assim a história do JP e das demais ações de divulgação científica que estavam sendo promovidas pelo Departamento de Comunicação da universidade.

Apresentamos aqui um questionamento sem possibilidade de ser conclusivo sobre a causa da descontinuidade das ações de divulgação científica que vinham sendo desenvolvidas tão eficientemente pelo Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM. Se essas razões foram de foro exclusivamente financeiro ou por ordem das prioridades estabelecidas pelo novo reitor empossado em julho de 2003, ou se por ambas as razões.

⁸² Pesquisadora e professora da ECA-USP.

No capítulo seguinte fazemos as considerações finais deste trabalho, em que também mencionamos suas limitações e onde apontamos para algumas sugestões que poderiam se seguir a este estudo.

7.4.2 Possibilidade de Continuidade das Ações: Algumas Reflexões

O JP deixou de ser publicado com a edição 185 de novembro/dezembro de 2003, sem que uma nota explicativa aparecesse em suas páginas anunciando o seu fim. Ao mesmo tempo em que o projeto editorial do JP foi encerrado, também o foi a editoração do *JPIinforma*. A partir de 2004 a revista *Saúde Paulista* passou a ser editada apenas de forma bastante irregular. A proposta do Departamento de Comunicação de produzir manuais que seguiriam o exemplo do *Corra que a imprensa vem aí* e a elaboração de seminários, *workshops* e cursos de divulgação científica e formação para não-especialistas em ciências da saúde, também se encerraram com o fim do JP⁸³.

Quando o JP anunciou, na edição 141, publicada em março de 2000, o “Curso de Comunicação em Saúde para profissionais de imprensa” (p. 16), um dos primeiros do gênero no Brasil, para o aperfeiçoamento de jornalistas e divulgadores científicos, entendemos que já havia um precedente legal para tal ação, segundo interpretamos os incisos VII do Artigo 43 e IV do Artigo 44 da Nova LDB 9.394/96. Além disso, no mesmo período em que foi veiculada essa informação no JP, também foram realizados encontros voltados para especialistas com o objetivo de prepará-los para o envolvimento com a divulgação científica de suas pesquisas, bem foram organizados outros eventos – como seminários e *workshops* – promovidos pelo Departamento de Comunicação da UNIFESP/EPM, voltados exclusivamente para discutir a divulgação científica.

⁸³ A despeito de não ter sido publicada alguma nota no JP ou nos demais veículos de comunicação da universidade acerca da decisão de interromper a publicação do JP, bem como dos outros produtos desenvolvidos pelo Departamento de Comunicação, o depoimento colhido junto à última diretora de redação do JP, Eliane Oliveira realizada em 20 de dezembro de 2005, lança uma possível luz sobre o fato. Segundo Oliveira essa medida foi tomada assim que o professor Ulysses Fagundes Neto assumiu a reitoria da universidade em julho de 2003 e que o mesmo lhe havia dito não haver dinheiro para continuar com os projetos do Departamento de Comunicação. Em novembro de 2005 encaminhamos, seguindo as praxes da Instituição, um ofício ao reitor Ulysses Fagundes Neto solicitando uma entrevista para colher o seu depoimento sobre o JP, mas não foi possível sermos recebidos pelo mesmo.

Inferimos, ainda conforme o inciso II do Artigo 53 da Nova LDB 9.394/96 que, um programa ou projeto de pesquisa desenvolvido pela universidade e subvencionado por entidades públicas ou privadas poderia incluir um subprojeto de divulgação científica, reservando para isso, uma pequena parcela da sua receita:

Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

[...]

III - estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão;

[...]

X - receber subvenções, doações, heranças, legados e cooperação financeira resultante de convênios com entidades públicas e privadas.

Se a justificativa para o encerramento do JP e das demais ações de divulgação científica na UNIFESP/EPM deveu-se a questões financeiras, a aproximação que fizemos, quando inserimos neste estudo dados da legislação educacional e da Extensão Universitária, como decorrente do processo de reforma universitária em território nacional, não poderia sugerir a inserção daquelas ações no contexto de um projeto de extensão universitária e dessa forma garantir subsídios públicos ou outros para a sua manutenção? Essa é uma pergunta que este estudo não responde, mas que propõe a possibilidade de se fazer uma reflexão sobre o assunto.

Sabemos que cada povo tem uma ou mais preferências culturais que acabam por caracterizar a própria nação. A música clássica na Alemanha, o teatro na Inglaterra, a ópera na Itália, o balé na Rússia. O que caracteriza essa preferência? Talvez entre outras coisas, o fato de que quaisquer que sejam as diferenças de classe social ou nível cultural entre dois interlocutores, eles conversam de igual para igual em temas de preferência cultural de seus respectivos países. Qual a cultura preferencial do brasileiro? Não é porventura o futebol um dos poucos temas que, entre nós, subalternos e superiores conversam de igual para igual? Poderia a popularização da ciência, entre nós, almejar um dia alcançar tal status? (EPSTEIN, 2001, p. 11).

CAPÍTULO 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a trajetória histórica do *Jornal da Paulista* (JP) significou ao mesmo tempo vislumbrar um pouco da própria trajetória da Universidade Federal de São Paulo, no limite do tempo no qual o JP circulou, entre novembro de 1987 a dezembro de 2003. Na delimitação temporal desse estudo, *pari passu* à constituição do jornal como um veículo de divulgação científica na área das ciências da saúde, ocorreu o processo de elevação da Escola Paulista de Medicina à condição de Universidade Federal no final de 1994, consolidando e confirmando assim a vocação dessa instituição como um importante centro produtor e difusor do conhecimento científico, exclusivo, na ocasião deste estudo, à área das ciências da saúde. Muito desse conhecimento transformado em comunicação científica expressou-se em primeira mão como artigo de divulgação científica no JP antes mesmo de ser elaborado no formato de um artigo para disseminação em periódicos científicos.

Empreender esta pesquisa representou ao mesmo tempo um desafio e um privilégio. Desafio pelo tamanho do objeto de estudo e pelas limitações do pesquisador. Foram estudadas 185 edições do jornal que compunham mais de 2.500 páginas de textos. Muito do que foi e do que representou o JP não pode ser incluído neste estudo. Concentramos nossos esforços em deslindar o jornal pela perspectiva deste ser um veículo de divulgação científica das ciências da saúde. Outras revelações do jornal, principalmente aquelas possibilitadas pelos quadros anexos⁸⁴, serão objeto, em outro momento, de outras considerações acerca do JP e da UNIFESP/EPM.

Uma limitação deste estudo consiste no fato de não ter ouvido um número maior de pessoas que estiveram relacionadas com a produção editorial do JP. Uma explicação para isso foi o literal esvaziamento do escritório do setor de imprensa da universidade promovido pela equipe demissionada do JP e da Assessoria de Imprensa no final de 2003, ao receberem a notícia de que, praticamente de um dia para outro, o JP deixaria de ser publicado e que não teriam mais emprego. A grande maioria dos contatos dessa equipe perdeu-se na ocasião. Ouvir a todos, desejável por representar um enriquecimento ainda maior para a compreensão mais abrangente do JP, demandaria um tempo não disponível para a consecução deste trabalho de mestrado.

⁸⁴ Ficaram de fora deste estudo uma discussão mais detalhada acerca dos seguintes quadros: 1. Artistas da casa; 2. Caro colega; 3. Cartas; 4. H.Q. e Cartuns; 5. Memória; 6. Perfil; 7. Prêmios e 8. Visitas.

Ao estudar o JP, tivemos a oportunidade de resgatar informações da produção científica na área das ciências da saúde, que embora praticamente exclusivas à UNIFESP/EPM, representavam ao mesmo tempo uma importante parcela da produção científica nacional. Este estudo deixa registrado que o JP foi um marco na história da instituição à qual pertenceu e à qual muito bem representou. Possibilitou também resgatar um pouco da memória do próprio jornal.

A discussão realizada neste estudo mostrou que o JP ao longo de sua trajetória constituiu-se como um instrumento de divulgação científica, conforme pudemos constatar na análise minuciosa de suas edições, apoiado em depoimentos dos principais atores que fizeram parte da história do jornal.

A análise do primeiro exemplar do JP, por exemplo, como apresentado na discussão da primeira fase trazia três matérias de divulgação científica. Este dado associado à análise dos demais jornais que corresponderam à primeira fase, que trouxeram outras matérias de divulgação científica permeando as páginas que traziam informações de interesse particular da comunidade interna, levou-nos a concluir que embora de forma incipiente desde a sua gênese o JP já fazia divulgação científica. Fazemos esta afirmação a despeito, de como também constatado na discussão da primeira fase do jornal, de que o mesmo surgiu com um forte apelo para ser um veículo *house-organ* e como divulgador da instituição.

Quando o jornal introduziu em sua segunda fase as colunas “Pesquisa”, “Debate” e “Entrevista”, que foram discutidas no capítulo 6, um número maior de matérias de divulgação científica passaram a ser veiculadas. Também nesta fase o jornal aumentou o número de páginas para, justamente satisfazer a esta demanda por um número maior de matérias de divulgação científica. Nossa análise da segunda fase levou-nos a concluir que naquele momento o JP estava em processo de mudança e consolidando a sua vocação como instrumento de divulgação científica.

Os marcos significativos para aquilo que consideramos a consolidação final do JP como veículo/instrumento de divulgação científica foi discutido durante a análise da terceira fase do jornal. No capítulo 7 discutimos o lançamento do JP Informa, a introdução das colunas “Comunicação” e “Reportagens” que se somaram às três colunas pontuais discutidas durante a análise da segunda fase do jornal. O JP Informa, um novo produto comunicacional do Setor de Imprensa da universidade, foi de fato um *house-organ*, que passou a ocupar-se das informações que correspondiam ao interesse exclusivo da comunidade interna, liberando dessa forma páginas no JP que

passaram a ser ocupadas com mais matérias de divulgação científica. A coluna “Comunicação” com as informações que veiculava sobre o movimento pró-divulgação científica trazido para dentro da universidade é um indicativo de que a universidade incorporava como um aspecto da sua missão a divulgação científica. Para isso tanto pesquisadores como jornalistas e divulgadores científicos passavam por um processo de aprendizagem na frequência a palestras, *worshops* e cursos de formação especializada. Como pudemos constatar na análise da terceira fase do JP, foi nessa fase que finalmente o JP consolidou a sua identidade de veículo de divulgação científica.

Este estudo do JP possibilitou compreender as características principais desse jornal como apontado na discussão de suas três fases. Acrescentamos a sugestão de que o JP pode ser também compreendido como uma contribuição para o empoderamento em saúde, na medida em que pela divulgação científica que fazia das ciências da saúde, possibilitava aos seus leitores o acesso à informação científica numa linguagem de fácil entendimento.

Discutimos também outra característica do jornal, que está associada à sua contribuição para o processo de empoderamento em saúde, que foi a divulgação científica por meio das Histórias em Quadrinhos (HQ) e Cartuns. Muitos exemplares do JP trouxeram tirinhas de histórias em quadrinhos, que utilizando o humor traziam informações de saúde. Embora as HQ e Cartuns sejam uma forma de divulgação científica que tem sido objeto de estudo, a análise do JP revelou a sua utilização para a divulgação científica no âmbito da saúde, temática ainda não discutida teoricamente.

As entrevistas realizadas como elemento complementar à análise do JP possibilitaram compreender alguns detalhes da trajetória desse jornal. Nomes como o de Nader Wafae, Sidnei Abdalla e Laurindo Leal Filho, revelaram dados sobre a origem do jornal, não presentes na análise documental. Conquanto a maior parte das informações advindas dessas entrevistas estivesse relacionada a aspectos formais como o nome do jornal, bem como associadas às suas características primárias de órgão de comunicação interna e instrumento de marketing institucional; ainda assim pudemos perceber indícios de que os depoentes entendiam o jornal também como um veículo que deveria se voltar para fora dos muros da instituição.

Os entrevistados, Izilda Alves, Renato Conte, Heliana Nogueira, Eliane Oliveira, falaram como jornalistas e de suas falas pudemos depreender que embora ainda houvesse uma preocupação com a divulgação do nome da instituição, a preocupação

maior, com a profissionalização do jornal, era de fato a comunicação pública da informação científica.

O entrevistado Cláudio Csillag, por ser um médico e que atuou no JP como editor de texto revelou um importante dado quanto à confiabilidade das informações de divulgação científica que eram veiculadas nas páginas do JP.

Por fim o depoimento de Miriam Baceto, que ocupou temporariamente, após a saída de Sidnei Abdalla, a posição de Diretora do Departamento de Comunicação até que o cargo fosse assumido por Regina Celes de Rosa Stella, e o depoimento desta última, apresentaram dados complementares ao entendimento do JP como veículo de comunicação da UNIFESP/EPM, bem como sobre o seu papel como instrumento de divulgação científica.

O depoimento colhido junto à jornalista Izilda Alves (12/01/2006), que implantou o serviço de Assessoria de Imprensa na instituição e que foi a primeira jornalista responsável pelo JP, revelou a facilidade de diálogo com os especialistas da universidade e a prontidão dos mesmos em responder às solicitações da imprensa. Não foi perceptível, neste estudo, a ocorrência de situações conflituosas. Também não se objetivou procurar por elas, mas possivelmente tenham também existido, pelo fato de estarem presentes em todo campo social, conforme destacado por Bourdieu no referencial teórico.

É possível considerar que muitos cientistas e pesquisadores estão conscientes da necessidade e da responsabilidade na socialização do conhecimento. Contudo, nem todo cientista, por diferentes razões, tem condições de se comunicar com o público, abrindo um espaço para intermediários, divulgadores científicos e jornalistas científicos, considerados por alguns autores como intérpretes ou tradutores da linguagem científica.

Como cientistas, divulgadores e jornalistas vivem em mundos diferentes, existe a possibilidade de que o aforismo “*tradutori, traditori*” seja uma realidade na comunicação pública de ciência e tecnologia, tornando as relações entre cientistas e divulgadores científicos nem sempre muito amigáveis. Este estudo acerca do JP revelou, contudo, como a equipe de comunicação da UNIFESP/EPM, durante a terceira fase do jornal, mobilizava-se para eliminar as distâncias entre pesquisadores das ciências da saúde e jornalistas e divulgadores científicos, conforme discutido no capítulo 7.

Dentre os vários autores tomados como referencial por meio dos quais pode-se comprovar a hipótese central deste estudo, ressaltamos, nesta conclusão, dois deles, a saber Landowski e Ziman.

Os estudos que o semiólogo francês Erick Landowski fez dos jornais *Le Monde* e *Libération* foi fundamental para a compreensão do JP com um sujeito semiótico. A identidade do JP como veículo de divulgação científica construiu-se com a episodicidade de sua narrativa e com a periodicidade do seu discurso.

Outro autor que referenciou a discussão acerca da comunicação científica foi o sociólogo John Ziman. Sua contribuição possibilitou a elaboração do mapa conceitual, onde sintética e objetivamente pudemos explicar os componentes da cultura científica que inclui entre outros elementos o jornalismo científico, uma modalidade específica do jornalismo, na qual com este estudo pudemos constatar a inserção do JP.

No que diz respeito às características principais do JP, foi possível identificar as seguintes:

1. O discurso da linguagem utilizada na veiculação das matérias de divulgação científica seguia critérios não apenas jornalísticos, mas critérios específicos do jornalismo científico.
2. Em sua categoria de jornal universitário o JP era o único que se dedicava a veicular informações exclusivamente na área das ciências da saúde.
3. A distribuição do JP não se restringia apenas à comunidade interna, mas o mesmo era disponibilizado em lugares estratégicos do campus universitário, o que possibilitava que o pessoal circulante que buscava atendimento de saúde, nas diferentes casas de especialidades da instituição, e seus acompanhantes também acessassem o jornal. A assessoria de imprensa da universidade por meio de um eficiente serviço de *mailing* distribuía ainda o JP para os principais meios de comunicação do país.
4. O contingente de leitores do JP incluía não apenas o público leigo, mas também o de especialistas. Esta representava outra característica do jornal. Por suas páginas circulavam informações recém apresentadas nos programas de pós-graduação da universidade advindas da defesa de teses de mestrado e doutorado que em primeira mão eram

disponibilizadas no JP e que levariam um considerável tempo, seguindo o ritual da ciência, para serem publicadas em revistas especializadas. Dessa forma o JP servia como um instrumento de atualização para especialistas.

5. Dentre as características do JP entendemos que a principal foi a do jornal ter representado um veículo de democratização e socialização do conhecimento científico.

No desenvolvimento deste estudo pudemos também responder às principais questões dos elementos norteadores desta pesquisa que foram as seguintes: qual era a identidade do JP? Quais eram as suas principais características? Quais eram os principais atores envolvidos na sua trajetória? Como se deu a comunicação pública de ciências da saúde durante a sua trajetória no período de novembro de 1987a novembro/dezembro de 2003?

Este estudo não responde a todas as questões relacionadas ao JP, enquanto veículo de comunicação científica, mas, incontestavelmente, foram levantadas evidências suficientes para resolver o problema teórico proposto neste trabalho, a saber: em que medida o JP em sua gênese e trajetória enquanto veículo de comunicação pública das ciências da saúde se constituiu como instrumento de divulgação científica? Apesar de sua criação voltada para a comunicação interna da instituição e vinculada ao marketing institucional, constatou-se o JP como veículo de divulgação científica.

A maneira como se deu o fim do JP, sem aviso prévio, sem notificação aos leitores que esperavam uma nova edição do jornal a cada mês, não fez jus àquilo que o mesmo significava para a sociedade a quem, em última instância servia, e para a universidade à qual tão bem representou e divulgou ao propagar em suas páginas o conhecimento nela gerado. O desaparecimento súbito do JP colocava-o na mesma condição de um morto insepulto, e com este estudo julgamos propiciar a catarse da sua perda.

Não obstante os objetivos deste trabalho terem sido plenamente alcançados, pelo fato do JP juntar-se a uma categoria específica de veículo de comunicação – o jornal universitário – que ainda não foi estudada em profundidade, sugerimos que novos estudos sobre esta temática sejam desenvolvidos.

A criação do JP está intrinsecamente associada à inauguração do Departamento de Comunicação da EPM e às suas atribuições práticas e políticas. O jornal, por inserir-se em um meio acadêmico próspero em pesquisas, desenvolveu-se naturalmente para uma publicação de divulgação científica.

Durante este estudo, levantamos a questão política do estabelecimento pelo Departamento de Comunicação de um escritório representativo da instituição em Brasília, que objetivava uma aproximação com autoridades políticas, governamentais e órgãos de fomento, visando auxiliar na captação de recursos financeiros que seriam destinados ao crescimento da instituição.

Aliado ao objetivo de captar recursos que garantissem a ampliação e o crescimento da instituição, o JP aumentou gradativamente a publicação de matérias com respaldo científico, mesclando uma estratégia de marketing institucional com uma vocação para a comunicação pública das ciências da saúde.

Nascido primordialmente para substituir o Boletim Informativo e o Anuário da produção científica da instituição, objetivando divulgar anúncios internos da administração para os departamentos e fazer a comunicação interna, ao estilo *house-organ*, o JP, desde o seu primeiro número já apresentava a sua vocação de divulgador científico.

As fases pelas quais o JP passou, conforme descritas e discutidas neste estudo, indicam a passagem do mesmo por um processo de amadurecimento que culminou com a prevalência da divulgação científica das ciências da saúde como episódio de narração configurada com a periodicidade de sua produção como instrumento de divulgação científica.

Entendemos que a necessidade premente marcada no início da publicação do JP de tornar o nome da instituição reconhecida nos meios provedores de financiamento público, sendo que a elevação da EPM à condição de Universidade não tenha suprido suas reais necessidades de aporte financeiro, foi superada pelo papel do jornal como veículo de divulgação da produção científica da universidade.

Lamentavelmente, a nova reitoria da universidade, na gestão assumida em 2003, como um de seus primeiros atos, ao reestruturar o Departamento de Comunicação extinguiu o JP.

A versão oficial da universidade para o encerramento da publicação do JP, bem como das demais ações pró-divulgação científica das ciências da saúde não estão presentes neste estudo pelo fato de que não foi possível ao reitor atender à solicitação

de dar o seu depoimento sobre o jornal. A Diretora de Comunicação da universidade, em entrevista concedida no dia 10 de novembro de 2005, também não forneceu essa informação, mas de sua fala foi possível fazer algumas inferências, já comentadas.

Na discussão acerca da recuperação das informações contidas na Constituição Cidadã e na Nova LDB quanto ao ensino superior, ciência e tecnologia, principalmente na sua proposição de aporte financeiro para projetos de extensão universitária, propusemos para um estudo futuro a verificação de que em que medida tais recursos financeiros são utilizados nas universidades para a divulgação científica.

Assim, chegamos ao fim deste estudo, embora nossa vontade fosse a de continuar discorrendo sobre este jornal, o JP, que nos instigou a prosseguir no afã de trabalhar com a divulgação científica no contexto da produção científica universitária e no que ela representa no sentido do estabelecimento do conhecimento como um bem público.

Ao encerrar este estudo fazemos menção às palavras de Abramczyk:

... podemos considerar os meios de comunicação uma das melhores formas de promover o acesso ao conhecimento... Na divulgação da ciência o jornalismo cumpre uma de suas mais nobres finalidades, a de estender uma ponte entre o conhecimento e a sociedade, promovendo a mais difícil e exigente democracia que é a da cultura (ABRAMCZYK, 1989, pp. 12, 15).

...entre todas as organizações, a universidade, pelas suas próprias finalidades (ensino, pesquisa e extensão), é a que conjuga as maiores condições para a construção de uma sociedade melhor. E, bem ou mal, ela tem colaborado e desempenhado seu papel. Falta-lhe talvez uma aproximação maior com a sociedade, tornando-se mais transparente, difundindo sua produção científica, descendo da “ilha do saber” para o homem comum. Assim, certamente, ela será mais valorizada e mais bem compreendida por todos os cidadãos (KUNSCH, 1992, p. 38).

9 REFERÊNCIAS

- ABRAMCZYK, J. O jornalismo científico e a popularização da ciência. In: LIMA, Myriam Del Vecchio de (org.). *Jornalismo Científico*. Secretaria de C&T. Curitiba: UFPR, 2001. págs. 12-15.
- ALFONSO-GOLDFARB, A.M. FERRAZ, M.H.M. Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, 2002, v. 16, n. 3, p. 3-14.
- ANTUNES, R. A erosão do trabalho. In: *Jornal Folha de São Paulo*. 22 de outubro de 2006, Caderno Mais, p. 11.
- Associação Brasileira de Jornalismo Científico. *Memória do 4º Congresso Iberoamericano de Periodismo Científico e 1º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico*. São Paulo, 1984.
- BALDO, R. Uma vida dedicada à Comunicação. SBCampo: Pensamento Comunicacional Latino Americano (PCLA) (*Revista Científica Digital*) – Volume 4 - número 1: outubro / novembro / dezembro 2002. Disponível em <http://www2.metodista.br//unesco/PCLA/> - acesso em 20/08/2006.
- BARROS, H.L. Um novo papel da divulgação da ciência: rumo a um contrato tecnológico. In: CUNHA, C., WERTHEIN, J. *Educação científica e desenvolvimento: o que pensam os cientistas*. Brasília: UNESCO, 2005.
- BASALLA, G. The spread of western science. *Science*, v. 156, n. 3775, 05 de maio de 1967
- BONI, P.C. *Difusão de Ciência e Tecnologia: A experiência da Universidade Estadual de Londrina*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1992.
- BOTRÁN, P. C. La dirección de comunicación en el ámbito universitario: comunicación interna y comunicación externa. In: RUIZ, A. M., RODRIGUEZ, I. T., GARZA, G. Z. *Mass media y universidad: el reto de la comunicación en las universidades*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2005.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BRASIL. *Constituição: 1824, 1891, 1934,1937, 1946, 1967 E 1988*. Brasília (DF): Presidência da República.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional: 1961, 1971 e 1996*. Brasília (DF): Presidência da República.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2005*

BRASIL. Ministério da Saúde. Anuário estatístico de saúde no Brasil. 2001. Disponível em URL:

<http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/anuario2001/index.cfm>. Acesso em 28/04/2005.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – Acesso e utilização de serviços de saúde. Disponível em URL:

<http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2003/saude/saude2003.pdf>. Acesso em 29/05/2005.

BRUNO, F. VERCELLESI, L. Science information in the media: na acadêmica approach to improve its intrinsic quality. *Pharmacological Research*, Vol. 45, No. 1, 2002.

BUBELA, T.M. CAULFIELD, A.T. “Do the print media 'hype' genetic research? A comparison of newspaper stories and peer-reviewed research paper”. *Canadian Medical Association Journal*. Apr. 27, 2004; 170.

BUENO, W.C. *Jornalismo científico no Brasil: compromissos de uma prática dependente*. (Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da USP). São Paulo, 1984.

BUENO, W. da C. *Jornalismo científico: conceito e funções*. *Ciência e Cultura*. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985.

BUENO, W. da C. *Jornalismo científico como resgate da cidadania*. In: Massaranai, Moreira e Brito. *Ciência e Público: Caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002, p. 229 – 230.

CALVO HERNANDO, M. In: *Divulgação científica: um grande desafio para este século*. Campinas: *Ciência e Cultura* abr./jun. 2005, vol.57, no.2, p.18-20. (Entrevista concedida a Luisa Massarani e Ildeu de Castro Moreira. Edição de texto de Carla Almeida, do Centro de Estudos do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz).

CANO, W. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 12, n. 2 (21), p. 295-310, 296 jul./dez. 2003.

CARNEIRO, D.L.C.M. *Divulgação científica na UFU: em busca de uma maior interação entre universidade e sociedade*. (Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo), 2004.

CARO, P. Os bons artigos de divulgação científica são peças literárias. In *Jornal “Público”* (Portugal). Entrevista concedida a Teresa Firmino, 03/04/2003.

CARVALHO, A. As idéias de Antonio Pasquali nas décadas de 80 e 90. *PCLA*, vol. 1, n. 2, jan-mar, 2000.

CARVALHO, I.C.L. KANISKI, A.L.A. Sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 33-39, set./dez. 2000.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea Brasileira. Disponível em (<http://www.cpdoc.fgv.br> – História Oral. Acesso em maio de 2005).

CHAPPELL, R. e HARTZ, J. World's apart: how the distance between science and journalism threatens America's future. Nashville: First Amendment Center, 1997.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: Jan/Fev/Mar/Abr 2003 Nº 22.

CHAUÍ, M.A. Universidade pública sob nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*. Set-Dez/2003, n. 24, p. 5 - 15.

CHOULIARAKI, L. Media discourse and the public sphere. *Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (DELTA)*. São Paulo, v. 21, n. esp, 2005

CONDIT, C. Science reporting to the public: Does the message get twisted? *CMJA*; 170(9): 1415-1416.

Contagem da População, 1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1997, v.1: Resultados relativos a Sexo da População e Situação da Unidade Domiciliar, p.23, tabela 6.

CROSSING, S. LOCKWOOD, S. MANASZEWICZ, R. Medics, media, and mass confusion. *The Lancet*, Volume 363, Issue 9407, 7 February 2004, Pages 491-492.

DIAS, C. A. "Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais". Brasília: *Ci. Inf.* v. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999.

EPSTEIN, I. *Divulgação científica: 96 verbetes*. Campinas: Pontes, 2002.

ESTEVES, B. *Ciência na imprensa brasileira no pós-guerra: o caso do suplemento "Ciência para todos" (1948 - 1953)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de pós-graduação de engenharia. Dissertação de mestrado, 2005.

FALCÃO, M.T.C. *Pesquisa Qualitativa: Potencialidades e Limites*. Apresentado no Fórum Regional de Pesquisa em Enfermagem: Novas abordagens teórico-metodológicas e respectivos resultados. Escola de Enfermagem - Universidade de São Paulo/ 15 e 16 abril 2003.

FERRAZ, W.P. In: *Jornal da Paulista* nº 113. Ano 11 - novembro de 1997, p. 2.

FERREIRA, S.B. de H.F. *Novo Dicionário Aurélio*. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEREDO, M. *Mídia, Mercado de informação e opinião pública*. In: C. German *et al.* *Informação & Democracia*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2000.

FISCHMANN, R. Da linguagem oral à linguagem da hipermídia: reflexões sobre cultura e formação do educador. *São Paulo em Perspectiva*, Jun 2000, vol.14, no.2, p. 12 – 22.

FREIMUTH, V.S. QUINN, S.C. The contributions of health communication to eliminating health disparities. *American Journal of Public Health*, December 2004, vol. 94, n. 12, 1053-2055.

GARCIA, S. de C. BARRICHELO, E.M. da R. Mídia Impressa: a percepção de jornalistas e pesquisadores sobre a divulgação científica. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. *Divulgação científica e tecnologias da informação e comunicação*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.

GARRAFA, V. Conferência apresentada no Seminário Mensal julho/2005 da ANVISA, em Brasília-DF e no painel “Bioética: inclusão e justiça social”. Belo Horizonte, VI Congresso Nacional da REDE UNIDA, 04/07/2005. Disponível em http://www.anvisa.gov.br/Institucional/snvs/coprh/seminario/inclusao_social_bio.pdf. Acessado em 27/05/2006

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GLATTHORN, A.A. JOYNER, R.L. *Writing the winning thesis or dissertation*. Thousand Oaks: Corwin Press, 2005.

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n.2, Mar./Abr. 1995a, p. 57-63.

GODOY, A.S. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais, In *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n.2, Mar./Abr. 1995a, p. 20-29.

HERNÁNDEZ CAÑADAS, P.L. *Os periódicos: Ciência Hoje e Ciência e Cultura e a divulgação da ciência no Brasil*. 190 f. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - IBICT/UFRJ/ ECO, Rio de Janeiro, 1987. p. 25.

JURDANT, B. *Desafios e paradoxos da divulgação científica*. Conferência proferida em 19/01/2006 no Seminário: Estratégias para a divulgação científica na sociedade do conhecimento. São Paulo: Faculdade de Medicina Veterinária – USP/ Fapesp/Cendotec, 19 e 20/10/2006.

KOTSCHO, R. *Explode um novo Brasil: Diário da campanha das Diretas*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

KROPF, S.P. LIMA, N.T. Os valores e a prática institucional da ciência: as concepções de Robert Merton e Thomas Kuhn. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*: Rio de Janeiro, 1999, vol. 5, no. 3, pp. 565-581.

KUNSCH, M. M. K. *Universidade e comunicação na edificação da sociedade*. São Paulo: Loyola, 1992.

KYVIK, S. Popular science publishing and contributions to public discourse among university faculty. *Science Communication*, vol. 26, n. 3, march 2005, 288-311.

LAENG, M. *Dicionário de Pedagogia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1973.

LAFER, C. Brasil: dilemas e desafios da política externa. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 14, n. 38, 2000, pp. 260-267.

LAKATOS, E.M. MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 2001.

LANDOWISKI, E. A sociedade refletida. São Paulo: Educ-Pontes, 1992.

LEAL FILHO, L. A universidade no papel [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990.

LEFVRÉVE, F. LEFVRÈVE, A. M. C. Saúde, Empoderamento e Triangulação. *Saúde e Sociedade* v.13, n.2, p.32-38, maio-ago 2004.

LEWENSTEIN, B. The meaning of public understanding of science in the United States after World War II. *Pubic Understanding of Science*, vol. 1, n. 1, p. 45-68, 1992.

MACDOWELL, S. Responsabilidade social dos cientistas: Natureza das ciências exatas. *Estudos Avançados*, v. 2, n.3. São Paulo, set/dez. 1988, 67-76.

Manual de redação e estilo. Organizado e editado por Eduardo Martins. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1990.

MARI, J. et al. The modest but growing Brazilian presence in psychiatric, psychoogiological and mental health research: assessment of the 1998-2002 period. *Braz. J Med Biol Res* 38 (5) 2005, p. 649 – 659.

MARQUES DE MELO, J. Impasses do jornalismo científico. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 19-24, 1982.

MARQUES DE MELO, J. Teoria da Divulgação Científica. Roteiro das aulas ministradas no Curso de Pós-Graduação em Divulgação Científica. São Paulo, NJR/ECA/USP, 1992.

MEIHY, J.C.S.B. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2005.

MENEGHINI, R. Avaliação da produção científica e o Projeto SciELO. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 219-220, maio/ago. 1998.

MINAYO, M.C.S. (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORA, A.M.S. La divulgación de la ciência como literatura. México, DF: Dirección General de Divulgación de la Ciencia, Universidad Autónoma de México, 2000.

MORAES, R.C.C de. Universidade hoje - Ensino, pesquisa, extensão. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 19, n. 63, 1998.

MORATO, R.G. *et al.* Geografia da desigualdade ambiental na Subprefeitura de Campo Limpo Município de São Paulo/SP. In: Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, Brasil, 16-21 abril 2005, INPE, p. 2281-2288.

MOURA, M. Mídia e construção de imagens da tecnociência brasileira. In: Vogt, Carlos (org.). *Cultura científica: desafios*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2006. p. 132-179.

MUELLER, S.P.M. O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 23, n.3, p. 309-317, 1994.

OKADA, A. *et al.* Mapeando informação, trilhando e construindo redes de significados: notas sobre uma experiência de pesquisa e docência em educação online. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 23, p. 73-90, jan./jun., 2005.

OLIVEIRA, F. A. de. Metodologia Científica em Atenção Primária à Saúde no Brasil. Apresentado no 6º Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade Rio de Janeiro, RJ - abril de 2004.

REIS, J. Ponto de vista: José Reis – Entrevista. In: Massaranai, Moreira e Brito. *Ciência e Público: Caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002, p. 73 – 77.

REY, L. *Planejar e redigir trabalhos científicos*. São Paulo: Edgard Blücher, 1993.

RUIZ, A. M. VALVERDE, A. R. Una experiencia de comunicación en la red: agencia universitaria de noticia Diálogo Iberoamericano. In: RUIZ, A. M., RODRIGUEZ, I. T., GARZA, G. Z. *Mass media y universidad: el reto de la comunicación en las universidades*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2005.

ROBERTSON, R.G.E. CURREY, L. How to make the media your public health partner. *Family practice management*. May 2004, p. 40-43.

PASQUALI, A. *Comprender la comunicación*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1978.

PIERANTI, O.P. Políticas para a mídia: dos militares ao governo Lula. *Lua Nova*, São Paulo, 68: 91-121, 2006.

POBLACIÓN, D.A. *et al.* Revistas brasileiras publicadoras de artigos científicos em cirurgia. II - Terminologia e atribuições adotadas pelos editores. Proposta de organograma do periódico e fluxograma do artigo. *Acta Cirúrgica Brasileira - Vol 18 (6)* 2003, p. 497-501.

PRICE, D.J.S. *Hacia una ciencia da la ciencia*. Barcelona: Ariel, 1973.

SCHWARTZMAN, J. O Financiamento do Ensino Superior. In STEINER, J. MALNIC, G. Organizadores. *Ensino superior: conceito e dinâmica*. São Paulo: Edusp, IEA, 2005.

SCHWARTZMAN, S. A universidade primeira do Brasil: entre *intelligentsia*, padrão internacional e inclusão social. *Estudos Avançados* 20 (56), 2006, p. 159 – 188).

SEMIR, V. Aproximación a la historia de la divulgación científica (editorial). Quark, Ciência, Medicina, Comunicación y Cultura. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra - Observatorio de la Comunicación Científica, n. 26, 2002. Disponível em <http://www.prbb.org/quark/26/026004.htm>. Acesso em 28/03/2005.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Cienc Saúde Coletiva* 2000;5:187-92.

SETTON, M. da G.J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP: São Paulo nov. 2005, v. 17, n. 2.

SILVA, M.R.B. da. Construindo uma instituição: Escola Paulista de Medicina (1933-1956). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, P. Vocabulário Jurídico (Edição Universitária). Rio de Janeiro: Forense, 1993 (Vol. II), 526 p.

SILVEIRA, T.S. Divulgação e política científica: do bar do Mané à Ciência Hoje (1982 - 1998). Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2000 (Dissertação de mestrado).

SIMON, P. Brasília: *Jornal do Senado*, 11/09/2006.

TARGINO, M. das G. GARCIA, J.C.R. Ciência brasileira na base de dados do Institute for Scientific Information (ISI). *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 1, 2000.

TAVARES, L.G.P. Pauta Jornalística no Brasil: esboço Histórico. Trabalho apresentado em 1989 à disciplina “Editando: da pauta ao layout” do curso de pós-graduação da Escola de Comunicação e Artes da USP. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/boletins/jornal26.htm#original>. Acesso em 17.01.2006.

TUFFANI, M. O fogo cruzado do jornalismo de ciência. Campinas: *ComCiência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Edição de 10/07/2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura11.shtml>. Acesso em 17/05/2005

VARGAS, M. Para uma filosofia da tecnologia. São Paulo: Alfa-Omega, 1994.

VARGAS, M. História da ciência e da tecnologia no Brasil: uma súmula. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

VASCONCELLOS, M.D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, no 78, Abril/2002. p. 77 – 87.

VERGUEIRO, W. C. S. (Org.) et al. Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VIEIRA, C.L. Pequeno manual de divulgação científica: dicas para cientistas e divulgadores científicos. Rio de Janeiro: Ciência Hoje?Faperj, 1999.

VOGT, Carlos e POLINO, C. Percepção pública da ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2003.

VOGT, C. (org.). Cultura científica: Desafios. São Paulo: Ed. USP: Fapesp, 2006.

WERTHEIN, J. In: MACEDO, B. Organizadora. Cultura científica: um direito de todos. Brasília: UNESCO, Brasil, OREALC, MEC, MCT, 2003.

ZIMAN, J. A força do conhecimento. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1981.

10 ANEXOS

Anexo 1: Quadro H.Q. e Cartuns

História em Quadrinhos e Cartuns					
JORNAL					DESCRIÇÃO
N	Ano	Nº	Mês	Pág	
1	3/1989	22	agosto	8	Hora do Recreio: Insônia
2	3/1989	23	setembro	8	Hora do Recreio: Informática na cirurgia
3	3/1989	24	outubro	8	Hora do Recreio: Colesterol
4	3/1989	25	novembro	8	Hora do Recreio: Moléstia de Ménière (labirinto)
5	3/1989	26	dezembro	3	Hora do Recreio: Catapora
5	3/1990	27	janeiro	8	Hora do Recreio: Insônia
6	3/1990	28	Fevereiro	5	Ilustração: Exame para os médicos
7	3/1990	29	Março	4	Ilustração: I Semana Literária EPM
8	3/1990	29	Março	6	Sem título: AIDS: Use camisinha: o mundo trata melhor quem se veste bem
9	3/1990	33	Julho	7	Sem título: Símbolo EPM (a cobra e a árvore)
10	3/1990	34	Agosto	6	Fecundação: À maneira dos... Portugueses
11	3/1990	36	Outubro	6	Fumar é Kitsch
12	4/1991	43	Maio	8	Seção Vibrião: Cólera – propagação
13	4/1991	48	Outubro	8	Seção Lavação: Banho: impede doenças
15	5/1992	57	Setembro	7	Ilustração: Prof. Michalany e Prof. Pardal: Recordações jubileu 5ª turma (1942)
16	5/1992	58	Outubro	Capa	Ilustração: Os emblemas da EPM e suas histórias
17	5/1992	58	Outubro	5	Ilustração: Matéria: O câncer pode ser contido basta cuidar logo no início
18	5/1992	58	Outubro	7	Ilustração: Etiologia à Margem da História: Hanseníase
19	5/1992	58	Outubro	8	Mamella – H.Q.: “O Arquivo”
20	5/1992	58	Outubro	8	Ilustração: O emblema da EPM e o seu significado
21	5/1992	59	Novembro	2	Ilustração: Logosofia: Pessimismo
22	5/1992	59	Novembro	8	Ilustração: aratona dos 60 ame da EPM

2 3	5/1992	59	Novembro	10	Ilustração: O início do vírus na etiologia geral: os exterminadores do passado no futuro
2 4	5/1992	59	Novembro	11	Mamella – H.Q.: Nódulo de mama
2 5	6/1993	62	Fevereiro	7	Sobrevive - ilustração: Denúncia contra comercialização do remédio Artame (venda indiscriminada)
2 6	6/1993	62	Fevereiro	10	Etiologia Geral à Margem da História – ilustração: Moléstias Parasitárias Artrópodos Fungos
2 7	6/1993	65	Maio	Capa	Os deuses da medicina - ilustração: participam da festa EPM
2 8	6/1993	67	Julho	6	História da Medicina - ilustração: Médico texto em rolo e aranha presa pelo fio
2 9	6/1993	67	Julho	7	Plano de ação e combate às drogas - ilustração: Médico (balão: palavra Fora) apontando dedo e folha de maconha estilizada
3 0	6/1993	68	Ago/Set	2	Tópicos da Biblac - ilustração: Informatização à vista!
3 1	6/1993	68	Ago/Set	7	Uso de plantas como medicamento: pode ser perigoso Planta dizendo para outra: o pior é quando ele diz que eu sou um xarope (homem com aparência de doente colhe folhas)
3 2	6/1993	68	Ago/Set	7	Labirintite, tratada pela Otoneurologia: Macaco com dor de ouvido
3 3	6/1993	68	Ago/Set	7	Ilustração (2): Matéria sobre cólicas
3 4	6/1993	68	Ago/Set	7	Mamella – H.Q.: Nódulo de Mama
3 5	6/1993	69	Outubro	3	Ilustração: Matéria sobre o Ronco (mosquito reclamando de roncador)
3 6	6/1993	69	Outubro	5	Ilustração: Matéria sobre Cirurgia Plástica: “Mona Roliça”?
3 7	6/1993	69	Outubro	8	Ilustração: Matéria sobre Oncopediatria: Herói GAACC bate em caranguejo (câncer) que mantém crianças presas por corda
3 8	6/1993	70	Novembro	9	Ilustração: Matéria sobre história da Biblac: livro perguntando: como será que nasci? + balão com cegonha levando um livro numa fralda
3 9	6/1993	70	Novembro	10	Ilustração: História da Medicina
4 0	6/1993	70	Novembro	Capa	Ilustração: Papai Noel e duendes com órgãos (transplante)
4 1	6/1993	71	Dezembro	6	Ilustração: Crianças sofrem cada vez de desnutrição. Papai Noel com presentes e criança com barriga roncando de fome
4 2	6/1993	71	Dezembro	7	Ilustração: Como o sol pode trazer problemas. Papai Noel caído, teto quebrado e dono da casa de pijamas e nervoso
4 3	7/1994	73	Fev/Mar	6	Ilustração: Matéria – Coluna: para ser saudável precisa fazer exercícios
4 4	7/1994	78	Fev/Mar	7	Ilustração: Matéria – Catarata: combatida com projeto da CBO
4 5	7/1994	78	Setembro	9	Ilustração: Matéria – Escola tem seu lixo reciclado
4 6	7/1994	79	Outubro	7	H.Q.: Ilustrar Matéria sobre Infecção Hospitalar: Era uma vez 5 bactérias. Certo dia apareceu um infectologista... Era um vez 5 bactérias
4 7	7/1994	80	Nov/Dez	14	Ilustração: Matéria sobre Simpósio adolescência e violência
4 8	8/1995	81	Janeiro	6	Ilustração: Matéria: Nutrição: um problema que não é levado a sério
4 9	8/1995	81	Janeiro	7	Ilustração: Matéria: Lupus, é imprescindível o acompanhamento médico

50	8/1995	81	Janeiro	7	Ilustração: Matéria: Previna-se contra o câncer de pele
51	8/1995	82	Fevereiro	Capa	Ilustração: Chamada para matéria: Tese considera residente campeão de estresses
52	8/1995	82	Janeiro	7	Ilustração: Matéria: Médico inglês em visita à Unifesp alerta para o risco do fumo
53	12/1999	132	Junho	11	Ilustração: Matéria: Ansiedade gerada em laboratório: teste desenvolvido na Psicobiologia induz ansiedade para
54	12/1999	134	Agosto	5	Ilustração: Matéria: Esporte 1 X Epilepsia: pesquisa com ratos mostra que atividade física reduz o número de crises da doença
55	12/1999	134	Agosto	7	Ilustração: Matéria: Ginecologia cria serviço para mulheres com problemas de sexualidade
56	13/1999	138	Dezembro	6	Ilustração: Matéria: Fome de emagrecer: Pesquisa mostra as dificuldades de tratar a bulimia nervosa

Anexo 2: Quadro PubMed

National Center for Biotechnology Information (NCBI) At U.S. National Library of Medicine (NLM) By PubMed				
Estratégias de busca:				
1. Search (information dissemination) AND (newspapers OR periodicals OR health education OR mass media OR communication media) Limits: 10 Years, English, Humans				
2. Search (information dissemination) AND ("mass media"[All Fields] OR "journalism medical"[All Fields] OR "medical journalism"[All Fields]) Limits: 10 Years, English, Humans				
E-mails recebemos dos com sugestões de textos e artigos				
De 20 de abril de 2005 a 04 de março de 2006				
Nº	Data	Título e Periódico	Texto	JCR
1	20abr05	Science reporting to the public: Does the message get twisted? Condit C. CMAJ. 2004 Apr 27; 170(9): 1415-1416.	Artigo	5.941
2	02jun05	The contributions of health communication to eliminating health disparities. Freimuth VS, Quinn SC. Am J Public Health. 2004 Dec;94(12):2053-5.	Artigo	3.241 A Intern.
3	02jun05	Nurses' use of the media to provide public health information during a hepatitis A outbreak. Davidson LJ, George LE. J Prof Nurs. 2004 Mar-Apr;20(2):134-6.	Artigo	0.386
4	02jun05	The relationship between health care and mass media in Polish law. Szetela AM. Med Law. 2004;23(1):9-17.	Artigo	
5	02jun05	How to make the media your public health partner. Robertson RG, Currey L Fam Pract Manag. 2004 May;11(5):40-2.	Artigo	ñ analizado
6	02jun05	Medical messages in the media--barriers and solutions to improving medical journalism. Larsson A, Oxman AD, Carling C, Herrin J. Health Expect. 2003 Dec;6(4):323-31.	Artigo	ñ analizado
7	02jun05	Medics, media, and mass confusion. (letter) Crossing S, Lockwood S, Manaszewicz R; Breast Cancer Action Group, Australia. Lancet. 2004 Feb 7;363(9407):491.	Carta	23.407
8	02jun05	News media coverage of human papillomavirus. Anhang R, Stryker JE, Wright TC Jr, Goldie SJ. Cancer. 2004 Jan 15;100(2):308-14.	Art	A Intern.

9	02jun05	The relative efficacy of pamphlets, CD-ROM, and the Internet for disseminating adolescent drug abuse prevention programs: an exploratory study. Di Noia J, Schwinn TM, Dastur ZA, Schinke SP. <i>Prev Med.</i> 2003 Dec;37(6 Pt 1):646-53.	Art	2.327
10	02jun05	Nursing and the media (letter). McDougall G. <i>J Nurs Scholarsh.</i> 2003;35(3):205-6.	Carta	0.784
11	02jun05	'Them and us': scientists and the media-attitudes and experiences. Gething L. <i>S Afr Med J.</i> 2003 Mar;93(3):197-201.	Art	
12	02jun05	The role of the media in steering public opinion on healthcare issues. Benelli E. <i>Health Policy.</i> 2003 Feb;63(2):179-86.	Art	1.201
13	02jun05	Mass media as a population-level intervention tool for Chlamydia trachomatis screening: report of a pilot study. Oh MK, Grimley DM, Merchant JS, Brown PR, Cecil H, Hook EW 3rd. <i>J Adolesc Health.</i> 2002 Jul;31(1):40-7.	Art	1.571
14	02jun05	Politics, the media and science in HIV/AIDS: the peril of pseudoscience. Makgoba MW. <i>Vaccine.</i> 2002 May 6;20(15):1899-904. PMID: 11983241 [PubMed - for MEDLINE]	Art	2.824
15	02jun05	Science information in the media: an academic approach to improve its intrinsic quality. Bruno F, Vercellesi L. <i>Pharmacol Res.</i> 2002 Jan;45(1):51-5.	Art	0.740 A Intern.
16	02jun05	Mass media interventions for preventing smoking in young people. Sowden AJ, Arblaster L. <i>Cochrane Database Syst Rev.</i> 2000;(2):CD001006. Review.	Cochrane Database	
17	02jun05	Medical messages in the media--barriers and solutions to improving medical journalism. <i>Health Expect.</i> 2003 Dec;6(4):323-31.	Art	Ñ analis.
18	02jun05	The media matter: a call for straightforward medical reporting. Schwartz LM, Woloshin S. <i>Ann Intern Med.</i> 2004 Feb 3;140(3):226-8.	Art	
19	02jun05	The reporting of theoretical health risks by the media: Canadian newspaper reporting of potential blood transmission of Creutzfeldt-Jakob disease. Wilson K, Code C, Dornan C, Ahmad N, Hebert P, Graham I. <i>BMC Public Health.</i> 2004 Jan 5;4(1):1.	Art	1.551
20	18jun05	Advice available on the Internet for people with coeliac disease: an evaluation of the quality of websites. England CY, Nicholls AM. <i>J Hum Nutr Diet.</i> 2004 Dec;17(6):547-59.	Art	0.986
21	21jun05	Media coverage of anthrax vaccination refusal by Australian Defence Force personnel. Ackermann D, Chapman S, Leask J. <i>Vaccine.</i> 2004 Dec 2;23(3):411-7.	Art	2.824
22	25jun05	Primum non nocere: does the current research publication system (or the lay press) harm our patients? Davies J, Bush A. <i>Am J Respir Crit Care Med.</i> 2005 May 1;171(9):937-8.	Art	
23	06ago05	The importance of news media in pharmaceutical risk communication: proceedings of a workshop. Mebane FE. <i>Pharmacoepidemiol Drug Saf.</i> 2005 May;14(5):297-306.	Art	
24	13ago05	Contemporary science communication as a world of political invention. Elam M. <i>Sci Cult (Lond).</i> 2004 Jun;13(2):229-58.	Art	
25	03set05	Role and modalities of information and education in the management of patients with rheumatoid arthritis: development of recommendations for clinical practice based on published evidence and expert opinion. Fautrel B, Pham T, Gossec L, Combe B, Flipo RM, Goupille P, Le Loet X, Mariette X, Puechal X, Wendling D, Schaeffer T, Sibilia J, Sany J, Dougados M. <i>Joint Bone Spine.</i> 2005 Mar;72(2):163-70. Review.	Art	0.899

26	17set05	Culture and linguistics: neglected variables in the health communication equation. Calderon JL, Beltran B. Am J Med Qual. 2005 Jul-Aug;20(4):179-81.	Art	0.667
27	17set05	How lay people respond to messages about genetics, health, and race. Condit C, Bates B. Clin Genet. 2005 Aug;68(2):97-105. Review.	Art	2.367
28	15out05	Improving medicine usage through patient information leaflets in India. Gupta U, Sharma S, Sheth PD, Jha J, Chaudhury RR. Trop Doct. 2005 Jul;35(3):164-6.	Art	
29	29out05	"What does this mean?" How Web-based consumer health information fails to support information seeking in the pursuit of informed consent for screening test decisions. Burkell J, Campbell DG. J Med Libr Assoc. 2005 Jul;93(3):363-73.	Art	0.920
30	29out05	Information-giving sequences in general practice consultations. Goss C, Mazzi MA, Del Piccolo L, Rimondini M, Zimmermann C. J Eval Clin Pract. 2005 Aug;11(4):339-49.	Art	1.562
31	12nov05	The New Zealand national immunisation hotline--what are callers seeking? Petousis-Harris H, Goodyear-Smith F, Ram S, Turner N. Vaccine. 2005 Oct 10;23(42):5038-44.	Art	2.824
32	31dez05	The modest but growing Brazilian presence in psychiatric, psychobiological and mental health research: assessment of the 1998-2002 period. Bressan RA, Gerolin J, Mari JJ. Braz J Med Biol Res. 2005 May;38(5):649-59. Epub 2005 May 25.	Art	0.824
33	07jan06	Information and communication in society. Sandberg H. Acta Paediatr Suppl. 2005 Jun;94(448):38-9.	Art	
34	14jan06	Too much information; not enough wisdom. Bottles K. J Med Pract Manage. 2005 Sep-Oct;21(2):63-4.	Editorial	
35	22jan06	The hills and valleys of an impact factor. Piper HM, Martinson EA, Ophhof T Cardiovasc Res. 2005 Aug 1;67(2):175.	Art	4.575
36	28jan06	How does the media portray cancer? Johnston B. Int J Palliat Nurs. 2005 Oct;11(10):508. No abstract available.	Editorial	
37	28jan06	Library outreach: overcoming health literacy challenges. Parker R, Kreps GL. J Med Libr Assoc. 2005 Oct;93(4 Suppl):S81-5.	Art	0.920
38	28jan06	Disseminating relevant health information to underserved audiences: implications of the Digital Divide Pilot Projects. Kreps GL. J Med Libr Assoc. 2005 Oct;93(4 Suppl):S68-73.	Art	0.920
39	04fev06	Use of the Internet for health information by the chronically ill. Wagner TH, Baker LC, Bundorf MK, Singer S. Prev Chronic Dis. 2004 Oct;1(4):A13. Epub 2004 Sep 15.	Art	
40	04mar06	A content analysis of health research reported by the daily newspapers of Trinidad and Tobago. West Indian Med J. 2005 Oct;54(5):308-14. Nichols S, Chase N.	Art	

Anexo 3: Quadro Coluna Reportagens

Quadro Coluna Reportagens			
	JP	Título	Síntese
1	166	A lei na guerra ao tabaco	Relatório da OMS propõe transformar as ações judiciais contra os fabricantes de cigarro em instrumento de política de saúde pública
2	166	Hemocentros terão novo teste de sangue	Técnica para triagem de amostras reduz o tempo de detecção dos vírus da Aids e da hepatite C
3	168	Bonecos que ensinam	Alunos ganham centro inédito no país para prática médica em manequins que simulam reações humanas
4	169	Em busca do diálogo ausente	Para cientista, perdemos um tempo fantástico em atividades sem utilidade e vivemos sobrecarregados por ruídos
5	170	Contribuição dos trópicos	Teste criado em parceria com a Unifesp para detectar o mal de Chagas torna mais segura a transfusão de sangue
6	170	Dengue: Só a população pode vencer a epidemia	O avanço vertiginoso da epidemia disseminada pelo <i>Aedes aegypti</i> obrigou o governo a rever seus planos
7	170	Ministério da Saúde veta propagandas de alimentos para crianças	O Ministério da Saúde resolveu fechar o cerco aos fabricantes de chupetas, bicos, madeiras e alimentos infantis
8	170	Politicamente correto, rato de PVC é a nova ferramenta dos médicos	Alternativa ao uso de cobaias de laboratório por médicos e residentes no treinamento de de microcirurgias, produto reduzirá polêmica e gastos com criação de animais
9	171	Índios Kaiabi triplicam sua população em 30 anos	Fim de conflitos com brancos e assistência médica fornecida pela Unifesp ajudaram a evitar extinção
10	171	Universidade inaugura centro para realizar testes de genéricos	Núcleo de Bioequivalência e Ensaio Clínicos prestará serviços para a indústria farmacêutica e será uma fonte alternativa de recursos para a Unifesp
11	174	Aumenta número de patentes na univers.	Criação Comissão de Marketing Institucional (CMI), em maio de 2000
12	174	Equipes médica e de enfermagem menosprezam riscos de acidentes	Agulhas e lâminas são responsáveis por 76% das ocorrências notificadas nos hospitais. 11% dos pacientes fontes de acidentes são HIV +
13	176	A falta que ela faz	A carência de vitamina é um problema que pode ser transferido para o recém-nascido
14	176	1º ano de Vitor marca nova fase de projeto	1º camundongo transgênico do país obtido por técnica de microinjeção pronuclear
15	176	Levantamento estima custo da lombalgia crônica no país	Sociedade gasta anualmente R\$ 2.023 c/ cd paciente. apenas R\$ 121,90 vêm do SUS

Quadro Coluna Reportagens			
	JP	Título	Síntese
16	176	Mocidade canta a doação de órgãos	Escola aceitou o desafio de levar o tema para a Sapucaí e aposta em um aumento no número de transplantes no país
17	177	Cientista alemão preferia não ter vencido o Nobel	Para Hartmut Michel, há muitos aspectos negativos em receber o prêmio, especialmente quando o agraciado é muito jovem, como aconteceu com ele
18	177	Software ensina a cuidar de crianças em emergências	Programa indica procedimentos que devem ser usados antes de o socorro chegar para manter a vida dos pequenos
19	178	Propagandas de psicotrópicos descumprem legislação	Anúncios: mais da metade não continha todas as informações necessárias ou apresentava irregularidades
20	178	Relatório da ONU aponta violação de direitos à saúde no Brasil	denúncias feitas ao Ministério Público de violação dos direitos de integralidade
21	179	Anvisa divulga relação com doze produtos proibidos	reportagem publicada no JP de fevereiro, ajudou a Anvisa
22	180	Biblioteca online oferece dados em saúde	Biblioteca Cochrane: Medicina Baseada em Evidências
23	180	Aposta nos genes	Unifesp inaugura Centro Interdisciplinar de Terapia Gênica,
24	182	Tirar estigma social da epilepsia é meta da OMS e seus parceiros	Dia nacional e latino-americano do portador de epilepsia; associações programam palestras e eventos culturais
25	182	Lula recebe reitores das federais	Na audiência, Andifes entregou documento com 13 metas urgentes para os próximos 4 anos
26	182	A Unifesp e a reforma da Previdência	carta posicionando-se em relação à Previdência
27	183	Hospital São Paulo realiza cirurgia inédita	Pela primeira vez no país, médicos corrigem defeito congênito em feto no útero da mãe: fechamento da coluna vertebral diagnosticado na 28ª semana de gestação
28	183	Paulínia decide combater danos causados pela ingestão de álcool	Unifesp, coordena série de estudos que dará suporte para propostas de intervenção na comunidade
29	183	Conferência debate implantação tardia do SUS em São Paulo	Após 15 anos de existência, sistema ainda não foi consolidado na cidade
30	184	Rede fiscaliza ações para a infância	Centro de Recuperação e Edu. Nutricional vai acompanhar mortalidade, baixo peso, desnutrição e desenvolvimento infantil
31	184	Encontro aproxima Unifesp e deputados	Negociar a dívida da SPDM e discutir liberação de verbas para o Hospital São Paulo

Quadro Coluna Reportagens (versão online)			
	JP	Título	Síntese
32	186	Projeto leva água potável ao Xingu	Em parceria com indígenas e Unifesp, Funasa instala poços no parque para minimizar efeito comprometimento dos rios pelo uso de agrotóxico
33	189	UNIFESP abrirá novo campus em Santos	O protocolo de intenções foi assinado em 16 de abril pelo reitor Ulysses Fagundes Neto e pelo prefeito santista, Beto Mansur (PP)
34	190	ONGs querem alterações na lei brasileira sobre patentes	Entidades apontam risco de encarecer o atendimento a portadores de HIV, mas a eventual mudança também pode afugentar o privado na pesquisa de novos medicamentos
35	190	HSP realiza videolaparoscopia para tratar câncer de colo do útero pelo SUS	O procedimento -coberto pelo SUS -, introduz uma câmera de vídeo no corpo do paciente e proporciona recuperação mais rápida. Menos invasiva, a técnica deve ser incorporada à rotina do hospital
36	190	UNIFESP discute Lei de Inovação Tecnológica	Projeto chega ao Congresso com mudanças significativas. A polêmica está na dispensa de licitação em contratos que transferem a tecnologia das universidades públicas para o setor privado, que depende de regulamentação por decreto

Anexo 4: Quadro Colunas / Seções do JP

Lista das principais colunas que foram veiculadas ao longo da trajetória do JP – da edição número 1 à edição número 185.

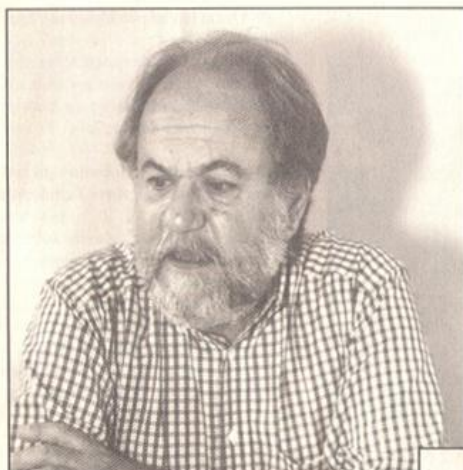
N	TÍTULO
1	Teses
2	Congressos
3	Oficial
4	História
5	Opinião
6	Cartas
7	Pós-graduação
8	Notas
9	Prêmios
10	Cursos
11	Cursos na EPM
12	Concursos
13	Atos do Diretor
14	Balanço
15	Relatórios
16	Reuniões
17	Eventos
18	Notícias
19	Notícias do HSP
20	O diretor presta contas
21	Destaque
22	Agenda
23	Entrevista
24	Informativo MEC
25	Perfil
26	Atlética
27	EPM é notícia
28	Série Musical
29	Pergunte ao diretor
30	Hora do recreio
31	Caro colega
32	Comunicados
33	Painel
34	Comunidade
35	Ensino
36	Pesquisa
37	Calouros

38	Residentes
39	Especial Universidade
40	Seu direito
41	Centro de Referência
42	Eleição
43	Serviço
44	Debate
45	Comunicação
46	Eleição
47	Cidadania
48	Mercado de Trabalho
49	Fale Começo
50	Curtas
51	Vestibular
52	Greve
53	Orçamento
54	Reportagens
55	Verbas
56	Unifesp 70 anos
57	Palavra do Reitor

DEBATE

O feto e o paciente terminal

Diretor clínico do HSP, presidente do Cremesp e titular de Medicina Legal discutem atitudes polêmicas nas extremidades da vida



Pedro Paulo: questão de autonomia individual
a autoridade

'O paciente tem direito de escolher a morte'

A definição dos limites da autonomia individual é, na opinião de Pedro Paulo Monteleone, o ponto central do debate sobre a ética do aborto e da eutanásia. "Quem tem mais direito sobre

A grande polêmica seriam os distúrbios 'feto?', patíveis com a vida, como a síndrome de Down. "Alguns defendem a autonomia da criança, outros a decisão dos pais. Eu não sei qual dessas correntes vai predominar na definição legal dessa questão", diz ele.

De acordo com Pedro Paulo, nos casos em que o paciente tem condições de decidir, sua autonomia deve prevalecer. "Acredito que se ele não quiser se submeter a determinado tratamento, como respiração assistida, e se der a autorização em estado de lucidez, sua opinião deve ser seguida pelo médico", diz. "Infelizmente, não há nada regulamentado sobre eutanásia no Brasil, nem mesmo sobre casos em que o paciente opta pela morte."

Segundo ele, o único caminho para definição dessas questões é a discussão entre todos os setores da sociedade. "Acredito que esse debate está se ampliando", comenta. "Estive recentemente num simpósio sobre manipulação do embrião pré-implante em que, além dos médicos e pesquisadores da área, estiveram também um teólogo, um advogado e um antropólogo, entre outros profissionais de diferentes setores." (AQ)

Araci Queiroz

Por um lado, a lei protege a concepção, proibindo o aborto exceto em casos de violência sexual ou de risco de vida para a mãe; por outro, nada diz a respeito de pacientes terminais, a não ser que os médicos são os únicos que podem constatar sua morte.

No dia-a-dia dos hospitais, entretanto, muitas outras questões são colocadas aos médicos. Pedro Paulo Monteleone, professor aposentado pela Obstetrícia e presidente do Conselho Regional de Medicina de São Paulo; José Osmar Medina, diretor clínico do Hospital São Paulo; e Marcos de Almeida, professor da Medicina Legal e Bioética, abordam a questão.



Medina: definição depende da sociedade

o diretor clínico

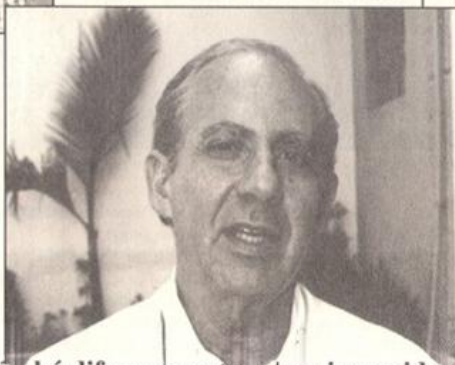
'Faltam limites no uso de aparelhos de suporte'

José Osmar Medina é favorável à interrupção da utilização dos aparelhos de suporte à vida nos segundo o diretor clínico, a definição dos limites de utilização desses aparelhos foi uma das principais questões discutidas no Curso Anual de Ética Médica do Imperial College of Science Technology and Medicine, que aconteceu em Londres, Inglaterra, em setembro passado. "Essa discussão surge a partir do momento em que temos uma tecnologia mais desenvolvida de suporte à vida", afirma.

No caso dos pacientes que estão sofrendo em estado terminal, Medina considera correta a utilização de sedativos para encurtar o sofrimento. "Não há mais o que fazer nessas situações. Pelo menos podemos tornar o fim da vida do paciente menos dolorosa", diz.

Quando o assunto é aborto, ele assume que ainda não definiu totalmente sua opinião. "Sou a favor nos casos previstos pela lei e também quando o feto não tem chance de sobreviver", afirma. "Mas não sei se a interrupção da gravidez é correta em outras situações."

Ele diz que a grande maioria dos médicos têm essa mesma dúvida. "Se o aborto fosse amplamente legalizado, pegaria muitos de surpresa", afirma. "A definição dessas questões não depende apenas de nós. Só vai acontecer com o envolvimento de toda a sociedade." (AQ)



From Maria Helena Dória

'Não há diferença entre abreviar a vida com sedativos e deixar o paciente morrer'

"A legislação brasileira é totalmente omissa em relação à morte", diz Marcos de Almeida. "Para abordar o assunto, remete-se à definição dos critérios de diagnóstico da morte encefálica do Código de Ética do Conselho Federal de Medicina (CFM)." Na opinião de Almeida, até mesmo os médicos não têm esses conceitos bem definidos. "É importante avançar nessa discussão, porque ela esbarra na prática médica", diz.

Um exemplo seria a atitude tomada com pacientes que estão sofrendo em fase terminal. "É comum o uso de sedativos, que deprimem o sistema nervoso e acabam adiantando a morte", afirma ele. "Isso é eutanásia? Eu não vejo diferença entre o médico utilizar sedativos ou cruzar os bra-

ços e deixar o paciente morrer. Nos dois casos ele é o responsável pela vida do indivíduo." Segundo Marcos, se por um lado a legislação é omissa no que se refere ao fim da vida, protege exageradamente o momento da concepção. Para ele, a lei referente ao aborto também precisa ser reavaliada. "O aborto é ilegal, exceto em duas situações. Mas e daí? A lei que define isso é da década de 40. Será que responde às demandas atuais?"

Ele defende ampliação do direito de interrupção da gravidez também para os casos de anomalias fatais do feto. "Se tomarmos como base a resolução do CFM que afirma que quem não tem funções cerebrais está morto, esse feto nem pode ser considerado um ser humano", afirma. (AQ)

APÊNDICE

jornal da paulista

ano 1 n.º 1 novembro 1987

Escola Paulista de Medicina

Escola Paulista de Medicina 50 anos de história



Há cinquenta anos era fundado o Pavilhão Maria Thereza, que foi utilizado para abrigar os primeiros laboratórios da Escola Paulista de Medicina. Devido à expansão e à necessidade de maior espaço físico foi demolido, dando lugar a um novo prédio, onde hoje está instalada a sede administrativa da escola. Página 8.



O Michael Prize veio para a Paulista

O professor Doutor Esper Abrão Cavalheiro recebeu, no último mês de setembro, o Michael Prize 85/86, considerado como o Nobel no setor de Epilepsia. Tudo sobre a premiação e o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo médico, chefe do laboratório de Neurologia Experimental da Paulista; você poderá conhecer na página 5.

Tudo sobre o uso da radiação

Na página 7 o professor Doutor Camillo Segreto, chefe do setor de Radiobiologia e de Radioterapia, fala tudo sobre a utilização da energia ionizante (raios X e materiais radioativos), explicando a segurança no manuseio e como essa energia está sendo utilizada dentro dos estudos da Paulista.

Os benefícios da isonomia salarial

A luta pela isonomia salarial é muito antiga, já gerou lutas de associações de classe, como a Andes e a Fasubra, e agora está prestes a ser concretizada dentro da escola. Saiba como anda a Isonomia na Paulista, como está trabalhando a comissão e o Departamento Pessoal e quando você receberá os benefícios previstos na lei, na página 3.

Apêndice 1.1: JP, n.1, novembro de 1987, p. 2

2 jornal da paulista

editorial

Está nascendo o Jornal da Paulista

Estamos lançando à partir desse mês o primeiro número do **Jornal da Paulista**, um novo órgão de comunicação da Escola Paulista de Medicina, em substituição ao antigo Boletim Informativo, só que mais elaborado e profissional. A nossa intenção é divulgar, de maneira clara e objetiva, todas as notícias de interesse geral da comunidade, fazer do **Jornal da Paulista**, uma idéia do diretor Nader Wafae, um veículo de informação da escola, atingindo docentes, alunos e funcionários.

Depois desse lançamento, o próximo passo é aprimorar cada vez mais, atingir, a cada mês, todos os interesses da comunidade. Para que esse objetivo seja alcançado, são necessárias a colaboração e a participação. Tais requisitos dependem, não só de quem está empenhado em escrever e noticiar, mas de todos que vivem o dia-a-dia da escola, que participam diariamente da agitada vida desse pequeno mundo. Para que o **Jornal da Paulista** prossiga no seu caminho, sempre em direção ao aprimoramento, é preciso contar com todos vocês.

A aproximação de médicos, estudantes e funcionários, através do envio de correspondências, críticas e sugestões, é imprescindível para a vida do nosso jornal. Qualquer atitude, colaboração e ajuda será bem-vinda, porque o **Jornal da Paulista** é um veículo aberto a todos e que, de várias maneiras pertence a todos aqueles que, de uma forma ou de outra ajudam a elevar o nome da escola diariamente.

Já é sabido que em uma comunidade grande, complexa e heterogênea como a nossa, existe uma considerável dificuldade na divulgação dos fatos e ocorrências, e também uma enorme necessidade de que isso aconteça de forma precisa. No **Jornal da Paulista**, haverá espaço para a publicação de todos os eventos, concursos, defesas de teses, dados gerais sobre a Instituição, e à respeito de tudo que nos interessa mais diretamente. Por isso a participação das Associações de Docentes, de Funcionários, dos Médicos Residentes, dos Pós Graduandos e do Centro Acadêmico, se torna imprescindível.

Nesse primeiro número você encontrará reportagens de assuntos atuais, como a radiação, mas também tomará conhecimento de uma parte do passado da Paulista, com uma matéria contando o início da construção dos primeiros laboratórios. Além disso, o leitor saberá sobre as atividades do NASF, do Departamento Pessoal, do setor de Engenharia e também sobre o importante prêmio internacional outorgado ao Dr. Esper Cavalheiro, docente da Escola Paulista de Medicina.

Assim pretende ser o **Jornal da Paulista**: diversificado, dinâmico e informativo, abordando assuntos atuais ou históricos. A nossa intenção é estar ao lado dos acontecimentos que ocorrem na Instituição, é permanecer alerta aos interesses da comunidade. O alcance dessa meta depende da colaboração de todos, esse é o fator único para que o **Jornal da Paulista** cresça, se amplie e cumpra o papel para o qual foi criado.



Dr. Nader Wafae o idealizador do Jornal da Paulista

jornal da paulista

Ano 1 n.º 1 novembro 1987

Publicação da Escola Paulista de Medicina

Diretor: Nader Wafae Vice-diretor: Fernando José de Nobrega
Diretor Administrativo: Sídeus Abdalla

Redação:

Jornalista Responsável: Sandra Manfredini Fotografias: Elzio de Oliveira
Colaboração: Miriam Elena Cabral Planejamento Visual: Lucio Leal

Jornal da Paulista:

Rua Botucatu, 740 - Vila Clementino
04023 São Paulo, SP Tel. (011) 572-6033
Produção Gráfica: Inova Artes Gráficas
Tel. (011) 279-4389

concursos

A Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro está oferecendo uma vaga para professor titular no Departamento de Tecnologia de Alimentos e Toxicologia, em regime de 40 horas. Inscrições até o dia 02 de novembro de 1988.

O Departamento de Microbiologia Geral da UFRJ está com inscrições abertas para preenchimento de uma vaga de professor assistente, em regime de 40 horas com dedicação exclusiva. Inscrições até janeiro de 1988.

A Fundação Universidade de Brasília está oferecendo vagas de professor assistente para as áreas de Biologia Molecular, Genética e Cirurgia Geral, com inscrições até 14 de dezembro.

O Instituto de Biofísica Car-

los Chagas Filho, da UFRJ, está aceitando inscrições para o concurso de professor assistente, em regime de 40 horas com dedicação exclusiva. Uma vaga, inscrições até novembro.

O Centro de Ciências da Saúde da Faculdade de Farmácia da UFRJ está com inscrições abertas para o concurso de professor titular, uma vaga, para o Departamento de Tecnologia Farmacêutica. Até setembro de 1988.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro está oferecendo uma vaga no Instituto de Psiquiatria para professor Auxiliar da Tabela Permanente, em regime de trabalho de 40 horas semanais. As inscrições vão até 9 de dezembro.

Até o dia 30 de novembro, os estrangeiros graduados em

Medicina poderão se inscrever nos cursos de especialização promovidos pela Coordenação Geral do Hospital Universitário Antonio Pedro, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Mais informações à avenida Marechal Floriano, 196, no Rio de Janeiro, ou à rua Marques do Paraná, 303, 4.º andar em Niterói.

De 23 a 26 de novembro estão abertas inscrições para o curso de mestrado em Farmácia (área de análises clínicas) da Universidade de São Paulo. Podem se inscrever graduados em Farmácia, Medicina, Medicina Veterinária e Farmácia e Bioquímica. Os interessados devem se dirigir à Secretaria de pós-graduação da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, à avenida prof. Luciano Gualberto, travessa J, 374, Cidade Universitária.

teses

Candidata: Gesabel Clemente Marques

Título: "Análise das Subpopulações Linfocitárias de Pacientes Lúpicos em diferentes fases Clínicas".

Área: Reumatologia

Local: "Sala de Reuniões do 5.º andar"

Data/Horário: 12 de novembro, às 9 horas.

Candidata: Clélia Maria Ervenne

Título: "Relação Genético-Clínica em Retinoblastoma"

Área: Oftalmologia

Local: Sala de reuniões do 5.º andar

Data/Horário: 25 de novembro, às 9 horas.

Candidato: Luis Eduardo Coelho Andrade

Título: "Capilaroscopia Perirungueal: Estudo da Metodologia e Tentativa de Padronização da Normalidade para a População Brasileira".

Área: Reumatologia
Local: Sala de reuniões do 5.º andar

Data/Horário: 13 de novembro, às 9 horas.

Candidato: José Salomão Schwartzman

Título: "Ataxia-Telangiectasia: estudo Clínico e Laboratorial de 12 casos"

Área: Neurologia Clínica

Local: anfiteatro Leitão da Cunha

Data/Horário: 19 de novembro, às 9 horas.

Candidato: Fernando Sérgio de Melo Portinho

Título: "Estudo Experimental sobre a ação do Fluoreto de Sódio em Ratos da Raça Wistar Hooded".

Área: Otorrinolaringologia

Local: Sala de reuniões do 5.º andar

Data/Horário: 25 de novembro às 14 horas.

Candidata: Heloisa Helena Caovilla

Título: "Da Avaliação Funcional do Sistema Vestibular em Crianças de 6 a 12 anos de idade".

Área: Distúrbios da Comunicação Humana — campo Fonoaudiológico

Local: Sala de reuniões do 5.º andar

Data/Horário: dia 26 de novembro às 14 horas.

Candidato: Yasuko Imasato Ito

Título: "Da avaliação Funcional do Sistema Vestibular em Indivíduos Idosos Normais".

Área: Distúrbios da Comunicação Humana — campo Fonoaudiológico

Local: sala de reuniões do 5.º andar

Data/Horário: dia 26 de novembro às 9 horas.

Candidato: José Luiz Gomes do Amaral

Título: "Icterícia pós-operatória"

Área: Cirurgia Cardiovascular

Local: anfiteatro Leitão da Cunha

Data/Horário: dia 27 de novembro às 9 horas.

congressos

A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica estará promovendo, de 15 a 20 de novembro, no Maksoud Plaza Hotel, o 24.º Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica. Estarão presentes representantes da China, Japão, Tailândia, Inglaterra, Estados Unidos entre outros. A organização do evento está a cargo de uma comissão de cirurgiões, entre os quais Rolando Zani. Informações podem ser obtidas através do telefone 255-7004.

De 16 a 20 de novembro, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (Nepad), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, realizará o 2.º Congresso Internacional sobre Toxicomanias e o 1.º Congresso Brasileiro sobre Consumo de Drogas. O evento contará com a participação de especialistas da Europa, dos Estados Unidos, Canadá, e da América Latina. Informações em São Paulo pelos telefones 884-3248 e 887-6820.

cartas

Certamente está faltando no **Jornal da Paulista** uma seção de cartas, e para que ela entre a todo vapor à partir do próximo número é necessário que as correspondências cheguem até nós. Estamos esperando. As cartas poderão ser encaminhadas, provisoriamente, para a Diretoria Administrativa, sala 506, aos cuidados de Sandra Manfredini.

Radiação: seus efeitos e sua utilização

Diante de acidentes com radiação, como o ocorrido em Goiânia com o Césio-137, várias perguntas surgem na cabeça dos brasileiros, principalmente no que diz respeito ao manuseio dos materiais radioativos. Os culpados pelo acidente, a justiça deverá decidir, mas os esclarecimentos à população devem partir de pessoas que conhecem o assunto e que lidam, diariamente, com esses materiais. Para falar sobre o assunto radiação, os seus efeitos e utilização, pedimos a colaboração do professor Doutor Camillo Segreto, chefe do setor de radiobiologia da disciplina de Histologia do Departamento de Morfologia da Escola Paulista de Medicina. Através dessa matéria, você poderá saber o que o setor de radiobiologia vem fazendo, e armazenar uma grande quantidade de informações importantes. Vamos a ela.

A humanidade que aprendeu a utilizar a energia elétrica com segurança, deve transferir esta mesma segurança ao manuseio da energia ionizante (raios X e materiais radioativos) pois, somente dessa maneira, poderá usufruir benefícios e vantagens na sua utilização. Isto se faz necessário devido ao uso cada vez mais amplo da radiação ionizante em diversas atividades: industrial, médica e de pesquisa geral.

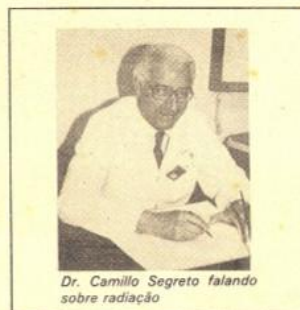
Com relação à utilização das radiações ionizantes, cuidados especiais devem ser tomados no seu manuseio, pela simples razão de que a exposição excessiva a estas radiações ocasionam danos de caráter irreversível ao tecido vivo a ela exposto. A determinação da dose de exposição máxima permíssivel a esse tipo de radiação já está firmada, e não deve ser ultrapassada. Para o conhecimento dessa dose as pessoas que utilizam radiação ionizante em seu trabalho, são obrigadas a usarem dosímetros, baseado seu funcionamento no poder de ionização destas radiações em substâncias químicas, que modificam suas características de maneira a se relacionar estes efeitos com dose de exposição.

Exposição acima da dose máxima permitida deve ser investigada de maneira que o operador não mais se submeta a nova exposição nesse valor. Qualquer situação de excesso de dose pode se considerar como acidente, pois as pessoas que trabalham com fontes de radiação são treinadas de maneira a não se exporem a níveis danosos. Os danos são relacionados diretamente à dose de exposição e avaliados pelos efeitos no tecido vivo normal. Esses efeitos podem ser reversíveis ou irreversíveis.

EFEITOS

A reversibilidade dos efeitos, considerando-se uma mesma dose, depende da radiosensibilidade do tecido vivo. Os tecidos do organismo têm radiosensibilidade diferentes podendo, determinada dose de exposição, ocasionar efeitos reversíveis em alguns e irreversíveis em outros. A radiodosimetria biológica individual, através de estudos do comportamento dos diversos tecidos relacionados com dose conhecida, deve ser obtida.

A importância dessa dosimetria biológica é devida a respostas diferentes,



Dr. Camillo Segreto falando sobre radiação

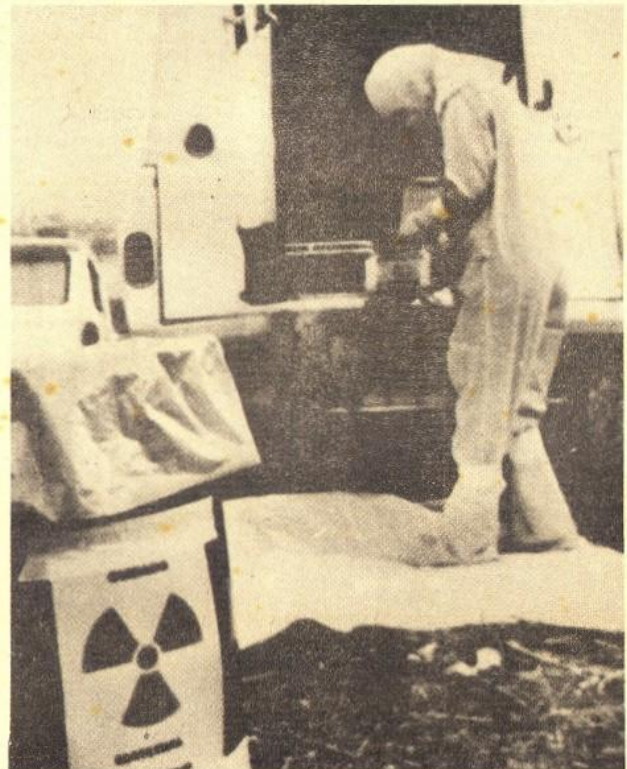
dependendo da idade, sexo, e condições do organismo exposto. Tem sido utilizado o tecido hematopoético como parâmetro de avaliação de dano e dose recebida, bem como a reversibilidade ou não destes efeitos.

NA PAULISTA

Considerando a medula óssea como parâmetro confiável na avaliação do dano ocasionado pela radiação ionizante no organismo, temos no Setor de Radiobiologia da Escola desenvolvido estudos para essa avaliação através de metodologia simples, pela contagem das células não nucleadas e nucleadas em determinado volume da medula óssea.

Podemos obter outras avaliações, por exemplo, pela contagem dos reticulócitos do sangue periférico. Pelos valores obtidos nessas contagens podemos avaliar se os efeitos são reversíveis ou não. No caso de somente a medula óssea apresentar danos irreversíveis, é possível a recuperação do organismo, pela reposição, através do transplante de medula óssea. Na possibilidade de outros tecidos apresentarem danos irreversíveis estará fatalmente comprometida a recuperação orgânica, pois não há, atualmente, condições de reposição destes tecidos como é possível no caso da medula óssea.

Em acidentes por exposição excessiva à radiação, conhecida pela dosimetria física, é necessária a avaliação dos efeitos pela dosimetria biológica. Esta avaliação deve ser realizada por métodos de confecção simples, pois os acidentados podem ser em grande número. Em nossa experimentação com medula óssea e sangue periférico, temos a possibilidade, através dos exa-



Os cuidados e a segurança no transporte de material radioativo

mes referidos, realizados no 3º e 6º dias após a exposição, de conhecer as possibilidades de recuperação ou não.

Quando utilizamos medula óssea, o conhecimento do quociente entre células não nucleadas e nucleadas de determinada porção da medula óssea (nn/n) pode nos dar noções bem seguras sobre a recuperação, ou não, e, em caso negativo, haverá tempo para se providenciar o transplante de medula óssea. Os acidentes de exposição excessiva em pessoal especializado no manuseio de substância radioativa, geralmente são relacionados a doses baixas de exposição. Nos acidentes com pessoal não especializado, geralmente as doses de exposição são altas, por não ter conhecimento da maneira adequada em seu manuseio.

DESDE 1968

Desde 1968, quando iniciamos nossas atividades em Radiobiologia, instalando o Setor de Radiobiologia na Paulista, nos preocupamos com os possíveis acidentes com doses excessivas de radiação. Diversos trabalhos foram por nós publicados sobre os efeitos das radiações ionizantes em tecidos vivos normais, bem como, foram assuntos de várias teses de mestrado e doutorado realizados na Paulista.

Com o auxílio de vários especialistas em assuntos de biologia e física e,

utilizando vários tipos de animal, inclusive primatas, o setor de Radiobiologia vem desenvolvendo trabalhos para se conseguir, em primeira instância, a dosimetria biológica, para em seguida utilizar drogas que possam inibir os efeitos destas radiações possibilitando prevenção aos danos por ela ocasionados.

O manuseio não controlável de fontes radioativas, poderá ocasionar acidentes imprevisíveis com características desastrosas como aconteceu recentemente em Goiânia.

As condições de trabalho com fontes de radiações ionizantes são seguras se respeitadas as regras estipuladas para seu manuseio, de forma rígida.

Qualquer inobservância destas regras ocorrerão danos irreparáveis, não só para o manipulador bem como para um número de pessoas impossível de prever.

Somente uma sociedade responsável e com determinado grau de cultura se beneficiará com este tipo de energia.

A sociedade que, no momento, não utilizar esta forma de energia, não usufruirá de suas vantagens, não ficando livre, porém, de danos se outras estarão fazendo uso dela inadequadamente.

Dr. Camillo Segreto
Professor Adjunto e Chefe do Setor de Radiobiologia e de Radioterapia)



jornal da paulista

ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Ano 7 — Nº 78 — Setembro de 1994

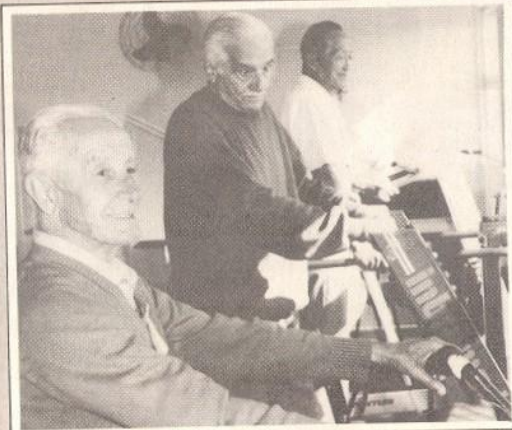


Foto: Maria Helena Diniz

Lar Escola e Pneumo inauguram Centro de Reabilitação Pulmonar



Foto: Maria Helena Diniz

Prefeitura transfere Hospital Vila Maria para EPM

Banco Real lança campanha de seguros



Foto: Maria Helena Diniz

Seguros facilitados para os epemistas no Banco Real

O Banco Real deu início neste último mês de agosto a uma estrondosa campanha de seguros. A intenção segundo a gerente Rosângela é dar maior segurança aos clientes epemistas que em tempos atuais precisam cada vez mais contar com a cobertura de um seguro, seja de vida, de automóvel, casa ou outro patrimônio qualquer. "O importante é estar respaldado por um banco de confiança que procura oferecer sempre, o máximo pelo mínimo", garante.

- Saiba porquê os soropositivos e os portadores de catarata já podem se animar, na pág. 7
- Veja de quanto foi o aumento, na pág. 8
- Entenda como colaborar com a reciclagem, pág. 9
- Leia sobre o XXIX Congresso de Residência, na pág. 10
- UTI Pediátrica usa molécula da década, pág. 11
- E mais, muito mais notícias o JP traz para você: Abra e leia.

Citomegalovírus é pesquisado na Oftalmo



Clube de campo: lazer garantido



UTI pediátrica inova e utiliza molécula de Óxido Nítrico no tratamento de hipertensão pulmonar



Equipe pediátrica, esforço para manter qualidade

Considerada a melhor unidade de terapia intensiva do País, a UTI - Pediátrica do Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, vem desenvolvendo desde o início do ano importante linha de pesquisa, inclusive na área de enfermagem, que vai revolucionar e avançar ainda mais o atendimento e tratamento das crianças que necessitam do suporte deste serviço.

Ainda no mês de agosto, o prof. dr. Werther Brunow de Carvalho, da Disciplina de Pediatria Clínica, espera colocar em prática uma dessas linhas de pesquisa. Trata-se da utilização da molécula

de Anestesiologia, Incor, Unicamp. Em oito anos de funcionamento, a UTI-Pediátrica também vem se destacando pela produção acadêmica e científica. Ela é uma das que têm mais trabalhos apresentados e publicados na área. O grande sonho e objetivo final, segundo Brunow de Carvalho, é que a unidade seja transformada em disciplina, com pós-graduação em Terapia Intensiva, já que esta produziu, em poucos anos de atividade, várias teses de mestrado e doutorado, tanto na área médica como de enfermagem.

de Anestesiologia, Incor, Unicamp.

Este é o degrau mais difícil de ser galgado, pois depende de uma estruturação que vai desde a assistência ao paciente, até o desenvolvimento técnico-científico e amadurecimento de toda equipe. E para isto, é necessária a ajuda de toda a comunidade da Escola Paulista de Medicina", explica o médico.

"Este é o degrau mais difícil de ser galgado, pois depende de uma estruturação que vai desde a assistência ao paciente, até o desenvolvimento técnico-científico e amadurecimento de toda equipe. E para isto, é necessária a ajuda de toda a comunidade da Escola Paulista de Medicina", explica o médico.

UTI-Pediátrica

A UTI-Pediátrica instalada no 1º andar do HSP começou a funcionar em 5 de julho de 1986, com quatro leitos, graças ao esforço dos professores: Benjamin Israel

Kopelman, Hélio Egydio Nogueira, Werther Brunow de Carvalho, Nilton Ferraro de Oliveira e da enfermeira Marta J.Avena. O local antes era usado como espaço de recreação para as crianças e tem hoje capacidade total de 11 leitos, mas funciona apenas com oito.



Dr. Werther Brunow de Carvalho

A unidade atende pacientes, em sua grande maioria crianças menores de um ano. Mas engloba o atendimento de pacientes com idade até 18 anos e 11 meses, encaminhados de pós-operatório de cirurgia cardíaca, neurocirurgia, transplante renal e cirurgia infantil. Também atende casos clínicos do pronto-socorro e recém-nascidos de fora do Hospital São

Paulo, além das crianças encaminhadas da Clínica Pediátrica da EPM, de outras clínicas, e de todo Brasil e América Latina.

A enfermeira Mavilde P. Silva, encarregada do setor, reconhece que existe falta de aparelhagem e equipamentos e que os recursos são precários, mas que apesar disso, a qualidade do atendimento é mantida graças aos esforços da equipe. O prof. Werther explica que a unidade ainda não está funcionando com a sua capacidade total de 11 leitos, devido à falta de profissionais especializados na área de enfermagem. Para ele, toda esta estrutura é um trabalho de equipe, difícil de ser mantido devido às diversas dificuldades. "Para nós, a falta mais importante não é de área física e equipamentos, mas de pessoal, principalmente de enfermagem", afirma. A dra. Cristina Malzone F. Mangia, diarista da UTI, também destaca o esforço da equipe na manutenção da qualidade dos serviços. Atualmente o serviço é composto de 15 médicos, 12 enfermeiras e mais 36 profissionais entre auxiliares de enfermagem e técnicos.

Vandir dos Santos

Estudo exige cuidado para administrar agentes quimioterápicos

As autoras do trabalho intitulado "Necessidade de Centralização no Preparo dos Agentes Antineoplásicos" são as enfermeiras do ambulatório de quimioterapia adultos: Selma Montosa da Fonseca; Elisabeth Pinto Magalhães de Almeida e Ana Rita de Cassia Bittencourt.

O referido trabalho foi realizado contando com a orientação da profa. dra. Maria Gaby Rivero Gutierrez, docente do Dpto. de Enfermagem e da enfermeira Dulce Aparecida Duarte, da Divisão de Enfermagem. Ele faz parte das atividades do Núcleo de Enfermagem em Oncologia (NEO) que é parte integrante do Programa de Integração Docente-Assistencial da Escola Paulista de Medicina e Hospital São Paulo.

O objetivo da realização deste estudo foi estimar a quantidade de drogas antineoplásicas usadas nas unidades de internação do Hospital São Paulo, auditar as perdas desses medicamentos e avaliar os custos com estas perdas.

Para tanto foi feito um estudo prospectivo nas unidades de internação do HSP no período de 15/04/93 até 16/05/93 através do preenchimento de um formulário ela-



As enfermeiras Selma, Elisabeth e Ana Rita (esq. p/átr.)

borado pelas próprias autoras.

Os dados coletados mostraram que realmente existem perdas com a forma com que, atualmente, se administra quimioterapia antineoplásica nos pacientes oncológicos do complexo HSP-EPM e que a central de Quimioterapia, quando de sua instalação, trará benefícios importantes como: economia de aproximadamente US\$ 15.400 por ano, possibilidade de promover educação continuada com os funcionários do setor o que diminuirá os riscos de administração para os pacientes e os riscos ocupacionais para funcionários que trabalham com essas drogas.

O resumo desse trabalho foi enviado para comissão organizadora da 8ª Conferência Internacional de Enfermagem em Oncologia e foi aceito para apresentação no referido evento.

A 8ª conferência Internacional de Enfermagem em Oncologia realizou-se a no período de 7 a 12/08/94 em Vancouver - Canadá e uma das autoras estará presente, graças ao empenho da diretoria da EPM e Superintendência do HSP, para assim representar a Escola Paulista de Medicina.

Autoras: Selma Montosa da Fonseca, Elisabeth Pinto Magalhães de Almeida, Ana Rita de Cassia Bittencourt

Bireme tem base de dados: LILACS

A BIREME é responsável pela criação e manutenção da base de dados LILACS - Literatura Latino-americana em Ciências da Saúde, que indexa documentos produzidos e publicados nos países da América Latina e Caribe. LILACS inclui todo tipo de documento impresso: artigos de periódicos, livros, trabalhos apresentados em eventos científicos, relatórios técnicos, teses, manuais, etc.

LILACS é um esforço cooperativo do qual participam mais de 150 centros cooperantes do sistema latino-americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, existentes em 25 países da região. A BIREME é a coordenadora regional do sistema e, ao mesmo tempo, coordenadora nacional para o Brasil. No Brasil, o sistema conta com a colaboração de 46 centros cooperantes, que analisam e processam literatura para a base de dados LILACS, com atuação em âmbito geográfico ou temático (Odontologia, Administração em Saúde, Enfermagem, etc).

A base de dados LILACS está disponível para acesso on-line através das redes públicas de acesso às bases de dados a todos os usuários e bibliotecas do sistema e é publi-

cada três vezes ao ano no disco compacto LILACS/CD-ROM, que é distribuído internacionalmente.

A BIREME coordena o trabalho dos centros cooperantes do sistema, promove treinamentos de pessoal desses centros no uso dos aplicativos da metodologia LILACS, desenvolve novos aplicativos visando melhor controle de qualidade e, no que diz respeito à indexação de documentos, é responsável pela indexação dos documentos gerados pela Escola Paulista de Medicina e pelas revistas brasileiras indexadas para a base de dados MEDLINE.

Para que a produção científica da EPM esteja representada na base de dados LILACS, documentos gerados pelos profissionais da EPM tais como: teses de doutoramento ou livre-docência, relatórios de pesquisa, trabalhos apresentados em congressos, seminários, etc., devem ser enviados à BIREME para processamento. Não é necessário enviar revistas ou separatas de artigos de revistas já selecionadas para indexação.

Maiores informações na BIREME - Administração das Bases de Dados, tel: 549-2611, ramal 234.



Projeto faz morador de periferia ajudar dependente de droga

Fotos Stela Murgel



Moradores do Jardim Ângela e profissionais do Departamento de Psiquiatria da Unifesp se uniram para criar a Unidade Comunitária de Álcool e Drogas (Ucad).

O objetivo é recuperar, com ajuda de membros da comunidade, dependentes químicos do bairro, considerado um dos mais violentos do mundo pela ONU.

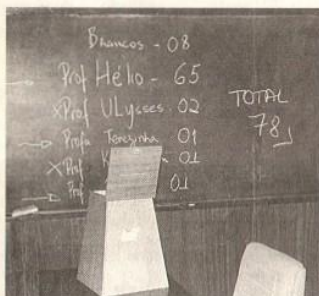
Funcionando desde janeiro deste ano, a Ucad atende uma média de 25 pessoas todos os sábados.

Segundo o idealizador do projeto, Ronaldo Laranjeira, o modelo, muito usado na Europa, tem baixo custo e bons resultados.

Págs. 8 e 9

Efigênia de Souza e os três filhos: família de voluntários contra a dependência química

Lista tríplice é enviada ao MEC



O atual reitor, Hélio Egydio Nogueira, foi o mais votado na composição da lista tríplice. Após análise do MEC, o presidente Fernando Henrique Cardoso irá indicar o futuro reitor da Unifesp.

Pág. 16

Os números do resultado da eleição no Consu

A ciência e a mídia

Evento internacional sobre comunicação social da ciência revela importância da divulgação científica. Págs. 4 e 5

Um gerente na academia

Departamento de Diagnóstico por Imagem mostra resultados de gestão profissional. Pág. 3

Provão de medicina

Quatro alunos expõem opiniões sobre o Exame Nacional de Cursos, que acontece em 13 de junho. Pág. 11

COMUNICAÇÃO

Sibar-Mar de Vasconcelos Silva

População tem sede de ciência

Congresso internacional realizado na Espanha enfatiza importância da divulgação científica

Heliana Nogueira

Uma grande maioria da população espanhola (73%) se considera mal informada sobre os avanços da ciência e da tecnologia. Boa parte (80%) está interessada em adquirir maiores conhecimentos em medicina; 78% , sobre meio ambiente; e 63%, sobre descobrimentos científicos em outras áreas. Os números – apresentados pelo Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC) durante o I Congresso sobre Comunicação Social da Ciência, realizado em Granada entre os dias 25 e 27 de março – refletem uma situação globalizada: a demanda, quando se trata de divulgação científica, é muito maior do que a oferta.

Durante três dias, cerca de 600 participantes, entre cientistas, educadores e jornalistas de 15 países, discutiram sobre o tema “Comunicar a ciência no século XXI”.

“Parte deste interesse social pela ciência pode estar relacionado

Os pesquisadores precisam tornar compreensíveis suas investigações

à magnitude e à velocidade das mudanças sociais, estimuladas em grande parte pelos descobrimentos científicos”, afirmou Ernesto Paramo Sureda, coordenador do congresso e diretor do Parque de Ciências de Granada (espécie de laboratório interativo aberto ao público, mantido pelo governo). “A ciência pode mudar nosso destino como seres humanos”, complementou. “E a informação é uma ajuda indispensável para o debate ético, que não pode ficar confinado em um grupo de especialistas científicos”.

Divulgação e difusão

Segundo Paramo, esse enorme déficit da sociedade acontece, paradoxalmente, em um momento em que as inovações científicas e tecnológicas poderiam abarrotar de notícias as televisões,

rádios, jornais, revistas, publicações de todo tipo, correios eletrônicos. “Há uma explosão sem precedentes dos meios de comunicação”, lembrou. “Por que, às portas do século XXI, a ciência segue tão afastada da cultura geral?”

Entre as razões está a relutância e, por vezes, a falta de consciência dos próprios detentores dos avanços da ciência e da tecnologia. “Os pesquisadores precisam vencer a dificuldade de tornar compreensíveis suas investigações e de falar à sociedade de uma maneira diferente da que falam a seus colegas”, apontou Pascual Rivas Carrera, do Departamento de Estratigrafia e Paleontologia da Universidade de Granada.

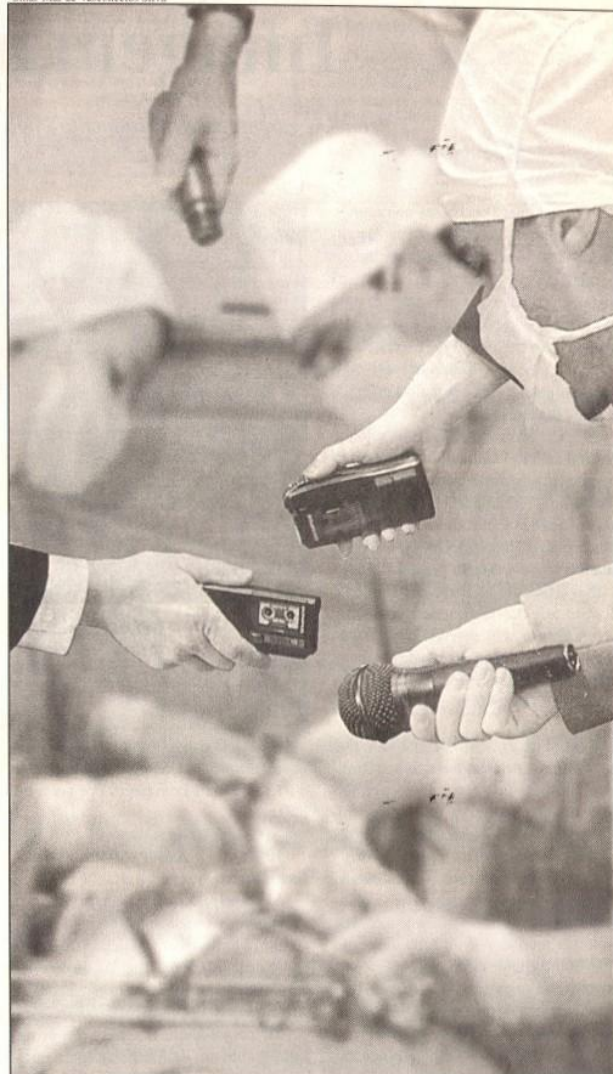
Para Carrera, existe uma clara distinção entre difusão (comunicação da ciência dentro das academias) e divulgação (comunicação à sociedade). “As publicações científicas utilizam línguas e linguagens específicas, são altamente

especializadas e realmente constituem um meio eficaz para o desenvolvimento científico”, acrescentou. “Mas os

dirigentes de outras instituições, por exemplo, precisam de uma informação geral, não especializada, característica da divulgação.”

Conforme lembrou Lorenzo Morillas Cueva, reitor da Universidade de Granada, a padronização da linguagem científica exige o intercâmbio de conhecimentos e de experiências entre cientistas e centros de investigação de todo o planeta. “Hoje isso é mais possível do que nunca graças ao avanço do mundo da comunicação.”

Outra razão apontada por Carrera para a divulgação científica é que “a obtenção de fundos para a investigação passa necessariamente pela compreensão e pelo apoio social, que se alimenta do impacto da atividade científica e suas novidades amplamente divulgadas.”



Divulgar é dever dos cientistas

“Os cientistas não têm somente a possibilidade, mas também o dever de falar em voz alta e chamar a atenção para os males de que padecemos, apontando suas possíveis soluções”, ressaltou Federico Mayor Zaragoza, diretor geral da Unesco (órgão da Organização das Nações Unidas relacionado com a ciência).

“É complexa e também apaixonante a tarefa de transmitir à sociedade os avanços da ciência”, completou Manuel Chaves Gonzalez, chefe do governo regional de Andaluzia. “Devemos tornar fácil o complexo e transparente o opa-

co; suscitar perguntas; transmitir conhecimento, curiosidade e entusiasmo.”

Os meios de comunicação, segundo Gonzalez, oferecem grandes possibilidades para cumprir essa tarefa, mas ele aponta algumas dificuldades evidentes. “A divulgação científica é compatível com o crescente domínio da imagem da comunicação superficial e da informação acelerada?”, indagou. “Sem dúvida, devemos fazer com que assim seja. O que não podemos é renunciar ao potencial educativo que oferecem os meios de comunicação.” (HN)

Veículos de comunicação intimidam pesquisadores

73%
da população espanhola se considera mal informada sobre ciência

80%
da população quer saber mais sobre medicina

Um dos maiores obstáculos à divulgação científica é o receio dos pesquisadores de que os resultados de seus trabalhos sejam divulgados com sensacionalismo e até alarmismo. Até os cientistas que reconhecem a importância dos veículos de comunicação compartilham desse temor.

"Há um perigo constante de que os espaços reservados à divulgação científica sejam transformados em uma porta aberta ao sensacionalismo ou ao alarmismo, oferecendo informações

que não sejam rigorosamente científicas ou não aceitas pela comunidade científica, o que gera confusão na população", ressaltou Jose Gabriel Diaz Berbel, prefeito de Granada. "É preciso que os meios de comunicação estabeleçam os controles necessários para evitar esse tipo de coisa, encarregando essas seções a jornalistas com a devida especialização."

Cesar Nombela, presidente do Conselho Superior de Investigações Científicas, também apontou a necessida-

de de uma informação cuidadosa, profissional e veraz. "Com isso se conseguiria, em benefício de todos, um compromisso com a ciência mais fundamentada e universal."

Já Federico Zaragoza, diretor geral da Unesco, afirmou que "para a Unesco, sobre os meios de comunicação pesa uma importância adicional: oferecer a possibilidade de aplicar com êxito os princípios da educação permanente para todos ao largo de toda a vida e, mediante o ensino à distância, ajudar a alcançar os que não podem ser alcançados e incluir os excluídos."

Plano de divulgação

Ao término dos debates realizados durante o encontro em Granada, os participantes do congresso elaboraram um documento apontando formas de tornar a ciência mais acessível a todos:

"Está começando a figurar-se um novo compromisso social com a ciência e que afeta todos: cientistas, cidadãos, governos, educadores, instituições públicas, empresas, meios de comunicação(...)"

"O apoio à ciência por parte da sociedade deverá ir se manifestando nos próximos anos, não só em maior provisão de fundos para a investigação, mas na criação de novos instrumentos de participação social: comitês de ética, organizações de encontros e debates, canais específicos de informação."

"Parece oportuno recomendar a elaboração, por parte do melhor grupo de especialistas possível, de um plano de divulgação científica que seja assumido e financiado pelos governos e pelas instituições públicas e privadas. É urgente, portanto, incrementar a cultura científica da população. A informação científica é uma semente fecundíssima para o desenvolvimento social, econômico e político dos povos."

"A cumplicidade entre os pesquisadores e o resto dos cidadãos é uma excepcional celebração da democracia. Além disso, essa nova cultura contribuiria para aumentar a capacidade crítica dos cidadãos, derrubaria medos e superstições, faria os seres humanos mais livres e audazes. E seria, sem dúvida, uma arma para combater a incultura, o obscurantismo, a barbárie, a miséria e a exploração humana." (Heliana Nogueira)

Divulgação



Palestrantes durante o congresso internacional: receio de que notícias científicas se transformem em sensacionalismo

O congresso reuniu
600
participantes de
15
países

Dez dicas para divulgar ciência

1. A simplicidade da linguagem não é incompatível com a riqueza de conteúdo.
2. É fundamental adequar forma e linguagem a seu público.
3. Tente agarrar o leitor já no primeiro parágrafo.
4. Os textos de divulgação científica devem distinguir as especulações dos resultados já comprovados. Atenção com os resultados de pesquisas médicas. Não dê falsas esperanças aos leitores.
5. Cuidado com o excesso de didática. Não trate o seu leitor como um "descerebrado". Não ofenda sua capacidade de entendimento.
6. Tenha sempre em mente um leitor padrão. Ponha-se no papel dele. Pergunte ao editor qual é o público para o qual você está escrevendo. Não escreva para seus acadêmicos.
7. A popularização da ciência não é incompatível com a precisão científica.
8. Artigos de divulgação científica devem ser agradáveis de ler, proporcionar um momento de descontração. Ninguém quer ler um texto com um dicionário de ciências na mão.
9. Evite jargões, fórmulas matemáticas e abreviaturas. Sempre sugira ou envie ilustrações. Elas são essenciais em um texto de divulgação científica.
10. Tente saber antecipadamente o tamanho de seu texto.

Derrota no prato

Pesquisa mostra que os jovens atletas brasileiros têm alimentação inadequada

André Siqueira

Um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento dos jovens esportistas brasileiros fica ao lado dos ginásios e pistas de treino — nas cantinas e lanchonetes, onde o atleta repõe as energias perdidas com salgadinhos, refrigerantes e doces. Esses alimentos são ricos em calorias e gorduras, mas carentes de nutrientes essenciais para melhorar a performance esportiva.

Em sua tese de doutorado apresentada em março deste ano na Unifesp, a nutricionista Maria Emilia Daudt, da Universidade Federal do Paraná, mostrou os resultados de uma pesquisa realizada com 583 atletas de 12 a 18 anos, de ambos os sexos. Foi o primeiro diagnóstico nacional do estado nutricional de esportistas adolescentes, realizado com alguns dos melhores esportistas das cinco regiões do país, durante os Jogos da Juventude Brasileiros, em 1996, em Curitiba. E os resultados não são animadores.

"Apesar de se exercitarem regularmente, a composição corporal e a prevalência de anemia no grupo são bem parecidas com as verificadas na população em geral", disse a pesquisadora. Embora os atletas se exercitassem, em média, de duas a quatro horas por dia, de quatro a seis vezes por semana, apenas 4% deles consumiam, em quantidades adequadas, alimentos dos principais grupos (cereais e massas, hortaliças, frutas, laticínios e carnes).

"Entre os garotos, as taxas de gordura corporal estavam dentro do esperado para quem se exercita, em torno de 12% — contra um limite máximo de 20%. Mas as meninas apresentaram uma média de 22%, quando o ideal, mesmo entre não atletas, é um máximo de 25% no sexo feminino", explicou Maria Emilia.

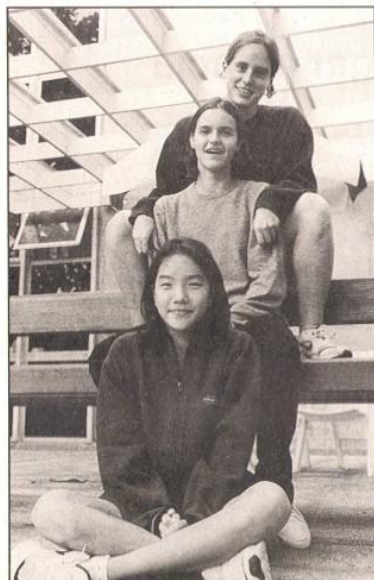
Os níveis de anemia, de acordo com a nutricionista, também estão próximos dos encontrados no restante da população do país: 15% no sexo masculino e 17% no feminino. "São altos em se tratando de uma população que deveria ter uma alimentação especial", disse a pesquisadora.

Segundo o chefe da disciplina de Pediatria, Nutrição e Metabolismo da Unifesp, Fábio Ancona Lopez, o acompanhamento que clubes e escolas dão aos jovens atletas deveria ser mais efetivo. "Os alunos, sobretudo os que se dedicam aos esportes, precisam ter uma orientação nutricional".



Fotos Stela Mureel

Alan Nagaoka, 15, é campeão brasileiro de natação, mas não faz dieta especial



Thaís Antonaccio, 14, Maria Isabel Miller, 15, e Mariana Nagaoka, 13, treinam natação diariamente no clube Pinheiros, mas não abrem mão de doces, biscoitos e salgados

Boa performance, dieta amadora

Aos 15 anos, Alan Massao Nagaoka é uma das promessas da natação nacional. Foi três vezes campeão brasileiro do esporte, nas categorias infantil e juvenil, e disputou há um mês o título Multination, na Bélgica. "Procuo treinar forte todos os dias. Tem gente que me chama de masoquista", diz Alan.

O adolescente treina seis dias por semana no Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo, onde duas vezes por semana também faz musculação. Já tem patrocinador, a Speedo, mas confessa que não se preocupa muito com a alimentação. "Procuo comer mais carboidratos antes das competições e evito o refrigerante", diz Alan. Mas será que esses cuidados são suficientes?

O *Jornal da Paulista* reproduziu a alimentação diária de Alan e pediu uma avaliação do nutricionista Raul Von Der Heyde, pós-graduado em nutrição pela Unifesp e marido da pesquisadora Maria Emilia. Veja a conclusão:

A dieta do campeão

- Desjejum — leite, frutas e pão com queijo e presunto.
- Manhã — salgadinhos.
- Almoço — arroz, feijão, um tipo de carne, salada e suco de frutas.
- Tarde — Pães de queijo e suco de laranja.
- Jantar — Arroz, feijão, um tipo de carne e salada.

Avaliação do especialista

"O atleta tem uma boa alimentação, que inclui porções de todos os principais grupos. Mas poderia evitar o consumo diário de salgadinhos, que apresentam um excesso de gordura e podem levar a um ganho exagerado de peso. O consumo desse tipo de alimento deve ser eventual. Apesar de não conhecer a quantidade ingerida, é possível que haja um excesso de proteínas, que pode levar a um desgaste renal e aumenta a desidratação e uma deficiência em carboidratos, que devem ser consumidos em grande quantidade por quem pratica exercícios. O cuidado com a alimentação pode representar o décimo de segundo que faz a diferença em uma prova".

Brasil entra na briga para decifrar genoma humano

Ricardo Zorzetto

No final do mês passado, a Unifesp e outras duas universidades brasileiras iniciaram as atividades de pesquisa do maior projeto já desenvolvido no país na área de genética humana: o Genoma Humano do Câncer. O programa é parte do Projeto Genoma Humano – o mais ambicioso da atualidade nas ciências biológicas – que deverá identificar até 2003 entre 80 mil e 100 mil genes que os cientistas estimam que o homem possua.

Com essa participação, a genética brasileira dá um importante passo e começa a competir em pé de igualdade com centros internacionais na tarefa de desvendar o genoma do homem – o material genético que armazena as informações para “construir” um ser humano.

No Genoma Humano do Câncer, os cientistas brasileiros seqüenciarão genes dos tipos de câncer de maior importância para a saúde pública nacional: tumores de cabeça e pescoço, de estômago e de colo do útero.

Além da Unifesp, participam do projeto três centros da Universidade de São Paulo e um da Universidade Estadual de Campinas.

Ao todo, o Genoma Câncer nacional deverá consumir cerca de 10 milhões de dólares, metade da verba financiada pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). O resto do dinheiro vem do Instituto Ludwig para Pesquisa sobre o Câncer, entidade privada sem fins lucrativos sediada na Suíça e com centros em dez países – inclusive no Brasil – que desenvolveu a técnica de seqüenciamento que será usada pelos laboratórios nacionais (leia texto nesta página).

Saiba como é feito o seqüenciamento

O gene, o material genético da célula que é composto pelo DNA (ácido desoxirribonucleico), armazena a “receita” de uma proteína, o principal composto orgânico dos organismos vivos.

O conjunto dos genes, o genoma, é um tipo de livro que armazena a “receita” de como se produzir um ser humano. O alfabeto desse livro é formado por quatro letras (A, T, C e G), que representam moléculas chamadas bases nitrogenadas. As letras se unem em di-

“O Genoma Câncer é o mais importante projeto em genética e pesquisa médica de que o país já participou em termos de volume de recursos, colaboração entre laboratórios de alto nível e quantidade de dados científicos gerados”, afirma Marcelo Briones, do Departamento de Microbiologia, Imunologia e Parasitologia, que coordena a participação da Unifesp no programa.

De acordo com Briones, a participação da universidade em um projeto anterior, relacionado ao seqüenciamento do material genético de uma bactéria, abriu a “porta” para o Genoma Câncer.

O seqüenciamento dos genes do câncer deverá levar à descoberta de novas funções dos genes, e permitir conhecer quais deles levam uma célula normal a se transformar em célula cancerosa, segundo o pesquisador.

Saber que um tumor se torna maligno devido ao funcionamento de um determinado gene é importante, segundo Briones, para a produção de testes de diagnóstico e para se fazer prognóstico da doença – saber se a pessoa desenvolverá um tipo específico de câncer e como a doença poderá evoluir.

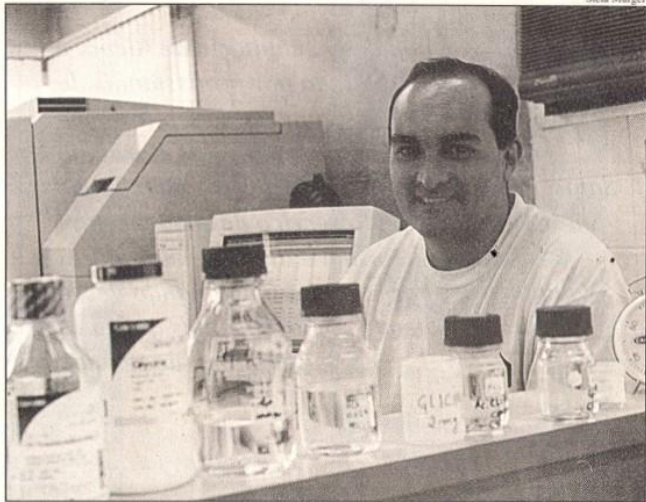
Os resultados do Genoma Humano do Câncer poderão permitir aos pesquisadores, no futuro, desenvolver em laboratório novos tipos de medicamentos que eliminem apenas as células doentes, preservando as saudáveis.

Briones disse ainda que, à medida que o seqüenciamento for feito, as informações serão tornadas públicas para impedir que outros grupos as patenteiem.

ferentes seqüências formando os genes.

O seqüenciamento consiste em identificar com precisão em que ordem estão as bases que constituem o DNA.

O método Orestes permite eliminar pedaços do material genético que não contém informações relevantes, o que dá agilidade ao processo. Além disso, ele permite seqüenciar a parte mais importante dos genes, a região central, que guarda informações de como fazer uma proteína.



Marcelo Briones, coordenador do Projeto Genoma Humano do Câncer na Unifesp

Método desenvolvido por brasileiro é patenteado nos EUA

No Projeto Genoma Humano do Câncer, os pesquisadores brasileiros vão usar uma técnica de seqüenciamento desenvolvida recentemente no Brasil, que é mais eficiente que os métodos usados anteriormente.

O novo processo de seqüenciamento, que recebeu o nome de Orestes, foi criado pelo mineiro Emmanuel Dias Neto, aluno de pós-doutorado do Instituto Ludwig, e por seu orientador Andrew Simpson, coordenador do Projeto Genoma Humano do Câncer no país.

O método já foi patenteado nos Estados Unidos e os recursos provenientes de seu uso deverão ser partilhados meio a meio entre a Fapesp e o Instituto Ludwig.

Com o método Orestes, os pesquisadores ganham tempo e atingem os segmentos de DNA que trazem as informações mais importantes. Estima-se que apenas 3% do material genético que forma o genoma humano constitua os genes. Os cientistas ainda não sabem com precisão a função do resto.

“Além disso, esse processo permite trabalhar preferencialmente com genes raros usando uma quantidade mínima de

material genético”, afirma Emmanuel.

“Com esse método, cerca de 30% de todas as seqüências produzidas serão novas, jamais identificadas em qualquer parte do mundo. Poderão ser geradas informações originais antes dos concorrentes internacionais”, afirma Marcelo Briones, coordenador do Genoma Câncer na universidade.

De acordo com Briones, o Orestes deverá trazer vantagens para os pesquisadores brasileiros com relação aos de

outros grupos internacionais, que têm técnica para fazer o seqüenciamento de apenas parte dos genes.

Durante o desenvolvimento do programa, previsto para terminar em fevereiro de 2001, deverão ser seqüenciadas cerca de 200 milhões de bases (molécula que forma o DNA), das cerca de 3 bilhões que compõem o genoma humano. Isso representaria entre 40 mil e 50 mil genes, aproximadamente metade de todos os genes humanos.

“Provavelmente, daqui a dois anos, será possível conhecer quantos e quais genes são necessários para ‘construir’ um ser humano”, afirma Briones.

Processo permite gerar informações antes dos concorrentes



Site ajuda a eliminar os erros nas declarações de óbito

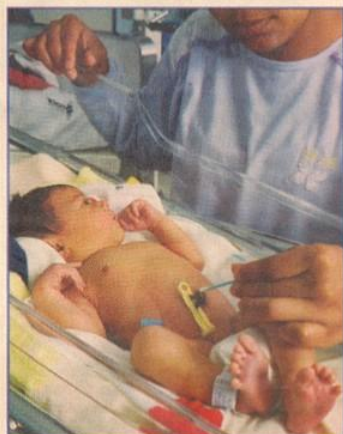
Como preencher corretamente uma declaração de óbito? A dúvida é comum entre médicos e estudantes que, em geral, não recebem na faculdade as orientações necessárias para executar essa tarefa. O resultado do despreparo são estatísticas incompletas sobre as principais causas de morte no Brasil e sobre as doenças que mais atingem a população. Trata-se de uma informação importante. Ela ajuda a monitorar os índices de mortalidade e fundamenta a elaboração de políticas públicas em saúde. A pro-

cupação com essa deficiência levou o estudante do 4º ano de medicina da Unifesp João Paulo Guerra Braga a desenvolver um tutorial interativo na Internet, que explica passo a passo como fazer a declaração. O projeto de iniciação científica, orientado pelo nefrologista Meide Silva Anção, foi um dos vencedores da 17ª edição do Prêmio Pereira Barreto, realizado em outubro na universidade. Confira esse e outros trabalhos no Especial Iniciação Científica, publicado nesta edição.

PÁGINAS 4 E 5

ENFERMAGEM

Cuidado com o umbigo do bebê é omitido no pré-natal



Um dos maiores receios das adolescentes em relação ao filho é não saber cuidar adequadamente do coto umbilical

Mães adolescentes, entrevistadas em pesquisa realizada na Unifesp, afirmam não ter recebido orientação durante o pré-natal sobre a maneira correta de tratar do umbigo. A maioria delas (66,4%) revela ter medo de machucar a criança. PÁGINA 8

ENTREVISTA

Brasil participa do combate a doenças negligenciadas

O médico José Roberto Ferreira, coordenador de cooperação internacional da Fundação Oswaldo Cruz e secretário do Conselho Diretor da Iniciativa de Drogas para Doenças Negligenciadas (DNDi), fala sobre o papel do Brasil no recém-criado órgão e a situação dessas moléstias no mundo.

PÁGINA 9

DEBATE

Medida do CFM gera polêmica na imprensa

PÁGINA 16

PESQUISA

Estudo experimental aponta possível propriedade analgésica do cipó-cravo

Usado para combater a má digestão e as dores de estômago, o cipó-cravo, também conhecido como cipó-trindade, mostrou-se eficaz e não apresentou toxicidade em uma pesquisa experimental realizada com camundongos. O trabalho do Departamento de Psicobiologia da Unifesp pode ser o primeiro passo para que a eficiência medicinal da substância seja também comprovada em seres humanos.

PÁGINA 7



SAÚDE

Pesquisa comprova que acupuntura influencia o aprendizado e a memória

Trabalho avalia em ratos os efeitos das agulhas sobre dois pontos do corpo ligados à memória e ao aprendizado. Submetidos a eventos estressantes, animais que receberam acupuntura tiveram desempenho superior em testes quando comparados aos que não passaram pelo tratamento. Os benefícios também foram verificados uma semana após a aplicação. Um protocolo de pesquisa será criado na Unifesp para definir futuras análises em pessoas. PÁGINA 6

UNIFESP: 70 ANOS



Vista aérea do núcleo central do complexo Unifesp/SPDM, incluindo Hospital São Paulo, reitoria e universidade

Em homenagem ao aniversário de 70 anos da Unifesp, o **Jornal da Paulista** publica, até dezembro, depoimentos de pessoas que ajudaram a construir a universidade e sua reputação.

A efervescência dos anos 50 e 60 provavelmente me deixou 'encianada' na instituição. Essas duas décadas foram marcadas por iniciativas cruciais para sua posterior transformação em universidade. Entre elas, a criação do Departamento de Clínica Médica, hoje Departamento de Medicina; o início formal da pós-graduação lato sensu, representado pelo programa de residência médica do Hospital São Paulo, e a consolidação da pesquisa. No ensino, destaca-se a 'Seção' de Metabolismo e Nutrição, da Clínica Médica, hoje Disciplina de Nefrologia. Fomos também pioneiros na captação de recursos externos para a investigação científica e em políticas de formação de pesquisadores privilegiando estágios no exterior. A década de 60 foi marcada, ainda, pela criação do Instituto de Medicina Preventiva. A árvore plantada em 1933 enraizou-se. Não parou de crescer no ensino, na produção científica, na atenção à saúde e nas ações sociais."

REGINA STELLA

Doutora em Medicina, diretora do Departamento de Comunicação da Unifesp, foi vice-reitora da universidade no período de 1995 a 1999

A Escola Paulista de Medicina representou a possibilidade de concretizar um ideal - um grupo de médicos eméritos rompeu o imobilismo e fundou um novo estabelecimento de ensino médico no país. Na década de 60, a luta vitoriosa pela sua federalização mostrou que a clareza dos objetivos e a determinação são os ingredientes fundamentais das conquistas. A implantação da pós-graduação consagrou a excelência do ensino e da pesquisa, permitindo que, na década de 90, a escola se transformasse em universidade. Arrojo e competência são marcas desta instituição de ensino público que, em 70 anos, formou médicos, enfermeiros, biomédicos, fonoaudiólogos - profissionais capacitados, competentes e pesquisadores - nacional e internacionalmente reconhecidos por seus pares. Hoje, cabe dar mais um passo, criando neste campus novas faculdades nas áreas básicas (biologia, química, física, matemática e estatística) e correlatas (medicina veterinária, odontologia, farmácia e bioquímica, psicologia) para constituir o que será a primeira Universidade da Saúde."

ROQUE MONTELEONE

Livre-docente pela USP e professor do Departamento de Informática em Saúde da Unifesp

ERRAMOS-EDIÇÃO 184 Diferentemente do que foi publicado no Jornal da Paulista, "a primeira defesa de tese de doutorado na Escola Paulista de Medicina ocorreu em 1940, na cadeira Histologia e Embriologia, e não em 1954, nas disciplinas de Farmacologia e Química Fisiológica" - Prof. Dr. Jorge Michalany, curador do Museu de História da Medicina

PROGRAMAÇÃO	SEGUNDA	QUARTA	SEXTA	DOMINGO
	8h Estúdio Vida 12h Check-up 16h30 Unifesp Notícias 17h Ativa Idade 20h30 Check-up 21h Estúdio Vida 21h30 Unifesp Notícias 2h Ativa Idade	8h Estúdio Vida 12h30 Ativa Idade 17h Unifesp Notícias 2h Check-up	8h Unifesp Notícias 12h30 Ativa Idade 17h Check-up 2h Ativa Idade	8h Unifesp Notícias 12h Estúdio Vida 17h Ativa Idade 21h30 Estúdio Vida 2h Check-up
	TERÇA 8h Check-up 2h Unifesp Notícias	QUINTA 8h Ativa Idade 12h30 Unifesp Notícias 17h Estúdio Vida 21h30 Check-up 2h Estúdio Vida	SÁBADO 8h Check-up 17h Unifesp Notícias 21h30 Ativa Idade 2h Unifesp Notícias	

Veja o grade de horários do TV Unifesp no Net e na TV. (ambos no canal 15)

EXPEDIENTE

Jornal da Paulista

nº 185 - Ano 17 - Nov/Dez de 2003

PUBLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO/EPM

Reitor

Ulysses Fagundes Neto

Vice-reitor

Sérgio Tufik

Pró-reitor de Administração

Sérgio Antônio Draibe

Pró-reitor de Extensão

Walter Manna Albertoni

Pró-reitor de Graduação

Edmund Chada Baracat

Pró-reitor de Pós-Graduação

Nestor Schor

Diretora do Departamento de Comunicação

Regina Stella

Diretora de Redação

Eliane Oliveira — MTB 2.181

Subeditor

Alberto Ramos — MTB 24.209

Repórteres

Alessandra Pereira, Ana Cristina Cocolo,

Bia Reis e Melissa Diniz

Assessoria de Imprensa

Josiane Gregorio, Cacá Amadel, Renato Conte

e Rosana Guimarães

Fotografia

Stela Murgel

Secretária da Redação

Vanessa Leal

Ilustrações

Sthar-Mar de Vasconcelos Silva

Arte

Andrea Melo (editora)

Helton Meschine Costa

Impressão: Gazeta Mercantil

Tiragem: 5.500 exemplares

Periodicidade: mensal

Endereço: Rua Prof. Francisco de Castro, 36

Vila Clementino

CEP 04020-050, São Paulo, SP

Fones: (11) 5579-1328, 5539-4746 e 5085-0279

Fax: (11) 5084-8223

E-mails

jornal.jp@midia.epm.br e

assessoria.jp@midia.epm.br

Jornal da Paulista on line:

www.unifesp.br/comunicacao/jpta

Edição: Eliane Oliveira

Coordenação: Frederico José

Clique em Unifesp Comunicação para acessar também o **Jornal da Paulista**, a **TV Unifesp**, a revista **Saúde Paulista** e nossa **Assessoria de Imprensa**

Cartas assinadas podem ser enviadas para a redação no endereço acima, por fax ou em mãos. Os textos devem ter em média 20 linhas e poderão ser adaptados ao espaço disponível.

PALAVRA DO REITOR

Novo regimento atualiza Unifesp

DEPOIS DE DOIS ANOS de amplas discussões com todos os segmentos da Unifesp, encerramos a reforma do regimento da universidade. Isso ocorreu no dia 5 de novembro último, na mais longa sessão da história do Conselho Universitário (Consu), com início às 9h30 e término às 15h45. Tratou-se de uma extraordinária demonstração de democracia institucional, com a aprovação da maioria dos votos dos membros do Consu para cada um dos artigos propostos.

A revisão do regimento tornou-se imperativa depois da reforma do nosso Estatuto, que havia sido anteriormente aprovado e referendado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). Para reformar o regimento foi constituída uma comissão, nomeada pelo Consu, composta por representantes de todas as categorias funcionais da Unifesp. Ela passou então a reunir-se semanalmente, até o início de 2003, quando encaminhou um anteprojeto que foi discutido por toda a comunidade.

O esforço valeu a pena. Produzimos um regimento adequado aos nossos anseios. Parte dos assuntos que antes eram tratados pelo Estatuto – documento que depende de aprovação do Ministério da Educação – passaram para o regimento. Com isso, ganhamos agilidade administrativa, à medida que o regimento depende apenas de deliberação interna para ser posto em prática.

Um ponto extremamente importante dessa alteração diz respeito aos órgãos suplementares que passam a ter legislação específica, agora com o nome de entidades suplementares. O novo texto também define que a escolha dos coordenadores de cursos ocorrerá por lista triplíce, indicada pela Comissão Curricular de cada curso para arbítrio do pró-reitor de Graduação e homologação do Conselho de Graduação. Outro aspecto que deve ser mencionado é a estreita e produtiva relação entre a Unifesp e a Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM), tema de um capítulo inteiro do novo texto. Essas são algumas das inovações que demandaram nossos esforços, numa demonstração de espírito realizador e idealista que, sem dúvida, é nosso maior patrimônio.

ULYSSES FAGUNDES NETO

Pesquisa na graduação influencia opção pela pós

Estudo demonstra que, entre os alunos formados pela Unifesp e matriculados em cursos de especialização, mestrado e doutorado da universidade, a maioria iniciou estudos científicos ainda na graduação

ALESSANDRA PEREIRA

O estudante que opta pela iniciação científica – realizada na graduação – tende a continuar desenvolvendo pesquisa ao longo da carreira acadêmica. Isso acontece entre os alunos de Medicina, Ciências Biomédicas, Enfermagem, Fonoaudiologia e Tecnologia Ofálmica da Unifesp matriculados nos cursos de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) e na residência médica da universidade.

Levantamento da professora Helena Nader, uma das coordenadoras do Fundo de Auxílio aos Docentes e Alunos (Fada), mostra que 56,3% dos que ingressaram no mestrado ou doutorado em 2001 foram bolsistas de iniciação científica, monitoria ou extensão antes de se formar (veja quadro). O estudo foi apresentado no 11º Congresso de Iniciação Científica, realizado na Unifesp em outubro. “O objetivo da iniciação científica é encurtar o tempo de formação do estudante que busca a pós-graduação e qualificá-lo melhor para a pesquisa”, diz Helena Nader.

A Unifesp planeja novas estratégias para fortalecer a iniciação científica. Uma das ideias é aproximá-la da pós-graduação. “Pretendemos oferecer aos alunos de graduação cursos como estatística e metodologia”, conta Nestor Schor, pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa. A possibilidade de acumular créditos na graduação e utilizá-los na pós também será discutida. Há propostas para melhorar o sistema de avaliação dos projetos e de usar parte da carga horária das disciplinas optativas na iniciação científica – esta última medida já vem sendo praticada no curso de medicina desde janeiro.

PANORAMA NACIONAL

Neste ano, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) aumentou em 10% as bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). Foram concedidas 14.299 bolsas a estudantes de todo o país. Em 2002, o corte de 45% no orçamento do conselho afetou a cota do Pibic, que caiu para 13.000 bolsas – em 2001 haviam sido distribuídas 14.500. Na Unifesp, as 232 bolsas concedidas em 2003 se igualam ao número do ano passado, mas a demanda é maior: 339 estudantes se inscreveram.

IMPACTO DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RESIDÊNCIA MÉDICA



ESPECIALIZAÇÃO



MESTRADO E DOUTORADO



* Alunos que concluíram a graduação na Unifesp e tiveram bolsas de monitoria, extensão e Pibic

MELHOR IMAGEM

FONTE: HELENA NADER, DO FUNDO DE AUXÍLIO AOS DOCENTES E ALUNOS (FADA)

O CNPq instituiu em 2003 o Prêmio Destaque do Ano na Iniciação Científica. As estudantes de medicina da Unifesp Luciane Botelho (terceiro ano) e Karina Morelli (sexto ano), orientadas pela professora Eleonora Menicucci, venceram na categoria Ciências Humanas e Sociais, com a pesquisa “Um direito conquistado: os serviços de atendimentos às mulheres vítimas de violência sexual”. O estudo analisou o atendimento dos hospitais São Paulo, Jabaquara e Pérola Byington e foi premiado na Unifesp, em 2002, com o 16º Prêmio Pereira Barreto. (veja a reportagem do *Jornal da Paulista* em <http://www.unifesp.br/comunicacao/jpta/ed1611/espec2.htm>).

Confira nesta edição algumas das pesquisas apresentadas no 11º Congresso de Iniciação Científica da Unifesp e resumos dos 18 estudos ganhadores do 17º Prêmio Pereira Barreto.

ESPECIAL
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

TRABALHOS VENCEDORES

ORAL

CIÊNCIAS BÁSICAS E MOLECULARES

Mariana Kiomy Osako
4º ANO DE BIOMEDICINA

Chester Bittencourt Sacramento,
Fernanda Mara Bento,
Sang Won Han

"Efeito da expressão do gene bsd (blastocidin-s—desaminase) nos queratinócitos murinos."
Verifica que o gene bsd, introduzido em organismos para monitorar o percurso do gene terapêutico (material genético saudável que reponha os defeituosos ou ausentes), não destrói as células epiteliais de camundongos. O achado é relevante porque o outro gene parente utilizado para essa função (tsr) causa a morte dessas células.

MEDICINA APLICADA E EXPERIMENTAL

Pamella Huey Mei Wang
3º ANO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS

Maria Claudina Camargo de Andrade, Giovana Seno Di Marco, Dulce Elena Casarini

"Identificação da isoforma N-Domínio da enzima conversora de angiotensina I em células do túbulo proximal do rim (LLC-PK1)"
Comprova que as células do túbulo proximal do rim (região do órgão responsável pela reabsorção de sódio e água do organismo) produzem uma forma de enzima que pode levar à hipertensão ao inibir a ação de proteínas vasodilatadoras, ou seja, que aumentam o diâmetro dos vasos sanguíneos.

DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO E AUDIÇÃO

Melissa Mitsue Cunha Pires Okada
4º ANO DE FONOAUDILOGIA

Karina Ferreira Mello,
Maria Cecília Martinelli Iório

"Sensação de intensidade e satisfação para sons ambientais: um estudo em deficientes auditivos usuários de sistemas de amplificação lineares e não-lineares"
Avalia 32 pessoas com deficiência auditiva de grau leve a moderadamente severo que utilizam próteses. Conclui que houve a normalização de sons ambientais de média e forte intensidade, principalmente nos usuários de aparelhos de amplificação sonora não-linear (quando o aumento do 'volume' dos sons é maior para os sons 'fracos' e menor para os de forte intensidade). O trabalho também mediu a satisfação dos usuários com os aparelhos.

Site interativo ensina como preencher declaração de óbito

Software orienta, passo a passo, o preenchimento do atestado; projeto visa reduzir erros nas estatísticas que fundamentam políticas públicas em saúde

MELISSA DINIZ

O doente chega agonizante ao hospital e acaba morrendo por insuficiência respiratória. Cabe ao médico atestar a morte e preencher a declaração de óbito. Começa aí o problema. A causa imediata ele sabe atestar com facilidade mas, além dela, o que levou realmente o paciente a morrer?

Para responder essa pergunta é preciso descobrir o que se convencionou denominar causa básica da morte, cujo esclarecimento na declaração tem funções muito importantes para o país. Trata-se de uma informação que ajuda a monitorar os índices de mortalidade, implementar políticas de saúde e priorizar investimentos no combate às doenças que mais atingem a população.

No caso hipotético descrito acima, a insuficiência respiratória foi a consequência última de uma pneumonia decorrente da Aids. A causa básica da morte, portanto, foi a infecção pelo vírus HIV. Essa informação é fundamental para os órgãos de saúde brasileiros. Ela não pode ser omitida, mas isso ocorre com frequência, tanto por despreparo como por falta de interesse dos profissionais em investigar o que levou o paciente a morrer. O resultado dessa omissão são estatísticas incompletas e superficiais.

Não existem dados nacionais precisos sobre a dimensão das falhas no preenchimento de atestados de óbito. Mas há um consenso, não só entre os profissionais de saúde, mas também nos órgãos governamentais, de que é um problema sério. O próprio Ministério da Educação já estudou maneiras de abordá-lo na grade curricular das faculdades de medicina.

IMPRECISÃO

Pensando em auxiliar os médicos nessa tarefa, o aluno do 4º ano de medicina da Unifesp João Paulo Guerra Braga realizou um trabalho de iniciação científica sobre o tema. A pesquisa, orientada pelo nefrologista Meide Silva Anção, professor do Departamento de Informática em Saúde da Unifesp, foi uma das premiadas na 17ª edição do Prêmio Pereira Barreto. A partir dela, foi criado um tutorial (programa com instruções passo a passo), executável numa página interativa da Internet, que ensina profissionais e estudantes a preencher as causas da morte na declaração de óbito.

Dados coletados pela pesquisa revelam que é muito comum que se confundam a causa imediata (o evento mais recente) com a causa básica da morte (o que desencadeou o processo). "Frequentemente, observamos declarações em que o médico escreve apenas que o paciente morreu de parada cardíaca,

O QUE O MÉDICO PRECISA SABER

1. HÁ CAUSAS EXTERNAS ENVOLVIDAS NA MORTE?

A) Houve trauma na seqüência que levou à morte?
(Queimaduras, quedas, coma, tiro, hemorragias, acidentes de trânsito)

SIM
Conduza ao IML

NÃO

B) A morte foi resultado da ação de uma pessoa sobre uma outra?
(Passageiro num acidente de trânsito, vítima de agressão)

C) A morte resultou da ação da pessoa sobre ela mesma?
(Intoxicação por drogas, dirigir embriagado, jogar "roleta russa")

SIM
Conduza ao IML

NÃO
Vá para o item 2

2. VOCÊ SABE O SUFICIENTE SOBRE A MORTE PARA DECLARAR AS CAUSAS?

A) Você sabe por que essa pessoa morreu?
Exemplo: causa desconhecida de morte, que inclui morte súbita aparente

NÃO
Conduza ao SVO

SIM

B) Você sabe como a seqüência de eventos que levou à morte começou?
Exemplos: pessoa sob seus cuidados por longo tempo; tratava doença ou processo que levou à morte

NÃO
Conduza ao SVO

SIM

C) Você sabe se a morte era esperada?
Exemplo: portador de doença fatal sob seus cuidados

NÃO
Conduza ao SVO

SIM
Preencha o certificado (veja quadro ao lado)

IML - Instituto Médico Legal

SVO - Serviço de Verificação de Óbito

Obs. - O médico deve preencher a declaração de óbito somente se as respostas às questões do item 2 forem "SIM"

MELISSA DINIZ

COMO PREENCHER CORRETAMENTE A DECLARAÇÃO DE ÓBITO

Exemplo de documento que informa com precisão a causa básica da morte

CAUSAS DA MORTE	ANOTE SOMENTE UM DIAGNÓSTICO POR LINHA	Tempo aproximado entre o início da doença e a morte	CID
40) PARTE I Doença ou estado mórbido que causou diretamente a morte CAUSAS ANTECEDENTES Estados mórbidos, se existirem, que produziram a causa acima registrada, mencionando-se em último lugar a causa básica	a ARRITMIA CARDÍACA	5 MIN.	
	Devido ou como consequência de:		
	b INFARTO DO MIOCÁRDIO	6 DIAS	
	Devido ou como consequência de:		
c DOENÇA CARDÍACA HIPERTENSIVA	20 ANOS		
Devido ou como consequência de:			
d			

HELEON MESSCHINE

mas isso não diz nada. Afinal, todo mundo morre quando o coração pára. É preciso saber quais os eventos que antecederam o problema", afirma Braga.

A falta de preparo dos profissionais faz com que as estimativas sobre as principais causas de morte no país não sejam totalmente confiáveis. Segundo Braga, 3% das declarações feitas anualmente em São Paulo são alvo de investigações adicionais do PRO-AIM (Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade) no Município de São Paulo. Mas muitos atestados incompletos e incorretos passam despercebidos.

Nas regiões Norte e Nordeste, o problema é ainda maior. Lá, segundo o estudo, as causas de morte mais comuns são sinais, sintomas e achados anormais clínicos, o que significa que a causa é indefinida. "Isso nada mais é do que falta de assistência médica", diz o orientador do trabalho. Nessas áreas, é comum o atestado ser dado pelo delegado ou pelo juiz da cidade. Mas o problema não pára por aí. "Cerca de 20% das pessoas que morrem no Brasil nem sequer obtêm uma declaração de óbito, o que é ainda mais grave", afirma.

Nos Estados Unidos, a situação não é diferente. O trabalho acadêmico aponta que, no ano 2000, uma em cada quatro declarações produzidas no Estado da Califórnia teve de ser refeita. "Um dos problemas mais comuns é a caligrafia ilegível do médico. Por isso, recomenda-se o uso da letra de forma", afirma Braga.

Outro dado preocupante do estudo: o despreparo dos médicos para executar esse tipo de tarefa é uma falha dos cursos de graduação. "Infelizmente, os médicos não são orientados na faculdade nem na residência para desempenhar esse papel. O conhecimento é passado de maneira informal, no dia a dia. Além disso, o profissional considera o último evento que levou o paciente à morte, em vez de pensar no primeiro. Alguns simplesmente não têm interesse em investigar as causas", afirma o professor da Unifesp.

O presidente do Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo), Clóvis Francisco Constantino, concorda. "As faculdades em geral não se atêm muito aos aspectos técnicos da medicina. Na minha opinião, deveria haver um curso específico dentro da graduação para abordar os aspectos legais e formais da profissão, sobretudo o preenchimento de documentos. Esses ensinamentos são fundamentais para que o médico exerça suas funções com segurança ética", diz Constantino.

De acordo com o diretor do Departamento de Ensino Superior do Ministério da Educação, Mário Pederneiras, o governo federal tem consciência do problema e já incluiu nas novas diretrizes curriculares

medidas que visam solucioná-lo. "Entendemos que uma melhoria na qualidade acadêmica é fundamental para o direcionamento das políticas públicas voltadas para a saúde, principalmente no que diz respeito à epidemiologia", afirma Pederneiras.

Em caso de morte por fatores externos, como acidentes, violência, envenenamento ou tiro, por exemplo, o médico não pode preencher a declaração. Ele deve encaminhar o corpo para o IML (Instituto Médico Legal) para que seja feita a necropsia. Nessas situações, é o médico legista quem faz o atestado de óbito.

"Já aconteceu de um residente preencher uma declaração de óbito dando como causa da morte uma infecção mas, na verdade, o paciente tinha levado várias facadas. O médico está sendo processado pelo Ministério Público, que não pôde indiciar o suspeito pelo homicídio, já que não havia registro de morte por facadas e sim por infecção", afirma o orientador do estudo.

PROBLEMA CULTURAL

Em outros casos, apesar de a morte não ocorrer por causas externas, o médico que atesta o óbito não tem condições de saber quais os fatores que a desencadearam. "Isso muitas vezes acontece quando o paciente é levado a um pronto-socorro. Em geral, nessas situações, o médico socorrista apenas constata a causa imediata da morte", afirma Anção. "Mas a obrigação dele é contatar a família e tentar descobrir se esse paciente era acompanhado por algum profissional, se havia uma doença pré-existente e se sua morte era esperada. Caso não obtenha essas respostas, deve encaminhar o corpo ao Serviço de Verificação de Óbitos (SVO)", completa.

Em circunstâncias assim, a família precisa autorizar a necropsia. Contudo, é muito difícil que isso venha a acontecer. "Encontramos aí um problema cultural. As famílias entendem que a demora no sepultamento estende o sofrimento e acabam não autorizando o exame", diz o professor.

O tutorial, que está disponível no endereço <http://atestadodebito.unifesp.br>, tem o mérito de ser interativo. Quem quiser mais detalhes sobre o preenchimento correto das declarações pode fazer alguns testes, mediante cadastro. O site oferece exemplos de casos clínicos utilizando a Classificação Internacional de Doenças (CID-10). O visitante lê o histórico do paciente e, a partir das informações fornecidas, tem que preencher a declaração. As respostas são avaliadas pelo sistema, que indica o melhor modo de proceder. "É um trabalho inovador porque propicia ao aluno ou ao médico esclarecer suas dúvidas no ato, através da consulta rápida", afirma Anção.

TRABALHOS VENCEDORES

O R A L

CIRURGIA APLICADA E EXPERIMENTAL

Ludmila Aimi Kobayashi
5º ANO DE MEDICINA

Caio Vinicius Saito Regatieri,
Lydia Masako Ferreira e Heitor Francisco de C. Gomes

"Retalho Tram monopediculado autônomo submetido à nicotina, em ratos"
Verifica, em ratos, que a nicotina aumenta os riscos de necrose no retalho Tram, mesmo após a autônomoização, processo realizado para melhorar a circulação do tecido. Em seres humanos esse retalho, feito a partir do músculo reto do abdome, é utilizado na reconstrução de mamas.

ENFERMAGEM

Camila Cadamuro
4º ANO DE ENFERMAGEM

Solange Diccini

"Incidência de úlcera de pressão em pacientes neurocirúrgicos"
Avalia a incidência e calcula o risco que os pacientes submetidos a procedimentos neurocirúrgicos têm de desenvolver úlcera de pressão. O estudo também analisa os cuidados preventivos realizados por enfermeiros. Incidência encontrada de 13,4%.

CIÊNCIAS BÁSICAS E MOLECULARES

Roberta Moreira Corrêa
4º ANO DE BIOMEDICINA

Lúcia Garcez do Carmo,
Soraya Soubhi Smali,
Simone Sette Lopes Lafayette

"Importância do Cálcio Mitocôndrial na Contração por Carbazol em Fundo Gástrico de Rato"
Analisar a participação do cálcio mitocôndrial no processo de contração muscular em músculo liso de estômago de rato.

CIRURGIA APLICADA E EXPERIMENTAL

Vanessa Contato Lopes Resende
5º ANO DE MEDICINA

Frasson de Souza Montero,
Manuel de Jesus Simões

"Estudo do Desenvolvimento dos Eventos Singulares de Intestino Fetal de Camundongos Avaliação morfológica do Erveto"
Caracterização morfológica do erveto intestinal fetal na ausência e presença de rejeição em camundongos.

ESPECIAL
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Acupuntura estimula memória e aprendizado

Estudo experimental, realizado por alunos de medicina da Unifesp, confirma efeitos da técnica em ratos: os que receberam aplicações apresentaram melhor desempenho

ANA CRISTINA COCOLO

Cena que já foi comum na cozinha de Silma Heliana Ferreira, de 42 anos: dezenas de fôms grudados na porta da geladeira, disputando espaço com outro tanto de bilhetes e recados. Nos últimos meses, porém, isso mudou. Ela começou a fazer sessões de acupuntura para evitar a ansiedade e o estresse. Como resultado, percebeu que a falta de memória diminuiu sensivelmente. Além disso, a papelada que ela precisa-

va manter na geladeira sumiu.

"Acho que minha memória melhorou por eu me sentir mais calma e relaxada", diz Silma, que também enfrentava dificuldades em seu trabalho de assistente administrativa. "Esquecia onde guardava as coisas e tinha que ler várias vezes um texto para compreendê-lo", lembra.

O relato dela se aproxima ao de milhares de pessoas que recorrem à acupuntura e notam mudanças na memória e no aprendizado. Uma pesquisa experimental da Unifesp dá pistas para entender casos assim. O trabalho de Fernando Kawano e Márcio Makoto Nishida, alunos do quinto ano de medicina, mostra que ratos submetidos à aplicação de acupuntura nos pontos E-36 (Zusanli) e BP-6 (Sanyinjiao) tiveram a memória potencializada, mesmo depois de submetidos a estresse por choque e imobilização.

"A acupuntura foi eficaz em avaliações realizadas logo após a experiência e até uma semana depois", comenta Angela Tabosa, professora do Setor de Medicina Chinesa da disciplina de Ortopedia e Traumatologia da universidade e orientadora da pesquisa. O estudo, que foi apresentado no 11º Congresso de Iniciação Científica da Unifesp, analisou os índices de fugas bem-sucedidas dos animais. Eles foram confinados num

local fechado e passaram por um processo para aprender como fugir.

Os pesquisadores separaram os ratos em dois grupos. O primeiro foi submetido a estresse na caixa de esquiwa — compartimento composto por dois recintos distintos, no qual, em um deles, uma corrente elétrica de baixa intensidade era acionada em intervalos fixos. Os ratos do segundo grupo, considerado controle, não foram expostos aos estímulos elétricos. Eles permaneceram no mesmo compartimento por uma hora para se familiarizarem com o ambiente.

A segunda parte do estudo envolveu o aprendizado da fuga. Todos os animais avaliados, inclusive os do grupo controle, foram colocados na caixa de esquiwa. Eles ficaram num compartimento com uma porta de comunicação para possibilitar que fugissem do choque. A abertura da porta ocorria assim que uma luz fosse acesa, como uma espécie de alerta.

Antes dessa fase, entretanto, os ratos do primeiro grupo foram divididos em quatro subgrupos, sendo que cada um deles recebeu choque; choque e imobilização; choque, imobilização e acupuntura; e choque, imobilização e acupuntura em pontos falsos, respectivamente. Todos os animais foram avaliados após os estímulos nocivos nos intervalos de uma hora, 48 horas e uma semana, para verificar a memorização do aprendizado.

Os ratos que receberam acupuntura nos pontos relacionados à memória logo após os estímulos estressantes conseguiram fugir em 80% dos 30 testes realizados. Esse desempenho se aproxima ao do grupo controle, que teve 77% de fugas bem-sucedidas. Entre os que não receberam acupuntura após o estresse, o maior índice de sucesso foi de 62%.

"A idéia agora é analisar os efeitos das agulhas na memória e no aprendizado de seres humanos", afirma Angela Tabosa, a orientadora do trabalho. Segundo ela, já está em andamento a criação de um protocolo de pesquisa, que será realizada na Unifesp com essa finalidade.



A assistente Silma Ferreira acredita que a terapia melhorou sua concentração no trabalho

STELA HUBEL

TRABALHOS VENCEDORES

O R A L

MEDICINA APLICADA
E EXPERIMENTAL

Fábio José Pereira da Silva
4º ANO DE MEDICINA

Andréa Watanabe, Rosa Maria Silva, Margaret Gori Mouro, Elisa Mielho S. Higa, Gabriella M. Bugni, José Luis M. Diaz, Mauro M. Batista, Ulysses Fagundes Neto, Ivan Hong Jun Koh

"Estudo da indução de óxido nítrico (NO) via tecido linfóide associado a intestino (GALT) e via hematogênica na sepse e translocação bacteriana (TB) Mede a produção de óxido nítrico durante a infecção induzida de origem intestinal ou sanguínea.

SAÚDE COLETIVA

João Paulo Guerra Braga
4º ANO DE MEDICINA

Meide Silva Anção, Marlene Sakumoto Akiyama, Rafael Vinicius Daré Giusti

"Tutorial para orientar alunos de medicina e médicos no preenchimento da causa de morte do certificado de óbito" Cria programa que orienta como preencher o certificado de óbito.

P Ó S T E R

CIÊNCIAS BÁSICAS
E MOLECULARES

Carolina Borsoi Moraes
4º ANO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS

Maria Lucia Cardoso de Almeida

"Caracterização preliminar de uma nova atividade fosfolipase C expressa em *Trypanosoma brucei*" Avalia um novo tipo da enzima fosfolipase C, presente no parasita *Trypanosoma brucei*, causador da doença do sono.

MEDICINA APLICADA
E EXPERIMENTAL

Andressa Melina S. Teixeira
4º ANO DE MEDICINA

Ana Paula Bocalletti, Dejaldo Marcos de Jesus Christofalo, Sérgio Ajzen, Frida Liane Plavnik, Dulce Elena Casarini

"Avaliação da função endotelial em adultos jovens com e sem antecedente familiar de hipertensão arterial e sua associação com as isoformas da enzima conversora de angiotensina (ECA) na urina" Conclui que filhos de hipertensos têm o marcador genético de hipertensão (enzima conversora de angiotensina) na urina e dilatação dos vasos sanguíneos inferior a de pessoas sem histórico familiar da doença. Os dois fatores associados parecem indicar precocemente as chances de uma pessoa desenvolver a doença.

TRABALHOS
VENCEDORES

PÔSTER

CIRURGIA APLICADA
E EXPERIMENTAL

Melissa Mariti Fraga
4º ANO DE MEDICINA

Murched Omar Taha, Djalma José Fagundes, Aron Jurkiewicz, Afonso Caricati Neto

"Efeito antioxidante do ácido ascórbico e do alopurinol na disfunção autonômica de jejuno de ratos". Sugere que a preservação hipotérmica de órgãos para transplante causa disfunção de nervos autonômicos internos. Verifica que o uso de antioxidantes protege a motilidade e o sistema nervoso autonômico do intestino delgado

CIÊNCIAS BÁSICAS
E MOLECULARES

Diogo Cristo da Rocha
5º ANO DE BIOMÉDICAS

Tânia Aparecida Tardelli Gomes, Tânia Mara L.Vaz, Beatriz Ernestina Cabilio Guth

"Características fenotípicas e genotípicas de *Escherichia coli* pertencentes ao sorogrupo O26 isoladas em São Paulo". Analisa sorotipos, marcas de virulência, biotipos e perfil de sensibilidade a antimicrobianos da *Escherichia coli* pertencentes ao sorogrupo O26 - que são importantes agentes de infecções intestinais em crianças e idosos. A intenção é verificar as diferenças e semelhanças entre as bactérias que produzem a toxina Shiga (que pode levar a quadros de insuficiência renal) e as que não produzem, apesar de pertencerem ao mesmo sorogrupo.

MEDICINA APLICADA
E EXPERIMENTAL

Mileny Esbravatti
Stephano Colovati
5º ANO DE BIOMÉDICAS - UNISA

Andreza Oliveira dos Santos, Lilliana Paula Bricarello, Waldir Gabriel Miranda Relvas, Leonor do Espírito Santo de Almeida Pinto, Maria Cristina de Oliveira Izar, Sílvia Saituli Miki Ihara, André Faludi, Marcelo Bertolami, Francisco Antonio Helfenstein Fonseca

"Modificações do perfil lipídico pela proteína de soja". Verifica que uma dieta à base de leite de proteína de soja modificada favorece os níveis de colesterol e triglicérides de pessoas em tratamento preventivo de aterosclerose, quando comparado ao consumo de proteína do leite de vaca. A dieta também proporciona diminuição na formação de placas de gorduras nas artérias (teste oxidativo) desses indivíduos.

Estudo sugere propriedade terapêutica do cipó-cravo

Tynnanthus fasciculatus Miers, conhecido popularmente como cipó-cravo, demonstrou efeito analgésico em animais

ANA CRISTINA COCOLO

Na Mata Atlântica, ele é mais conhecido como cipó-cravo ou cipó-trindade. Usado há séculos como remédio caseiro para combater a má digestão e as dores de estômago, o *Tynnanthus fasciculatus* Miers começa agora a ter suas propriedades estudadas cientificamente.

Um trabalho do Departamento de Psicobiologia da Unifesp indica que o extrato da planta tem efeito analgésico e não apresenta toxicidade quando administrado em camundongos. A pesquisa pode ser o primeiro passo para que a eficácia medicinal da substância seja comprovada também em seres humanos.

"Não havia estudos farmacológicos sobre esta espécie, apenas avaliações sobre seus componentes químicos", afirma Rita Mattei, pesquisadora da Unifesp e orientadora do trabalho, que foi apresentado no 11º Congresso de Ini-

ciação Científica da universidade. Ela frisa, entretanto, que há necessidade de novos estudos até que a substância se torne reconhecida e seja liberada comercialmente como um produto fitoterápico. "Além da pesquisa básica em animais é preciso realizar avaliações clínicas em seres humanos", diz.

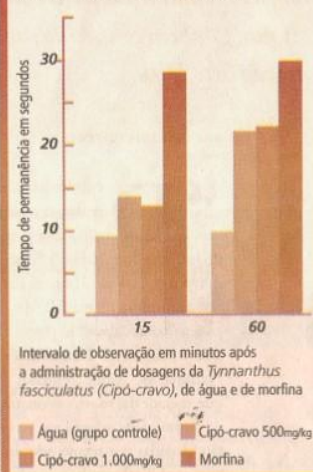
A orientadora afirma que as avaliações comportamentais sobre a ação farmacológica da planta apresentaram resultados animadores. "Testes *in vitro* mostram que a *Tynnanthus fasciculatus* tem efeito antioxidante. Isso sugere que a planta pode ter componentes que inibem a ação dos radicais livres no cérebro e no restante do organismo."

A toxicidade da planta foi medida por meio da administração oral de diferentes doses do extrato. Os camundongos usados na pesquisa foram observados por 14 dias e não houve mortes nem perda de peso. "Esse resultado é extremamente importante para que o estudo seja aprofundado", avalia o estudante de Biologia do Mackenzie Daniel de Santi, autor da pesquisa.

Mesmo considerando positivos os resultados do trabalho, Elisaldo Carlini, diretor do Cebrid (Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas), da Unifesp, lembra que as pesquisas para obter fitoterápicos demoram. "Na melhor das hipóteses, com os investimentos necessários, pode levar de três a cinco anos", afirma. Nos últimos 15 anos, o Cebrid investigou quase cem plantas. Destas, duas foram patenteadas: a espinheira-dourada (*Maytenus ilicifolia*), usada contra asma, e o gua-

EFEITO ANALGÉSICO

Ratos que ingerem substância ficam mais tempo sobre chapa quente



HELENE MESCHINE

FONTE: DANIEL DE SANTI

co (*Heteropteris aphrodisiaca*), que tem propriedades revigorantes.

EFEITO ANALGÉSICO

Os efeitos analgésicos do cipó-cravo foram avaliados por dois métodos. Os camundongos que receberam doses do extrato da planta permaneceram mais tempo sobre uma chapa metálica aquecida sem ter demonstrado incômodo em relação ao estímulo do calor. Outra experiência aponta que animais que consumiram o cipó-cravo tiveram reação à dor abdominal (contorções) inferior em relação aos que não ingeriram o extrato. "Com uma dose de 500 mg/kg já foi possível reduzir o número de contorções pela metade, o que comprova a ação analgésica da planta nesses animais", explica Daniel Santi.

TESE DE DOUTORADO:

"Avaliação farmacológica do extrato de *Tynnanthus fasciculatus* em camundongos". Daniel de Santi, Rita Mattei e Elisaldo A. Carlini • Departamento de Psicobiologia



STELLA HUBGEL

Planta tradicional da Mata Atlântica é avaliada na Unifesp

ESPECIAL
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Pré-natal falha na orientação sobre trato do umbigo de bebê

Mães adolescentes desconhecem os cuidados que precisam ter com o coto umbilical para evitar tétano, também conhecido como mal de Sete Dias

ANA CRISTINA COCOLO

“**D**e todos os medos que tenho, o maior é o de não saber como tratar do umbigo do meu bebê. Só sei o que é dito por aí, que não é bom abafar o local, por exemplo”, afirma J.P., de 18 anos, poucas horas depois do parto. O receio dela é justificável. Dados da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) indicam que metade das mortes neonatais e 25% da mortalidade infantil em vários países são causadas por tétano adquirido pelo coto umbilical, também conhecido como mal de Sete Dias.

Assim como J.P., metade das adolescentes internadas na Unidade de Alojamento Conjunto do Hospital Estadual de Diadema, região metropolitana de São Paulo, considerou difícil cuidar do umbigo do bebê. A maioria delas (66%) temia machucar a criança, enquanto 17% tinham receio por saber que se trata de uma parte do corpo sujeita a infecções. As 12 mães atendidas na unidade foram ouvidas numa pesquisa, apresentada no 11º Congresso de Iniciação Científica da Unifesp. O trabalho venceu uma das categorias do 17º Prêmio Pereira Barreto.

Entre as 12 garotas entrevistadas, uma delas defendeu o uso de moedas no ferimento. Na tradição popular, esse cuidado seria responsável por deixar o umbigo mais bonito. “Apesar de parecer arcaico, é comum o uso de faixas de algodão, moedas, teia de aranha, pó de café, fumo ou estercó”, diz Masuco Naganuma, professora de Enfermagem Pediátrica e Neonatológica da Unifesp

e orientadora da pesquisa.

O uso de métodos indevidos é prejudicial ao bebê. “As receitas caseiras não garantem que o coto caia mais depressa nem que umbigo fique bonito. No entanto, elas aumentam a umidade e tornam o ambiente favorável à proliferação de fungos e bactérias”, afirma a estudante do segundo ano de Enfermagem Silvana Soares dos Santos, uma das autoras do estudo. “O tétano decorre de cuidados inadequados e do uso de substâncias impróprias”, completa Masuco Naganuma.

Entre as mães entrevistadas, 58% indicaram corretamente o tipo de solução recomendada para limpar o umbigo (solução de álcool a 70%). O restante citou álcool comum, água boricada, soro fisiológico ou água e sabão.

Das 3,2 milhões de crianças nascidas no Brasil em 1999, 23% foram geradas por adolescentes, segundo dados do Ministério da Saúde. No Estado de São Paulo, o percentual foi de 19,8%, índice que se mantém desde 1994.

O QUE PENSAM AS MÃES ADOLESCENTES

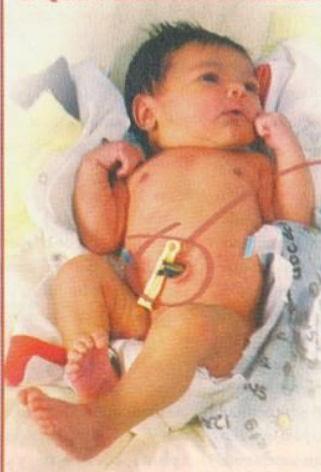


FOTO: STELLA MURIELARTE/HELMON/VEZICHINE

FONTE: SILVANA S. DOS SANTOS E CATHERINE ESPINOZA

50% acham difícil cuidar do umbigo do bebê

66,4% têm medo de machucar a criança

66,7% dizem que é preciso limpar o curativo a cada troca de fralda

66,7% acreditam que é obrigatório usar de faixa de algodão após a higiene

33,3% mencionam a necessidade de colocar moedas no umbigo

58,4% não sabem em quanto tempo o coto umbilical cai

TRABALHOS VENCEDORES

PÔSTER

ENFERMAGEM E SAÚDE COLETIVA

Silvana Soares dos Santos
2º ANO DE ENFERMAGEM
Catherine Russo Muniz Espinoza, Masuco Naganuma

“Estudo sobre o cuidado do coto umbilical de mães adolescentes presentes na unidade de alojamento conjunto da maternidade de um hospital público situado no município de São Paulo”
Constata a carência de informações sobre como cuidar do coto umbilical do recém-nascido e também a respeito de aleitamento materno entre mães adolescentes

MEDICINA APLICADA E EXPERIMENTAL

Paula Freitas Ramalho da Silva
5º ANO DE MEDICINA
Edmund Chada Baracat, Manuel de Jesus Simões e José Maria Soares Jr.

“Ação do estrogênio no epitélio do ovário de ratas senis. Estudo histomológico”
Avalia os efeitos do estrogênio no tecido superficial do ovário de ratas senis. Conclui que o hormônio, em doses elevadas, favorece o desenvolvimento de cistos ovarianos.

CIÊNCIAS BÁSICAS E MOLECULARES

Luciana Wang Gusukuma
4º ANO DE MEDICINA
José Carlos Prates e Ricardo Luiz Smith

“Arquitetura do miocárdio ventricular”
Analisar a maneira como as fibras musculares se dispõem em ovinos e a comparar com a arquitetura do coração humano. O estudo mostra que as duas estruturas são semelhantes.

DEBILIDADES DA COMUNICAÇÃO E AUDIÇÃO

Sarah Nayumi Nishihira
3º ANO DE FONOAUDILOGIA
Ellen Osborn, Ana Maria Schiefer, Marcela Vasconcellos Santos Andrade e Miriam Carvalho de Moraes

“Análise acústica da fala disfluente”
Por meio de uma técnica que analisa as medidas acústicas de duração do fonema /s/, a fala disfluente (gagueira) de uma mulher de 19 anos é comparada a de um homem fluente de 21 anos. Eles executaram duas tarefas: repetir uma série de frases e recontar uma história. Houve diferença estatisticamente significativa na segunda análise, relativa à fala espontânea

ENTREVISTA

Brasil se destaca em órgão de combate às doenças que afligem países pobres

ALESSANDRA PEREIRA

Apenas 10% dos gastos com pesquisa em saúde são destinados a 90% das doenças existentes no mundo. Enfermidades como a tripanossomíase (doença do sono), mal de Chagas, leishmaniose e malária não têm tratamentos ou as terapias são inadequadas, por não receberem investimentos do setor privado nem do poder público. Esse cenário, porém, começou a mudar em julho passado, com a criação da Iniciativa de Drogas para Doenças Negligenciadas (DNDi), organização sem fins lucrativos que visa incentivar o desenvolvimento de medicamentos para as moléstias de países pobres. A entidade reúne seis instituições de pesquisa renomadas do Brasil, Quênia, Malásia, Índia e França. A Fundação Oswaldo Cruz é a única representante brasileira. O médico José Roberto Ferreira, coordenador de cooperação internacional da Fiocruz e secretário do Conselho Diretor da DNDi, fala ao **Jornal da Paulista** sobre a iniciativa, o papel do Brasil no novo órgão e a situação no mundo.

★ ★ ★

Quais são os desafios no combate às doenças negligenciadas, como doença do sono, de Chagas e leishmaniose visceral?

Encontrar formas de prevenção e de tratamento, visando o controle ou a erradicação. Isso levando em conta que, devido ao fato de essas enfermidades incidirem predominantemente em países de Terceiro Mundo e em populações carentes, despertam pouca preocupação ou interesse financeiro das indústrias farmacêuticas.

A DNDi se propõe a desenvolver e oferecer novos remédios a pessoas que sofrem das doenças negligenciadas. Como isso está funcionando?

Nossa prioridade é estimular a pesqui-

sa e desenvolvimento de novos instrumentos para o controle das doenças negligenciadas, que podem ser vacinas, novas drogas ou a recomposição de fórmulas já existentes. Na primeira fase, a DNDi concentrará suas atividades na criação de drogas, já que o processo para as vacinas é mais demorado. Vamos facilitar o intercâmbio entre instituições para a transferência de tecnologia: investir no treinamento, nos laboratórios em países subdesenvolvidos e promover esse tema junto ao poder público, médicos e indústrias.

Como colocar essas ações em prática?

Captando recursos para o financiamento das ações. A verba inicial para estruturar o órgão e desenvolver pesquisas para as doenças do sono, de Chagas e leishmaniose – US\$ 3 milhões – foi doada pela organização Médicos Sem Fronteiras. Algumas pesquisas estão sendo financiadas pela Comunidade Européia, como o projeto Fact – análise de uma combinação de produtos para melhorar o tratamento da malária, do qual a Fiocruz participa e cujo investimento é de 1,6 milhão de euros. Queremos captar até US\$ 25 milhões nos próximos 12 anos e desenvolver entre seis e sete novos remédios. Também já estão em andamento projetos financiados pela Fundação Bill e Melinda Gates e pelos laboratórios Bayer e Novartis. Fizemos em novembro a revisão dos primeiros projetos, que foram aprovados em setembro. Três deles respondem a uma chamada pública para apresentar propostas de pesquisa; outros cinco são trabalhos pró-ativos, organizados diretamente pelo secretariado da DNDi. Serão investidos US\$ 5 milhões nos próximos dois anos. A retirada [da verba] é gradativa de acordo com a evolução do projeto.



PETER BLUCKEY / FOCUS

“Vamos estimular a pesquisa e desenvolvimento de novos instrumentos para o controle das doenças negligenciadas, que podem ser vacinas, novas drogas ou a recomposição de fórmulas já existentes.”

JOSÉ ROBERTO FERREIRA,

coordenador de cooperação internacional da Fundação Oswaldo Cruz e secretário do Conselho Diretor da DNDi

A Fiocruz é uma das seis instituições no mundo a integrar a DNDi e a única representante brasileira. A que se deve essa escolha? Qual é o papel do Brasil, e em especial o da fundação, no órgão?

A fundação é uma das mais conceituadas instituições de pesquisa da América Latina. Conta com 16 institutos especializados em várias partes do Brasil. Desde a sua criação, a DNDi procurou ter pelo menos um representante em cada uma das regiões do mundo onde predominam as doenças negligenciadas: na África, quem participa é o Quênia; na Ásia, a Índia e a Malásia; e na América Latina, o Brasil.

A Fiocruz vêm trabalhando para desenvolver vacinas contra malária, dengue e leishmaniose. Que outros centros de pesquisa se destacam no Brasil e quais os avanços já conquistados no combate às doenças negligenciadas no país?

Merecem destaque o Instituto Butantã e o Adolfo Lutz, em São Paulo, entre outros. Organizamos, há cerca de um mês, um consórcio que reúne 12 centros de pesquisa da Amazônia que trabalham com doenças transmissíveis. O Brasil já avançou bastante. No caso da doença de Chagas praticamente não existe mais a transmissão domiciliar, exceto em áreas

do Nordeste. A malária está sob controle, com exceção da Amazônia, onde há mais de 600 casos novos por ano. A leishmaniose visceral, prioridade da DNDi, limita-se a 8 mil casos. A solução para essas doenças também depende da prevenção e promoção de melhores condições de vida.

O relatório Desequilíbrio Fatal, divulgado em 2002, propõe que os governos abrirem as empresas farmacêuticas a investir em pesquisas sobre as doenças negligenciadas. É uma alternativa viável?

Eu acho difícil chegar a um tratado global que determine isso. Mas estimular o envolvimento maior dos laboratórios nesse processo certamente é possível e necessário.

Qual será o papel dos governos para o sucesso da DNDi?

Uma importante atuação é participar na orientação de tratados internacionais como o de Doha. Com a Alca, mais uma vez os Estados Unidos falam em propriedade intelectual de medicamentos. A DNDi e os Médicos Sem Fronteiras estão fazendo uma campanha em vários países para retirar do acordo cláusulas de propriedade que afetam o acesso aos genéricos. Outro papel dos governos é apoiar o desenvolvimento de pesquisa básica nos países.

PANORAMA

População do Xingu duplica em três décadas

O PERFIL demográfico e epidemiológico do índio brasileiro mudou. Ele ainda padece de males como diarreia, tuberculose e desnutrição. Porém, as mortes por doenças crônicas, como hipertensão, diabetes e câncer, vêm crescendo nas aldeias do Xingu nas últimas décadas. Esses dados, coletados pela Unifesp desde 1965 – quando a universidade iniciou o atendimento no local – serviram de base para o Seminário de Demografia dos Povos Indígenas, realizado em novembro. O evento, organizado pela professora Heloísa Pagliari, do Departamento de Medicina Preventiva, demonstrou que a taxa de crescimento da população do parque indígena foi de 4,36% em 2002, quase três vezes superior à média nacional de 1,4%, registrada em 1997. “A população local duplicou desde 1970”, afirma o médico Douglas Rodrigues, coordenador do Projeto Xingu, referindo-se aos 4.175 habitantes contabilizados em dezembro de 2002. Explicações para o fenômeno: a crescente sedentariedade do índio e o acesso aos serviços médicos contribuem para a redução da mortalidade. Por outro lado, mudanças no estilo de vida predisõem às chamadas “doenças da civilização”, como obesidade e alcoolismo. “O Xingu sofre hoje a mesma mudança demográfica pela qual a Europa passou no século XIX e o Brasil na década de 1950”, avalia Rodrigues.



Taxa de natalidade registrada nos últimos anos pelas 14 etnias que vivem no parque indígena é quase três vezes superior à média brasileira

Núcleo comemora taxa zero na transmissão do HIV para filhos de gestantes soropositivas

O NÚCLEO Multidisciplinar de Patologias Infecciosas na Gestação (Nupaig), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), promove, no dia 9 de dezembro, festa de Natal para as mães que já passaram pelo serviço. A comemoração tem um gosto especial neste ano: a transmissão do HIV de mãe para filho chegou a praticamente zero. Desde 1998, o Nupaig atendeu 496 portadoras do vírus. Até hoje, foram registrados dois casos de transmissão para os bebês. “A taxa no Brasil varia de 3% a 4%. Nosso sucesso é resultado da agilidade em incorporar avanços da medicina e de manter profissionais atualizados”, diz o infectologista Adauto Castelo Filho, coordenador do núcleo. “Aqui as mulheres são atendidas mensalmente e passam por consultas semanais no último mês da gravidez. Nesses atendimentos, elas fazem exames, ultra-som e recebem anti-retrovirais”, completa. O Nupaig recebe em média dez novas gestantes por mês, mas tem capacidade ociosa. O tratamento é gratuito. **INFORMAÇÕES: (11) 5571-5971.**

Compra eletrônica de remédios reduz custo do complexo SPMD

PELA PRIMEIRA VEZ no país, hospitais públicos se unem para fazer compras de medicamentos pela Internet. A iniciativa reduziu de 12% a 20% os custos de 36 remédios usados nas seis unidades administradas pela Unifesp por meio da Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM). Esse índice representa economia de R\$ 188 mil para os hospitais de Diadema, Pirajussara, Cotia, Salto, Vila Maria e Hospital São Paulo. A operação, realizada pela empresa Bionexo, deve agilizar os negócios. “Com esse sistema, realizamos os processos com mais transparência, ampliamos o leque de fornecedores e aumentamos o prazo de pagamento para 60 dias”, explica Nacime Salomão Mansur, diretor-superintendente do Hospital Pirajussara e coordenador dos hospitais administrados pela SPDM. “Estudamos a possibilidade de estender a negociação para mais medicamentos e para a compra de material médico hospitalar”, diz.

HOLOFOTE

A TV UNIFESP VENCEU o I Prêmio Alexandre Adler de Jornalismo em Saúde, realizado no Rio de Janeiro, em outubro, com a reportagem “Vida após a Morte”, de Franz Vacek; “Diabetes”, de Maria Cláudia Souza, recebeu menção honrosa.

A ASSOCIAÇÃO MÉDICA de Israel premiou o cardiologista Enio Buffolo, chefe do Departamento de Cirurgia da universidade, com a homenagem “Médico do Ano”, em outubro passado, pela obra “Safena com o Coração Batendo”.

O CONGRESSO Internacional de Epilepsia, realizado em outubro, em Portugal, escolheu o doutorando da Unifesp Leonardo Coutinho para receber o prêmio “Young Investigator Award”.

O PROGRAMA Jovem Cidadão Unifesp/SPDM venceu o Prêmio Destaque da Associação dos Administradores de Pessoal (AAPSA), realizada em novembro, na categoria Responsabilidade Social. O programa proporciona oportunidade de estágio da setores da universidade a estudantes de 16 a 21 anos.

A MENTOR FOUNDATION escolheu, em outubro, o programa Independência de Prevenção ao Uso de Alcool e Drogas em Escolas como um dos três finalistas entre 146 projetos sociais de 40 países. O programa tem o apoio da Unidade de Pesquisa em Alcool e Drogas (Uniad) da Unifesp.

O MÉDICO Marcos Bosi Ferraz, professor de Reumatologia da Unifesp, foi contemplado com o prêmio Panlar/Merck, concedido em outubro pela Liga Panamericana de Reumatologia.

O FUNDO BUNKA de Pesquisa – Banco Sumitomo Mitsui escolheu o bioquímico Clovis Nakaie, professor de Físico-química da universidade, para receber o prêmio “Homenagem ao Pesquisador do Ano”, concedido em setembro.

NO ANO EM QUE COMEMORA os 70 anos de existência, a Unifesp decidiu ir além dos eventos culturais e esportivos. Desde novembro, a universidade está recolhendo alimentos não-perecíveis, que serão doados ao Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo. A campanha “Unifesp por um Natal mais feliz” conta com cinco postos de arrecadação distribuídos no complexo, que podem ser identificados pelo site <http://www.unifesp.com.br/reitoria/70/social.htm>

IDENTIFICAR NECESSIDADES da educação permanente e focos que devem ser privilegiados na integração entre a universidade e os serviços de saúde. Esse foi um dos temas discutidos, em outubro, na I Oficina de Trabalho do Núcleo de Pesquisa e Educação Permanente em Saúde da Unifesp. O encontro elaborou as diretrizes do plano de trabalho que será implantado a partir de 2004. O núcleo compõe o Programa de Incentivo a Mudanças Curriculares nos Cursos de Medicina (Promed) da universidade.

VOLUNTÁRIOS COM 100 ANOS

OU MAIS são o público que o Instituto da Visão, do Departamento de Oftalmologia, está procurando para iniciar um estudo oftalmológico sobre doenças oculares que podem estar associadas à idade. Os participantes responderão a questionário e farão uma bateria de exames para avaliar córnea, retina, pressão ocular e presença de glaucoma. De acordo com o coordenador da pesquisa, Rubens Belfort, o trabalho pretende fazer um comparativo com países como Estados Unidos, Espanha, Portugal e Japão. Segundo ele, até os 40 anos, a visão tem boas condições; aos 60 anos, podem surgir problemas de catarata (opacificação do cristalino do olho) e, entre 70 e 80 anos, os riscos são de ocorrer a degeneração da retina, do nervo óptico e cegueira. Voluntários que necessitarem de tratamento serão acompanhados por especialistas do próprio Instituto. **INFORMAÇÕES: (11) 5085-2010**

Apêndice 4.10 : JP, n.185, novembro/dezembro de 2003, p. 11

OFICIAL

ATOS DO SR. REITOR DA UNIFESP
DIÁRIAS

N. PROCESSO	NOME	LOCAL	PERÍODO	DIÁRIAS	VALOR (R\$)
00011/2003	Lucila Amaral C Vianna	Brasília - DF	23 a 24/09/2003	1 e -	281,73
00011/2003	Lucia Christina Iachida	São José do Rio Preto - SP	26 a 27/09/2003	1 e -	201,31
00011/2003	Luiz Antonio N. Ogueira Martins	São José do Rio Preto - SP	26 a 27/09/2003	1 e -	201,31
00011/2003	Patrícia Ruy Vieira	Brasília - DF	30/09/2003	1 e -	116,12
00011/2003	Jose Roberto Ferraro	Brasília - DF	30/09 a 01/10/2003	1 e -	281,73
00011/2003	Jose Cunha de Faria	Barra Bonita - SP	03/10/2003	1/2	18,21
00011/2003	Wanderlei Fernandes	Santos - SP	06/10/2003	1/2	30,51
00011/2003	José Roberto Ferraro	Brasília - DF	07/10/2003	1/2	129,18
00011/2003	José Moraes Neto	Santos - SP	07/10/2003	1/2	33,48
00011/2003	Brasilino Lopes	Santos - SP	09/10/2003	1/2	33,73
00011/2003	Marta Cybele Carneiro	Porto Alegre - RS	08 a 10/10/2003	2 e -	300,30
00011/2003	José Roberto Ferraro	Brasília - DF	14/10/2003	1/2	129,18
00011/2003	Rebeca de Souza E Silva	Ribeirão Preto - SP	17 a 22/10/2003	5 e -	597,07
00011/2003	Nestor Schor	Rio de Janeiro - RJ	21 a 23/10/2003	2 e 1/2	413,67
00011/2003	Edmund Chada Baracat	Brasília - DF	23/10/2003	1/2	127,80
00011/2003	Enio Santos	Brasília - DF	22 a 23/10/2003	1 e 1/2	239,79
00011/2003	Reinaldo Salomão	Goiania - GO	22 a 23/10/2003	2 e 1/2	221,92
00011/2003	Linda Omar Alves Bernardes	Brasília - DF	28 a 31/10/2003	3 e 1/2	413,80
00011/2003	Emanuel Oliveira Conceição	Juiz de Fora - MG	26 a 31/10/2003	5 e 1/2	696,06
00011/2003	Celia Nunes Rezende	Juiz de Fora - MG	26 a 31/10/2003	5 e 1/2	707,26
00011/2003	Nestor Schor	Rio de Janeiro - RJ	05 a 07/11/2003	2 e 1/2	409,53
00011/2003	Mirto Nelson Prandini	Recife - PE	01 a 09/11/2003	8 e 1/2	1.085,72
00011/2003	Brasilina Maria Chiori	Campinas - SP	12 a 14/11/2003	2 e 1/2	296,11
00011/2003	Maria Cecilia M. Iorio	Campinas - SP	12 a 14/11/2003	2 e 1/2	296,11
00011/2003	Sylvia Luisa P. Cardoso Leão	Florianopolis - SC	13 a 21/11/2003	8 e 1/2	1.018,96
00011/2003	Brasilino Lopes	Santos - SP	12/09/2003	1/2	33,73

RELATÓRIOS DE PROGRESSÕES - SETEMBRO

NÚMERO	NOME	CLASSE/ PADRÃO ATUAL	REF.	CLASSE/ PADRÃO POSTERIOR	NÚMERO	NOME	CLASSE/ PADRÃO ATUAL	REF.	CLASSE/ PADRÃO POSTERIOR
0108267	Aparecido Mendes de Oliveira	SII	01	SIII	0108173	Oswaldo Giulatto Monteiro	CV	01	CVI
0108250	Carlos Vinicius Chalabi de Freitas	SII	01	SIII	0112516	Paulo Fernando Moreira Palazzo	BII	01	BIII
0112047	Elena Nagaco Nishimoto Washio	AV	02	BII	0110642	Ricardo Fernandes de Oliveira	BV	01	BVI
0112045	Fernando Luiz Batista	AV	02	BII	0108200	Rogério Correa de Almeida	GI	01	SI
	Geraldo Bosco da Silva					Rosilda Carvalho da Rocha			

ATOS DO SR. PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

PORTARIAS

NÚMERO	DATA	NOME	ASSUNTO	EMB.LEGAL
514	28/07/2003	Eliana Campos L. Saporali	Prog. Vertical	Decr. 94.664/87
515	28/07/2003	Marisa Giovanoni	Prog. Horizontal	Decr. 94.664/87
533	04/08/2003	Francisco Roberto G. Santos	Prog. Horizontal	Decr. 94.664/87
552	11/08/2003	Odete de Oliveira	Prog. Horizontal	Decr. 94.664/87
559	12/08/2003	Maria Angelica S. Peterlini	Prog. Vertical	Decr. 94.664/87
575	19/08/2003	Ysao Yamamura	Prog. Horizontal	Decr. 94.664/87
		Anita Sachs	Prog. Horizontal	Decr. 94.664/87
576	19/08/2003	Durval Rosa Borges	Alter. Carga Horária	Decr. 94.664/87
577	19/08/2003	Eduardo Colombari	Alter. Carga Horária	Decr. 94.664/87
632	08/09/2003	Eliana Moreira Pinheiro	Prog. Vertical	Decr. 94.664/87
676	22/09/2003	Jane Zveiter de Moraes	Prog. Horizontal	Decr. 94.664/87
698	08/10/2003	Demetrius Tierno Martins	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
699	08/10/2003	Walter Pinto Neto	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
717	09/10/2003	Tarcisio Trivino	Exoneração FG	Lei N.º 8.112/90
718	09/10/2003	Edson José Lobo	Designação FG	Lei N.º 8.112/90
719	09/10/2003	Magda Theodoro de Souza	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
720	09/10/2003	Luciene Custódio Aredes da Silva	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
721	09/10/2003	Meire Aparecida Tostes	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
730	14/10/2003	Alessandro da Conceição	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
731	14/10/2003	Cesar Eduardo Zacchim Aguirre	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
732	14/10/2003	Hugo Valter Lisboa Ramos	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
733	14/10/2003	Isabel Paes	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
734	14/10/2003	Liang Shih Jung	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
735	14/10/2003	Maacyr Silva Junior	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
736	14/10/2003	Patricia Pincela Vasconcelos	Prog. Titulação	Decr. 94.664/87
739	15/10/2003	Ivarne Luis dos S. Tersarial	Prog. Horizontal	Decr. 94.664/87
765	29/10/2003	Roberto Frussa Filho	Exoneração FG	Lei N.º 8.112/90
766	29/10/2003	Jacqueline Luz	Exoneração FG	Lei N.º 8.112/90
864	30/10/2003	Tania Fatima Vieira	Exoneração FG	Lei N.º 8.112/90
865	30/10/2003	Juliana Teixeira Araujo	Exoneração FG	Lei N.º 8.112/90

OFICIAL

TESES APROVADAS MESTRADO - (CPG DE 29/10/2003)

PROGRAMA	CANDIDATO	ORIENTADOR(A)	BANCA EXAMINADORA	TÍTULO DA TESE
CIRURGIA CARDIO VASCULAR	Ayrtton Bertini Junior	Jose Honorio de Almeida Palma da Fonseca	Prof. Dr. Walter Jose Gomes Prof. Dr. Tarcisio Trivino Prof. Dr. Paulo Slud Braffman	Uso de componentes sanguíneos na revascularização do miocárdio com e sem circulação extracorpórea
CIRURGIA PLÁSTICA REPARADORA	Luciano José Biasi	Ivan Dunshee de Abranches Oliveira Santos	Prof. Dr. Miguel Sabino Neto Prof. Dr. Francisco Aparecido Belfort Prof. Dr. Mauro Kasuo Ikeda	Avaliação da Ioimpedanciometria segmentar como método diagnóstico no comprometimento metastático linfonodal no melanoma cutâneo
EPIDEMIOLOGIA	Ariane Maria G. Durante	Luiz Roberto Ramos	Prof. Dr. Sami Liberman Prof. Dr. Sergio Luis Blay Prof. Dr. Milton Luiz Gorzoni	Prevalência de déficit cognitivo em idosos residentes no domicílio em área urbana de Montes Claros – MG
EPIDEMIOLOGIA	Luciana Colares Maia	Luiz Roberto Ramos	Prof. Dr. Milton Luiz Gorzoni Prof. Dr. Sergio Luis Blay Prof. Dr. Sami Liberman	Prevalência de transtornos mentais entre idosos no domicílio da cidade de Montes Claros/MG
MORFOLOGIA	Helaine de Brito Pereira	Charles Julian Lindsey	Prof. Dr. Pedro D'Orleans Juste Prof. Dr. Cassia Regina da Silva Neves Prof. Dr. Rodrigo Cecanho	As alterações cardiovasculares em ratos produzidas pelas taquicinas e cininas no núcleo paratrigeminal
NEUROCIRURGIA	Maria Laura Bezerra de Menezes	Sergio Cavalheiro	Prof. Dr. Joao Norberto Stavale Prof. Dr. Paulo Henrique Peres de Aguiar Prof. Dr. Pindaro Pereira Pless	Tumores cerebrais no primeiro ano de vida – variações do KI-67 e P53
NUTRIÇÃO	Ana Flavia de Oliveira	Fabio Ancona Lopez	Prof. Dr. Roseli Saccardo Sarni Prof. Dr. Luis Anderson Lopes Prof. Dr. Rose Veja Patin	Evolução da condição nutricional de crianças de 6 a 36 meses internadas em enfermaria de infectologia pediátrica
OBSTETRÍCIA	Tarcisio Mata Coelho	Luiz Camano	Prof. Dr. Nelson Lourenço Maia Filho Prof. Dr. Marília da Glória Martins Prof. Dr. Abes Mahmed Amed	Proteinúria nas síndromes hipertensivas da gestação: valor prognóstico materno-fetal
PSICOBIOLOGIA	Mara Luiza Vieira Ceroni	Orlando Francisco Amodeo Bueno	Prof. Dr. Sergio Nicastri Prof. Dr. Roseli Boengen de Lacerda Prof. Dr. Maria Lucia Oliveira de Souza Formigoni	Poliusuários de drogas com conduta social desviante: provável disfunção frontal avaliada através de instrumentos neuropsicológicos
REABILITAÇÃO	Clelia Regina Cafer	Alba Lucia Botura Leite de Barros	Prof. Dr. Ana Cristina Mancusi E. Faro Prof. Dr. Jeanne Liliane Marlene Michel Prof. Dr. Eugenia Velludo Veiga	Diagnósticos de enfermagem e proposta de intervenções em pacientes com lesão medular
REABILITAÇÃO	Luciano Capelli	Turibio Leite de Barros Neto	Prof. Dr. Ivan da Cruz Picarro Prof. Dr. Luiz Paulo Sergio Zogaib Prof. Dr. Sandra Maria Lima Ribeiro	Efeitos da reposição imediata de carboidratos sobre o desempenho aeróbio 16 horas após uma partida de futebol
CÊNCIAS APLICADAS À PEDIATRIA	Dalva Alves Silva	Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras	Prof. Dr. Eliane Mary de Oliveira Falcone Prof. Dr. Isa de Padua Cintra Sampaio Prof. Dr. Mariângela Gentil Sovaio	Treinamento de professores para o desenvolvimento da educação social e afetiva: análise comparativa com base nos dados do TRF e do YSN
CÊNCIAS APLICADAS À PEDIATRIA	Gabriela Halpern	Mauro Fisberg	Prof. Dr. Barbara Regina Lerner Prof. Dr. Sandra Maria Lima Ribeiro Prof. Dr. Isa de Padua Cintra Sampaio	Comerciais veiculados em programação infanto-juvenil de canais abertos de TV e sua relação com escolha de alimentos em amostra de escolares
DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	Gorki Grinberg	David Salomao Lewi	Prof. Dr. Celso Francisco Hernandes Granato Prof. Dr. Domingos Alves Meira Prof. Dr. Guido Carlos Levi	Dinâmica viral do subtipo B do HIV-1 Brasileiro
DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	Patrícia Rody	Arnaldo Lopes Colombo	Prof. Dr. Plinio Trabasso Prof. Dr. Marcia de Souza Carvalho Melhem Prof. Dr. Flavio de Queiroz Telles Filho	Estudo do fenômeno de heteroresistência ao fluconazol em amostras clínicas de candida glabrata
DOENÇAS INFECCIOSAS	Mariana Melillo Sauer Chaves	Esper Georges Kallas	Prof. Dr. Reinaldo Salomão Prof. Dr. Alice Teixeira Ferreira Prof. Dr. Gil Bernard	Estudo de ciclo celular de linfócitos CD4+ de sangue periférico em pacientes infectados pelo vírus da imunodeficiência adquirida do Tipo 1
DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	Pollyane Sousa Gomes	Celso Francisco Hernandes Granato	Prof. Dr. David Salomao Lewi Prof. Dr. Liz Milstein Kuschneroff Prof. Dr. Luiz Tadeu Moraes Figueiredo	Avaliação da soroprevalência de herpesvirus humano 8 (H-HV8, vírus associado ao Sarcoma de Kaposi) em doadores e receptores de transplante renal
CÊNCIAS BÁSICAS EM DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	Maria Teresa Maidana Girel	Celso Francisco Hernandes Granato	Prof. Dr. Carlos Alberto Pires Pereira Prof. Dr. Mario Lucia Cardoso Gomes Ferraz Prof. Dr. Regina Celia Moreira	Descrição dos genótipos do vírus da Hepatite B em grupos selecionados de indivíduos de Assunção – Paraguai e São Paulo – Brasil
NEUROLOGIA/ NEUROCIÊNCIAS	Maria Fernanda da Silveira Pereira	Maria José da Silva Fernandes	Prof. Dr. João Pereira Leite Prof. Dr. Roberto Frussa Filho Prof. Dr. Luiz Roberto Georgetti de Brito	Avaliação da potenciação a longo prazo e do ácido nítrico na plasticidade sináptica hipocampal em ratos adultos tratados com glutamato monossódico durante o período neonatal
CÊNCIAS HEMATOLOGICAS	Marily Maria de Azevedo	Maria Stella Figueiredo	Prof. Dr. Marco Antônio Zago Prof. Dr. Sandra de Fátima Menosi Gallandira Prof. Dr. Marilda de Souza Goncalves	Estudo da hemoglobina fetal em pacientes com anemia aplásica e hemoglobinúria paroxística noturna

Apêndice 4.12 : JP, n.185, novembro/dezembro de 2003, p. 13

OFICIAL

(CPG DE 29/10/2003) - **TESES APROVADAS MESTRADO**

PROGRAMA	CANDIDATO	ORIENTADOR(A)	BANCA EXAMINADORA	TÍTULO DA TESE
CIÊNCIAS OTORRINOLARINGOLÓGICAS	Vania Teresa Troyano	Oswaldo Laercio Mendonca Cruz	Prof. Dr. Henrique Olavo de Olival Costa Prof. Dr. Cicero Matsuyama Prof. Dr. Conceicao Vieira da Silva	Contribuição da enfermagem para a prevenção de afecções otorrinolaringológicas em saúde pública
MICROBIOLOGIA E IMUNOLOGIA	Fabiane Camargo Gomes Nunes	Olga Fishman Gompertz	Prof. Dr. Benedito Correa Prof. Dr. Zailo Pires de Camargo Prof. Dr. Myrna Sabino	Avaliação microbiológica e toxigênica de chás e cápsulas usados como fitoterápicos na cidade de São Paulo
OTORRINOLARINGOLOGIA	Gilberto Ulson Pizarro	Luc Louis Maurice Weckx	Prof. Dr. Maria Ines Rebelo Goncalves Prof. Dr. Marcia Lurdes de Cacia Pradell Hallinan Prof. Dr. Maacyr Saffer	Análise videofluoroscópica das fases oral e faríngea da deglutição em crianças respiradoras bucais com apnéia obstrutiva do sono
PEDIATRIA	Filomena Bernardes de Mello	Maria Fernanda Branco de Almeida	Prof. Dr. Lilian dos Santos Rodrigues Sadeck Prof. Dr. Francisco Eulógio Martinez Prof. Dr. Antonio Fernandes Moron	Sobrevida de recém-nascido de muito baixo peso em maternidade privada do Município de São Paulo na década de noventa
PEDIATRIA	Delma Tostes Oliveira	Antonio Sergio Petrilli	Prof. Dr. Orlando César Mantese Prof. Dr. Carlos Alberto Pires Pereira Prof. Dr. Marya Lydia Mello de Andrea	Avaliação da imunização contra varicela em pacientes oncológicos pediátricos
RADIOLOGIA CLÍNICA	Alexandre Oliveira Cecin	Jacob Szejnfeld	Prof. Dr. David Carlos Shigueoka Prof. Dr. Nestor Barros Prof. Dr. Angelo Paulo Ferrari Junior	Valor da colangiopancreatografia por ressonância magnética no diagnóstico de lesões das vias biliares em pacientes com suspeita de complicação pós-colecistectomia
REUMATOLOGIA	Alessandra Bruns	Jamil Natour	Prof. Dr. Claudio Arnaldo Len Prof. Dr. Luiz Carlos Latorre Prof. Dr. Clovis Artur Almeida da Silva	Avaliação da qualidade de vida e do impacto da doença nos cuidadores primários de pacientes com artrite reumatóide juvenil
MEDICINA INTERNA E TERAPÊUTICA	Eliane Aversa Lopes	Gilmar Fernandes do Prado	Prof. Dr. Rosana Souza Cardoso Alves Prof. Dr. Marcus Sabry Azar Batista Prof. Dr. Ademir Baptista da Silva	Distúrbios do sono na gravidez
CIÊNCIAS RADIOLÓGICAS	Silvio Ricardo Pires	Regina Bitelli Medeiros	Prof. Dr. Claudio Kemp Prof. Dr. Paulo Roberto Costa Prof. Dr. Marco Antonio Gutierrez	Software gerenciador de uma base de dados e de imagens mamográficas classificadas segundo um índice de qualidade
PSIQUIATRIA	Simone Maria Godinho	Latife Yazigi	Prof. Dr. Norma Lottenberg Semei Prof. Dr. Regina Sonia Gattaz do Nascimento Prof. Dr. Fernando Augusto de Almeida	Estudo do manejo do estresse em pacientes acometidos por alopecia areata
CIÊNCIAS NEFROLÓGICAS	Priscila Silveira Duarte	Ricardo de Castro Cintra Sessa	Prof. Dr. Angelica Goncalves Silva Belasco Prof. Dr. Hugo Abensur Prof. Dr. Maria Cristina de O. Santos Miyazaki	Tradução, adaptação cultural e validação do instrumento de avaliação de qualidade de vida para pacientes renais crônicos em programa dialítico - "Kidney Disease and Quality of Life - Short form (KDQOL-SFTM1.3)"
CIÊNCIAS NEFROLÓGICAS	Cristiane Di Giorno	Niels Olsen Saraiva Câmara	Prof. Dr. Helady Sanders Pinheiro Prof. Dr. Marcello Fabiano de Franco Prof. Dr. Oscar Fernando Pavao dos Santos	Efeitos da administração de n-acetilcisteína na lesão renal induzida pela isquemia/reperfusão
CARDIOLOGIA	Fabio Luiz Casanova Doin	Valdir Ambrosio Moises	Prof. Dr. Paulo Henrique G. Maccagnan Prof. Dr. José Lázaro de Andrade Prof. Dr. Claudio Henrique Fischer	Influência do hipotireoidismo central no índice doppler de performance miocárdico

(CPG DE 29/10/2003) - **TESES APROVADAS MESTRADO PROFISSIONALIZANTE**

PROGRAMA	CANDIDATO	ORIENTADOR(A)	BANCA EXAMINADORA	TÍTULO DA TESE
MORFOLOGIA APLICADA À ÁREA DA SAÚDE	Luis Henrique Grieco	Ricardo Luiz Smith	Prof. Dr. Antonio Sergio Guimarães Prof. Dr. Oswaldo Alves Mara Prof. Dr. Domingos Geraldo Sica	Avaliação do limiar de dor por pressão em disordem temporomandibular
ADMINISTRAÇÃO DA PRÁTICA OFTALMOLÓGICA	Gislaine Sanglard da Silva	Marcio Ribeiro Sotta Maior	Prof. Emerson Jose Sena de Oliveira Prof. Jose Maria da Silva Prof. Dr. Rene Henrique Licht	Foco no cliente e foco no mercado - uma proposta para a excelência no atendimento em uma clinica oftalmológica: avaliando e investindo nos recursos humanos
ADMINISTRAÇÃO DA PRÁTICA OFTALMOLÓGICA	Nilson Lopes da Fonseca Junior	Jose Ricardo Carvalho Lima Rehder	Prof. Dr. Hisakazu Hayashi Prof. Dr. Marco Akerman Prof. Dr. Luiz Kulay Junior	Implantação e administração do setor de órbita na disciplina de oftalmologia da faculdade de medicina da ABC
ADMINISTRAÇÃO DA PRÁTICA OFTALMOLÓGICA	Suane Castro Milhomem	Luiz Antonio Vieira	Prof. Dr. Suzana Matayoshi Prof. Dr. Jose Agenor Mei Silveira Prof. Dr. Jose Beniz Neto	Avaliação da qualidade de atendimento em setor de oftalmologia baseada em informação colhida por questionário dirigido

OFICIAL

TESES APROVADAS MESTRADO PROFISSIONALIZANTE - (CPG DE 29/10/2003)

PROGRAMA	CANDIDATO	ORIENTADOR(A)	BANCA EXAMINADORA	TÍTULO DA TESE
ADMINISTRAÇÃO DA PRÁTICA OFTALMOLÓGICA	Solino Prado Assis	Procopio Miguel dos Santos	Prof. Dr.ª Regina Candido Ribeiro dos Santos Prof. Dr.ª Marisa Toledo de Abreu Leite Prof. Dr. Alvaro Garcia Rossi	Estudo de controle administrativo em modelo ambulatorial público de oftalmologia
ADMINISTRAÇÃO DA PRÁTICA OFTALMOLÓGICA	Aurea Fudo Yonekubo	Jose Augusto Alves Ottaiano	Prof. Dr.ª Vilma Dias Bernardes Gil Prof. Dr. Ricardo Rinaldi Baumgartner Prof. Dr. Jose Claudio Ribeiro Oliveira	Análise dos honorários dos médicos oftalmologistas em uma cooperativa médica
ADMINISTRAÇÃO DA PRÁTICA OFTALMOLÓGICA	Moacyr Furlan	João Antonio Prata Junior	Prof. Dr.ª Maria Rosa Bet de Moraes Silva Prof. Dr. Paulo Augusto de Arruda Mello Prof. Dr. Vital Paulino Costa	Viabilidade econômica da criação de um centro de atendimento de glaucoma
ADMINISTRAÇÃO DA PRÁTICA OFTALMOLÓGICA	Wilson Nahmatallah Obeid	Luiz Antonio Vieira	Prof. Dr.ª Suzana Matayoshi Prof. Dr. Jose Carlos Eudes Carani Prof. Dr. Mauro Goldchmit	Segunda opinião em oftalmologia
EFETIVIDADE EM SAÚDE BASEADA EM EVIDÊNCIAS	Enio Zicardi	Alvaro Nagib Atallah	Prof. Dr. Mauro Cesar Dinato Prof. Dr. Lincoln Sakiera Miyasaka Prof. Dr.ª Virginia Fernandes Moca Trevisani	Estudo transversal da aderência ao acompanhamento sorológico dos profissionais de saúde acidentados com material biológico em hospital público da cidade de Santos
EFETIVIDADE EM SAÚDE BASEADA EM EVIDÊNCIAS	Ronaldo Perches Queiroz	Alvaro Nagib Atallah	Prof. Dr. Osvaldo Shiguesmi Beppu Prof. Dr.ª Sonia Maria Faresin Prof. Dr. Geraldo Rolim Rodrigues Junior	Influência da aplicação periódica de insuflações pulmonares mantidas associadas à pressão expiratória final positiva durante a anestesia geral sobre a função pulmonar intra e pós-operatória. Ensaio clínico randomizado
EFETIVIDADE EM SAÚDE BASEADA EM EVIDÊNCIAS	Ana Lucia Teixeira Pinto	Alvaro Nagib Atallah	Prof. Dr. Luiz Gerck de Azevedo Quadros Prof. Dr. Jose Carlos Peracoli Prof. Dr. Eurico Adonias Magosso	Acurácia da abordagem sindrômica no diagnóstico da cervicite mucopurulenta
EFETIVIDADE EM SAÚDE BASEADA EM EVIDÊNCIAS	Anna Margherita Guimarães Toldi Bork	Ricardo de Castro Cintra Sesso	Prof. Dr.ª Dulce Aparecida Barbosa Prof. Dr. Mauricio Mala de Avelar Alchorne Prof. Dr. Marco Martins AmatuZZi	Condutas preventivas para úlceras de pressão: prática clínica do enfermeiro - estudo transversal
EFETIVIDADE EM SAÚDE BASEADA EM EVIDÊNCIAS	Germano Alonso Shimizu	Alvaro Nagib Atallah	Prof. Dr.ª Isabela Judith Martins Bensenor Prof. Dr. Bráulio Luna Filho Prof. Dr.ª Edina Mariko Koga da Silva	Ensaio clínico controlado randomizado duplo - cego: bariatra carbonica comparada a placebo em crianças com síndrome de down
EFETIVIDADE EM SAÚDE BASEADA EM EVIDÊNCIAS	Fatima Capella Giannattasio	Alvaro Nagib Atallah	Prof. Dr. Fernando Antonio de Almeida Prof. Dr. Oscar Fernando Pavao dos Santos Prof. Dr. Ivan de Melo Araujo	Projeto de revisão sistemática da antibioticoterapia na bacteriúria assintomática no idoso
EFETIVIDADE EM SAÚDE BASEADA EM EVIDÊNCIAS	Eliane Regina Ferreira Sernache de Freitas	Alvaro Nagib Atallah	Prof. Dr. Jose Ernesto Succi Prof. Dr.ª Carmen Silvia Valente Barbas Prof. Dr. Paulo Eduardo de Oliveira Carvalho	Efetividade do espirômetro de incentivo direcionado a fluxo comparado ao direcionado a volume na prevenção de complicações pulmonares em indivíduos submetidos a cirurgia de revascularização da artéria coronária: ensaio clínico randomizado

TESES APROVADAS DOUTORADO - (CPG DE 29/10/2003)

PROGRAMA	CANDIDATO	ORIENTADOR(A)	BANCA EXAMINADORA	TÍTULO DA TESE	DATA	NOTA
OFTALMOLOGIA	Jorge Mitre	Michel Eid Farah	Prof. Dr. Michel Eid Farah Prof. Dr. Pedro Paulo de Oliveira Bonomo Prof. Dr. John Helal Junior Prof. Dr. Tenu Aihara Prof. Dr. Eduardo Cunha de Souza	Ação da triancinolona na fotocoagulação da retina com laser de diodo: estudo experimental	25/09/2003	10
PEDIATRIA	Maria Arlete Meil Schimith Escrivão	Fabio Ancona Lopez	Prof. Dr. Fabio Ancona Lopez Prof. Dr. Jose Augusto de Aguiar C. Taddei Prof. Dr. Fernando Jose de Nobrega Prof. Dr. Luis Anderson Lopes Prof. Dr. Pedro Dimitrov	Avaliação de fatores de risco para doença aterosclerótica em estudantes de um colégio particular de São Paulo	26/09/2003	10
CIÊNCIAS HEMATOLÓGICAS	Adriana Rodrigues dos Anjos	Jose Salvador R de Oliveira	Prof. Dr. Jose Salvador Rodrigues de Oliveira Prof. Dr.ª Maria Gerbase de Lima Prof. Dr.ª Angela Victoriano de C. Soares Prof. Dr. Frederico Luiz Dulley Prof. Dr.ª Primavera Borelli	Correlação sérica e celular (mRNA) das interleucinas TNF- α , IL-2, IFN- γ e IL-10 com os variáveis clínicas do transplante alogênico de medula óssea, HLA-identico, em leucemia mielóide crônica	26/09/2003	9,6
DISTÚRBO DA COMUNICAÇÃO HUMANA: CAMPO FONOAUDIOLÓGICO	Ana Cláudia Vieira Cardoso	Alda Christina Lopes de Carvalho Borges	Prof. Dr.ª Alda Christina Lopes de C. Borges Prof. Dr.ª Maria Cecília Martinelli Iorio Prof. Dr. Selma Anequini Costa Prof. Dr.ª Maria Lucy Froga Tedesco Prof. Dr. Luciana Tavares Sebastiao	Comportamento auditivo em escolares do Município de Marília: habilidades de localização, memória e fechamento	26/09/2003	10
MEDICINA INTERNA E TERAPÊUTICA	Roberto de Queiroz Padilha	Alvaro Nagib Atallah	Prof. Dr. Álvaro Nagib Atallah Prof. Dr. Orsine Valente Prof. Dr. Wilson Jacob Filho Prof. Dr. Ricardo Shoji Komatsu Prof. Dr. Julio Cesar Rodrigues Pereira	Avaliação da efetividade do preparado homeopático plumbum metallicum na diminuição do nível sanguíneo do chumbo de trabalhadores expostos	29/09/2003	10

Apêndice 4.14 : JP, n.185, novembro/dezembro de 2003, p. 15

OFICIAL

(CPG DE 29/10/2003) - **TESES APROVADAS DOUTORADO**

PROGRAMA	CANDIDATO	ORIENTADOR(A)	BANCA EXAMINADORA	TÍTULO DA TESE	DATA	NOTA
OTORRINOLARINGOLOGIA	Claudia Regina Figueiredo	Luc Louis Maurice Weckx	Prof. Dr. Luc Louis Maurice Weckx Prof. Dr. Richard Louis Voegels Prof. Dr. Wilma Terezinha Anselmo Lima Prof. Dr. Aldo Cassol Stamm Prof. Dr. Washington Luis de A. Cerqueira	Aplicação do Microarray de CDNA para identificação de genes inflamatórios diferencialmente expressos na polipose nasal	30/09/2003	10
CIÊNCIAS APLICADAS À PEDIATRIA	Rogério Nogueira Prioste	Olga Maria Silverio Amancio	Prof.ª Dr.ª Olga Maria Silverio Amancio Prof. Dr. Antonio Herbert Lancha Júnior Prof. Dr. Victor Matsuda Prof.ª Dr.ª Josefina Aparecida Pellegrini Braga Prof.ª Dr.ª Celia Colli	Efeitos da modalidade esportiva sobre o estado nutricional em ferro e a hemólise exercido-induzida em adolescentes atletas de elite	02/10/2003	9,7
GASTROENTEROLOGIA CLÍNICA	Walnei Fernandes Barbosa	Mario Kondo	Prof. Dr. Mario Kondo Prof. Dr. Edison Roberto Parise Prof. Dr. Henrique Sergio Moraes Coelho Prof. Dr. Orlando Campos Filho Prof. Dr. Fatima Aparecida Figueiredo	Síndrome hepatopulmonar: prevalência e papel do ecocardiograma transtorácico com contraste no seu diagnóstico	03/10/2003	10
OTORRINOLARINGOLOGIA	Marcos Luiz Antunes	Yotaka Fukuda	Prof. Dr. Yotaka Fukuda Prof. Dr. Oswaldo Laercio Mendonca Cruz Prof. Dr. Samir Cahali Prof. Dr. Ney Pentecoste de Castro Junior Prof. Dr. Priscila Bogar Rapoport	Efeitos do ácido trans-retinóico na inibição da formação de colesteatoma em cobaias	03/10/2003	10
MICROBIOLOGIA E IMUNOLOGIA	Lucimar Ferreira Kneipp	Luiz Rodolpho R. G. Travassos	Prof. Dr. Luiz Rodolpho Raja G. Travassos Prof.ª Dr.ª Rosana Puccia Prof. Dr. Igor Correia de Almeida Prof.ª Dr.ª Adriana Karaoglanovic Carmona Prof.ª Dr.ª Maria Julia Manso Alves	Caracterização bioquímica e funcional de ecto-fosfatases em <i>fungos</i> pedrosos	07/10/2003	10
MEDICINA INTERNA E TERAPÊUTICA	Jefferson Rosa Cardoso	Álvaro Nagib Atallah	Prof.ª Dr.ª Virginia Fernandes Maca Trevisani Prof.ª Dr.ª Rosângela Correa Dias Prof.ª Dr.ª Rozana Mesquita Ciconelli Prof. Dr. Fatima Aparecida Caromano Prof. Dr. Augusto Scalabrini Neto	Revisão sistemática e metanálise sobre a efetividade e segurança da fisioterapia aquática no tratamento de pacientes com artrite reumatóide	08/10/2003	10
MEDICINA INTERNA E TERAPÊUTICA	Carlos Rodrigues da Silva Filho	Álvaro Nagib Atallah	Prof. Dr. Álvaro Nagib Atallah Prof. Dr. Paulo Eduardo de Oliveira Carvalho Prof. Dr. Gilmar Fernandes de Prado Prof.ª Dr.ª Sandra Roberto G. Ferreira Vivalo Prof. Dr. Milton de Arruda Martins	Avaliação da qualidade de estudos clínicos controlados através do uso comparativo dos métodos de avaliação: de Maastricht, Jadad, Delphi e da colaboração Cochrane	13/10/2003	10
CIÊNCIAS APLICADAS À PEDIATRIA	Claudia Cilene Fernandes Correia Laurino	Luiz Eduardo Coelho Andrade	Prof. Dr. Luiz Eduardo Coelho Andrade Prof.ª Dr.ª Maria Odete Esteves Hilario Prof. Dr. Michel P. Rabinovitch Prof. Dr. Roger Abramino Levy Prof.ª Dr.ª Yolanda Midea Cuccavia	Caracterização de sistemas de auto-anticorpos - auto-antígenos associados ao padrão de imunofluorescência de pontos citoplasmáticos isolados	13/10/2003	10
OBSTETRÍCIA	Maria Rita de Souza Mesquita	Luiz Camano	Prof. Dr. Luiz Camano Prof. Dr. Jose Carlos Peracoli Prof. Dr. Jose Julio de Azevedo Tedesco Prof. Dr. Joao Alberto Vilar Mamede Prof. Dr. Eduardo de Souza	O leito placentário no descolamento prematuro da placenta	13/10/2003	10
CIÊNCIAS BÁSICAS EM DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	Wilson Pereira Silva	Ricardo Sobhie Diaz	Prof. Dr. Ricardo Sobhie Diaz Prof. Dr. Joao Renato Rebelo Pinho Prof. Dr. Luiz Mario Ramos Janini Prof. Dr. Rodrigo de Moraes Brindeiro Prof.ª Dr.ª Adriana Brunstein	Análise da diversidade genética da alça V3 do envelope do HIV-1 em pacientes submetidos à interrupção estruturada da terapia, após falha terapêutica aos anti-retrovirais	15/10/2003	8,8
CIRURGIA CARDIO VASCULAR	Sidnei José Galego	Fausto Miranda Junior	Prof. Dr. Fausto Miranda Junior Prof. Dr. Adilson Cosentino Pires Prof. Dr. Paulo de Oliveira Gomes Prof. Dr. Winston Bonetti Yoshida Prof. Dr. Newton de Barros Junior	Estudo comparativo dos fluxos de enxertos arteriovenosos com veia homóloga e veia autóloga, em vasos femorais de cães	16/10/2003	10
MORFOLOGIA	Patricia Cristina Souza Magalhães Tunes	Sima Katz	Prof.ª Dr.ª Sima G. Katz Prof. Dr. Alberto Freitas Ribeiro Prof. Dr. Sonia Maria Oliani Prof. Dr. Paulo Alexandre Abrahamsohn Prof. Dr. Sergio Ferreira de Oliveira	Análise da distribuição dos filamentos intermediários de citoqueratina e vimentina em células trofoblásticas gigantes de camundongos por imunofluorescência e imunolocalização ultraestrutural	17/10/2003	10
GINECOLOGIA	Maria Alicia de La Luz Huidobro Navarrete	Alfonso Celso Pinto Nazario	Prof. Dr. Alfonso Celso Pinto Nazario Prof. Dr. Claudio Kemp Prof. Dr. Cesar Cabello Prof. Dr. Auro Dal Giglio Prof. Dr. Jurandir Moreira de Andrade	Avaliação das atividades proliferativa, apoptótica e da taxa de renovação celular do epitélio mamário humano durante as fases folicular e lútea do ciclo menstrual	21/10/2003	10
OTORRINOLARINGOLOGIA	Jossi Ledo Kanda	Onivaldo Cervantes	Prof. Dr. Onivaldo Cervantes Prof. Dr. Abrao Rapoport Prof. Dr. Ivan Dunshie de A. Oliveira Santos Prof. Dr. Luiz Paulo Kowalski Prof. Dr. Marcio Abrao	Melanoma da mucosa de cabeça e pescoço: análise da sobrevida e fatores prognósticos clínicos e anatomopatológicos	24/10/2003	9,7

Resolução do CFM causa protestos de entidades de classe do jornalismo

Médicos e jornalistas discutem polêmica norma do Conselho Federal de Medicina que obrigaria profissionais de saúde a exigir revisão de textos jornalísticos antes da publicação

ALESSANDRA PEREIRA

Depois de 40 dias de embaite com entidades jornalísticas e juristas, o Conselho Federal de Medicina (CFM) decidiu modificar a resolução 1.701. Ela obrigava médicos de todo o país a exigir de jornalistas o acesso prévio e revisão dos textos de reportagens para as quais foram entrevistados. A norma, que suscitou discussões sobre o cerceamento da liberdade da imprensa, chegou a ser tachada de inconstitucional por vários advogados e resultou numa reunião, realizada em novembro, entre o CFM, Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).

No encontro, foi decidida uma mudança na resolução, que será vota-

da na próxima plenária do conselho, em dezembro. O conselheiro do CFM Antônio Gonçalves Pinheiro, presente na reunião, adiantou que o artigo sétimo, que obrigava a revisão prévia dos textos pelos médicos entrevistados, deverá ser suprimido. Ficará mantida, para o profissional que se sentir lesado numa reportagem, a determinação de pedir a correção ao veículo que a publicou e também notificar o conselho de medicina local. A entidade recomendará aos médicos que gravem as entrevistas concedidas nos casos de assuntos polêmicos.

ORIGEM DA POLÊMICA

O Conselho argumenta que quis impedir maus profissionais de se omitir da responsabilidade pelo que declaram em entrevistas – como a apologia de tratamentos sem eficácia comprovada. Houve consenso, porém, de que essa norma extrapola as atribuições do conselho. Em carta ao CFM, o presidente da Abraji, Marcelo Beraba, afirma que, ao submeter o texto à apreciação prévia de uma das fontes, o jornalista compromete a isenção de seu trabalho, pois abre espaço para prevalecer o ponto de vista de quem teve acesso privilegiado (veja *ofício acima*).

“O CFM poderia deliberar sobre a maneira que o médico presta informações. Mas como ele se acautela em relação ao mau uso de seu nome cabe ao próprio profissional decidir”, afirma o jurista Carlos Ari Sundfeld, da PUC-SP. Para o jornalista especializado em Ciência Maurício Tuffani, o CFM não pode tratar o médico como se, de antemão, ele fosse agir errado.

ABRAJI

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO

Excelentíssimo Senhor
Dr. EDSON DE OLIVEIRA ANDRADE
Presidente do Conselho Federal de Medicina
Brasília, DF

(...) O entrevistado, seja ele um médico, um especialista de uma outra área do conhecimento, uma autoridade pública ou quem quer que seja, é uma fonte de informação, que terá suas declarações confrontadas com as de outras fontes, exceto em reportagens exclusivamente descritivas e sobre assuntos de complexidade quase nula.

(...) se houver texto
submissão prévia às diferentes fontes de uma matéria, o resultado final será u
insípido e esvaziado de sua dimensão crítica se houver anuência de todos
entrevistados, ou a reportagem será abortada pelo impasse. (...)

Atenciosamente,
Marcelo Beraba
Presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo
Leia a íntegra da carta no site www.abraji.org.br

ANTES MELHOR MESQUITE

RESOLUÇÃO 1.701



COMO ERA*:

Artigo 7º - Nas entrevistas, o médico deverá exigir a revisão do texto antes da publicação.

Parágrafo único - Caso não lhe seja disponibilizado o texto para revisão ou a divulgação da matéria seja diversa do declarado, ferindo ditames desta resolução, o médico deverá encaminhar ofício retificador ao órgão de imprensa que a divulgou e ao Conselho Regional de Medicina de sua jurisdição, sem prejuízo de futuras apurações.



COMO DEVE FICAR:

Artigo 7º - Caso a divulgação da matéria seja diversa do declarado, o médico deverá encaminhar ofício retificador ao órgão de imprensa que a divulgou e ao Conselho Regional de Medicina de sua jurisdição, sem prejuízo de futuras apurações.

*Confira a íntegra da resolução no site www.cfm.org.br

“Quanto aos jornalistas, já existe a Lei de Imprensa (que prevê punições para condutas de má-fé).”

Já o conselheiro do CFM aponta outra causa do imbróglio. “Como médicos, não entendemos exatamente o funcionamento da imprensa”, reconhece Pinheiro. Mais uma crítica à resolução: submeter o texto ao entrevistado dificulta o cumprimento de prazos editoriais e industriais. “A classe médica não sabia que a norma inviabilizaria o trabalho do repórter por causa de tempo”, argumenta o vice-presidente da Fenaj para o Centro-Oeste, Mauro Alves Pinheiro.

Na avaliação do médico José Osmar Medina Pestana, coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da Unifesp, é preciso preparar o profissional da saúde para lidar com a imprensa. “Não é instituindo uma norma

que vamos resolver problemas de divulgação de informações sobre medicina. Acho necessário uma ação educativa para o médico”, pondera. Medina afirma que, muitas vezes, o médico se entusiasma na entrevista e promete coisas acima da expectativa. “Percebo que os jornalistas, em geral, já minimizam esses problemas quando ouvem diversos médicos”, avalia.

Pinheiro, conselheiro do CFM, acredita que o medo da mídia ainda permeia a relação entre as categorias. “Fora de centros como São Paulo e Rio, o médico não distingue a imprensa séria da sensacionalista”, diz. O conselho pretende organizar um seminário sobre o assunto com órgãos representativos da imprensa para desmistificar a relação médico-jornalista.

COLABORARAM: ALBERTO RAMOS
E MELISSA DINIZ

Apêndice 5: Quadro Artistas da Casa e Cultura

eD. JP	Servidores	Especialistas Saúde	Atividade
52	X		Exposição: telas a óleo
53	X		Exposição: quadros a óleo
54	X		Exposição: pintura em pastel
55		X	Exposição: Telas técnica textura
56	X		Exposição: Ilustrações
57	X		Logotipo 60 anos de EPM
59	X		Exposição: Ikebana
62		X	Exposição: Aquarela
64	X		Exposição indiv. Artista plástica
65	X	X	Mostra de 17 artistas
66	X	X	Ikebana Exposição: Arte e Artista nos 60 anos da EPM
83	X	X	Vocalista grupo Cultural Samba Ensaio em carvão
125		X	Mosaico Casa da Cir. Plástica
126	X	X	Coral Unifesp CD Saltimbancos

Apêndice 6: Quadro Caro Colega

QUADRO CARO COLEGA				
	JP	Pág	Nome	Atividade
1	24	4	Sidnei de Carvalho “inglês”	Vigilante HSP/Dir. Adm.
2	25	4	Ubirajara Tadeu Athayde Teixeira “Bira”	Chefe seção de pagamento DP/EPM
3	26	4	Raquel Pinheiro Pimentel Silva	Secretária diretoria HSP
4	27	4	José Luciano Medeiros Borges	Funcionário mais antigo da EPM em função (1943)
5	28	5	Maria de Lourdes Carvalho Teixeira	Diretora Adm HSP
6	29	5	José Cruz de Souza	Funcionário do Protocolo EPM
7	30	5	Andréa Reis Pereira meleti	Secretária Diretor EPM
8	31	5	Manoel Martins Fernandes	Funcionário Setor Transporte
9	32	5	Samuel Moraes da Silva	Zelador da EPM
10	34	5	Ana Lucia, Gildete, Joana D’Arc, Neci e Tânia	Moças do café EPM
11	35	5	Iraci de Sousa Estéfano	Costureira HSP
12	36	5	Ildete Teles de Souza	A moça do elevador EPM
13	41	5	Jorge Luís Borges	Paisagista EPM
14	42	5	Flaviana de Oliveira	Chefe Almoxarifado (1 das funcionárias + antigas da EPM em função)
15	43	4	Cristina Wafae de Carvalho: comemoração dia do tênis e tenista	Seção de Compras EPM
16	44	4	Carlos Alberto Moni: Músico (comemoração dia nacional do rock)	Funcionário da Contabilidade
17	51	4	José dos Reis Luiz: cantor música sertaneja	Segurança HSP
18	52	4	Marcos Souza Lima “Marquito”	Enfermeiro Transformista
19	76	7	Maria da Glória Costa	Tesoureira do HSP conta como é trabalhar 40 anos no mesmo lugar, por amor
20	85	14	Jamil Kronfly	Há 30 anos radiografando no HSP
21	86	11	Edgar Freire	Maratonista e biomédico
22	87	16	Átila Matias de Jesus	Relações Públicas

Apêndice 7: Quadro Cartas

TABELA DE CARTAS E COMUNICAÇÕES NO ESTILO DE CARTAS PUBLICADAS NO JP				
	Coluna/Seção	Edições do JP	Fase do JP	Qtde
Cartas	Cartas	1 – 39	1	37
		41 – 85	2	14
	Painel	90-107	3	16
	Espaço do Leitor	113 – 126	3	39
	Comunidade	129 – 131	3	2
		135	4	2
	Pesquisa	165	4	1
	Curtas	169	4	1
Homenagem 70 anos Unifesp	181 – 185	4	12	
Total de Cartas				124
Comunicações estilo cartas	Opinião	6 – 27	1	10
	Espaço do Leitor	42 – 47	2	46
	Painel	58 – 62	2	7
	Espaço do Leitor	63 – 65	2	5
	Painel	67 – 73	2	6
90 – 99		3	8	
Total de Comunicações/ Estilo Cartas				82
TOTAL DE CARTAS E COMUNICAÇÕES NO ESTILO DE CARTAS				206

Apêndice 8: Categorias de cartas

CATEGORIA DE CARTAS		QUANTIDADE RECEBIDA	PORCENTAGEM
1	Agradecimentos	75	36%
2	Comunicações gerais	55	27%
3	Conteúdo científico	29	14%
4	Memória/História	24	12%
5	Reclamações/Sugestões/Críticas/Respostas	15	7%
6	Parabenizações/Homenagens	5	2,5%
7	Obituário	3	1,5%
TOTAL		206	

Apêndice 9: Quadro Destaque

QUADRO DESTAQUE		
Nº	Edição JP	Descrição
1	27/90(3)Jan	Encarte Ministério da Saúde: Aids
2	28/90(3)Fev/4	I Concurso: Prosa e Verso e I Semana Literária “expressiva vinculação classe médica com a literatura + Mesa redonda: A relação do médico c/a literatura)
3	30/90(3)Abr/6	I Semana literária: Varal Literário
4	43/91(4)Mai/8	II Semana Cultural (17-21 de junho)
5	101/96(9)Nov/10	Estresse e residência médica
6	102/96(9)Dez/11	Só na Unifesp 4.206 servidores
7	109/97(10)Jul/4	Universidade pública atua na comunidade
8	111/97(10)Set/12	Preparativos p/lançamento Canal Universitário: TV Unifesp
9	116/98(11)Fev/2	Comunicado: Será realizada pesquisa de opinião sobre o JP – composição da amostra por sorteio (técnicos/docentes/alunos)
10	117/98(11)Mar/10	Envolvimento com tecnologia dificulta formação do médico generalista
11	118/98(11)Abr/2	RedMec: Reitores podem ser reeleitos
12	126/98(12)Dez/3	Cientistas mapeiam código genético: Genoma Xylella
13	127/99(12)Jan/5	Fusão ministerial: Educação/Desporte/C&T
14	128/99(12)Fev/3	Debate: Alunos de pós terão de dar aula na graduação
15	128/99(12)Fev/4	Debate: Sistema de medicina familiar
16	129/99(12)Mar/4	Debate: Hospitais-escola podem passar p/o Min. da Saúde
17	129/99(12)Mar/5	Entrevista: Divisão de poder no consultório – Educar o paciente para tomada de decisões (David Sobel pres. Kaiser Permante)
18	131/99(12)Mai/4	Congresso Internacional de Divulgação Científica – spanha Páginas 4 e 5
19	131/99(12)Mai/13	Museu reabre c/ exposição história da universidade: Dante e Márcia
20	132/99(12)Jun/6	Universidades devem retorno à sociedade: Congresso Paiub – Provão
21	133/99(12)Jul/10	Universidade cidadã: 1ª Mostra das Atividades de Extensão – 18 programas (OBS: Não inclui o JP)
22	134/99(12)Ago/8	Jornalismo com saúde: Imprensa amplia serviços; Cursos comunicação e saúde; Unifesp na mídia; Tv Unifesp; Rádio
23	135/99(12)Set/8	Infância espancada (págs 8 e 9)
24	136/99(12)Out/16	13º Prêmio Pereira Barretto
25	137/99(12)Nov/3	Moacyr Scliar: Um toque de humanismo na medicina
26	137/99(12)Nov/5	1) Curso de Saúde e Jornalismo: 50 jornalistas 2) Palestra p/ docentes: especialistas comunicação da saúde
27	139/00(13)Nov/6	Comunicação humaniza UTI
28	141/00(13)Mar/16	Unifesp promove curso de aperfeiçoamento para jornalistas: Curso de 180 horas/Credenciado: ProEx e MEC
29	143/00(13)MAI/10	6º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico Pág. 6 Brasileira é editora da revista Nature
30	147/00(13)Set/2	Workshop ensina como divulgar ciência: Nan Broadbent (dir. AAAS); Julio Abramczyk (Folha SPaulo); Abel Packer...
31	148/00(13)Out/14	Págs 14 à 16: Papel da Internet na Divulgação Científica

32	150/00(13)Dez/6	1º Prêmio JP: Falhas da mídia na comunicação de informações de saúde - Monografia 1º Curso Jornalismo em Saúde
33	157/01(14)Jul/12	Jornalismo Científico: Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC)
34	159/01(14)Set/2	Unifesp transmite boletins informativos sobre saúde nas rádios CBN e Trianom
35	165/02(15)/Mar/11	Entrevista Chris Williams: Atualização médica na sala de espera
36	167/02(15)/Mai/11	Entrevista Jacques Benveniste: Polêmica – Memória da Água – Exemplo Novo Paradigma
37	180/03(16)/Jun/2	Workshop: Ciência e Comunicação da América Latina em foco – maio de 2003 na Unifesp. Org: Scidev.net+Bireme+Fiocruz
38	185/03(17)/Nov/ Dez/16	Debate: Resolução CFM/Protestos entidades jornalismo – exigência revisão textos pelos médicos

Apêndice 10: Quadro Memória

QUADRO MEMÓRIA			
	JP	Pág	Tema
1/ 2	1	8	- Resgatando um pedaço da história da Paulista Pavilhão Maria Thereza - Bireme: 20 anos
3	2	7	- Museu Histórico - Painel Pietro Nerici
4	6	8	- Entrevista com Prof. Keneese: Resgatando a História da Escola
5	7	8	- Amador Neghme Rodrigues – médico chileno: Diretor Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) – 1969-1976
8/ 9	8	2	- Homenagem a dois mestres ilustres da Paulista: - João Moreira da Rocha: 1º prof. da Anat. Descritiva e Topográf. - Nylceo Marques da Costa: Anfiteatro
10	8	8	Alípio Correa Neto (1898-1988): um dos fundadores da EPM em 1 junho de 1933
11	9	5	Emblema da EPM idealizado em 1939 6º anista Deltino de Oliveira Viana: significado
12	9	8	A Paulista de tempos atrás. Depoimento de Ida Paulini (1ª secretária da EPM) a Julio Abramczyk
13	9	8	Homenagem 80 anos de Ribeiro do Valle: 1º professor de Farmacologia
14	13	4/5	Cinqüentenário da 1ª Turma
15	14	5	Discurso Prof. dr. Oswaldo Luiz Ramos: comemoração 1ª turma de formandos
16	15	3	Cinqüenta anos da Pauli-Poli
17	16	3	Enfermagem: faz 50 anos (criado em 1939)
18	19	8	Saudades, Irmã Richarda (Maria Elizabeth Krakovyscy – Polônia -1902 – 1989)
19	19	8	Jubileu de Ouro do Curso de Enfermagem da Paulista
20	20	4/5	Enfermagem: Um jubileu de garra e amor
21	21	3	Amparo Maternal: um breve histórico
22	21	12	Conheça o Museu da EPM
23	22	7	Intermed: uma história de tradição e garra no esporte universitário
24	25	7	- Jubileu de Prata da ADEPM (Assoc. dos docentes da EPM) - Sala de reuniões da Comissão de Residência e da Câmara Curricular homenagem ao “seu” Luciano de Medeiros Borges
25	27	8	Jubileu de Ouro do Amparo Maternal
26	38	7	Homenagem ao prof. Costabile Gallucci
27	40	Td	Retrospectiva dos quatro anos de mandato do prof. Nader Wfae na diretoria da EPM

28	41	2/8	- Capa: Novo diretor da EPM: Prof. Manuel Lopes dos Santos - Escolhida a bandeira da EPM - Biblac: Um breve histórico
29	42	2	Biblioteca da História da Medicina Prof. Bernardes de Oliveira: R. Napoleão de Barros, 809
30	44	2	O patrimônio do Museu Histórico
31	45/ 46	2	Etiologia Geral à Margem da História: excertos publicados em 7 edições do JP (até edição nº 63) + - discurso prof. Jorge Michalany: vice-diretor do Museu Histórico da EPM).
32	51	7	Medalha de grande apoio à EPM: Prof. Gladstone R. da Cunha Título de sócio honorário da Soc. Bras. p/o Desev. da Pesquisa em Cirurgia: Prof. Daher Cutati – pioneiro da colo-proctologia no Brasil
33	52	6	10 anos do curso de pós-graduação: Técnica Operatória e Cirurgia Experimental (mestrado e doutorado)
34	53	8	Homenagem ao Prof. Rubens Xavier Guimarães (70 anos) – Disc. Gastroenterologia Clínica
35	54	3	Alunos querem mudar a graduação (medicina): declínio da graduação, desinteresse professores e currículo – “Campanha de valorização da graduação”
36 a 38	55	3	- Preparativo dos 60 anos da EPM - História da EPM - O aluno nº 1: Horácio Kneese de Mello
39	55	7	Cinqüentenário de formatura da 5ª turma da EPM
40	56	2	Horário de aulas do 5º ano de medicina (há pouco mais de meio século) – José Augusto Rittes: ex-assistente do prof. Pedro Alcântara – prof. de Fundamentos Biológicos da Educação
41	56	3	Preparativos para a comemoração dos 60 anos da EPM
42	56	6	55 anos do 1º Hospital Escola: Pavilhão Maria Thereza (demolido) deu lugar ao Edifício Octávio de Carvalho
43	56	7	Recordações no Jubileu da 5ª Turma da EPM (1942-1992)
44 a 46	57	5 6	- Homenagem ao prof. Moacyr Pádua Vilela (disc. de Gastroenterol.) - Museu Histórico da EPM - Falecimento dr. Oswaldo Thomaz Whately (4ª turma da EPM)
47	57	7/ 8	- Continuam as recordações do Jubileu da 5ª turma da EPM (1942-1992) 4ª série - Comissão social: 60 anos da EPM
48 a 50	58	4 6	- Comissão cultural: 60 anos da EPM - É tempo de recordações: 5ª série - Novas instalações Centro experimental e Anfiteatro Prof. Henrique Mélega (homenagem)
51	58	7	Os Cem anos do Prof. Antonio Ferreira de Almeida Junior
52	58	8	O emblema da EPM e o seu significado
53	59	5	Centro de Higiene Social
54/ 55	59	10 11	- Finalmente a 6ª série: Jorge Michalany - A formatura da 5ª turma do Jubileu
56/ 57	60	4/ 6	- missão de finanças: 60 anos da EPM - Museu Histórico da EPM faz 10 anos
58	62	9	A excelência dos cursos da EPM, nos 60 anos
59	62	3	1993 Ano das Nações Indígenas
60	63	3	Casa da Mão é inaugurada
61	65	6 7 11	- Veja como foi o Jubileu de Ouro na EPM - História da Medicina (66/9; 67/6; 68/10; 69/9;70/10; 71/11; 72/9;74/11;75/9; 76/11; 77/15) - Entrevista com dr. Wladimir da Prússia – Dir. Museu da EPM

62	66	7 a 10	- 30 anos de atividades em áreas indígenas - Entrevista com Xavier Guimarães: 60 anos EPM (aluno 1ª turma) - Comemorações 60 anos EPM (+ Cont. História da Medicina) - Livro: EPM: 60 anos de História - Vídeo: EPM: 60 anos de História
63/ 64	67	2	- Nota de falecimento: Dr. José Bonifácio Medina (aos 93 anos) – “um dos signatários do manifesto da Fundação da EPM) - Centro Acadêmico Pereira Barreto faz 60 anos
65	68	3	Funcionários padrão fazem 25 anos de EPM: Luiz Tadeu (Dir. Depto Process. Dados); José Rubens (Chefe Serviço de Pagamento – Tesouraria) e Paulo Cezar Tavares Nassif (Chefe Importação)
66	68	5	Homenagem a ex-diretor da EPM: Dr. Magid Lunes (1983-1987)
67	70	9/ 10	- Biblac: um breve relato histórico - Nota de falecimento: O dr. Raymundo Martins de Castro e a EPM
68	71	10	Homenagem prof. Wilson Sasso - aposentadoria
69/ 70	72	9/ 10	- Homenagem póstuma: Prof. Antonio Gebara (turma de 1945) - 56ª Turma de Medicina se forma na EPM
71	73	11	Morre aos 93 anos, prof. José Ignácio Lobo (último sobrevivente dos signatários do Histórico Manifesto de Fundação da EPM) – Disc. Endocrinologia – Depto de Medicina
72	74	3 5	- 1993, ano do 60º aniversário da EPM: Diretor dr. Manuel Lopes dos Santos faz retrospectiva do ano de 1993 na EPM - Homenagem ao prof. dr. Álvaro Guimarães Filh (1901-1980)
73	75	5	Inauguração sala Prof. Paulo Pinto Pupo (fundador da Eletroencefalografia no Brasil). Inauguração do aparelho EEG computadorizado, “Brain Mapping”
74	76	6/ 10	- Sessão solene: comemoração 61 anos da EPM. Visita Deputado Cardoso Alves - Morre Octávio Della Serra (1915 – 1994)
75	76	11	Como foi o 1º trote ocorrido na EPM
76/ 77	77	9/ 10	- Homenagem ao prof. José Carlos Gouvêa Pacheco (1919-1994) (Oftalmologia) - Carta filha de aluno da 1ª turma ao dr. Manuel Lopes dos Santos
78	77	10	Maria Thereza Nogueira de Azeved: Grande benemérita da EPM/HSP
79	78	4	Luiza Ashimoto, 28 anos de EPM/HSP: técnica de assuntos educacionais
80/ 81	78	12	Falecimentos: 1.Prof. Marcello Pio da Silva (4ª turma: 1941); 2. Prof. Jayme Nasser (3ª turma: 1940); 3. dr. Pedro Guertzenstein
82	78	13	Visita histórica dos alunos da USP à EPM (1934)
83	80	3	Inauguração edifício prof. dr. Horácio Kneese de Mello (1º aluno). Salas homenagem aos profs: Octávio Ribeiro Ratto, Azarias de Andrade Carvalho, Walter Sidney Pereira Laser e José Werneck Alencar Lima
84	80	10	Clube EPM: criado em 1986
85	81	3	Solenidade de Instalação da Universidade na EPM (oficialmente em 26 de dezembro de 1994) - Prof. Dr. Manuel Lopes dos Santos reitor pró-tempore
86	82	12	A instituição em breve comemora os 30 anos de atividades no Parque Indígena do Xingu (julho de 1995: equipe médica EPM)
87	82	13	Médicos Epemistas são convidados a jogar no I Campeonato Mundial de Futebol para times de médicos – Barcelona 1995
88	83	15	Inauguração do Anexo do HSP pelo Ministro da Educação e do Desporto: Paulo Renato de Souza
89	84	2	- Busto de Pereira Barreto está no CAPB - Sugestão Jorge Michalany (vice-dir. Museu Histórico) sugestão: Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina
90	86	3 a 5	Novo Reitor toma posse na Unifesp: Reitor pró-tempore Manuel Lopes dos Santos transfere o Capelo Vermelho para o prof. dr. Hélio Egydio Nogueira

91	86	8	UTI Pediátrica: 1995 ano que antecede os 10 anos de funcionamento
92	86	10	Chamada para comemoração dos 30 anos de parceria: Xingu/Unifesp-EPM
93	87	3	30 anos de História com os índios do Xingu
94	87	9	Aposentadoria do prof. Arary da Cruz Tiriba: Disc. Moléstias Infecciosas
95/ 96	88	2/ 5	- Homenagem 80 anos prof. titular dr. Azarias de Andrade Carvalho: criador do Depto de Pediatria - Congresso: 50 anos descoberta bactéria da diarreia
97	88	14/ 15	- Vice-reitora toma posse: Regina Celes de Rosa Stella - Dr. Eduardo Katchburian despede-se da vice-diretoria da Unifesp
98	89	3	Falece o fundador da Disciplina de Reumatologia: Dr. Edgar Atra
99	89	7	Unifesp cria nova disciplina em prol da qualidade: Medicina de Urgência
100	90	6 a 11	- Centenário de Louis Pasteur - Junho de 1937: início das atividades 1ª turma de internos da Clínica Propedêutica no Pavilhão Maria Tereza do HSP
101	90	13	Homenagem ao ex-reitor dr. Manuel Lopes dos Santos
102	91	13	Troca de histórias com a turma de 70: festa comemorativa de 25 anos de formatura da Turma de 70
103	92	10	Comemoração: 50 anos de formatura da turma de 1945
104	94	12/ 13	- O HSP em 19/2/38 foto com legenda - Nota de falecimento: Prof. Dr. Manoel Martins das Neves (graduado em 1971)
105	95	4	Cigarro é proibido em todo o HSP: a partir de 31 de março de 1996
106	96	4	Nota de falecimento: ida Paulini – 1ª secretária da EPM (aos 90 anos de idade). Na EPM de 1933 a 1965
107	96	13 16	- Homenagem ao dr. José Pinus: prof. titular da Disc. de Cirurgia Pediátrica do Depto de Cirurgia – aniversário de 70 anos - Lembranças de uma equipe de futebol: foto e legendap
108	97	10	- Encontro de 20 anos de formatura turma de 1976: Enfermagem
Início da série * “Amor a EPM”: um pouco da história de professores que doaram parte de sua vida a então Escola Paulista de Medicina			
109	97	12	* Prof. dr. Samoel Atlas: livre docente do Depto de Ortopedia e Traumatologia
110	98	4	Museu recebe o nome de seu fundador: Museu Histórico Wladimir da Prússia Gomes Ferraz
111	98	5	CEDESS: Assessoria pedagógica interdisciplinar – já é uma realidade
112	99	10	* Prof. dr. Caio Nery (turma de 1974)
113	100	3	Homenagem ao fundador da Imunologia da Unifesp-EPM: Nelson Figueiredo Mendes (Anfiteatro da Disc. Imunologia)
114	100	6	Um ano de mandato da atual reitoria: outubro de 1996 – Reitor: Prof. dr. Hélio Egydio Nogueira
115	100	11	A marca da AAAPB. Nicodemus: símbolo dos alunos criado em 1933
116	100	13	- Saudade de Ida Vittoria Paulini (1906 – 1996) por prof. Heribaldo C.H. Loverso (aluno da 1ª turma) - Notas de falecimento ex-profs. Milton Alvim Soares e Feres Cecat
117	101	3 6	- Unifesp-EPM homenageia Orlando Vilas Boas - Depto de Pediatria inaugura nova sede e homenageia prof. Azarias: Anfiteatro Azarias A. Carvalho

118	103	9	Turma EPM de 71 comemora bodas de prata
119	104	10	HSP completa 10 anos de transplante cardíaco (25 de novembro de 1986: 1ª cirurgia para transplante de coração)
120	104	10	Enfermagem: Formatura da 1ª turma de residência
121	106	2	Morre o broncoscopista Argos Meirelles (turma de 1946)
122	108	8 9	- Há 60 anos surgia o primeiro hospital-escola do país - SDPM mantém HSP há 41 anos - Biomédicas completa 30 anos
123	109	12	Edgar Freire celebra 50 anos de atividades profissionais na Unifesp: prof. colaborador do Centro de Medicina da Atividade Física e do Esporte (Cemafe)
124	110	2	Nota de falecimento de Rubens Belfort Mattó (8 de julho aos 76 anos): livre-docente aposentado e prof. orientador curso de pós-grad em Oftalmologia
125	110	11	Dois anos de realizações: Ao completar metade do mandato, reitor (Hélio Egydio) destaca união alcançada entre servidores epemistas
126/ 127	111	6/ 12	- Anfiteatro homenageia professor Emil Burihan (chefe Cirurgia Vasculard): 40 anos de dedicação à Unifesp - Cebrid comemora 10 anos
128	111	16	Desde agosto de 1997, são 13 as mulheres que se tornaram professoras-titulares na universidade
129 130	112	2	Homenagens: Maurício Alchorne (chefe Depto de Dermato): pela direção do 52º Congresso Brasileiro de Dermatologia; Prof. I Saul Goldenberg (prof-titular Téc. Operatória e Cirurgia Exp): aposentad
131 132	112	2	Notas de falecimento: - Jacob Tarasantchi: prof-titular aposentado do Depto Fisiologia - Tadaoki Okatani aluno da 65ª turma de Medicina (aos 19 anos)
133 134	113	2 11	- Como surgiu o emblema da Escola Paulista de Medicina - Dia do Professor: Homenagem à Catharina M. W. Brandão: uma das professoras mais antigas da universidade (45 anos de docência)
135	113	16	Coral celebra 30 anos com "Os Saltimbancos"
136	114	2	Falecimentos: Jacob Tarasantchi (pres. Clube EPM); Carlos de Andrade Jr (Popi, Depto de Psiquiatria, CAPB, AMR);
137	114	2	- Homenagem aos pioneiros do Depto de Anatomia Patológica. Salas: Moacyr de Freitas Amorim, Mario Enzo Atilla Pasqualucci e Francisco Olympio Andrade Teixeira - "seja por lapso dos atuais dirigentes do depto, seja por falta de salas a serem inauguradas não foram homenageados": Walter Büngeler e Décio Fleury da Silveira
138	114	12	Canal Universitário entra no ar (10 de dezembro de 1997)
139	114	16	1997: Um ano de realizações – Unifesp e HSP
140	118	2	- Memória a Octavio Lemmi (falecido em 30/12/1996) "veio para a Unifesp em 1938" - Villas Boas: Parque Nacional de Xingu
141	118	8/ 9	Homenagens: Salas da Unidade de Ensino (subsolo do edifício Jairo Ramos) receberam nomes de professores que participaram da história da Unifesp
142	118	10	1998: Comemorações dos 60 anos de atividades do Departamento de Cultura Científica (DCC) do Centro Acadêmico Pereira Barreto
143	119	2	Nota de falecimento: Madre superiora Marie Domineuc (1911-1998): uma das responsáveis pela organização da Escola de Enfermeira do HSP (1939)
144	119	4	Novo logotipo curso de graduação em enfermagem: autora Solange Franca Azevedo: programadora visual do Cedess
145	119	4	Acta Paulista de Enfermagem (órgão oficial do Depto de Enfermagem): comemora dez anos
146	121	2	Nota de falecimento: Professor Wladimir da Prússia Gomes Ferraz – fundador do Departamento de Cultura Científica (DCC – Centro Acadêmico Pereira Barreto)

147	121	2	JP versão na internet
147	121	8/ 9	65 anos: Universidade comemora aniversário com lançamento de CD-Rom e traça estratégia de crescimento para as próximas décadas – Cronologia: 1939-1998
148	122	3	Pesquisadora descobre nova doença: tese relaciona distúrbios mentais com mutação de príon – publicado na Nature
150	122	5	HSP inaugura enfermagem de segurança máxima: 1ª no Brasil
151	123	2	Nota de falecimento: Carlos Stábile Neto (prof. Disc. Clínica Médica) – formado pela Escola em 1973, fundou o serviço de Diálise do Hospital Santa Rita
152	125	12	CIS agora e DIS: 10 anos após sua criação o Centro de Informática em Saúde acaba de ser transformado em Departamento Acadêmico
153	126	12	- Jubileu de Prata: Formandos de 1973 - Jubileu de Ouro: Formandos da turma de 1948
154	128	2	Nota de falecimento: Profa Áurea Maria de Medeiros: Disc. Enfermagem e Enf. Médico-Cirúrgica (Depto Enf). Mais de 20 anos Profa Assistente (prestes a se aposentar)
155/ 156	129	10/ 19	- 1ª fase para escolha de reitor acontece em março. Hélio Egydio Nogueira: único inscrito - Candidato: fala de suas metas
157	130	2	Candidato único receber 81,6% dos votos
158	130	16	O pai do Xingu. Entrevista com Orlando Villas Boas: Índios brasileiros entregues à própria sorte – xinguanos exceção: convênio com a Unifesp (assistência médica constante)
159	131	13	Comemorações 60 anos do curso de graduação em Enfermagem: Fórum Internacional
160	131	13	Museu reabre com exposição sobre história da universidade: Dante e Márcia
161	132	3	Enfermagem completa 60 anos
162	133	2	Reitor reeleito toma posse – Hélio Egydio Nogueira
163	133	4	Enfermagem 60 anos: Novas instalações
164 165 166	181	2	Unifesp 70 anos
167 168	182	2	Unifesp 70 anos
169 170	183	2	Unifesp 70 anos
171 173	184	2	Unifesp 70 anos
174 175	185	2	Unifesp 70 anos

Apêndice 11: Quadro Perfil

QUADRO PERFIL				
	JP	Pág	Nome	Atividade
1	4	4	Jandira Mansur: Disc. Psicobiologia	Melhor autora livro infantil de 18987
2	6	5	Giancarlo Zorlini: médico nefrologista	Artista Plástico Exposição: “Zorlini – 25 anos de pintura”
	13		INÍCIO COLUNA PERFIL	
3	13	4	Prof. Horácio Kneese de Mello – aluno da 1ª turma	Lançamento livro: Histórias Acontecidas e Outras Histórias
4	15	4	Eulógio Emílio Martinzes Filho Prof. Adj. Disc. Cardiologia	Pianista, prof. de piano, músico Orquestra Sinfônica Municipal
5	16	8	Patrícia Gonzaga Amorim, médica pesquisadora – GAPE – Depto Psiquiatria	Artista plástica Livro de poesia Vocalista show Tempo Certo
6	18	4	Gerson A. de Souza: residente Disc. Ortop. e Traumatol. Dept. de Cirurgia	8 vezes campeão brasileiro de atletismo Olimpíadas de 1988 (10º lugar)
7	18	5	Violonista Paulo Porto Alegre toca com 4º anista medicina Marcos Cesar Floriano	OBS: Não Perfil / Série Musical
8	19	4	Paulo Mitsuru Imamura: mestre em Oftalmol. aux. Formação de especialistas	Livro de Origami Fundador do Museu Brasileiro do Papel (2º do mundo)
8	19	5	Série Musical – Trio de flautas: Jacques Pinus: Cir. Pediátr. Nelson Carvalhaes – R1	
9	19	5	Coral Pauliphonia	
10	20	7	Cristiano Frota Souza Laurino	Aluno da Paulista é destaque no Atletismo Brasileiro
11	22	5	Mostra de Arte EPM: 5º andar prédio Octávio de Carvalho Mª C. V. Kozma (dir. administr) Sthar-Mar de Vasconcelos (CAPE)	Costabile Galuzzi (cirurgia) Horácio Kneese (cardiologia) Márcia Barbierie, Mônica Antar e Tereza Kakehashi (enfermagem) Ricardo Luiz Smith (anatomia)
12	23	5	Dr. Arthur Beltrame Ribeiro – prof. Livre Docente Disc. Nefrologia Depto de Mecina	Homem sabe cozinhar: receita – pudim de berinjela (curso de culinária)
13	24	5	Alunos 4º e 6º anos de Medicina	Fotógrafos
14	25	5	Afiz Sadi: Chefe da Disc. De Urologia (desde 1964); fundador da Ass. dos docentes da EPM	Poeta e autor de 6 livros de literatura. Presidente Academia Cristã de Letras
15	26	5	Jandira Mansur: autora de 78 livros (5 infantis) -Psicobiologia	Coleção 1ºs Passos: O que é: Alcoolismo; Toxicomania (OBS: Divulgação Científica)
16	27	5	Enio Buffolo	Piano, órgão, futebol e cavalos de corrida

17	28	4	Pedro Luiz Mangabeira Albernaz	Inventor (eletrônica) aplicação à medicina
18	29	4	Therezinha Bandiera Paiva: Titular de Biofísica	Comemoração Dia da Mulher Conciliação vida profissional com lado mãe, avó, mulher
19	30	4	Luiz Cláudio S. Bussamra R-3 Disciplina Obstetrícia	Premiado I Concurso Prosa e Verso. Setor Cultural e CAPB
20	31	4	Mônica Antar Gambá: Docente Enfermagem – Disc. Adm. Aplicada à Enf. e Enf. em Saúde Pública	Pintora
21	32	4	Elizabeth Maria de Medeiros: Pós-graduanda Depto Med. Preventiva – Disc. Nutrição	Autora de 7 livros: poesina, conto, crônica, literatura infantil
22	34	4	Jorge Michalany – prof. aposentado: Titular do Depto de Anatomia Patol.	Livro: Fatos pitorescos na vida de um médico paulistano Connaisseur esposa e nora
23	35	4	Teresa Cristina de Campos Karoauk Aluna do 3º ano de Medicina	Dissecação de encéfalos
24	36	4	Alunos de medicina	Pagodeiros, MPB, bossa nova, samba e chorinho
25	37	4	Alunos EPM	Noite do Nicodemus
26	44	5	Prof. Oscar Pimentel Portugal (Hemodinâmica)	Passatempos prediletos: desenhar, plantas, esportes náuticos, vida no campo
COLUNA PERSONAGENS - GENTE				
27	85	14	Prof. Dr. Stephan Geocze: Prof. Adj. Disc. de Gastroenterologia Depto de Medicina	Administração Financeira do HSP
28	87	16	Prof. dr. Zuner Bortolotto	Literatura científica sofre impacto dos estudos do dr. Zuner

Apêndice 12: Quadro Prêmios

QUADRO PRÊMIOS				
	JP	Pág	Prêmio	Outorgado a:
1	1	3	Nobel Medicina	Geneticista Japonês
2	1	5	Michael Prize 85/86	Dr. Esper Abrão Cavaleiro: Epileptologia Lab. Neurologia Experiment.
3	2	5	3º Prêmio Virgílio Carvalho Pinto Sociedade Brasileira de Cirurgia Pediátrica	Dr. José Luiz Martins Prof. Adj. Disc. Cirurgia Pediátrica
4	3	3	Pedro Nava Soc. Brás. De Reumatologia	Dr. Edgar Nava: ao autor que mais publicou nos últimos 2 anos
5	3	3	28ª Jornada de Ginecologia e Obst. em Curitiba (os 2 prêmios outorg)	Disciplina de Obstetrícia
6	3	3	Sandoz Prof. Vitor Ferreira de Amaral Filho	Luiz Camano, Anna Mª Bertini e Denis José Nascimento
7	3	3	De Angeli Frebasgo	Luiz Camano, Anna Mª Bertini e Jorge Francisco Kuhn dos Santos
8	3	3	Boehringer de Perinatologia	Disciplina de Pediatria
9	5	8	Aléxis Carrel: Soc. Brás. De Angiologia e Cirurgia Vascular	3x p/ dr. Emil Burihan Disc. Cirurgia Vascular
10	6	7	SORIN: 15º Congresso Nac. de Cirurgia Cardíaca	Cláudio A. Salles (Chefe Disc. de Tórax) + 6 autores
11	7	8	XXVII Cong. Bras. Angiologia e Cir. Vascular	Disc. Cirurgia Vascular
12	7	8	Godoy Moreira (Soc. Bras. Cirurg. Da Mão)	Disc. Ortopedia e Traumatol.
13	7	8	Virgílio Alves de Carvalho	Disc. Cirurgia Pediátrica
14			SBA-Lepetit Merrel 87	Disc. Anestesiologia
15			Ethicon	Disc. Cirurgia Plástica
16	7	8	Prof. Vicente Nogueira Filho	Disc. Obstetrícia
17	11	4	2º prêmio Sessão Temas Livres XI Cong. Bras. De Perinatol.	Disc. Neonatologia Dept. Pediatria
18	13	2	Ordem do Mérito Médico	Feres Secaf – Prof. apos.
19	14	2	Sandoz de Cardiologia	Antonio Carlos Lopes e col. Disc. Propedêutica Médica
20	19	3	Diploma: Amigos e Colaboradores do Hospital Geral de São Paulo (Min. do Exército).	Nader Wafae: diretor EPM Hélio Egydio Nogueira: diretor HSP
21	20	8	Afiz Sadí: Chefe Titular Disc. Urologia	Ordem de Cavaleiro do Mérito Naval
22	21	4	Prêmio Veco de Pesquisa: Sociedade Brasileira de Virologia	Equipe de imunologia: orientador Prof. Nelson F. Mendes – Estudo Aids Brasil
23	21	10	Premiação: Medalha Moacyr E. Álvaro - Centro de Estudos Oftalmológicos criado em 1955 em	Homenagem ao 1º prof. de Oftalmologia da EPM (agraciado em 1955)

24	21	10	Prêmio Ciba-Geigy – melhores Temas Livres – Medicina Desportiva	Especialistas do Setor de Ergonomia
25	22	3	Medalha: Congresso Internacional de Pediatria – Paris	Prof. Benjamin José Schmidt: Trabalho em prol saúde e bem-estar çças do mundo
26	22	5	Colar e Diploma de Membro Honorário da Academia de Medicina de Minas Gerais	Prof. Dr. Afiz Sadi: Chefe Titular da Disc. de Urologia do Depto de Cirurgia
27	25	2	1º lugar Prêmio Ciba-Geigy: XXVI Congres Brás. de Pediatria (B.Horizonte)	Prof. Dr. Benjamin J. Schmidt e cols
28	25	2	2º lugar Prêmio Ciba-Geigy: XXVI Congres Bras. de Pediatria	Calil K. Farhat e cols
29	25	2	1º lugar jovem cientista: 18º Int. Epilepsy Congress (Nova Delhi – Índia)	Dr. João Pessoa Leite (orientação prof. Esper Abrão Cavaleiro)
16	27	7	The Wyeth-Ayerst Award For Distinction: VIII Congr. Mundial de Psiquiatria (Grécia)	Cláudio Torres de Miranda: Prof. Assistente Depto Psiq.
16	27	7	Godoy Moreira: XII Cong. Bras. De Cirurgia da Mão – RJ	Walter Manna Albertoni Dept de Cirurgia
17	31	2	EPM admitida na Ordem do Rio Branco (Grau de Comendador)	Indicação Min. Carlos Chiarelli
18	31	7	Renato de Toledo: Lab. Frumtost S/A	Melhor residente: Patrício Jará Gomes
19	31	7	Personalidade-89 área de estimulação cardíaca: Cong. Nac. Cirurgia Cardíaca – B.Horizonte	Prof. José Carlos Silva de Andrade: Disc. Tórax
20	31	7	11º Cong. Internacional de Nefrol. (Tóquio)	3 trabalhos premiados sob orientação dr. Nelson Schor
21	33	5	Herman Dietz/Tecnicare: 1º Cong. Soc. de Neurologia do RJ	Trabalho cjto: Obstetrícia e Neurocirurgia
22	37	8	3 teses premiadas em congressos	Alunos pós-graduação
23	43	7	Doutora Dalva Assumpção Souto Mayor assume cargo no Conselho Federal de Educação	
24	49	5	Prêmio Banco do Brasil: Simpósio Int. de Neuroendocrinoliga – RJ	Profs. Da Endocrinologia
25	50	4	Comenda colar da caridade: “La Croix de La Charité”: Ordre Militaire et Hospitalier de Saint Lazare Jerus.	Prof. Antonio Francisco Defina - Dermatologia
26	52	3	American Epilepsy Society Young Investigator Travel Award	Prof. Luiz Eugênio A.M.Mello Depto de Fisiol. Disc. Neurofisiologia
27	52	3	Djalma Breda: 2º Congr. Norte-Nordeste de Otorrino – Maceió	EPM & PUC-RS: profª Mara Behlau Disc. Distúrbios da Com. Humana
28	55	5	Conselho Federal de Educação do MEC	Dr. Fabio Prado – Procurador Geral da EPM
29	55	5	Prêmio: Vídeo Oftalmologia: Congr. Soc. Americana de Catarata (San Diego)	3 médicos Depto Oftalmo: mlehor vídeo do congresso (entre 400)
30	57	7	- Aristides Leão - Liga Brasileira da Epilepsia Orientação: Dr. Esper A. Cavaleiro	- médicos da Neurol. Exper. - tese de doutorando
31	58	4	1 3º Prêmio Moinho Santista Juventude	Rosana Puccia biomédica Júlio César Wiederkher: especialista em transpl hepat.
32	58	5	Guia do Estudante	EPM melhor instituição de nível superior na área de saúde
33	60	3	Biotério Central é credenciado pelos Estados Unidos: Inst. Nacional de Saúde (NIH)	

34	62	2	Academia Brasileira de Ciências: Membro titular da Seção de Ciências Biológicas	Dr. Esper Abrão Cavalheiro: Disc. Neurologia Experimental (eleito)
35	63	4	Jacques Wagner: Soc. Int. de Cirurgia Ortop. e Traumat – SICOT – 1ª vez para médico brasileiro	Dr. Moisés Cohen: Chefe Setor de Joelha e Artroscopia Dept. Ort. E Traumat
36	65	5	Prêmio V Cong. Brasileiro em Cardiologia	8 médicos da Disc. de Cardiologia da EPM
37	67	10/11	Câmara dos Deputados – Brasília: Homenagem 60 anos EPM	- reivindicações da EPM
38 e 39	68	2 12	- Congresso Nacional - Plastic Sugery Educational Foundation	- Homenagem à EPM - Dra. Lydia Masako Ferreira (Profª Adj. Disc. Cir. Plástica)
40	68	13	Alfred Jurzykowski: Academia Nacional de Medicina	Diretor da EPM: Dr. Manuel Lopes dos Santos
41	69	8	Seção Pôster: VI Cong. Soc. Internacional de Cefaléia – Paris	Grupo da Disc. de Neurologia Clínica: 2 trabalhos premiados
42	70	5	Miguel Burnier, especialista em oftalmo e patologia irá dirigir o Dept de Oftalmo da Univ. McGill	Montreal Canadá
43 a 44	70	6	XXVII Com. Brasileiro de Oftalmo: de 4 prêmios, 3 para representantes da EPM	Médicas: Cristina Muccioli; Márcia Beatriz Tartarella e Marta De Fillipi Sartori
45	71	4	Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes de São Paulo: Título de membro	Diretor da EPM: dr. Manuel Lopes dos Santso
46	72	4	Médico do ano: Capítulo Brasileiro da Associação Médica de Israel - Prof. Carlini Pres. do CEBRIDI	Dr. Elisaldo Luiz de Araújo Calini: titular Dic. Psicofarmacolo – Dept Piscob
47	76	8	4 prêmios para professores do Depto de Enfermagem + colaboradores de equipes EPM/HSP	
48	77	12	Prêmio anual da Academia Nacional de Medicina	Prof. convidado: dr. Alexandre Bakonyi Neto
49	79	11	Sociedade Brasileira de Medicina Fetal: Elege para presidência E para diretor comissão de títulos	- Dr. Antonio Fernandes Moron - Dr. Renato Martins Santana
50	80	2	Charles Marie Gros (de 1994): prêmio mundial para profissionais de Mastologia Profs. Afonso C. Pinto +	Nazário, Manuel de Jesus Simões, Geraldo Rodrigues de Lima e Nell Ferreira Novo
51	80	4	Eleito membro do Conselho Técnico Científico da Capes e coordenador da área de saúde	Prof. dr. Rubens Belfort Mattos Júnior: titular e chefe Depto de Oftalmo
52	80	13	Prêmio Austregésilo 1994: Academia Brasileira de Medicina - descrição do trabalho premiado	Dr. Cícero Galli Coimbra; Disc. Neurologia Experimental
53	81	2	Nicola Abramo: Sociedade Brasileira de Pediatria	Equipe Disc. Pediatria Neonatal coord. Prof. dr. Benjamin Israel Kopelman
54	81	9	Governador do Brasil junto ao American College of Physicians	Prof. dr. Antonio Carlos Lopes: Disc. Clínica Médica Depto de Medicina
55	81	12	Secretário da Vigilância Sanitária: recém-nomeado	Prof. Dr. Elisaldo Carlini: Depto de Psicobiologia
56	81	13	Agostinho Bettarello de 1994: Centro de Estudos da FM-USP	Prof. Dr. Manoel Martins das Neves: gastroenterologista da Unifesp
57	83	2	Homem Capital: Revista Carta Capital	Dr. Luiz Eugênio Moraes Mello: prof. adjunto Depto de Fisiologia
58	85	2	Plastic Surgery Educational Foundation + Ralph Millard Award: Congresso Japão	Lydia Masako Ferreira: chefe Disc. Cir. Plástica

59	86	8	Diploma de Acreditação Intern.: Fed. Panam; e Ibérica de Medicina Intesivista	Único pediatra: dr. Nivaldo de Souza (UTI-PED Unifesp)
60	86	12	1º lugar exposição mural: XXII Cong Nacional de Cirurgia Cardíaca: Brasília	Jorge Henriques Pinto: pós-graduando doutorando em Anatomia
61	87	2	Título de sócio emérito: Sociedade Brasileira de Patologia	Prof. Jorge Michalany
62	87	7	1º lugar 2ª Jornda Nacional de Iniciação Científica: 47ª SBPC (São Luiz-MA)	Alunos Érika Suzuki e Marcos Toledo
63	87	16	Membro Academia Brasileira de Medicina Física em Reabilitação – ABMFR	Dra. Matilde de Mello Spósito: fisiatra da Disc. de Distúrbios da comunicação
64	89	4	II Simpósio Internacional de Cirurgia Plástica: EPM	Dois pós-graduandos premiados por trabalhos apresentados
65	89	5	União Internacional de Combate ao Câncer – UICC: sede Genebra	Creditação Oncologia Pediátrica da Unifesp: Centro de Referência
66	90	9	Medalha de Mérito Oswaldo Cruz: Presidente da República – FHC	Prof. Walter Leser (86 anos): diretor aposentado da Medicina Preventiva
67	90	10	Presidência do Colégio de Neuropsicofarmacologia	Profa. Dra. Helna Maria Calil: chefe Disc. Psicobiologia
68	90	12	XIV Congresso Brasileiro de Medicina Física e Reabilitação: Ouro Petro	Trabalho de pós-graduação dr. Marcelo Saad
69	91	5	1º prêmio do 7º Cong. Brasileiro de Cirurgia Demartológica, 2º prêmio pôster e II Prêmio Talento Dermato	Dermatologistas recebem prêmios
70	91	10	Menção Honrosa: Concurso Nacional de Software Tecnológico e Educacional	Maria Elisabete Salvador: Enfermeira CIS
71	92	15	Prêmio Expo-3º Milênio: Expo-Enf.95	Graduandas do 4º ano de Enfermagem
72	93	10	José Gallucci (trabalho completo): III Jornada Paulista de Obst. e Ginecologia	Prof. dr. Cláudio Kemp
73	96	4	Placa em homenagem a todos os médicos e demais profissionais da EPM	Programa “Tudo por Amor” Silvio Santos
74	96	11	Renato d Toledo: melhor residente de 1995: Laboratório Allergan Fruntost	Oftalmologista dr. Luiz Henrique S. Fernandes
75	96	12	2ª ed. Prêmio Philips de Medicina	2º lugar: dr. Wesley D.S. de Melo: Setor de Eletrofisiologia Clínica - Disc. de Cardiologia
76	96	12	Amercian Heart Asociation credencia a UTI Pediátrica da Unifesp-EPM	Credenciamento de itensivistas
78	99	5	Prêmio Aristides Leão: Liga Brasileira de Epilepsia	Drs. Beatriz Monteiro Longo e Luiz Eugênio A.M. Mello da Disc. de Neurofisiologia
79	99	5	Prêmio Jovem Investigador: Sociedade Brasileira de Inv. Clínica e Laboratório Boehringer	Dr. Emílio Rafael G. Sanbria (26 anos): pós-grad. Disc. de Neurologia Experimental
80	100	2	Trabalho dermatologistas: Osmar Rotta; Nilceo Schwery (Unifesp) e Mª Helena V.Q. Padilha (Marília)	III Prêmio Galderma na Dermatologia
81	100	2	Menção Honrosa – Prêmio Renato Locchi de Ciências Morfológicas, categoria Anatomia Microscópica	Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro da Silva Lapa: Disc. Histologia Depto Morfologia
82	101	2	Prêmio Paulo Pinto Pupo: Academia Brasileira de Neurologia + Lab. Ciba Geigy	Drs. Margareth Rose Priel, Neide F. dos Santos e Esper Abrão Cavalheiro
83	101	2	Melhor tema livre-painel: Drs. Mª da Graça Naffah-Mazzacoratti, Emílio R.G. Sanabria, Marcelo G. Funk e	Esper Abrão Cavalheiro: todos da Disc. Neurologia Experimental

84	101	2	2º melhor tema livre-painel: Drs. Márcia Fujujima e Luiz Augusto F. Andrade (Neurologia) e Tânia L.R.	Martinez, Leono E.S.A.Pinto e Caio C. Auriemo (Setor de Lípidos-DeptoMedicina)
85	101	2	Menção Honrosa: XXI Cong. Brás. De Neurocirurgia – Prêmio Eliseu Paglioli	Drs. Sérgio Cavalheiro, Samuel T.Zyberg e Fernando M. Braga + outros
86	101	2	Prêmio Troutman: Fundação de Pesquisa em microcirurgia	Profs. Depto de Oftalmologia
87	101	5	The Excellent Paper Award 1996: IV Conf. Mundial de Acupuntura:WFAS (Ny) + Aparecida Menezes	Prof. Yasao Yamamura: chefe do Setor de Medicina Chinesa e Acupuntura
88	104	2	Admissão na Ordem Nacional do Mérito Científico com Comendador	Prof. Luiz Rodolpho Raja Gabaglia Travassos: Titular Unidade Oncologia Experim
89	104	4	Presidência da Federação Brasileira de Ginecologia e Obst (Frebasgo)	Edmund Chada Baract: titular chefe do Depto de Tocogineco
90	104	11	Incentivo à Pesquisa Clínica: Academia Americana de Lentes de Contato	5 médicos do Inst. da Visão
91	105	6	Presidência do CRM-SP	Pedro Paulo Roque Monteleone (Pepe): tocoginecologista
92	106	3	Bolsa de estudos: The Garnett Passe and Rdney Williams Memorial Foundation	Fernando Freitas Granança: pós-graduando
93	107	4	Nomeação: Oficial da Ordem do Mérito Médico	Hélio Egydio Nogueira: Reitor da Unfiesp
94	108	4	1º prêmio Congresso do Mercosul de Cirurgia Cardíaca (recauchutagem inédita de artéria)	Equipe Cirurgia Cardiovascular - stent
95	108	4	Prêmio Especial para Trabalho Experimental (congresso acima)	Ivan Machado de Paula
96	109	4	Medalha Panamericana: Congresso da Associação Panamericana de Oftalmologia	Rubens Belfort Jr.: chefe do Depto de Oftalmologia
97	110	2	Vice-presidência da Sociedade de Cardiologia do Estado de SPaulo	Eulógio E. Martinez Filho
98	110	9	Homenagem SBPC/97 (BH) ex-professores da Unifesp: descoberta da influência da bradiginima na	pressão sanguínea: Wilson Teixeira Beraldo e Carlos Ribeiro Diniz
99	112	6	Prêmio da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia	Cláudia de Carvalho Bortoletto (pós-gradanda)
100	113	6	- American Epilepsy Society - Re-eleito presidente do Fórum Nacional de Pós-graduação	Esper Cavalheiro (cjto obra)
101	113	6	Prêmio internacional de Mérito no Campo da Voz: Fundação de Voz e Fala do Pacífico (FVFP)	Paulo Augusto de Lima Pontes (livre-docente em otorrino) e Mara Behlau (fonoaudióloga – orientadora da pós-graduação)
102	113	11	Sindicato dos Médicos de São Paulo: 1ª homenagem aos médicos que se destacaram durante o ano	2 dos 3 escolhidos são da Unifesp: Hélio Egydio Nogueira e Marcos Coifman
103	114	10	Presidência: Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras (Sobesp)	Conceição Vieira da Silva: vice-diretora do Depto de Enfermagem
104	114	10	Presid: Sociedade Latino-Americana de Infectologia Pediátrica (Slipe)	Calil Farhat: Prof. do Depto de Pediatria
105	114	10	Presidentência: Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular (SBACV)	Fausto Miranda Junior: livre-docente da Cirurgia Vascular
106	114	12	Cidadão Diademense Placa de Prata: José Roberto Ferraro (dir HSP), Nacime Salomão	Reitor Hélio Egydio Nogueira Mansur, coord. Projeto Solidar e Gilberto Nataline

107	114	12	Homenagem: Associação dos Mestres de Propaganda da Ind. Farmacêutica	José Roberto Ferraro (dir HSP; José Carlos Del Grande (prof. Disc. Gastro Cirúrgica); Flávio Serafini (pós-grad. Otorrino) e Marcos Souza Limas – Marquito (Enfermagem)
108	115	4	Trabalho vencedor da 4ª Expo-Enf de 1995: O uso correto do oxigênio hospitalar em fins terapêuticos	Melissa Motta (aluna)
109	115	7	Unifesp foi escolhida para coordenar atividades relacionadas à saúde dos índios do Xingu	
110	115	10	Prêmios: Soc.Bras Angiol e Cir Vasc Alexis Carrel Cid dos Santos	Profs: Emil Burihan Mª Del Carmen Janeiro Perez
111				
112	115	10	José Galucci: IV Jornada Paulista de Ginecologia e Obstetrícia	Equipe de Zsuzsanna Jarmy-Di Bella (Ginecologia)
113	116	2	Presidência Soc. Paulista de Infectol	Antônio Carlos Campo Pignatari (chefe Disc. Doenças Infec e Parasitárias)
114	116	2	Melhor trabalho científico: XXXIV Cong Brasileiro de Cirurgia Plástica	5 Pesquisadores da Cirurgia Plástica
115	117	2	Medalha Moacyr Álvaro: XXI Simpósio Internacional de Oftalmo Moacyr Álvaro	Reitor Hélio Egydio Nogueira
116	119	4	Admissão na Ordem do Mérito Científico: MCT	Profs. Esper Abrão Cavalheiro (Neuro) e Carl Peter Von Dietrich (Bio Mole)
117	119	4	Melhor trabalho científico prática de enfermagem: VI ENFETC (Enf. Em Tecnologia)	5 professoras da Enfermagem
118	123	2	Homenagem – Conselheiro Emérito: Conselho Federal de Entorpecentes	Prof. Elisaldo Carlini (Depto de Psicobiologia)
119	123	2	Melhor pôster: IV Congresso Int. de Cirurgia Experimental (Toronto)	Murched Taha: principal autor + 7 co-autores
120	123	2	2º Prêmio: Encontro Nacional dos Estudantes de Enfermagem	Gerson Dias
121	125	7	Presidência da Associação Brasileira de Ensino Médico (Abem)	Regina Stella (vice-reitora)
122	125	7	Prêmio Prof. Edgar Atra: Sociedade Brasileira de Reumatologia	Emília Inoue Sato: profª titular da Reumatologia
123	125	10	XII Edição do Prêmio Pereira Barretto: Programa Institucional de Iniciação Científica (Pibic)	- 11docentes homenageados - 4 alunos – Áreas: Clínica, Cirurgia, Enf, e Cienc.Bás.
123	125	10	Pró-reitoria: prêmios Walter Leser de Ciências da Saúde e Leal Prado de Medicina Experimental	2 trabalhos publicados em revistas indexadas (alunas 4º medicina e pós-grad BioMol)
124	126	2	Homenagem Federação da Soc Bras de Biologia (Caxambu): Zuleika Picarelli (Profa Depto Fármaco)	British Journal of Pharmacology autora de trab 1 dos 50 principais 50 anos
125	126	2	Presidência da Assoc. Brasileira de Psiquiatria	Miguel Roberto Jorge: Chefe da Psiquiatria Clínica
126	126	4	Prêmios Expo-Enf Áreas: 1. Educ.; 2. Curativa; 3. Preventiva	3 grupos de alunos
127	128	2	Presidência: Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia	Luc Weckx: Chefe da Disc de Otorrino Pediátrica
128	128	2	I Grande Prêmio: Centro Ótico Miguel Gianini	Rubens Belfort Junior e Cristina Muccidi
			Prêmio Saul Goldenberg: instituído pelo	Vicente Gerardi Filho: Cirurgia

129	129	14	reitor Hélio Egydio Nogueira (incentivar pesquisadores)	Pediátrica (1º entre 50 teses)
130	130	2	Prêmio internacional: Jack N. And Adddie D. Averitt (Geórgia Southern University)	Gilberto Severino: 1º brasileiro (estágio de aprimoramento)
131	131	2	Membro titular da Academia Brasileira de Ciências: Seção Ciências Biológicas	Helena Bonciani Nader: Disc. Biologia Molecular
132	131	2	1º Prêmio Emil Sabbaga: melhor pesquisa – 6º Cong Ass. Bras. de Transplante de Órgãos	Grupo de profs e pós-grad
133	132	2	Prêmio: 15º Cong. Int. Estudantes de Ciências Médicas: Istambul	2 alunos 5º ano de medicina
134	132	2	Presidência: International Musculoskeletal Cancer Society	Reynaldo Jesus Garcia Filho: Chefe Setor Tumores Ósseos Depto Orto e Traumatol
135	132	2	Eleito membro da Academia Nacional de Medicina (ANM)	Rubens Belfort: Depto de Oftalmo – 1º Oftalmo na academia em 170 anos
136	132	2	27º Prêmio Varilux	Ricardo Uras e Rubens Belfort Jr: Oftalmos
137	134	2	Prêmio Emílio Ribas: Sociedade Brasileira de Infectologia (11º Cong. Brasileiro de Infectologia)	Jair Xavier Guimarães: prof. tit. Aposentado Dipa (Doenças Infecto e Parasitar.)0
138	135	2	Ranking Abril e Playboy – Unifesp: considerada a melhor universidade do país	
139	135	16	Presidência Associação Paulista de Medicina (APM)	José Luiz Gomes do Amaral: Prof. Tit. Disc. de Anestesiologia
140	136	2	Alunos de residência em Ortopedia 11 das 30 melhores colocações prova Soc. Bras. Ortop e Traumatol	Entre 1.143 candidatos (2 empataram em 1º lugar)
141	136	16	13ª edição Prêmio Pereira Barretto	Dos 10 alunos bolsistas, 9 mulheres
142	137	9	Cirurgia Plástica cria Prêmio – 1ª Edição	- Alfredo Gagnani Fº: tese doutorado: Queimados - Élvio Bueno Garcia: Geral
143	138	2	Prêmio Expoenf 1999	2 premiados, 2 menções honrosas
144	138	16	Esper Abrão Cavalheiro assume secretaria: Desenvolvimento Científico do MCT	
145	139	4	Assessor Capes parceria com universidades alemãs	Reinaldo Salomão: Chefe DIPA
146	140	4	Prêmio Congresso Brasileiro de Urologia	Agnaldo Cedenho: Chefe Setor Reprod. Humana e Vilmon de Freitas ginecolog.
147	142	11	3º Prêmio da IV Edição do Pirelli International Award (Roma)	Gisele Grinevicius (recém-formada C.Biomédicas): Site sexualidade adolescentes
148	143	5	Prêmio Fernandes Figueira: Soc. Brasileira de Pediatria – melhor pesquisa da área	Maria Odete Hilário: reumatologista pediátrica
149	154	2	Eleito Presidente da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO)	José Medina Pestana (Nefrologia)
150	160	2	15º Prêmio Pereira Barretto / 9º Congresso de Iniciação Científica da Unifesp (PIBIC)	18 pesquisas premiadas
151	160	2	Novo Presidente do CNPq	Esper Cavalheiro (Prof. Tit. Neurologia Experimental)
152	160	2	Prêmio José Pedro de Araújo (2001) + Patente plantas nacionais (<i>Pffafia glomerata</i> – ginseng brasil.	Luis Carlos Marques (Psicobiologia)

153	161	2	Melhor pôster – 14º Congr. Anual: Soc. Européia de Medicina Intensiva – Genebra (Suíça)-Enf.	Mª Angélica Peterlini, Massae Chaud, Mavilde Pedreira (prof) Ariane Machado/aluna
154	161	2	Prêmio Rosa Mª Paiva – 12ª Cong. Brasileiro de Patologia e Trato Genital Inferior e Colposcopia	Alfredo Roberto Netto, José Focchi, Julisa Chamorro e Edmund Baracat (Gineco)
155	161	2	Presidência da Sociedade Mundial de Tumores Músculo Esqueléticos (1º latinoamericano)	Reynaldo Jesus Garcia Fº (Prof. Adj. Ortopedia e Traumatologia)
156	161	2	Premiação no Congresso Anual da Soc. Britânica de Pesquisa Ortopédica	Rejane Reginato (doutoranda da Morfologia)
157	162	2	7ª ExpoEnf : De 116 trabalhos, 2 foram premiados: 1.) Bartira de Oliveira (aluna) + Rosali Ohl (docente)	2.) Lydia dos Santos Manhaes e Vanessa Silva Luque (alunas)

Apêndice13: Quadro Visitas

QUADRO VISITAS			
	JP	Pág	Visitante
1	2	5	Albert Sabin: Visita a São Paulo
2	5	3	Capa Hugo Napoleão – Min. Educação: Inauguração Centro de Informática da Saúde
3	18	5	Capa Edson Machado – Secretário Superior do MEC
4	30	1 / 2	Capa Presidente Fernando Collor de Mello visita Ministro da Ed. Carlos Chiarelli: cirurgia diverticulite
5	31	3	Capa Prefeita Luisa Erundina visita Amparo Maternal
6	32	2	Capa Ministros: Saúde (Alceni Guerra) e Educação (Carlos Chiarelli) visitam EPM
7	38	3	Capa Cantor Sting visita a Medicina Preventiva
8	39	2/3	Capa Presidente Collor visitou Frei Damião Bozzano
9	48	3	Ministro da Educação: Prof. José Goldemberg visita a EPM e promete mais verbas
10	51	8	Governador Luiz Antonio Fleury e Ministro da Educação José Goldenberg no HSP
11	52	4	Ex-jogador de futebol Sócrates recebe diploma Curso de Especialização em Medicina Desportiva (Raí entrega o diploma) 30 médicos especialistas
12	58	2	Visita do senador Mário Covas à EPM
13/ 14	61	5/ 7	- Ministro da Educação, Murílio de Avellar Hingel é recebido na EPM - Prefeita Luiza Erundina visita EPM: inaugura novo Centro Cirúrgico
15	62	7	O tricolor Raí visita paciente (de 6 anos)
16	64	7	Ministro da Educação e Desporto: Murílio de Avellar Hingel inaugurou o Setor de Ressonância Magnética do Depto de Diagnóstico por Imagem do HSP
17	65	5	Deputados de São Paulo: PTB: Roberto Cardoso Alves, Nelson Marchezelli; PDT: Beto Mansur; PSDB: Senador Mario Covas
18	73	4	Profa. Irina Vladimirova - Inst. Bogomoletz – Kiev: responsável pela descoberta da subst. Apamina (bloqueadora de canais de potássio) – montar laboratório de eletro-fisiofarmacologia
19	74	8	Senadora Eva Blay (PSDB de São Paulo): fala sobre aborto no Dia da Mulher – evento organizado pelo Depto de Enfermagem e pelo Núcleo de Estudos em Saúde da Mulher e Relações de Gênero
20	77	15	Ministro da saúde da China conhece a EPM, em visita ao Brasil
21	80	14	Diretor da Fapesp visita EPM: prof. dr. José Fernando Perez
22	83	3	Ministro extraordinário dos Esportes: Pelé visita a Unifesp e inaugura o curso do Cemafe: Especialização em Medicina Esportiva

23	83	15	Ministro da Educação e do Desporto Paulo Renato de Souza em visita à Unifesp inaugura o Anexo do HSP
24	86	8	Profa. Dra. Randi Mortensen (Dinamarca): Membro do Conselho Internacional de Enfermagem – Palestra no Depto de Enfermagem
25	87	5	Prof. Dr. A. Lassus: Chefe de Dermatologia da Universidade de Helsinque e consultor do Serviço de Saúde – OMS na Finlândia
26	87	18	Ruth Cardoso lança pedra fundamental do Instituto de Oncopediatria
27	88	12	Ministro da Saúde: Adib Jatene profere palestra e visita departamentos da Unifesp
28	88	12	Paul Griffiths, um dos grandes pesquisadores na área de drogas do Centro Nacional sobre Dependência (Reino Unido) proferiu palestra na Unifesp e falou sobre a mudança no uso de drogas
29	90	5	Guilherme Arantes: visita Unifesp, recebe medalha (oferecida às personalidades que se empenham em campanhas promovidas pela universidade)
30	91	4	Amparo Maternal recebe visita da primeira dama alemã: Cristine Herzog
31	91	9	Guilherme Arantes agrada no Marcos Lindenberg: show beneficente
32	92	18	Presidente FHC realiza check-up na Unifesp-EPM/HSP
33	94	13	Ministro da Previdência: Reinhold Stephanes faz check-up no HSP
34	95	6	Oftalmologista americano visita a Unifesp-EPM: prof. dr. Mark J. Mannis – dir. do Serviço de Córnea da Un. da Califórnia, ex-pres. Da Ass. Americana de Banco de Olhos
35	96	9	- Prof. Dr. Ivan Izquierdo: prof. titular do Depto de Bioquímica da UFRS, palestra da Reunião Clínica Médica - Prof. Dr. José Fernando Arena da Un. de Miami palestra
36	97	7 10	- Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Austral do Chile, prof. dr. Claus Grob visitou a Unifesp/EPM - Lafirex é inaugurado pelo rei Pelé
37	97	11	Prefeita Luiza Erundina: palestra sobre a saúde do município
38	99	12	Prof. dr. Daniel Sampaio da Faculdade de Medicina de Lisboa: pesquisador fala sobre drogas
39	100	4	- Secretário de Estado da Saúde: Prof. dr. José da Silva Guedes
40		5	- Deputado Federal: Prof. dr. José Aristodemo Pinotti - Neuropediatra francês: Prof. dr. Jean Ricardi
41	100	6	Prof. dr. Leopoldo de Meis: titular do Depto de Bioquímica da UFRJ. Palestra: Conceitos e preconceitos em ciência. Excesso de informação preocupa cientista
42	101	2	- Jean Pillet: uma das maiores autoridades em próteses estéticas
43		10	- Dra. Millicent Goldschmidt: Univ. Texas – Palestra Pós-Grad. Nutr
44	101	4	Iain Chalmers: Cochrane Collaboration: Inauguração Centro Cochrane no Brasil (30 outubro, 1996)
45/ 46	101	4	- Especialista Francês visita o Proad: Claude Olievenstein - Prof. Luis Branda, McMaster University (PBL) palestra
47	101	6	Dr. Massimo Loda, da Harvard Medical School, curso sobre Imunopatologia Diagnóstico
48	105	4	Presidente da CUT visita Casa da Mão: Vicentinho
49	106	3	Ministro da Saúde visita Unifesp: Carlos César Albuquerque
50	107	4/ 5	- Presidente FHC passa por check-up no HSP - Ex-Ministro da Saúde Adib Jatene à convite Depto de Cirurgia
51	108	13	João Kleber anima noite epemista
52	111	2	GRAAC homenageou o Secretário Municipal de Esportes: Oscar Schmidt

53 54 55	114	10	Ministro da Saúde (João Yunes) visita campus e assina acordo com a Bireme; Malcon DeCamp Jr. (Harvard Medical School) – Cirurgia Torácia; Andréa Perisinotto (Univ. de Padova) – Setor de Biomecân.
56	123	11	José da Silva Guedes: Secretário Estadual da Saúde (I Congresso Paulista de Ensino Médico)
57	123	16	FHC – Check-up: Todos os médicos do presidente
58	125	7	José Serra: Ministro da Saúde (visita-surpresa ao HSP)
59	125	12	- Atriz Irene Ravache na Unifesp: Apoio ao Projeto Solidar - Jô Soares gravação especial no Teatro Marcus Lindenberg
60	132	7	Especialista alemão dá curso na Unifesp: Daniel Rosenthal (um dos maiores especialistas em cirurgia da coluna com uso de endoscopia)
61	134	10	Especialistas estrangeiros avaliam Oftalmologia e Dipa: Konrad Messmer (Univ. De Munique) e Charles Bremer (Univ. do Leste da Carolina). Nota 6 Capes (1998).Relatórios = subsídios aval. Futuras
62	144	2	Ministro da Saúde José Serra na Unifesp: Lançamento da Campanha Nacional de Redução da Cegueira
63	158	9	Stewart Mennin – diretor assistente de Desenv. e Pesquisa Ed. da Univ. do Novo México (UNM – EUA): Seminário Pró-Reitoria para discutir o currículo médico (defende currículo mais flexível)

Apêndice 14: Quadro Inovações: Tratamentos e Tecnologia

TABELA INOVAÇÕES: TRATAMENTOS / TECNOLOGIA			
	JP	Pág	Tema
1/ 2	2	2	- Informatização EPM - Tomógrafo Computadorizado: última geração
3	2	5	- 3º transplante de coração
4	25	5	EPM adquire equipamento de primeira geração: Microscópio JEOL JEM 1200 EXII em apoio à pós-graduação resolução de problemas científicos – pesquisas de micro-organismos
5	35	2	EPM recebe direto da Holanda, aparelho de Ressonância Magnética
6	38	5	Laboratório da Psicobiologia ganha equipamento moderno: RA-XT empresa Tchnicon “tds exames bioquímicos de rotina”, automatizado capacidade para 240 testes por hora.
7	39	5	Três equipamentos de grande porte:1) Tomógrafo; 2)Gama Câmara Orbiter 2LCT5 e 3) Liotriptor Dornier 9000 – “Projeto p/ equipar HSP com o que existe de mais atual em tecnologia”
8	44	7	Pediatria inaugura Unidade de Quimioterapia
9	45/ 46	5	EPM possui o único Hemocentro Regional
10	48	5	HSP ganha uma Usina de Oxigênio
11	49	3	EPM cria a “Casa da Mão”
12	49	5	Avanços em Radioterapia e em Radiologia na EPM/HSP
13	51	3	EPM já tem seu Banco de Olhos desde maio de 1991 (antes Setor de Córneas)
14	51	4	Homenagem a Lemos Torres
15	52	3	Janeiro de 1992 Novo setor do Depto de Ortopedia da EPM: Medicina Chinesa
16	53	3	Aparelho revolucionário em cardiologia: aparelho de radiofrequência
17	54	3	Nova técnica neurocirúrgica: aparelho de estereotaxia – cirurgia estereotáxica – prof. Fernando Antonio Patriani Freraz – disc. Neurocirurgia
18	57	3	O uso dos rcurso do vídeo no ensino médico – disc. de ginecologia sob chefia do prof. dr. Geraldo Rodrigues de Lima
19	58	3	BioMerieux: doação ao HSP aparelho VIDAS: diagnóstico das principais doenças infecciosas + dosagem de hormônios e marcadores tumorais (câncer)
20/ 21	61	3/ 11	- O auge dos transplantes: A EPM e os transplantes - Inaugurado Centro de Estudos em Geriatria na EPM
22	62	3	Médicos do Infar descobrem método para detecção do câncer (descoberta mundial)
23	64	13	EPM é a 1ª a dar aulas através de monitores de TV: sistema audiovisual inédito
24	66	3	Mostra Apresentações sobre Avanços da Medicina: Dr. Katchburian
25	67	8	Microbiologia é automatizada: “mais modernos e sofisticados sistemas de diagnóstico em microbiologia clínica”

26	68	3	HSP já faz transplante de medula
27	70	6	Disc. Técnica Operatória e Cir. Experimental: Laser é usado em cirurgias na EPM (experiências em animais para uso em humanos)
28	70	7	Novas técnicas ortopédicas podem evitar amputação
29	72	8	4 novos aparelhos para Laboratório Central: Coba Argos – automação em hematologia; Incubadora automática de CO ₂ ; Bactec modelo 9240 – automação hemocultura e Stat Profile Plus 9 – analisador de ph
30	73	10	EPM estabelece convênio com a China: em breve cirurgias utilizando a anestesia da acupuntura
31	74	6	- EEG-2008 (permite detectar distúrbios transitórios da função cerebral elétrica). Idealizador: dr. Carlos José Reis Campos (chefe do SITE)
32	74	7	- Excimer Laser – substituir Ceratotomia Radial com Bisturi de Diamante (US\$ 600 mil) – Depto de Oftalmologia - Ambulatório de Acupuntura dispara na EPM
33	75	3	EPM pioneira no ensino de cirurgia otológica no Brasil: inauguração da sala prof. dr. Pedro Luiz Mangabeira Albernaz
34	75	5	Anastomose intestinal sem sutura: nova técnica operatória c/ anel biofragmentável (Valtrac). Resultado de estudos dos profs. Delcio Matos e Sarhan Sydney Saad – Grupo Coloproctologia
35	75	7	Cemafe: criado pelo Setor de Medicina Esportiva da EPM é o mais novo centro nacional de referência na área esportiva
36	76	8/ 9	- Inauguração do Laboratório de Fisiologia Endócrina - HSP/EPM centro de referência em transplante de pulmão
37	76	9	Crianças ganham Unidade de Diálise
38	77	3	Videoesoscópio: alta tecnologia em exame do aparelho digestivo
39	78	6 7	- Sintetizador de oligonucleotídeos: Depto de Biofísica EPM/HSP (menos burocracia) - Implante intra-ocular (nova técnica) X avanço Citomegalovírus
40	78	11	UTI pediátrica inova e utiliza molécula de Óxido Nítrico no tratamento de hipertensão pulmonar (considerada a melhor UTI do país)
41	79	7	1ª tese de doutorado realizada na América Latina sobre o tema Acupuntura – Ortopedista Issao Yamamura, chefe do Setor de Medicina Chinesa
42	79	8	Inaugurada Casa do Marcapasso e Transplante Cardíaco: Disc. de Cirurgia Cardiovascular
43	80	5	Dermato inova em cirurgia com utilização da Dermatoscopia (experimental em porco)
44	81	8	Criométodos e imunomarcção: não é mais ficção na Unifesp
45	81	10	Arritmia faz escola e chega aos americanos através da Unifesp: Setor de Eletrofisiologia Clínica da Disc. de Cardiologia: 1ª vez no mundo técnicas intracoronárias
46	81	13	Primeiro transplante duplo de pulmão no HSP
47	82	4	Unifesp/EPM Centro de Referência em Imunobiológicos Especiais - Crimesp
48	83	7	Cirurgia torácica videoassistida já é realidade na Unifesp: Mais uma vez a Medicina se supera
49	83	11/ 12	- Inauguração centro de atendimento portadores tumores de pele - Departamento de Diagnóstico por Imagem: centro de excelência
50	84	2	Summit Excimer Laser: tratamento que se tornou convencional – Depto de Oftalmologia (até maio era tratamento experimental)
51	84	3	- UNIAD: ambulatório interconsulta – revolução tratamento dependências - Serviço de Cardiologia Invasiva, novo nome e ampliação atuação

52	85	8	Chega à Unifesp o revolucionário microscópio confocal (1º a operar no Estado de SPaulo – existem no país apenas 2: RJaneiro)
53	85	10	Unifesp está entre os centros de excelência, que mais se destacam na área de pesquisa, publica Folha de S. Paulo
54	87	5	Inaugurada UTI para a Pediatria Neonatal
55	87	11	Acupuntura deixará de ser considerada medicina alternativa para ocupar seu lugar como especialidade
56	87	12	Informática simula cirurgias: 1ª sala multimídia do País para estudantes de medicina
57	88	3	Novo equipamento detecta crises de epilepsia: EEG 2008 (inédito no mundo). Monitorização eletroencefalográfica ambulatorial prolongada
58	88	14/ 17	- Aparelho de nefelometria é doado ao Laboratório central (alta tecnologia) - Criança tetraplégica liga TV com a língua: Divisão de Eng. Bioméd.
59	90	4	Clarion: implante coclear de última geração (pela 1ª vez no Brasil)
60/ 61	91	5 12	- Inaugurado laboratório especial de micologia - Nasce o ICRIM: Inst. de Apoio à Cça e ao Adolescente com Doença Renal
62 a 64	92	3 5 7	- Centro de Genética Médica é inaugurado - Geriatria oficializa centro de estudos do envelhecimento - Reumatologia cria centro de estudos: Homenagem prof. Edgar Atra
65	93	5/ 9	- Diabéticos agora contam com centro especializado - Ortopedia Pediátrica é a mais nova disciplina
66	94	3	- Imagens ampliadas e simultâneas com o novo broncoscópico (1º a ser usado no Brasil): Type-IT200 (fabricado no Japão) - Laboratório Experimental de Pneumologia: pioneiro pesquisas cães
67	94	4	- Inaugurada casa de medicina de urgência - Sucesso no 1º ano da casa da plástica
68	95	3	- Doença de Parkinson é tratada com tecnologia de ponta: utilização pioneira pela Unifesp: estereotaxia
69	95	5	Fisiologia ultrapassa fronteiras: prof. adjunto Ivan Piçarro presta assessoria à equipe de futebol Yokohama FLügels
70	95	12/ 13	- Aparelho detecta distúrbios da voz: Fibrolaringoscópio - Unifesp inaugura revolucionário microscópio confocal
71	96	6/ 7	Inauguração do Instituto da Catarata
72	99	8	Acupuntura realiza simpósio Franco-Brasileiro
73	100	5	Laudos emitidos por computador: uma realidade na Gastrocirurgia
74	101	4	Unifesp é a 1ª universidade da América Latina a integrar-se ao Cochrane
75	103	3	- Acupuntura facilita desenvolvimento de pesquisa interdisciplinar: Unifesp 1ª universidade a reconhecer a acupuntura como especialidade médica. – Agulhas melhoram lesões esforço repetitivo
76	103	4	Unifesp é centro de referência em cirurgia do joelho (artroscopia)
77	104	3	- Depto de Oftalmologia usa droga revolucionária para paciente com HIV (ISIS 2922 – formivirsen) - Unifesp é um dos centros mundiais de estudo e pesquisa
78	104	5	HSP fará exame para contagem de carga viral: centro de referência no atendimento aos portadores
79	105	5	Bonecos vão ajudar alunos a treinar procedimentos: Unifesp poderá ser a 1ª instituição a utilizar bonecos para aprendizado e treinamento dos alunos
80	105	10/ 12	- Pediatria tem novo “colega” de consultório: o computador - Unidade de Pesquisa em Aids ganha sede própria
81	106	6	- Casa da Plástica completa dois anos em franco desenvolvimento: 390 cirurgias/mês

		7	- Inaugurado ambulatório de endocrinologia
82	106	8	Centro Cochrane do Brasil já é responsável por 10% das pesquisas na rede mundial
83	107	10	Cirurgia dá vida normal a doente de Parkinson (estereotaxia)
84	108	4	Toxina bacteriana e fisioterapia beneficiam pacientes com lesão cerebral: nova técnica desenvolvida por Matilde Sposito – médica fisiatra da Otorrino
85	108	5	Médicos da Otorrino desenvolvem aparelho cirúrgico: afastador autostático. Márcio Abrahão, chefe do Setor de Cirurgia da Cabeça e Pescoço e Plínio Ferreira Morgado
86	108	7	- Acupuntura substitui anestesia tradicional - Técnica acupuntura é usada há cinco anos na Unifesp
87	108	11/ 12	- Inaugurada Casa da Neurofisiologia Clínica - Pacientes psiquiátricos ganham casa para atendimento
88	109	3	Currículo médico passa pela maior reforma desde sua criação
89	109	6/ 10	- Laboratório permite treinamento inédito em neurologia no Brasil - Novo aparelho permite diagnóstico precoce do glaucoma
90	110	3/ 6	- Universidade lança curso pioneiro de Saúde Pública pela Internet: Depto de Nutrição - Ambulatório do HSP implanta cartão cadastro eletrônico do pacient
91	111	4 6	- Graduação adota método de ensino baseado em problemas - Médico em casa: Projeto experimental da Medicina de Urgência mostra vantagens ao paciente do atendimento domiciliar
92	111	9	Serviço realiza pesquisa e assistência à saúde mental do residente – Napreme (Núcleo de Assistência e Pesquisa em Residência Médica)
93	111	10	Modelo brasileiro: autoridade mundial em reabilitação de deficientes diz que tendência nos EUA é adotar forma de assistência do Brasil – Lafirex do Depto de Fisiologia da Unifesp
94	112	4	Pioneiros em educação médica: 2 profs recebem da universidade os primeiros títulos brasileiros de livre-docência na área: Eduardo Marcondes (prof. apos. USP) e Nildo Batista, dir. do CEDESS
95	113	8/ 9	Universidade participa do 1º curso de auxiliar de enfermagem para índios no Xingu
96	114	6	- Biotério: Cedeme (Centro de Desenv/to de Modelos Experimentais para Medicina e Biologia) + Infar (Inst. Nac. De Farmacologia): Inauguração Lab. de Experimentação Animal. Animais germ-free
97	114	7	Inaugurações: 1: 1º Lab. de pesquisa em arritmia; 2. Biofísica instala novo espectrômetro de massa; 3. Um prédio inteiro de pesquisas: Edifício Horácio Kneese de Mello
98	114	8 e 9	Uniad (Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas); Uded (Unidade de Dependência de Drogas) e Proad (Programa de Orientação e Atendimento): juntos fazem da universidade um dos principais serviços públicos do país para tratamento de alcoolismo
99	115	3	Escala EPM é referência no exterior: EPM-ROM (para definir o comprometimento de articulações causado por doenças reumatológicas)
100	115	3	Método para detectar risco de infarto em pacientes recebe destaque nos EUA: método inovador capaz de diminuir a mortalidade entre pacientes com lúpus eritematoso sistêmico
101	115	10	Técnica criada na Cirurgia Vascular vira documentário na TV britânica: 60 milhões de pessoas em td o mundo – Método de “recauchutagem” (stente) de artéria
102	116	8 9	Setor de Medicina Alternativa: Discussão interação entre a medicina tradicional e a alternativa. 1º pronto-socorro de acupuntura do Ocidente
		8	Parceria com Philips garantirá aquisição de novos equipamentos por preços

103	117	e 9	menores e transformará o Depto de Diagnóstico por Imagem em centro de referência internacional
104	118	3	Terapia Gênica: Única no país, equipe do Depto de Biofísica faz organismo produzir por conta própria substâncias que corrigem deficiências
105	118	9	Modernização traz alterações ao conteúdo do currículo (graduação): Reforma na Unidade de Ensino Antonio Cechelli de Matto Paiva
106	120	3	Pesquisa inédita na Parasitologia 1º passo rumo à produção de vacina contra o mal de Chagas ¹⁰⁷
107/ 108	120	5/ 7	- Inauguração do Instituto de Oncologia Pediátrica (IOP): Convênio Unifesp/Graac - Intercâmbio HSP com hospitais franceses
109	120	8 e 9	Unifesp em conjunto com os laboratórios Ache e Biossintética: patente de duas substâncias retiradas de plantas. Uma delas deve dar origem ao 1º medicamento desenvolvido Integralmente no Brasil

Apêndice 15: Publicações

TABELA PUBLICAÇÕES				
	JP	Pág	Autor	Obra
1	1	6	Fernando José de Nóbrega (vice-diretor da EPM)	Clínica Pediátrica – Ed. Guanabara
2	3	5	Charles K. Naspitz – co-autor com: David G. Tinkelman Un. Georgia e Constantine J. Falliers Un. Colorado	Childhood Ashtma – Pathophysiology
3	9	2	Jorge Michalany - prof. apos. Nílceo Schwery Michalany – Dept. Anatomia Patológica	Patologia da Hanseníase
4	12	7	Calil Kairalla Farhat – Coord. Depto Pediatria Disc. Infectologia Pediátrica	Infecções e Parasitoses em Pediatria – Ed. Harba Ltda (Harper & Row)
5	13	3	Calil Kairalla Farhat – Coord.	Caderno de Terapêutica em Infectologia
6	21	5	Coordenação: Prof. dr. Calil Farhat	Fundamentos e prática das imunizações em clínica médica e pediátrica
7	23	4	Coordenação: Benjamim J. Schmidt e Aron J. Diamant	Current trends in infant screening: Expert Medica Internationl Congress Series
8	23	4	Coordenação: Rubens Belfort Jr (prof. Titular); Ana M ^a N. Petrilli (mestre em Oftalmo); Roberto Nussenblatt (dir. clínico do National Eye Institute – EUA)	Proceedings of the World Uveitis Symposium: livraria Roca-São Paulo
9	28	2	Professores da EPM e de outras univ. e centros de pesquisa: Celso Carlos Campos Guerra pres. APM	Clínica e Laboratório: Prof. Rubens Xavier Guimarães Disc. Gastroenter.
9	28	2	Gastroenterologia Clínica: Capítulo “Marcadores Sorológicos das Hepatites por Vírus”	Prof. Rubens Guimarães
10	29	5	Trabalho conclusão curso de especialização. Orientação: Prof ^a Amélia M.S.A. Maranhão	Atividades da Enfermeira Obstetra no Ciclo Gravídico-puerperal
11	30	5	Profs. Saul Goldemberg e Amaury José Teixeira Nigro	Atlas de Técnicas Operatórias em Cirurgia Geral
12	35	7	Saul Goldenberg, Boris Barone e Alberto Goldenberg em cjto com 2 especialistas alemães	Karsinoma Colorectal/Diagnóst e Terapêutica Operatório – capítulo: Tratamento Cirúrg.
13	42	4	Heimar de Fátima Marin; Sônia Maria Oliveira de Barros e Mirian Santos Paiva	Aids e Enfermagem Obstétrica: EPU
14	64	5	Ortopedista lança livro de linguagem acessível: Dr. Sergio Bruschini prof. adjto depto Ortop. e Traumat	Ortopedia Pediátrica: linguagem acessível especialistas não médicos
15	66	12	Prof. Dr. Jorge Michalany (vice-diretor do Museu da EPM)	Fatos pitorescos na vida de um médico paulistano
16	68	12	Dr. Aurélio Ancona Lopez: Prof. Voluntário Disc. Dermatologia	Temas em Dermatologia Infantil: Ed. Publicações Científicas
17	70	5	Década do Cérebro – OMS: Lançamento Revista Neurociências: Disc. de Neurologia Clínica	
18	73	8	Dra. Luiza de Arruda Nepomuceno – Disc. de Fonoaudiologia	Elementos de Acústica e Psicoacústica

19	76	2	Histórias e Médicos da EPM	Obra da EPMex
20	77	11	Pediatria Neonatal: produção a todo vapor: Direitos autorais "Manual de Reanimação Neonatal"	Vídeo: procedimentos em UTI Neonatal
21	77	15	Acupuntura Tradicional – a arte de inserir (visita ministro da saúde da China)	Dr. Ysao Yamamura
22	79	8	Reabilitação – A locomoção em pacientes com lesão medular – Profs	M ^a Matilde de Mello Sposito, Sergio Lianza
23	80	10	Enfermagem lança livro em grupo: Procedimentos de Enfermagem em UTI Neonatal	6 enfermeiras autoras
24	84	14	Fonoaudiologia e Saúde Pública: Centro de Estudos Fonoaudiológicos	Livro com depoimentos de fonoaudiólogos, pediatras e educadores
25	86	12	Dicionário anatômico e médico das línguas Yanomani/Português/Inglês	Liberato J.A. Didio: Prof. voluntário Depto de Medicina
26	86	12	Oftalmologia clínica e cirúrgica: Editora Atheneu	Docentes e pós-graduandos
27	85	12	Atlas of Tumor Pathology: Introdução referência ao Registro Bras. de Patologia Ocular	Registro organizado pelo dr. Miguel Burnier Depts Anatomia Pat. E de Oftalmo
28	85	12	Informática em Enfermagem	Profa. Heimar F. Martin
29	86	13	Anatomia Patológica Geral na Prática Médico-Cirúrgica: Artes Médicas	Prof. Dr. Jorge Michalany: vice-diretor do Museu Histórico
30	87	8	Emergências em Cirurgia: Editora Sarvier	Docentes Disciplinas do Depto de Cirurgia
31	88	11	Coordenação: Profa. Maria Isabel Sampaio Carmagnani – Ed. Carmagnani (Depto Enfermagem)	Manual de procedimentos básicos de enfermagem
32	89	12	Autores: Prof. dr. Artur Beltrame Ribeiro (nefrologista EPM) e Conceição Lemes (jornalista)	Olha a pressão
33	90	8	Dr. Afiz Sadi : titular Disc. Urologia e Divaldo Gaspar de Freitas: delegado no Brasil da Soc. Int. de Hist. Med.	O ensino médico em São Paulo anteriormente à fundação da Paulista
34	91	8	Ronaldo Laranjeira: prof. visitante EPM: Luiz Dratcu: senior registrar (Guy's Hospital)	+ Osvaldo Pereira de Almeida (CNPq-USP) Manual de Psiquiatria
35	91	9	Prof. dr. Dartiu Xavier da Silveira Filho: Coordenador do Proad	Drogas: uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências
36	91	9	Fernando José da Nóbrega: médico Alba Lucia Reyes de Campos: psicóloga	Distúrbios Nutricionais e Fraco Vínculo Mãe/Filho
37	92	17	Acupuntura lança revista científica	Revista Paulista de Acupuntura
38	94	8	Depto de Enfermagem Pediátrica do Depto de Pediatria	Vídeo: O banho do recém-nascido
39	96	12	Médicos, nutricionistas, psicólogos, fonoaudiólogos e professores de ed. Física	Obesidade na Infância e Adolescência
40	97	4	Profs. Eduardo da Silva Carvalho e Werther Brunow de Carvalho: Depto de Pediatria	Terapêutica e prática pediatria.
41	98	11	Centro de Informática em Saúde CIS	Atualização Terapêutica: CD Rom
42	98	11	Profs. Dartii Xavier da Silveira Filho e Mônica Gorgulho	Dependência Compreensão e Assit. Às Toxicomanias - uma Experiência do PROAD

43	98	11	Profs: Durval Rosa Borges, M ^a Lucia Gomes Ferraz e Moacyr Pádua Vilela	Gastroenterologia & Hepatologia
44	100	4	Prof. Sérgio Tufik e Sidney Abdalla (dir. de comunicação)	Vídeo Institucional: Unifesp-EPM (9 minutos)
45	100	15	Dr. Ulysses Fagundes Neto	Enteropatia Ambiental
46	101	5	Profs. Rubens Belfort Jr. E Newton Kara-José	Córnea Clínica – Cirúrgica: Ed. Roca
47	101	8	- 5 profas Enfermagem - graduanda de medicina (CIS)	- Vídeo amamentação - CD Rom amamentação
48	104	10	Unifesp já tem novo estatuto: em vigor desde 1º de janeiro de 1997	
49	107	6	Enfermagem lança vídeo sobre aleitamento materno	Como amamentar seu bebê
50	108	8	Christiane Hegedus Karam: psicóloga	Quico e o Dr. Amigão: Cartilha para ensinar sobre insuficiência renal às cças
51	108	9	Turibio Leite de Barros: fisiologista (mitos e verdades da atividade física)	Exercício, saúde e desempenho físico: ed. Atheneu
52	109	2	O homem renovado (romance)	Nadir Nogueira: diretora da Escola de Artes, Ofícios e Computação da Unifesp
53	109	10	Enfermagem lançou dois catálogos (1981-1996)	- Programas de pós-grad. em Enfermagem - Banco de Teses em Enferm
54	110	6	Núcleo de Proteção Radioativas lança vídeo sobre manuseio de material radioativo	Manuseio de substâncias radioativas (Regina Bitelli Medeiros: física)
55	110	16	- Unifesp e seus profissionais apareceram mais de 500 vezes na imprensa em 1997 - Manual ensina como lidar com jornalistas (Corra que a Imprensa...)	
56	113	3	Nestor Schor: chefe Dpto de Medicina – parceria c/ prof-adjunto Oscar Fernando Pavão dos Santos	Insuficiência renal aguda – fisiopatologia clínica e tratamento: Sarvier
57	113	3	Werther de Carvalho, Nivaldo de Souza e Renato Lopes Souza: UTI Pediátrica HSP	Emergência e terapia intensiva pediátrica
58	113	3	June Hoo Lee e Cristina Mangia: UTI Pediátrica HSP	Cuidados Neurológicos
59	114	10	José Luiz Gomes do Amaral (Anestesiologia, Dor e Terapia Intensiva), Werther Brunow de Carvalho (Pediatria), Jorge Bonassa (doutorado em Pneumo) e Oswaldo Shigueomi Beppu (Pneumo)	Atualização em Ventilação Pulmonar Mecânica
60	114	10	José Luiz Gomes do Amaral (Anestesiologia, Dor e Terapia Intensiva) - Editor	Sedação, Analgesia e Bloqueio Neuromuscular em UTI
61	115	12	Cedess lança vídeo sobre o ato de estudar	Estudar para que?
62	120	4	Ronaldo Laranjeira, Flávia Jungerman e John Dunn: Ed. Contexto	Drogas (coleção Mitos e Verdades)

Apêndice 16.2: Formulário para a análise do JP – Modelo 3

PESQUISA DOCUMENTAL – ANÁLISE CONTEÚDO – JORNAL DA PAULISTA					
Ano: 4	Nº: 39	Mês: Janeiro	Ano: 1991	NºMatérias: 20	Nº Matérias D.C.: 4
CAPA	1. Presidente Collor/Rosane visitam frei Damião Bozzano		2. Arte e Cultura nos Hospitais: Coral Paulistinha – hora almoço Rest. Univ.		3. Festa confraternização funcionários
Pág. 2	1. Internação Frei Damião Bozzano - Visita Presidente Collor e esposa				Expediente Não editorial
Pág. 3	- Atrai muitos devotos - Alta depois de 15 dias - Tratado por cardiologistas e pneumol. Divulgação do tratamento				
Pág. 4	2. Prof. Benjamim Schmidt coordena simpósio Internacional da ONU-Rep. Dominicana sobre: - Criança Maltratada, Abandonada e/ou Violentada - Título Prof. Honor. Un. Santo Domingo		3. Profs Camano (também atividades na Europa) e Anna Maria premiados em Montividéu		4. Ser ético – transcr. Jornal Cremesp (58)
Pág. 5	5. Três equipamentos modernos para o HSP - Tomógrafo - Gama Câmara Dornier 2LC75 - Litotriptor		6. Novo serviço em breve: Videoteca - recurso para o aprendizado 7. Lançado Manual Ref. Bibliográficas - Prof. Goldenberg – Téc. Operatória		8. Gastroenterologia participa Congresso em Belém do Pará: - Descrição de atividades
Pág. 6	9. Oficial: Informações Cons. Adm. e Dep. 10. Cartas 11. Agradecimentos (2)		12. Notas (3): - Arquivo Nacional - I Confev (func. Evangélicos)		- Fundação por especialistas (nov) da Sociedade Brasileira de Vigilância Sanitária de Medicamentos: SOBRAVISA
Pág. 7	14. Coral Paulistinha – Rest. Universit. 15. Notícias ADEPM		16. Notícias do MEC – Ensino Médico 17. Rest. Univ. Agora tem jantar		18. NASF – atendimento para dependentes 19. Concurso bandeira EPM prazo prorrogado
Pág. 8	20. Festa confraternização dez.				Publicidade: Magister Medicamentos

Apêndice 16.3: Formulário para análise do JP – Modelo Final

QUADRO ANÁLISE DO JORNAL DA PAULISTA				
Ano Edição: 8		Nº.: 87	Mês: agosto	Ano: 1995
Nº. de Páginas: 20		Qtde de Publicidade: 0		
EXPEDIENTE: ALTERAÇÕES / OUTRAS INFORMAÇÕES				
SIDNEI ABDALLA: DIRETOR DE COMUNICAÇÃO				
CAPA – Nº de Matérias em Destaque: 4 + índice (7)		CAPA - Nº de matérias de D.C.: 5		
Nº Total de Matérias: 42		Nº Total de matérias de D.C.: 13		
Matérias de Divulgação Científica:				
Nº	Pág	Cat	Descrição / Assunto	Disciplina/EPM/HSP
1	2		UNIAD: Orienta família de dependentes de drogas OBS: Divulgação de serviço	Depto de Psiquiatria
2	3		30 Anos de história com os índios do Xingu: pressão arterial não aumenta com a idade	
3	4		Depressão causa transtornos no humor	Depto de Psiquiatria
4	5		UTI para a Pediatria Neonatal: HSP é um dos únicos hospitais da rede pública que cuida de cças com patologias neonatais de alta complexidade	Pediatria Neonatal
5	7		Prêmio para alunos pesquisadores do 4º Ciências Biomédicas na SPBC: Eixo temático - Ciências da Vida	
6	10		Psicobiologia recruta voluntários para estudo sobre alcoolismo: Marcadores biológicos do uso do álcool	Depto Psicobiologia
7	11		Acupuntura: O CFM passa a considerá-la não mais como medicina alternativa e sim como especialidade. EPM: Curso de Especialização	
8	12		Seminário discute os problemas das crianças com deficiência mental e sensório-motora (1º SIREC)	UNIFESP/EPM
9	12		Informática simula cirurgias: Serviço BIREME – simulação de cirurgias através de imagens tridimensionais	
10	13		Tese Livre-Docência: Explicação da causa de superlotação nos hospitais terciários com o HSP: triagem inadequada dos sistemas básicos de saúde	
11	14		Postura correta é fundamental para evitar lesões musculares	Josiane Gregorio
12	16		Pesquisadora (EPM) da toxina botulínica é elita para a ABFR: aplicação da droga p/tratameto da espasticidade e auxílio na reabilitação física	
13	16		Literatura científica sofre impacto dos estudo do Dr. Zuner Bortolotto	

